L
6244

OS LUSIADAS

POEMA EPICO EM DEZ CANTOS

POR

LUIZ DE CAMÕES

ACOMPANHADO DA VERSÃO FRANCEZA DO MESMO POEMA

POR

FERNANDO DE AZEVEDO

PRECEDIDO DE UM PROLOGO

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DESENHOS DE SOARES DOS REIS — GRAVURAS DE J. PEDROSO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1878

a.H. de Oliveira
Cat 297, Nº 161
16500

OS LUSIADAS

POEMA EPICO EM DEZ CANTOS

POR

LUIZ DE CAMÕES

6244

CAMOÉS
MDCCCLXXVIII

X
6244

OS LUSIADAS

POEMA EPICO EM DEZ CANTOS

POR

LUIZ DE CAMÕES

ACOMPANHADO DA VERSÃO FRANCEZA DO MESMO POEMA

POR

FERNANDO DE AZEVEDO

PRECEDIDO DE UM PROLOGO

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DESENHOS DE SOARES DOS REIS — GRAVURAS DE J. PEDROSO

LISBOA

IMPRENSA NACIONAL

1878

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

COMPRA
215700

L.
6244

A SUA MAGESTADE EL-REI

O SENHOR

DOM LUIZ PRIMEIRO

Senhor!

Da alta benevolencia que Vossa Magestade costuma sempre dispensar com prodiga mão a todos os emprehendimentos inspirados por um intuito patriotico; e do culto sincero e enthusiasta com que o Monarcha portuguez venera os poetas que são a gloria da humanidade, culto do qual, como provas, existem hoje, não só manifestações significativas, mas tambem obras de superior valia que illustram as letras contemporaneas; d'essas duas qualidades, cujo brilho mais fulgura quando se allia ao esplendor de uma corôa real, deu Vossa Magestade um novo testemunho, dignando-se de tomar sob a sua regia protecção a empreza que nos propozemos de publicar a presente edição dos Lusiadas.

Não havendo votos de gratidão bastantes para corresponder á grandeza do favor, os editores, abaixo assignados, a fim de se tornarem menos indignos d'elle, empregaram todas as diligencias para que a edição que vão dar ao publico, subordinada á condição essencial da modicidade do preço, representasse um novo monumento erguido á memoria do maior dos poetas portuguezes; em que a typographia e as bellas artes nacionaes, nas suas multiplices manifestações, e sem nenhum auxilio

estranho, rendessem o devido preito das conquistas do presente ás gloriosas tradições do passado, representadas no poema immortal que será a perpetua consagração d'esse passado.

Infelizmente porém não podem elles ter a consciencia de que esta sua aspiração fosse inteiramente realisada. Para o que não poderam conseguir, apesar dos muitos esforços, imploram a nunca desmentida benevolencia de Vossa Magestade, juntando aos seus rogos os protestos respeitosos de subditos fieis e agradecidos.

Lisboa, 12 de outubro de 1878.

Duarte Joaquim dos Santos — Aristides Abranches.

PROLOGO

I

Têem todos os povos o seu escriptor eminentemente nacional, que de todos os outros se distingue, porque mais intimas affinidades ligam o seu espirito ao espirito do seu paiz. Nenhum porém se consubstanciou tão completamente com a alma da patria como Camões. As suas duas glorias estão indissoluvelmente ligadas; no estrangeiro não as distinguem uma da outra.

Victor Hugo, n'uma das suas mais esplendidas poesias, phantasia París destruido, e o arco da Estrella sobrevivendo quasi só para attestar ao mundo a grandeza epica d'esse povo francez, que deu na Europa, em pleno seculo XIX, um passeio triumphal de dez annos. A visão do grande poeta realisa-se em Portugal; a sua gloria caíu em ruinas como Hugo suppõe que ha de caír no futuro a gloria da grande cidade; e o arco da Estrella, que sobrevive para attestar ao mundo o que fomos e o que valemos, é o poema de Camões.

Se elle podesse adivinhar o que succederia no futuro, se podesse ter a antevisão das suas glorias, bastaria ella para o consolar de todas as suas amarguras. «Morro com a patria», dizia o poeta melancolicamente no seu leito de agonia, e era essa a acre consolação das suas ultimas horas, a funebre alegria do seu crepusculo. Mas enganava-se, ou antes não tinha a percepção completa dos acontecimentos. Camões morria com a patria, mas a patria ía resurgir com elle. Ao poeta agonisante déra Portugal, como a Maria do *Fr. Luiz de Sousa* pedia ao pae, «um panno da sua mortalha», e o poeta em paga ía vestil-a com a tunica luminosa da sua immortalidade. Envolto no poema de Camões, como o almirante hollandez na bandeira do seu paiz, arrojava-se Portugal ao abysmo, mas essa bandeira gloriosa e sagrada fluctuava, fazendo-o boiar á tona d'agua no oceano dos tempos. Quasi

no mesmo momento historico em que a espada do duque de Alba riscava Portugal da lista dos povos independentes, inscrevia-o o verso flammejante de Camões no livro de oiro das nações heroicas.

E comtudo a patria, que tanto lhe devia, *engeitou-o como mãe descaroavel,* segundo a phrase energica de Garrett. Mas Camões, como que adivinhando o conselho sublime do padre Vieira, *deixou-se morrer e vingou-se.* Ah! cantaste as glorias da patria e foste por ella desprezado e esquecido, consagraste a tua vida inteira a levantar-lhe um monumento mais perduravel que o de Horacio, e não tiveste por isso a recompensa que merecias? Pois bem, deixa-te morrer e vinga-te! N'essa morte ao desamparo está a tua vingança. Associaste indelevelmente o teu nome ao nome de Portugal, perpetuaste-lhe a gloria, e sem o quereres perpetuaste-lhe a vergonha. Tornaste inseparavel do nome de Portugal o teu nome, e o mundo inteiro, a quem ensinaste as glorias da tua patria, dirá constantemente por seculos sem fim: «Este glorioso paiz deixou morrer quasi de fome o filho que o immortalisou». E como os triumphadores romanos ouviam sem cessar por entre os hymnos da ovação os insultos do escravo; tu, Portugal, n'esse triumpho que deves a Camões, serás condemnado a ver perpetuamente enlaçada na epopéa do poeta a lenda do Jau, e ouvirás constantemente, a par dos echos das estrophes que te exaltam, a voz do escravo que murmura: «Esmola para Camões»!

Ah! mas essa vingança parece-nos que a não quereria elle! Amou tanto a sua patria que, se podesse, surgiria do tumulo para defender o seu paiz da culpa da injustiça. Esse amor era tamanho, que se póde dizer que é elle o segredo do seu genio. Amou a patria com o entranhado affecto com que se póde amar uma mulher querida. Quando lhe pronuncia o nome, parece procurar as expressões mais doces, mais suaves, mais carinhosas para bem exprimir o amor que ella lhe inspira, como Julieta, na scena immortal da varanda, se esforça por procurar, no pobre teclado da linguagem humana, as notas que traduzam perfeitamente o immenso amor que Romeu soube despertar em seu coração de virgem. Quando pela voz de Vasco da Gama descreve a Europa toda, apenas chega a Portugal, a sua voz assume um tom mais alti-sonante, sente-se o fremito vibrante das cordas da sua lyra pulsadas com tremula mão.

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda, o reino lusitano

E logo depois, como que a commoção lhe embarga a voz, é do fundo d'alma que arranca as expressões mais suaves, mais meigas, mais impregnadas em mellica ternura, mais repassadas de entranhadissimo affecto, quando exclama:

Esta he a ditosa patria minha amada;
Á qual se o ceo me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo.

Não é só o desejo de Vasco da Gama que elle exprime, é o seu, é a sua aspiração mais querida morrer no solo da patria. O destino proporcionára-lhe mais amargo deleite, que elle mesmo exprime n'uma carta ao seu amigo D. Francisco de Almeida, porque esta phrase «morro com a patria» não é uma amplificação rhetorica inventada pelos poetas, pelos dramaturgos, que depois trouxeram á téla do poema ou do theatro os ultimos momentos do grande epico, é uma phrase proferida por elle, escripta por elle n'essa carta a que nos referimos, e em que diz «Amei tanto a minha patria que não só morro n'ella, mas com ella».

Dissemol-o já, quando falla da patria não ha epitheto suave que lhe não dirija, o verso einge amorosamente esta idéa, beija-a, acaricia-a. É a «ditosa patria minha amada» o «ninho meu paterno»; são todas as phrases emfim que melhor possam exprimir esse amor ardente que votou ao seu paiz, e que fez com que se transubstanciasse na sua alma a alma do objecto amado.

Não se é grande no mundo senão quando se é fanatico por uma idéa, quando tudo se lhe sacrifica. A absorpção n'um pensamento querido é a condição essencial das grandes obras. Pois bem! Camões absorveu-se completamente n'um pensamento: a gloria da sua patria. Os *Lusiados* não foram para elle um assumpto, como a *Jerusalem* para o Tasso, e o *Paraizo perdido* para Milton, foram a essencia da sua vida. A sua alma resumiu em si a alma collectiva da patria, absorveu, reflectiu, enthesourou, repercutiu todos os sentimentos, todos os raios de luz, todas as glorias e tradições, todos os cantos vagos do povo heroico de que fazia parte, foi, em Portugal, como a alma de Victor Hugo no mundo moderno.

La lyre aux mille voix, que le Dieu que j'adore
Mit au centre de tout comme un écho sonore.

II

Essa consubstanciação da alma do povo portuguez na alma de Camões é, quanto a nós, o facto capital que explica esse poema anomalo, estranho, que brota em pleno seculo XVI como uma flor exotica, e que por isso mesmo produz uma impressão tão extraordinaria. Camões e Shakespeare são no seculo XVI duas figuras que destacam de um modo original e rebelde da uniformidade disciplinada, que a renascença classica estendia por cima de todas as litteraturas. Vamos procurar explicar este facto, sem o qual é impossivel comprehender a physionomia litteraria do grande poema cuja reedição prefaciâmos.

E antes de tudo cumpre-nos rehabilitar José Agostinho de Macedo. O frade depreciador de Camões foi alvo, por esse facto, de aggressões de todos os seus contemporaneos. Procurar demolir Camões era procurar demolir um monumento nacional. Levantou-se contra elle o irritado patriotismo de uma geração inteira. Comtudo José Agostinho de Macedo não fez mais do que dizer em voz alta o que dois seculos de litteratura regrada e official disseram em voz baixa: a epopéa de Camões estava longe de ser, para os admiradores de Boileau, o ideal do poema epico. Camões não imitou sufficientemente os antigos. Não tinha heroe o seu poema. Virgilio prende a acção toda ao pio Eneas. Vasco da Gama nos *Lusiadas* muitas vezes desapparece. A fabula não é conduzida de um modo logico e magestoso, ou antes póde-se dizer que o poema não tem fabula. O maravilhoso é complexo. Se umas vezes apparece regularmente a lucta das duas divindades Venus e Baccho, a protectora e o inimigo dos lusitanos, outras vezes surgem phantasias que em nada intervem na acção, e a apparição do Adamastor pertence a essa especie. O maravilhoso christão e o mythologico enlaçam-se de um modo verdadeiramente deploravel.

Veja-se se por acaso a *Ulyssêa* de Gabriel Pereira de Castro apresenta alguma d'essas incongruidades. Por isso tambem os criticos, depois de salvarem officialmente com uma salva de vinte e um epithetos o poema nacional de Camões, iam curvar-se extaticos sinceramente diante da *Ulyssêa*, poema ajuizado, discreto, pautado pelos bons modelos, incapaz de ser apanhado em flagrante delicto de originalidade. A critica estrangeira, que não tinha os mesmos deveres, tratou Camões com mais franca sem ceremonia. Sem negar aos *Lusiadas* os fóros de poema epico digno de ser citado, collocou-o abaixo de todos os poemas epicos antigos e mo-

dernos, não exceptuando a *Henriada,* ou antes principalmente incluindo a *Henriada,* essa obra prima de chateza com que mr. de Voltaire brindára a França, accusada pelos entendedores de não ter *la tête épique,* de ser completamente incapaz de fabricar epopéas.

Veja-se porém como os pontos de vista se alteram! O nosso seculo demonstrou que a França, accusada de não ser susceptivel de epopéas, é exactamente o paiz da Europa que as possuia mais brilhantes. Se La Harpe ouvisse similhante extravagancia ficaria boquiaberto a olhar para o desgraçado que a pronunciasse, e se depois, investigada mais a fundo a rasão de similhante affirmativa, soubesse que essas epopéas de que a França deve orgulhar-se são *Chanson de Roland* e as outras canções de gesta da idade média, La Harpe desataria a rir como um perdido, ouvindo citar esses poemas dos tempos barbaros, e não poderia nunca perceber que a critica não julgasse incompativel com a sua dignidade occupar-se da litteratura franceza, anterior ao seculo XVI da era christã.

E comtudo a epopéa verdadeira não póde nascer senão nos tempos barbaros, e é o fructo natural da idade heroica dos povos, veste de gloria os heroes como a armadura os veste de ferro, o seu verso amplo de imagens radiosas, flammeja na lyra do cantor como scintilla o aço das pesadissimas espadas nas mãos do guerreiro. A epopéa é anonyma, porque brota naturalmente da phantasia dos cantores inspirados pelo ardor da peleja. O canto epico irrompe a cada momento da imaginação exaltada do soldado poeta. O maravilhoso enlaça-se naturalmente com a descripção guerreira, porque essas imaginações ardentes, esses espiritos credulos dos seculos barbaros, que são a adolescencia dos povos, viram realmente as figuras sobrenaturaes no fragor do combate. Os heroes de Homero, quando repelliam o inimigo na exaltação da febre da victoria, viam os seus numes a combater ao seu lado, parecia-lhes que era um Deus occulto que imprimia aos seus braços um vigor sobre-humano, como os cavalleiros christãos da meia idade viam realmente nos ares phalanges celestiaes a pugnar a seu favor. Nos espiritos incultos é que nascem as visões, como nos aridos desertos é que apparece a miragem. As visões são as miragens da fé. E como na poesia só é grande o que é sincero, esse maravilhoso, que os poetas dos seculos barbaros phantasiam inconscientemente, tem um prestigio estranho que debalde procuram conquistar os poetas das idades cultas.

Assim as divindades de Homero captivam-nos, fascinam-nos, ao passo que

as de Virgilio nos deixam impassiveis; e completamente gelados as que os poetas christãos foram buscar depois ao paganismo para ornamento da sua fabula. No proprio poema de Camões, que impressão nos póde produzir a intervenção de Venus, de Marte e de Baccho, se sabemos perfeitamente que o poeta foi buscar a um armazem de figuras mythologicas recortadas estes manequins doirados, que ha de intercalar no seu poema, como se intercalam vinhetas de phantasia no texto de um livro? Mas isso prova, dir-se-ha, contra o emprego de todo e qualquer maravilhoso, porque de certo o poeta não acredita na realidade das figuras sobrenaturaes que imaginou. A sua rasão não acredita, é certo, mas a sua imaginação sobreexcitada vê essas figuras na illuminação mysteriosa da creação poetica, e nós vemol-as tambem quando o auctor consegue identificar-nos com o seu pensamento, quando afina os nossos nervos pelo diapasão dos seus.

Leiam n'uma vasta sala deserta um conto de Hoffman, o *Morgado,* por exemplo, e digam-nos se são superiores á impressão da leitura, se não estremecem de cabellos erriçados ao ouvir o arranhar na porta que forma o elemento phantastico do conto. Mas leiam em quaesquer condições uma epopéa moderna, e digam se conseguem imaginar que vêem os deuses pagãos que esse maravilhoso artificial nos apresenta, se essas frigidas allegorias que, em vez de serem figuras do poema, são figuras de rhetorica, os impressionam de qualquer modo.

É que ha duas especies de maravilhoso, o maravilhoso da lenda e o maravilhoso da rhetorica; o maravilhoso que se impõe ao poeta pelas condições da inspiração, e o que o poeta impõe á obra pelas obrigações derivadas das regras do genero. A epopéa de Horacio tem maravilhoso, porque o maravilhoso era inseparavel da narração das batalhas, da narração de todos os acontecimentos importantes na primeira epocha da vida das nações. O estado inculto dos povos representa-se perfeitamente no estado inculto dos individuos, e, quando ouvimos um homem das classes menos illustradas contar um facto importante da sua vida, vêl-o-hemos misturar involuntariamente o maravilhoso na sua narrativa. Salvou-se de um naufragio? foi a Virgem que lhe appareceu na crista das vagas. Morreu-lhe de subito algum ente querido? Recorda-se logo de ter ouvido as mysteriosas tres pancadas annunciadoras do infortunio.

Sem querer, a sua imaginação amplifica os acontecimentos e dá-lhes uma côr sobrenatural; na idade média os soldados juravam e tresjuravam ter visto um anjo com vestes brancas na frente da sua hoste estender um dedo, e caírem

prostrados os esquadrões inimigos. Vamos mais adiante, vejâmos as creanças, e é pasmoso como os povos infantis e como o homem de espirito inculto se lhes assemelham. A falta de educação intellectual conserva os espiritos no estado rudimentar em que se acham na infaneia, como a falta da educação physica dá ao homem feito quasi a fraqueza da creança.

O estudo pois dos processos do espirito nas creanças explica de um modo singular a fórma como procedeu o espirito da humanidade nas eras menos illustradas. Estudae o processo do espirito infantil nas suas primeiras tentativas da linguagem, e percebereis como se formou a lingua balbuciante dos primeiros homens. Vereis a creança reduzir todas as palavras a monosyllabos e comprehendereis que os primeiros idiomas seriam, como foram, monosyllabicos; reparae que a creança, á medida que se desenvolve, para exprimir uma idéa composta de duas idéas diversas, junta os monosyllabos das duas idéas simples, e forma com elles uma palavra composta de duas palavras, e comprehendereis como ás linguas monosyllabicas succederam as linguas de agglutinação, reparae como a creança conjuga regularmente todos os verbos, como diz eu *fazi,* elle *fazeu,* e comprehendereis como foi que a flexão substituiu a agglutinação. Estudae ainda o modo como a creança chama aos animaes pelo som da sua voz, como chama *pi pi* aos pintos, *béu béu* aos cães; comparae este facto com outro não menos curioso que se dá na lingua chineza, lingua monosyllabica e por conseguinte contemporanea das primeiras tentativas da linguagem humana, em que a palavra *miáu,* por exemplo, quer dizer *gato,* e comprehendereis como se formaram os primeiros idiomas, como foi que os homens designaram os objectos e os entes que os rodeavam. Estudae emfim o modo como as creanças formam os seus mythos infantis, e comprehendereis como se forma a lenda no espirito popular, como se formaram os mythos dos tempos primitivos da humanidade.

A creança tem medo da escuridão; recua diante de um quarto sepultado em trevas. Como exprime ella o seu terror? O que a assusta n'esse quarto negro? A idéa abstracta da escuridão, da ausencia de luz? De modo nenhum. O que a aterra é o *papão.* Quer dizer a creança instinctivamente personalisou a treva; aquella massa escura condensou-se n'uma figura aterradora sobrenatural, que lhe causa um susto invencivel. E essa figura mysteriosa vê-a ali devéras. A seus olhos a escuridão tomou fórmas, dimensões, uma individualidade estranha.

A lenda popular forma-se assim tambem, pela personalisação inconsciente,

vaga, dos phenomenos bemfazejos ou aterradores da natureza. Seria facil multiplicar os exemplos, occorrem de certo espontaneamente ao pensamento do leitor. Sabem que para o povo a natureza povôa-se em torno d'elle de entes phantasticos: o fragor da torrente, que desaba ao longe n'um valle medonho e solitario, tem uma explicação legendaria, a tudo o que o impressiona dá logo um motivo sobrehumano. Hoje ainda, como nos tempos pagãos, os lagos, as arvores, os rios, têem habitantes mysteriosos, são seres vivos com personalidade distincta, que pensam, que amam, que padecem, que exercem em torno de si uma influencia benefica ou nefasta.

Este estudo fecundo dos processos do espirito humano na infancia da civilisação, que tantos pontos de similhança tem com a infancia da vida, e com essa outra infancia em que fica o espirito falto de cultura, conduziu os modernos mythologos a resultados admiraveis. Comprehende-se o symbolismo das religiões antigas, symbolismo inconsciente, symbolismo natural, espontaneo, symbolismo que não é senão a expressão metaphorica da verdade. Sabem todos perfeitamente que a linguagem metaphorica é naturalmente a linguagem popular, como é naturalmente a linguagem das creanças, como é naturalmente a dos povos selvagens. Mas a creança, o homem do povo, o selvagem, quando empregam as suas metaphoras, sabem por acaso que estão fazendo uma figura de rhetorica, sabem que estão adornando a verdade? Não, a metaphora occorre-lhe espontaneamente como a fórma verdadeira para elles do objecto a que se referem, porque, não sendo capazes de conceber idéas abstractas, não sendo capazes de imaginar factos, objectos que não conheçam, personalisam tudo, referem tudo aos que conhecem. Pois a creança, quando falla na cara da lua, suppõe que está fazendo poesia, e que está plagiando a milhões de poetas romanticos a sua estafada imagem *do rosto pallido da lua?* Não, de certo, o que a creança pelo contrario não póde conceber é a lua verdadeira, um mundo immenso rolando no espaço e projectando sobre nós a luz que recebe do sol. A lua é realmente para a creança um rosto de luz, um rosto de um ente desconhecido que á noite passeia no firmamento azul arrastando pelo espaço uma longa tunica de prata.

O selvagem, quando chama passaros de azas brancas ás primeiras caravellas que vê, imagina que está fazendo uma metaphora, uma comparação em regra, que mereceria o applauso de Quintiliano? Não, elle, que não sabe o que são caravellas, que nunca as viu, não póde conceber a idéa de um navio com vélas

e mastros. Reduz esses objectos desconhecidos aos que elle conhece, e, vendo os navios voar ao de cima das aguas com as vélas soltas ao vento, imagina umas aves estranhas de longas azas brancas desdobradas.

E finalmente o grego da idade heroica, quando adorava no sol o formoso Apollo que guia no céu um carro de fogo conduzido por quatro corseis de uma rapidez prodigiosa, tem a idéa do symbolo, quer dizer percebe que o sol é um astro immenso, que expande o calor e a luz, e procura depois disfarçar essa idéa verdadeira, envolvendo-a nos véus poeticos da allegoria? Não, esse processo do espirito seria illogico e absurdo. O grego ignorante ainda não póde imaginar um mundo luminoso no espaço: imaginal-o seria formar uma idéa abstracta, que é o processo mais difficil e mais complexo do espirito. O sol é para elle realmente um ser vivo e sobrehumano, que se move com uma rapidez vertiginosa, que dirige portanto através do espaço um carro de fogo, poisque o sol tem, como o fogo, a luz e o calor. É um deus formoso, porque o sol é a formosura do universo.

Entre a allegoria e o mytho ha pois esta differença essencial, a allegoria parte do desconhecido para o conhecido, começa por conceber a idéa abstracta, e envolve-a depois em imagens tiradas dos objectos que nós mais intimamente conhecemos; o mytho, pelo contrario, parte, e é esse o processo natural do espirito humano, do conhecido para o desconhecido. A imagem não é para o espirito o disfarce poetico da verdade, é a propria verdade tal como elle a póde conceber e comprehender, nas suas primeiras tentativas para entender o universo. A imagem é a origem do mytho, como a imagem é a origem da palavra. A religião e a linguagem, essas duas mais altas manifestações do nosso espirito, formam-se de um modo identico. A onomatopéa constitue a base do diminuto vocabulario humano, a metaphora completa-o.

Pela analogia que a imaginação encontra entre os objectos sensiveis, a que deu nome, e as idéas abstractas que com elles podem ter mais ou menos relação, é que o vocabulario se foi organisando. Os mythos nasceram tambem das analogias encontradas entre os objectos e os phenomenos, que inspirariam naturalmente pela sua influencia benefica ou pela sua força superior incontestavel, uma veneração religiosa aos homens, e os factos e os entes comprehensiveis ao seu espirito. D'este modo se forma o maravilhoso, por isso os seculos barbaros são os seculos da poesia.

III

É assim que se formam os mythos no espirito dos povos infantis, é assim que a epopéa dos tempos heroicos entrelaça o maravilhoso com o real sem que o poeta possa indicar a linha divisoria que os separa, porque as façanhas dos heroes, e a intervenção dos deuses têem para elle igual realidade. Por outro lado a epopéa dos tempos heroicos não tem plano nem protogonista especial, é simplesmente a narrativa enthusiastica e por conseguinte poetica dos feitos de uma geração, de um povo, de um exercito, ou quando muito de um heroe legendario, que deixou mais profundos vestigios na tradição popular. Muitas vezes esse heroe não tem uma grande importancia historica, mas tem predicados que actuaram mais profundamente na alma do povo. É assim que Roldão em França, e Bernardo Del Carpio e o Cid em Hespanha têem valor historico muito secundario, como teria naturalmente pouco tambem, na lucta da Grecia com a Asia, o vulto homerico de Achilles; mas uns pelo seu prestigio, ou bravura pessoal, outros pelas aventuras dramaticas que ua sua historia se enlaçam, outros emfim pela sua vida solta e independente, pelo seu caracter guerrilheiro, impressionaram vivamente a imaginação popular, e os rhapsodas deram-lhes um realce que a historia lhes negaria.

Desapparecem aos olhos do povo diante de Roldão e de Bernardo del Carpio o vulto grandioso de Carlos Magno, Affonso VI diante do Cid, e diante de Achilles os chefes principaes dos gregos.

Em todo o caso o caracter especial da epopéa popular é exactamente o não ter plano fixo e determinado. As rhapsodias seguem-se umas ás outras, á medida que a memoria do poeta lhe vae recordando as façanhas gloriosas que canta. É esse o caracteristico tanto da *Iliada* como do poema arabe de *Antar*, da *Canção de Roland* ou do poema do *Cid*. Ao lel-os parece que assistimos ao modo como as epopéas foram sendo communicadas aos ouvintes attentos. N'alguma d'essas ágoras das margens do Archipelago, como a que o dr. Schliemann descobriu em Mycenas, n'essas ágoras d'onde a vista se espraia, ou sobre o mar azul ou sobre a terra verdejante contida nas plagas, tendo debaixo dos pés, nos tumulos subterraneos, os antepassados que dormem com a mascara de oiro no rosto, sentam-se os anciãos e os moços. O aédo canta, acompanhando-se com a lyra ionia, os feitos maravilhosos da guerra legendaria de Troya. As raparigas, que passam

com as amphoras á cabeça para irem buscar ao Inacho ou a outro rio de recordações mythologicas a agua em que se reflectem esses platanos cuja sombra Phédon recommendava a Socrates como sitio excellente para se discursar, param a ouvir o canto que enthusiasma seus paes e seus irmãos. E o aédo canta a bravura de Achilles, as astucias de Ulysses, a magestade de Agamemnon, a sabedoria do Nestor, a impiedade de Ajax, a malicia de Thersites, a leviandade de Diomedes, a dôr de Priamo, a formosura de Helena. Depois o canto cessa. No dia immediato outro ou o mesmo aédo volta ao mesmo sitio a cantar novas façanhas, novos actos de heroismo. Assim se vão soltando ao vento perfumado do mar Egeu as rhapsodias da guerra de Troya, as folhas soltas da *Iliada*.

Á noite, no oasis, á beira da fonte cuja agua limpida e transparente só com o mostrar-se refrigera, debaixo das palmeiras, por entre cujos ramos flexiveis eôa o luar o seu clarão sereno, envoltos nos burnozes brancos, os arabes escutam o seu cantor. Diz-lhes as façanhas de Antar, as suas aventuras maravilhosas, a rapidez vertiginosa do seu corsel. Entretanto os camellos pensativos estendem os seus longos pescoços a aspirar a frescura embalsamada da noite. Outra vez, em outro oasis, repete-se a mesma scena; o poeta canta outras aventuras do heroe do deserto, vae cada vez ampliando mais, com a sua natural exageração oriental, os prodigios de que o faz auctor, e estes episodios soltos constituem o poema de Antar, a epopéa do deserto.

Na sala d'armas do castello roqueiro, com os cotovellos encostados á mesa de rijo carvalho, o castellão ouve enlevado o canto do jogral. A castellã recostada no espaldar da sua cadeira, cercada de suas filhas, que seguem com os seus grandes olhos espantados o movimento da physionomia do cantor, escuta com uma vaga tristeza no seu semblante melancholico. Ao fundo da mesa os serviçaes estendem a cabeça para ouvir melhor. Circula o cangirão de hydromel. As armaduras sombrias, encostadas ás paredes da vasta sala, parece que vibram de quando em quando com o vento da poesia guerreira que passa no verso cavalheiresco. E o jogral canta o episodio de Alda como ámanhã cantará a morte de Roldão. E essas cantilenas soltas, transmittidas de uns a outros mais pela tradição oral do que pela escripta, é que constituem a grande epopéa franceza a *Chanson de Roland*.

A transmissão oral era o caracteristico das grandes epopéas nacionaes. Póde vir a fixal-as a escripta, como se fez á *Iliada* por ordem de Pisistrato, mas, antes

de tomarem essa fórma definitiva, estiveram nos labios de todos como um canto patriotico, um hymno nacional; de bôca em bôca se transmittio a *Iliada;* de bôca em bôca passou o poema de Antar, e sobretudo de bôca em bôca se transmittiram as cantilenas soltas da grande e dispersa epopéa da peninsula—o *Romancero.* No *Romancero* é que se comprehende a epopéa nacional no primeiro periodo da sua gestação, o *Romancero* é uma *Iliada* que não encontrou Homero, é a epopéa desconjuntada, a collecção das cantilenas não agrupadas, com o seu maravilhoso a sentir-se brotar naturalmente da narrativa ao calor da imaginação popular, como se vê n'um fio d'agua corrente e crystallina brotarem os diamantes á luz do sol. É ali que se percebe como nos tempos heroicos a epopéa se confunde com a historia, e a historia com a epopéa, porque muitas vezes a chronica copía o romance ou o romance a chronica, quasi palavra a palavra, como Ticknor mostrou baseando a sua observação em numerosos exemplos. Eis o que é, portanto, a epopéa nacional, o canto guerreiro de um povo, narrando no tom altisonante do enthusiasmo as suas proprias façanhas, e as façanhas dos seus heroes predilectos, enlaçando naturalmente o maravilhoso com a narrativa, porque da narrativa faz parte integrante como fazem parte integrante de um jorro de agua espumeo que se despenha á luz clara do sol as scintillações prismaticas das suas gotas. Essa epopéa tem mil cantores desconhecidos e quasi sempre anonymos como o *Romancero.* Se apparece um Homero, que lhes dá uma tal ou qual unidade, surge a *Iliada,* e a mais maravilhosa de todas as epopéas nacionaes adquire uma fórma definida e classica.

A outra epopéa, a epopéa erudita que foi o enlevo dos *beaux-esprits,* póde ter bellezas incomparaveis como a *Eneida* de Virgilio, mas em todo o caso é um genero frio e falso. O poeta procurou imitar com mais ou menos felicidade os raptos d'enthusiasmo dos cantores primitivos, o maravilhoso que viu n'elles como fórma espontanea da narração, e acceita-o como um artificio engenhoso, como um adorno consagrado. Recorre umas vezes á allegoria, como Voltaire na *Henriada,* outras vezes procura o maravilhoso da religião, por entender com Tito Livio que é mister cercar de prodigios o berço das nações, como fez Virgilio na *Eneida,* mas tudo é affectado e gelido porque o poeta não crê.

Pois bem! o que faz a singular grandeza de Camões, o que lhe dá um logar á parte entre todos os epicos modernos, o que fez com que a critica erudita o tratasse sempre com mal disfarçado desdem, como a um barbaro que ousa appare-

cer n'uma côrte polida e culta, é o ter sido um epico nacional n'uma epocha em que já não pareciam possiveis senão as epopéas eruditas, é o ter-se inspirado essencialmente nos romances populares, nas chronicas mais simples e chans, nas tradições, nas lendas. O seu poema não tem um heroe bem definido, porque o seu heroe é o povo portuguez, porque nos *Lusiadas* entram todas as tradições populares desde a apparição de Ourique até á dos pares de Inglaterra, como entram na *Chanson de Roland* todas as cantilenas que vogavam sobre o assumpto, como entram na *Iliada* todas as rhapsodias desligadas do poema de Troya. Um tenue fio liga entre si esses cantos dispersos. Umas vezes é o Gama que refere a historia de Portugal ao rei de Melinde, outras é o irmão do descobridor que mostra ao Catual os retratos dos heroes portuguezes, o quarto da madrugada que para resistir ao somno conta historias cavalheirescas, o Adamastor que prognostica os naufragios futuros, Thetis que desenrola o panorama da porvindoura historia portugueza aos olhos maravilhados do heroe.

Da mesma fórma que procurámos descrever o modo como os cantos guerreiros da Grecia, da Arabia, da França da meia idade seriam ouvidos pelos contemporancos da creação epica, assim podiamos mostrar que os *Lusiadas* parecem ter um caracter similhante, e foram feitos para ser cantados, como o poeta finge que é narrada a historia dos doze de Inglaterra, nas longas horas de vigilia da prôa ou da ré, quando a agua chapinha nas amuradas do navio que vae singrando oscillante a quebrar as vagas, quando o vento geme tristemente nas pandas vélas, e quando é doce aos marinheiros o recordar a patria ausente, e o ouvir as lendas dos heroes e as historias dos antepassados.

Os *Lusiadas* constituem uma epopéa que sae fóra de todas as regras da poesia, taes como as dictaram os pedantes da epocha erudita. Era esse o seu defeito no seculo passado, é essa hoje a sua gloria. Os criticos nacionaes procuravam desculpal-o, confessando o erro. José Agostinho de Macedo, mais desabusado, não o desculpou, e ensinou-lhe como elle devia ter feito; nós hoje exactamente por isso é que o applaudimos e pensâmos com horror que, se Camões não fosse um rebelde, o nosso poema nacional seria um *Oriente* com dois seculos de antecipação. A sua epopéa não tem uma fabula urdida com logica, não a tem porque é o canto epico da historia portugueza, porque, debaixo do aureo trama do verso camoniano, como que se lê a rude e pittoresca linguagem de Fernão Lopes, porque da mesma fórma que entre o *Romancero* e a *Cronica General* se encontra ás

vezes uma pasmosa simillhança de dicção, é assombroso como as nossas velhas chronicas se acham reproduzidas no poema de Camões, como elle se identifica com o espirito dos singelos chronistas, como se limita ás vezes a pôr em scena, com o seu alto vigor dramatico, os quadros delineados pelo narrador, os personagens da vida real. Mas sobretudo onde Camões se mostra verdadeiramente poeta popular, poeta em cuja alma palpita a alma de um povo, é na creação do maravilhoso.

Espraiámo-nos largamente em considerações sobre o modo como se formam os mythos, sobre o modo como o sentimento do maravilhoso se manifesta no espirito do povo. Tomae um mytho antigo, o do deus Glauco, esse deus marinho que nas horas da tempestade apparece sobre as ondas esverdeadas soltando a sua voz rouca e agoureira. Como é que o marinheiro grego concebeu essa figura sobrenatural? Imaginae o filho de uma d'essas ilhas ridentes do Archipelago, de imaginação viva e exaltada, perdido no seu barco de vélas brancas no meio de todos os terrores da tempestade. A onda já não é o franzido azul do mar debruado de espumas que vem beijar amorosamente a plaga da sua ilha natal, é a montanha de agua de côr esverdeada *glauca,* que avança bramindo contra o barco, e ameaça subvertel-o nos turbilhões de um mar hostil, cercado por todos os terrores da morte proxima; o pobre marinheiro grego julga ver não uma serra de agua, mas um ente sobrenatural de longos cabellos limosos, de côr *glauca* e sombria, que o ameaça e que o chama com gritos roucos, da mesma fórma que o marinheiro christão ha de ver depois n'essas mesmas vagas terriveis os demonios que o arrastam á perdição, e no santelmo, que presagia bonança, um espirito benefico a protegel-o, e nas fórmas vagas das nuvens que o sol doira ao surgir dissipando a tempestade, a figura aerea, o rosto celestial da Virgem protectora.

E esse ente sobrenatural, que o marinheiro gelado de terror julgou ver entre as agonias da tempestade, toma o seu logar na mythologia, é mais um deus do cortejo marinho de Neptuno, é o deus Glauco.

Vêde agora Camões creando essa figura epica do Adamastor, vêde-o conceber esse mytho estranho, que tem sido a admiração e o espanto dos seculos. O cabo Tormentorio ergue ao longe o seu vulto carrancudo e ameaçador, a alta montanha da Mesa, coroada de nuvens e de tempestades, recorta no firmamento o seu perfil sinistro.

Quando os navios ali chegam parece que em torno d'elles se desencadeiam legiões de procellas, luctam por muito tempo, luctam ás vezes debalde para entrar nas paragens mais tranquillas do mar das Indias. Camões, encostado á amurada do seu galeão, contempla pensativo essa massa sombria de rocha que é a porta terrivel de um mundo radioso. No seu espirito escandecido aviva-se a memoria dos feitos heroicos dos antepassados, que antes d'elle affrontaram a furia d'aquellas tormentas, d'aquelles que sulcaram com as audaciosas quilhas os mares nunca d'antes navegados; na sua alma agita-se a antiga lenda das estatuas, d'essas guardas mysteriosas do mundo vedado, que diziam ao navegante «Não passarás além», e que mediante a audacia dos portuguezes, foram recuando successivamente até se desfazerem de novo no nevoeiro das visões. Parece-lhe que vê nas montanhas mysteriosas, envoltas em nuvens e em torno das quaes ondeia um véu tempestuoso, a consubstanciação gigante de todas essas estatuas desfeitas. Na sua imaginação exaltada a lenda torna-se realidade, a estatua já não é um vão conto de timidos ignorantes, é o vulto verdadeiro e indefinivel, cujas ordens a audacia portugueza affronta, é o gigante que não póde infundir pavor aos filhos da terra ousada de Portugal, e por um processo de espirito similhante exactamente ao que preside á formação dos mythos na alma popular, forma-se na alma de Camões o mytho sublime do Adamastor.

Ahi está, portanto, como a epopéa de Camões tem uma originalidade que a distingue de todas as do seu tempo, é uma epopéa nacional, um poema verdadeiramente popular, uma *Iliada* e não uma *Eneida*, uma condensação do Romanceiro guerreiro e maritimo de Portugal, e não um livro pautado pelas regras, methodico e frio, com fabula bem urdida e heroe bem caracterisado; com a classica descida aos infernos, com o episodio dos amores enervantes em que se enlaça por algum tempo o heroe e que era tambem chavão obrigado. Mas, allegar-se-ha: o poema de Camões lá tem a mythologia official dos poemas epicos; se a creação do Adamastor se filia nos processos da creação poetica dos mythos populares, o conselho dos deuses no Olympo, a intervenção de Venus, a inimisade de Bacco, as tempestades soltas ou represadas por intriga ou por empenho de umas ou de outras divindades antagonistas entram na categoria das fabulas banaes e artificiaes da epopéa. É perfeitamente verdadeiro, mas não esqueçâmos que Luiz de Camões é um poeta do seculo XVI, um erudito versado nas linguas sabias, um bacharel da universidade de Coimbra, costumado a venerar os grandes modelos classi-

cos. O seu genio natural, a sua convivencia de largos annos com os soldados das grandes guerras orientaes, as suas prolongadas navegações, o seu isolamento no extremo Orieute, a impressão que deixaram no seu espirito os quadros sublimes que se desenrolaram diante dos seus olhos, compelliam-no a dar livre expansão ao seu genio, chamavam-no para a epopéa nacional; a sua educação, a influencia das idéas dominantes no seu tempo chamaram-no para a epopéa erudita. D'esta dualidade resultou esse estranho poema dos *Lusiadas,* ora potente e original como uma canção de gesta, ora pautado escrupulosamente pelos poemas virgilianos, em que a lenda popular das estatuas mysteriosas, guardas inviolaveis do oceano, se confunde com as reminiscencias classicas da guerra dos Titães, em que ao lado da narrativa cavalheiresca dos doze de Inglaterra que nos lembra o Amadis, vem a narrativa do Gama ao rei de Melinde, ficção que recorda o *Infandum, regina, jubes renovare dolorem* de Virgilio. E esse mixto, que é tão apontado como um defeito capital, dá ao poema, no nosso entender, um caracter singular, que não deixa de ter o seu encanto novo e picante como esse encanto com que nos fascinam os architectos manuelinos. E é que effectivamente as correntes do genio nacional, que explicam a architectura manuelina, são as mesmas que explicam o poema de Camões. A architectura e o poema deliciam os espiritos enthusiastas, sobresaltam e assustam, á primeira vista, os criticos correctos. Assim o portico do nosso pavilhão da exposição de París, copiado do portal dos Jeronymos, e que enthusiasmava os visitantes, foi severamente censurado por Carlos Blanc, que não pôde ver sem horror essa mistura adultera do gothico e do romano. É esse adulterio, que se encontra tambem nas paginas de Camões, e foi elle que indignou Voltaire. E comtudo esse adulterio sublime é o caracteristico da nossa grande epocha, é o cunho potente da nossa originalidade. A architectura manuelina, dizia Alexandre Herculano e Racksinsky applaudiu a definição, é «a resistencia do estylo gothico á Renascença», é a tradição da idade media doirada pelo sol do classicismo. O poema de Camões é tambem a resistencia do Romanceiro a Virgilio, é a tradição epica das canções de gesta engrinaldada com as inspirações da musa classica. E poema e architectura exprimem admiravelmente a indole d'esse povo para quem a Renascença teve um caracter especial, que introduziu na evolução do espirito da humanidade um elemento essencialmente moderno—o dos descobrimentos, que prolongou, em plena restauração do mundo antigo, a tradição medieval, e que expirou com o ultimo lampejo do espirito cavalheiresco das cruzadas nos areaes

de Alcacer Kibir, mas que antes de morrer pôde legar ao mundo, esculpidas na palavra e na pedra, nas melodias da estrophe e no lavor do columnelo, as duas perfeitas e maravilhosas consubstanciações da sua individualidade complexa e potente, os *Lusiadas* e *Belem!*

IV

Esbocemos rapidamente a vida de Camões. Não nos sobra o espaço e não podemos fazer uma biographia completa do cantor dos *Lusiadas* É outro o plano da nossa obra. Queremos pôr em relevo a sua individualidade litteraria e explical-a, estudal-a á luz dos processos da critica moderna, e a sua biographia não entra aqui senão como um dos elementos necessarios para o nosso estudo. Filho de Simão Vaz de Camões, descendente da nobre familia dos Camões que da Galliza passaram a Portugal no tempo d'el-rei D. Fernando I, naseeu Luiz de Camões em Lisboa no anno de 1524, no mesmo anno em que naseeu em França o illustre poeta Ronsard, que fica em merecimento a tanta distancia do nosso grande poeta como um outeiriuho, levemente ondulado, do Himalaya. Estudou em Coimbra debaixo dos auspicios de seu tio, D. Bento de Camões, frade eruzio, homem douto e de esclareeido espirito. Alli adquirio a vasta instrueção que nos surprehende em todo o seu poema, ali aprendeu a enthusiasmar-se com os grandes poetas da antiguidade e a cultivar a poesia, segundo os modelos da escola italiana; mas ao mesmo tempo mostrava uma inveneivel paixão pela velha poesia nacional, que principiava a ser proscripta, cedendo o passo á innovação dos engenhos cultos, que não viam salvação fóra do metro italiano, introduzido em Hespanha por Boscan e Garcilasso e em Portugal por Sá de Miranda, mas principalmente preconisado por Antonio Ferreira. Era a epocha da grande lucta, lucta que parece pueril a quem vê as cousas superficialmente, mas que symbolisava na sua fórma apparentemente frivola a lucta das duas grandes correntes litterarias, a corrente original do mundo moderno e a corrente renovada do mundo antigo, a poesia *autonoma* nacional, e a poesia *clichée* uniforme, escripta em metros estrangeiros e pautada na idéa pelos modelos consagrados. Esse metro estrangeiro era o hendecassyllabo, e a redondilha o metro nacional, tanto para nós como para a Hespanha. Castillejos de um lado sustentando a redondilha, Garcilasso do outro pugnando pelo metro italiano, traziam entre si divididos os espiritos em Hespanha. Entre nós Ferreira, o pedante doutor, agrupava á sombra da bandeira da nova escola a turba dos engenhos novos, os

Bernardes, os Caminhas. Camões deixou-se arrastar como os outros, era estudante, era instruido, admirava as correctas maravilhas das litteraturas classicas, escreveu canções, elogios, sonetos, manejou o hendecassyllabo como ninguem, mas no fundo da sua alma de poeta portuguez subsistiu uma secreta affeição a essa encantadora redondilha, em que o povo cantava os seus romances, em que Gil Vicente escreven os seus autos, em que Bernardim Ribeiro fundíra as suas melancholicas endeixas. Ao verso de arte menor volta muitas vezes, e na paraphrase do *Super flumina Babilonis* é na velha fórma de redondilha que a sua musa suspira. De todos os poetas da aristocracia litteraria do seu tempo só Camões ainda escreve autos, Ferreira, Sá de Miranda escrevem já tragedias ou comedias. Aqui está a dualidade bem sensivel, aqui temos Camões arrastado pela corrente erudita da sua educação para a poesia classica, levado pelas tendencias, pelas predilecções naturaes do seu espirito para a poesia nacional e popular.

Não podemos senão passar com uma grande rapidez pelas differentes phases da existencia do nosso grande epico e lamentâmol-o, porque a vida de Camões está por estudar. O Camões da tradição, que se perpetúa no *cliché* das biographias banaes, é o Camões da Natercia, e o Camões da gruta de Macau. Apparece-nos assim um vulto incolor, com tinta a correr-lhe nas veias, e um volume das canções de Petrarcha no coração. Apparece-nos um vate piegas, que passa a sua existencia, de lyra em punho, ou a suspirar pelos bellos olhos de Catharina de Athayde, ou a cantar com uma corôa de loiros na cabeça as glorias da sua patria, que apostropha constantemente com um tom lamentoso e massador. Os grandes poetas, que evocaram no poema ou no drama o vulto de Camões, não ousaram estudar o homem no poeta, e continuaram a apresentar-nos o vulto tradicional da lenda *litterateira*. Parece impossivel como o grande e immenso talento de Castilho não vio bem o que havia de ridiculo nos amores de Camões aos cincoenta e quatro annos, que formavam o fundo do enredo do mediocre drama francez que elle transformou n'uma obra prima de resplandecente poesia. Tambem Garrett, com todo o seu gosto apurado e o seu finissimo tacto, não pôde escapar a essa concepção lyrica do poeta, ainda que teve o bom senso de fazer antes da saudade que do amor a inspiradora das suas tristezas.

A paixão por D. Catharina de Athayde não occupa, como se tem imaginado, um logar preeminente na vida do poeta, nem exercen no seu destino a influencia

que se lhe attribue. Amou-a, é certo, com todo o fogo e toda a paixão da sua alma de mancebo e de poeta, escolheu-a para dama dos seus pensamentos, como Petrarcha a Laura, foi talvez menos platonico do que o italiano, porque teve as suas audacias, que D. Catharina reprimio, diga-se em sua honra, não foi um modelo de discrição, e parece que a sua falta de respeito pelo Paço, onde D. Catharina era dama da raiuha, foi a causa do seu primeiro desterro para Santarem ou para Punhete, emfim para as margens do Tejo. Mas que esta paixão não foi nunca senão um suave e querido episodio da existencia tumultuosa do poeta, prova-se até pelo facto de que muitas das poesias que lhe dirigiu foram antes, como hoje diriamos, *exercicios de rima,* do que outra cousa. Natercia era o pretexto para Camões provar a mão no genero de Petrarcha. O soneto, em que parece contar a historia do modo como se apaixonou, é uma imitação do vate italiano. O sr. visconde de Juromenha acredita ingenuamente que, por uma coincidencia singular, Camões viu pela primeira vez Catharina de Athayde n'um templo de Lisboa, como pela primeira vez n'uma sexta feira santa n'um templo de Avignon vio Petrarcha Laura de Sades. Deve tambem crer n'esse caso que, por outra coincidencia singular, Camões disse de Natercia o mesmo que Petrarcha disse de Laura. Mas deve-se confessar que o poeta apaixonado, que faz da descripção do momento decisivo da sua vida o simples thema de um exercicio litterario, procura antes n'essa mulher a musa convencional do seu lyrismo do que a companheira querida da sua vida, do que a dominadora exclusiva do seu coração.

Vejâmos Camões como elle era, na expansão ardente do seu organismo vigoroso e cheio de fogo, e abandonemos o cantor da *pose* academica, que nos foi transmittido de geração em geração por uma longa fila de rhetoricos declamadores. Vejâmos o moço Luiz de Camões, escudeiro, saíndo da universidade com o sacro amor da poesia em todas as suas manifestações, apaixonado pelas litteraturas cultas da Grecia antiga, pelos formosos modelos da Italia, mas arrastado tambem por uma invencivel tendencia do seu temperamento peninsular para os cantos espontaneos do povo; em Coimbra estudante tão facil de se enthusiasmar nos claustros universitarios pelas estrophes de Virgilio como nos passeios do Mondego pela guitarra do barqueiro e pela trova popular, prompto a levar a mão á espada nas brigas da rua, e primando ao mesmo tempo em fazer boa figura nas aulas, respirando a plenos pulmões todas as brisas perfumadas da mocidade. É singular que de todos os romancistas e poetas, que evocaram a grande

figura de Camões, não foi nenhum dos mestres da arte de escrever que o encontrou vivo, real e humano nos bicos da penna, foi um homem cujo grande talento, cuja profunda intuição historica nunca poderam impôr-se ao publico, porque lhe faltava o segredo da belleza da fórma, o segredo da phrase limpida e fluente—Arnaldo Gama. Ha n'um dos seus romances menos conhecidos, *A Caldeira de Pero Botelho,* um esboço de Camões estudante, admiravel de verdade e de carnação; é um Camões que tem por detrás dos ossos frontaes um cerebro real e verdadeiro, e por baixo das costellas um coração que pula devéras com o circular do vermelho sangue da existencia, e não essa figura pallida e rhetorica, cheia de suspiros e de declamações, que tem em vez de cerebro um laurel e em vez de coração um volume em oitavo. Sigâmol-o depois a Lisboa. Aqui o vemos amando Catharina de Athayde, dedicando-lhe, como era de regra, as suas imitações de Petrarcha, trocando com ella talvez as mais eruditas e bem torneadas epistolas, mas não se esquecendo, ao mesmo tempo, de ver se conseguia fazer descer essa Laura da região etherea dos sonetos para a realidade ardente a que aspiravam os seus fogosos vinte annos. Esse *arreglo* que elle parecia querer fazer do amor Vauclusiano ás condições mais quentes do clima lisbonense custou-lhe um primeiro exilio. Continuou a suspirar em verso pela sua Natercia e a descansar das suas combinações de rimas com divertimentos menos pacificos, mostrando-se brigão e revolto, e vibrando um par de cutiladas em pleno Rocio, ou quasi, ao sr. Gonçalo Borges, o que lhe valeu ir travar tambem conhecimento com os ferros d'el-rei.

Os motivos que levaram Camões primeiro a Africa e depois á India não os podemos averiguar. Como de costume, os seus biographos subordinam tudo a Natercia. Camões vae desterrado para Ceuta por causa de Natercia, tambem parece que é por causa de Natercia que o poeta parte para a India. Dir-se-ía realmente que o auctor dos *Lusiadas* não fazia mais nada n'este mundo senão amar Natercia; era a sua occupação, o seu emprego. Como hoje os bachareis sáem da universidade para ser amanuenses, n'aquelle tempo saíam para ser amantes de Natercia. Se se usassem bilhetes de visita no seculo XVI, o nosso poeta escreveria no seu: *Luiz de Camões, escudeiro e amante de Natercia.* Mas como vivia Luiz de Camões? Era rico por acaso? Almoçava canções, jantava elegias e ceiava sonetos? Não tinha occupação definida? Diz-se que foi degredado para Ceuta, mas parece-nos que, se Luiz de Camões queria seguir a carreira das armas, nada

havia mais natural do que mandal-o o governo servir na Africa. Queixava-se do seu desterro, quererá isto dizer que fôra exilado para o afastarem de Catharina de Athayde? Não significará simplesmente que o poeta, longe dos prazeres de Lisboa e da mulher que amava, se considerava desterrado? Não podemos suppôr que se désse como castigo a um escudeiro, que pretendia servir a sua patria no nobre officio militar, o que era para todos uma escola do trato das armas até cubiçada e appetecida. Os mais nobres fidalgos de Portugal passavam a Africa por sua livre vontade, ambicionavam distinguir-se n'aquelles combates, e não se encontra para a estada de Luiz Camões em Ceuta outra explicação que não seja o considerarem essa ida para a Africa um castigo!

N'um dos combates africanos, parece até que n'um combate naval contra corsarios, perdeu Camões a luz de um dos seus olhos, o que imprimiu no seu rosto o cunho mareial que lhe dá tão caracteristica physionomia, mas o que lhe não agradou muito a elle, porque era galan e galanteador, e a sua paixão por Natercia não o impedia de ter em alta conta a boa opinião que as damas formavam do seu physico, e que não deixava de se attenuar um tanto com o desastroso resultado de um tiro ismaelita. Voltou emfim a Lisboa, e, apenas se viu na capital, tratou de partir para a India, desejo que realisou em 1553, tendo ido até substituir outro escudeiro que não podia marchar.

Temol-o emfim arrojado a plenas aventuras de guerra; está no cubiçado Oriente, vê de perto as tempestades do Oceano, impregna-se na rude poesia da procella e da vida do mar, experimenta as melancholias dos quartos de alva, e a doçura triste das recordações da patria n'essa hora indecisa em que vae a expirar a noite, quando a vaga quebra gemente no costado do navio. Todos esses quadros suaves, melancholicos, tremendos, da vida do mar, a inexprimivel belleza do luar a bater nas vagas *(Da lua os claros raios rutilavam—pelas argenteas ondas neptuninas),* as lendas dos marinheiros, os pavores do mar tenebroso, tudo se lhe vai fixando silenciosamente na imaginação para se manifestar no momento opportuno. Assim tambem na India, nos combates de Chembé, nos cruzeiros do cabo Guardafui lhe vai avultando na imaginação a grandeza heroica dos feitos portuguezes. A lyra dos *Lusiadas* não foi a lyra convencional e rhetorica dos epicos de gabinete, foi a harpa não éolia, mas dorica, vibrando espontaneamente ao perpassar-lhe nas cordas o vento das batalhas e das procellas; os *Lusiadas* não foram a epopéa que tomou por assumpto as glorias portuguezas, foram a

propria voz epica dos nossos grandes feitos cantando nos labios de Camões. O sol do Oriente fixou na sua alma, como em camara escura, recondita e sagrada, o quadro cambiante das grandes façanhas de Portugal, e essa imagem photographica, producto quasi inconsciente do genio camoniano, foi o immortal poema.

A parte da vida de Camões, que procurariamos tambem limpar da nevoa legendaria, é a que se refere ás perseguições que soffreu na India. Camões não foi, tanto como se suppõe, esse martyr, essa victima que a tradição nos apresenta. Chegaremos a um ponto em que estaremos completamente de accordo com os seus biographos, mas, emquanto elles nos querem mostrar um vate lacrimoso que passa a sua vida a suspirar por Natercia, e um santo e inoffensivo varão que os seus impios contemporaneos flagellam continuamente, revoltâmo-nos contra essa concepção elegiaca e banal do poeta, que foi um homem de paixões vivas, um grande coração e uma grande alma, com todos os defeitos porém das imaginações exaltadas, que difficilmente se resignam a transigir com as necessidades precarias da vida. Em Lisboa tinha sido duellista inquieto, inquieto continuou a ser na India. O genio de Bocage dá uma idéa do que deveria ser o genio de Camões. O cantor de Leandro e Hero presentiu isso mesmo, quando exclamou n'um soneto

Camões! grande Camões! quão similhante
Acho o teu fado ao meu quando os cotejo!

Com as suas satyras e com os seus epigrammas, Camões creou inimigos como depois os creou Bocage; mas nem foi desterrado, como se disse, nem foi preso depois de voltar de Macau a Goa por espirito de vingança e de perseguição. O logar de provedor de defuntos e ausentes, que Francisco Barreto lhe conferiu, era excellente e lucrativo, e n'esse logar, como demonstrou o sr. visconde de Juromenha, grangeou Camões avultados haveres, que perdeu depois nas costas de Cambodge, quando naufragou, salvando apenas com a vida o manuscripto do poema. Se foi preso quando chegou a Goa, foi porque tinham chegado do reino ordens rigorosas para se tomarem as mais severas contas aos provedores de defuntos e ausentes, que abusavam em geral dos seus logares para se enriquecer illicitamente. Essas contas não as pôde dar Camões muito circitas, em parte, não o duvidâmos, porque não era homem de ordem, e, como aconteceu a

Cervantes, póde ser muito bem que fosse roubado pelos seus empregados, emquanto compunha na celebre gruta as estrophes sonoras dos *Lusiadas,* mas principalmente porque no seu naufragio perdêra os documentos justificativos da sua gerencia. Que os inimigos pessoaes de Camões aproveitassem o ensejo para o perder, é natural, e não eram poucos os que tinha; que houvesse contra elle uma perseguição systematica, é falso, porque dos dois governadores que um ao outro se seguiram, Francisco Barreto empregára-o excellentemente, D. Constantino de Bragança soltou-o apenas chegou á India.

Mas, culpa da sorte ou culpa dos homens, Camões voltava emfim a Portugal, depois de longos annos de ausencia, mais pobre do que partíra. Preso por dividas em Gôa, só podéra seguir para o reino graças á munificencia do governador. Tambem teria de ficar em Moçambique, e por dividas tambem, se os seus companheiros de viagem se não cotizassem para o libertar. Velho antes de tempo, abatido, pobre, voltava para Portugal o grande poeta depois de dezesete annos de ausencia em 1570, e encontrava a patria que elle adorava não menos abatida, não menos envelhecida do que elle. Tudo declinava, tudo decaía. A catastrophe imminente pairava no ar. Sentia-se por todos os lados o rugido surdo que precede e annuncia os terremotos. A peste acabava de devastar o reino, nas ruas solitarias quasi que se viam apenas as garnachas pretas dos jesuitas, que vinham rezar os officios funebres á beira do leito d'este moribundo Portugal. Fallava-se do joven rei D. Sebastião como se falla de um louco. A tristeza era profunda e casava-se bem com a tristeza pungitiva do poeta.

Effectivamente uma profunda melancholia o devorava. Aquelle Camões alegre, jovial, maldicente, satyrico, apaixonado, tendo sempre promptos ao serviço da sua imaginação caprichosa um galanteio para as damas, um epigramma ou uma cutilada para os homens, acabára. Tinha ficado enterrado em Goa. Essa transformação fôra insensivel e lenta. Partíra de Lisboa sonhando as façanhas epicas, os grandes feitos de Duarte Pacheco, as poeticas e cavalheirescas emprezas e tivera os fastidiosos cruzeiros, os ocios e as intrigas da vida de guarnição, e as contas prosaicas de um emprego de fazenda com todos os incommodos inevitaveis que o acompanham. Tudo isto desalentou Camões. A cada instante nas suas poesias transparece melancholia mais profunda, e á medida que a noite se vae fazendo na sua alma é que vae resplandecendo mais viva e luminosa, como uma estrella, a imagem de Natercia. Quando ella despe o envoluero terreno, quan-

do se ala ás espheras de pura idealisação, envolta na tunica da luz, que a muda de ente eorporeo e tangivel, n'uma figura vaga eomo essa Beatriz do Dante que, emquanto viveu na terra, foi apenas para o poeta uma ereança sympathiea, e depois de morta se transformou em anjo e em musa, assim Natereia, que fôra apenas na vida de Camões um episodio suave, idyllieo, uma galante menina que lhe sorriu e o amou, transfigurada pela auseneia, pela morte e pela idealisação poetiea, fez-se o puro symbolo de um passado risonho, a florea enearnação dos annos da moeidade e dos sonhos juvenis, das roseas esperanças tão depressa tornadas em saudades. Era a melaneholia iuveneivel que ía invadindo, eada vez mais, eom o seu negrume a alma do poeta, sempre propensa tanto aos loueos aeeessos de jovialidade, eomo ás ternissimas tristezas, que transformava esse ponto luminoso do seu passado na estrella que lhe eneheu o horisonte eom a sua easta e suavissima luz.

V

Se entendemos dever afastar-nos um poueo da tradição relativamente a Camões, se não quizemos ver n'elle a vietima innoeente do destino, o martyr do amor e da perseguição de tyrannos erueis que se oppõem á realisação do sonho mais querido da sua vida, e que separam os dois fidos amantes, eomo os paes barbaros dos romanees sentimentaes, em eompensação agora pareee-nos que a tradição ainda foi nimiamente benevola eom a patria e eom o governo que lhe dirigia os destinos, quando se trata da reeompensa dos *Lusiadas*. Camões publiea em 1572 o seu poema admiravel, dediea-o a el-rei D. Sebastião, e a reeompensa que obtem é uma tença de quinze mil réis anuuaes, coneedida eomo por esmola ao eseudeiro, que dirige ao rei um memorial em verso nas primeiras e nas ultimas oitavas dos *Lusiadas*, e a quem a munificeeneia regia paga eom mil e duzentos e eiueoenta réis mensaes a sua dedieatoria. Bem sabemos que os quinze mil réis annuaes de 1572 não são o mesmo que quinze mil réis annuaes em 1878, correspondem a trezentos, a quatroeentos ou a quinhentos mil réis no dia de hoje. Mas o que é isso para reeompensar uma obra d'esse altissimo valor? O que é isso, dado principalmente só eomo tença, sem nenhuma prova de distineção e de apreço! E entretanto malbaratavam-se as eommendas e os benefieios! e n'esse mesmo anno de 1572 em que se publieavam os *Lusiadas,* dava o rei de Portugal, a pedido do rei de França Carlos IX, o habito de Christo ao poeta francez Rousard!

O habito de Christo, essa mercê suprema que el-rei D. Manuel concedeu a Vasco da Gama pela descoberta da India, dava-a D. Sebastião ao poeta cesareo da côrte franceza, verdadeiro pygmeu ao lado do gigante dos *Lusiadas!* Tinha-o Ronsard e não o tinha Camões! Tinha-o o cantor da insulsa *Franciada* e não o tinha o cantor dos *Lusiadas* resplandecentes! A mercê que tão facilmente se concedia ao mediocre poeta francez negava-se ao grande vate! Que parallelo! que vergonha!

Se levarmos mais adiante a comparação, ainda o contraste nos parece mais odioso! Vemos Ronsard, o poeta fluente e suave que sabia modular graciosamente uma poesia no estylo grego, mas que não ia mais longe, cercado de honras e distincções, tratando Carlos IX de igual para igual, requestado, adulado, acariciado pela côrte e pelo proprio rei, que, não contente de o encher de provas de estima e de mercês rendosas, ainda solicita para elle dos governos estrangeiros os mais altos premios que lhe podem conferir, e vemos Camões, um dos primeiros poetas do mundo, o primeiro do seu paiz, o cantor enthusiastico das glorias portuguezas, o Homero da idade moderna, abandonado, esquecido, nem chamado ao paço, nem admittido lá, desconhecido da côrte, recebendo de esmola uma tença insignificante, passando os dias cansados da sua prematura velhice em palestras com os frades de S. Domingos na arcada do seu convento, para onde vae tomar o sol, arrastando-se tropego, acompanhado pelo seu Jau, pelo pobre escravo, que resume para elle, na ultima quadra da sua vida, todo o carinho, toda a boa vontade, todo o affecto e toda a gratidão dos homens!

Sim! Procurámos, tanto quanto possivel, afastar-nos das declamações banaes, não nos sentimos dispostos a partilhar a choradeira convencional da posteridade sobre o «amor infeliz» de Luiz de Camões por Natercia. Dispensámo-nos de consagrar umas paginas commovidas a essa Natercia, que figura como Laura, Beatriz e Leonor no côro das amadas dos grandes poetas, e que tem inspirado a todos os vates de agua doce de todos os tempos, as mais insulsas e deslavadas odes. Não quizemos tambem bradar contra a tyrannia do governo, que não consentiu que Luiz de Camões rachasse impunemente a cabeça a Gonçalo Borges nas ruas de Lisboa, sob o pretexto pouco admissivel de ser um grande poeta, não quizemos tambem associar-nos ás declamaçõcs dos que estranharam que o exilassem para Ceuta, como se fosse exilio para um soldado ir para o theatro predilecto das façanhas dos militares seus compatriotas, não admittimos a lenda do desterro de Camões para Macau, doirado exilio que lhe asseguraria a fartura e a opulencia da

sua velhice, se não fosse um naufragio, de que de certo não tiveram culpa os vice-reis. Reconhecemos que muitos dos infortunios de Camões foram devidos ao seu genio revolto e apaixonado. Mas por isso mesmo temos duplo direito de levantar a voz com indignação, e de dizer que Portugal se mostrou indigno do genio immenso com que a Providencia o enriquecêra, do immenso amor que o grande poeta lhe votára, não conferindo as maximas honras, não abrindo de par em par as portas do paço ao poeta immortal que o immortalisava tambem. Essa é que foi a vergonha suprema, essa é que foi a eterna macula. O Vaticano abria-se aos grandes artistas e aos illustres poetas; o Louvre tinha como seu hospede predilecto o poeta Ronsard, e dos paços da Ribeira atirava-se pela janella uma esmola a Camões. E em quanto Ronsard, o cavalleiro de Christo em Portugal, a pedido do seu rei e do seu amigo, cheio de honras e de beneficios em França, morria na opulencia e no conforto, cercado de cortezãos, chorado pela sua patria, que n'elle perdia apenas comtudo um poeta agradavel, Camões, pobre, envelhecido, tendo por companhia unica os padres de S. Domingos, que ía visitar para não se ver completamente só, e o dedicado Jau, e as cartas de alguns amigos como D. Francisco de Almeida; tendo por consolação unica a idéa de que ao menos não sobrevivia á patria, a essa patria ingrata, que estremecia com tão entranhado amor, Camões, que nem era cavalleiro de Christo, morria ao desamparo, n'um hospital provavelmente, na miseria e na pobreza, e era necessario que um rei estrangeiro, Filippe II, viesse a Portugal para que sua velha mãe, que ficára na terra chorando seu filho, tivesse um pedaço de pão para não morrer de fome. Ah! como se vingam todos os nobres corações, todas as grandes almas! Se nos é licito, sem sacrilegio, fazer esta comparação, Christo, expirando no Calvario, escarnecido e assassinado pelos homens, vingou-se legando á humanidade o Verbo Redemptor, Camões, expirando tambem no seu Golgotha da miseria, esquecido e desprezado pela patria, vingou-se legando-lhe no seu poema o Verbo da Immortalidade.

VI

Passaram seculos. Foram sempre limitados e mesquinhos os testemunhos de reconhecimento da patria para Camões. O tumulo, onde mão piedosa lavrára uma legenda em que lhe chamava o principe dos poetas, desappareceu debaixo das ruinas do terremoto e da campa do esquecimento. Só trezentos annos depois

da sua morte a patria lhe erigiu uma estatua. Permittam-nos os leitores que, como epilogo d'este trabalho e para que n'este livro, que é tambem um monumento consagrado á memoria do grande poeta, se perpetúe o que lançaria no olvido o vento que dispersa as folhas soltas do jornalismo, insirâmos aqui o que escrevemos no dia 9 de outubro de 1867. Será o nosso cantico final de homenagem ao poeta.

O sol inundava de esplendor as ruas da cidade tumultuosa; tudo eram galas e flores, e as amplas bandeiras desenrolavam com ufania as suas quinas triumphaes; o céu estava azul e sereno, sereno e azul o Tejo, nem uma ruga no crystal do rio, nem uma nuvem na téla do firmamento!

As mós do povo redemoinhavam confusas, e a sua massa cambiante brilhava á luz clara e alegre do sol; scintillavam aqui e alem subitos relampagos nas bayonetas luzentes, rodavam os canhões nas praças, e a viração agitava, ao perpassar a galope a cavallaria, como um cardume de flores aereas, o turbilhão das flammulas ondeantes no ferro polido das lanças.

A multidão tumultuava risonha e ruidosa, as musicas marciaes arrojavam aos ares as suas bellicas harmonias, e todos estes rumores, consubstanciados n'um immenso murmurio, subiam para o céu como jubiloso cantico.

Subito reinou silencio profundo, e apenas um vago frémito percorreu a turba agglomerada. Mas logo o canhão ergueu a sua voz sonora em salvas triumphaes, curvaram-se os estandartes em saudação guerreira, o hymno grave e magestoso resoou de todos os lados em homenagem solemne.

É porque se rasgára o véu, e immovel, sereno, grandioso, banhado de sol, fremente nas suas vestiduras de bronze ao contacto da chamma patriotica, surgia aos olhos de todos, erguido no seu pedestal de marmore, apertando ao peito o seu immortal poema, o vulto sublime de Camões.

Eis-te emfim, poeta! Eis-te emfim, pallido naufrago, que boiaste durante seculos n'este pelago confuso de desventuras e de miserias, levantando acima das ondas o livro das nossas glorias. Quando o baixel se desconjuntou, caíste na voragem envolto na bandeira nacional, e agora, arrancando dos hombros essa mortalha sublime, appareces inundado de luz, espectro que és hoje estatua, Lazaro que és hoje um Christo, mendigo que és semi-deus!

Eis-te emfim, tu que foste o ultimo da geração dos fortes! vens grave e triste. Os teus olhos sem luz contemplam mudamente Lisboa, que se desenrola a

teus pés. Procuras-lhe o diadema? Já lhe tombou da fronte. Buscas o Tejo, fazendo arfar no dorso espumoso os galeões gigantes? Deslisam alem as suas aguas desertas. Anceias por ver com os olhos da phantasia desdobrarem-se-lhe nos hombros as prégas da sua purpura de rainha do Oceano? Só por instantes lh'a empresta o sol, ao descaír no occaso. Heroes? São pallidas sombras vagueando no cyprestal da historia. Grandeza? A do aviltamento. A espada? É uma reliquia. O altar ao menos d'essa gloria extincta? É o teu poema.

Sobrevives tu só! Quando os filhos da culta Greeia primeiro ousaram saír do placido Archipelago, e, demandando o Oriente, chamados pela irradiação do véllo de oiro, transpozeram os estreitos e os mares, affrontaram dentro da primeira nave as iras do revolto Euxino, e foram emfim surgir nas enseadas da Colchida resplandecente, ficou apenas na memoria dos homens uma vaga e nebulosa lembrança, o nome incerto de um poeta, os sons duvidosos de uma lyra, e no firmamento o resplendor de uma constellação. Os argonautas modernos, deixando as praias occidentaes, sulcando, com a prôa das caravelas as ondas tenebrosas do immenso Oceano, vendo como que formar-se em alas silenciosas para contemplar o cortejo heroico das caravelas, de um lado as montanhas inexploradas da Africa, do outro lado as virgens florestas do Brazil, vendo accender-se de subito no céu, como que para illuminar a sua via triumphal, os radiantes luzeiros de um hemispherio novo, aportaram emfim ás praias indostanicas, e entregaram á civilisação um mundo. Deus! essa navegação de heroes envolveu-a para a Europa a ingratidão dos posteros quasi em véus tão nebulosos como a viagem primitiva dos argonautas gregos. A nossa gloria é quasi como a d'elles uma sombra vaga; mas não, que temos em ti a luz e o hymno! Sobrevives tu, Camões, e tu és a lyra e a estrella, és Argos e és Orpheu!

Não o previras de certo; quando se afundava o baixel da nossa grandeza, não julgavas que por cima da mortalha das ondas se estendesse tambem a mortalha do esquecimento. Roma caíu, mas a sua memoria de seculo a seculo se vae agigantando; são-lhe as ruinas Capitolio, e a magestade do infortunio cinge-lhe a pallida fronte do mais augusto diadema. Caíu Veneza e caíu escrava, mas as lagrimas das nações reverdeceram-lhe os louros desbotados; sobre Portugal assassinado tripudiou a Europa; mostrou as feridas, respondeu-lhe o escarneo; sacudiu os grilhões, encontrou a indifferença; evocou o passado, e só achou o olvido; procurou no Occano o sulco de espuma aberto pelas suas quilhas, e já lh'o ti-

nham apagado as naus da Hollauda e da Inglaterra; fez scintillar de novo ao sol de cem combates a sua espada gloriosa, e os relampagos, que o ferro despedia, não conseguiam sulear as trevas profundas, em que estavamos amortalhados. Era mais intensa a luz do teu engenho, era mais sonoroso o clamor da tua voz, e o mundo, quando lhe bradavamos «Portugal», só nos respondia «Camões».

Orgulha-te, poeta! orgulha-te, immortal! Da patria, que te desprezava, vingaste-te salvando-lhe a gloria; a quem te não soube trocar por manto de arminho a capa esburacada, respondeste envolvendo-a na tua luminosa tunica. Portugal apagava nas sombras da miseria o fulgor do teu genio, e esse genio, reacccudendo-se no facho da immortalidade, pairou como vivido sant'elmo, á flor de agua, no tope dos mastros do galeão submergido.

Oh! mas em ti o amor da patria falla mais alto que o orgulho! e se o teu espirito, evocado pelo clamor da artilharia, vem animar o bronze do teu vulto, as aves do céu, que em torno de ti pairam, hão-de ver-te as lagrimas sulear-te as faces redivivas, hão-de sentir tremer-te nas mãos a espada, e hão-de-te ver apertar convulso ao peito o bronzeo livro! Não ouves o clamor da turba e a melodia dos hymnos, não vês a cidade festiva e embandeirada; mas, cravando os olhos no horisonte d'alem, contemplas a visão que a tua phantasia evoca. Vês a tua antiga Lisboa, divisas as frotas levantando o ferro e suleando o Tejo, tumultuam nas praças os heroes das antigas eras, passam invejosos os estrangeiros, e as quinas fluctuam orgulhosas nas muralhas erguidas das fortalezas. Já não és estatua, és aguia, fitando os olhos no sol, embalando-te nas azas da tempestade, confundindo com o rugido do Oceano o teu grito sublime! Surjam da sepultura as gerações preteritas, apertem de novo os ilhaes dos seus murzellos os cavalleiros da Africa, resoem ao embate das espadas as couraças polidas, ondeiem á brisa dos combates as plumas do elmo! «S. Jorge e ávante!» Portugal é de novo o dominador dos mares. Mas a visão dissipa-se, volta o espirito do poeta com um grito funebre ás regiões ethereas, e a estatua fica de novo immovel, muda, campeando com a sua tristeza grave sobre a cidade decaída, spectro glorioso do passado, illuminado por dois occasos, o do sol e o da patria.

Mas d'ora avante o estrangeiro, quando passar desdenhoso pelas nossas ruas, se vir de subito surgir-lhe banhado pela melancholia luminosa do poente o vulto de Camões, ha-de recuar deslumbrado pelos relampagos que despede o livro, pelos relampagos que despede o gladio; e o motejo ha de expirar nos seus labios, ao

contemplar n'essa estatua, que fica sendo o palladio das nossas glorias, a visão sobre-humana do passado.

E entretanto o crepusculo ía envolvendo no seu manto de sombras o pedestal e o poeta. Accendia-se facho a facho a cidade illuminada, e a estatua grave e triste, dominando esses pallidos esplendores da terra, sentia immergir-se-lhe a froute erguida no estrellado diadema dos eéus!

Depois pouco a pouco foi-se apagando a luminosa corôa da cidade, a multidão dissipava-se, ouvia-se de quando em quando um ultimo rumor de vozes alegres, depois veiu o silencio, mas o vento ergueu então a sua voz solemne, e toda a noite gemeu, triste e lugubre, na estatua muda e grave. Era a elegia depois do hymuo, era o lamento depois do applauso, a recordação das agonias, depois da recordação das glorias.

Dormia a cidade, mas sobre o seu pedestal campeava a estatua de Camões.

Dorme, rainha descoroada, dorme Palmyra do occidente! Dorme emfim sem que o remorso te agite, dorme sem que te punja a amargura de te veres olvidosa e olvidada, desprezada e ingrata! Dorme! podem volteiar em torno do teu leito os sonhos luminosos do passado, porque entre as sombras da noite, com a fronte coroada de estrellas, véla sobre o teu somno, sentinella da tua gloria, a estatua do teu cantor!

M. Pinheiro Chagas.

CANTO I

Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

(Canto I, Est. XL.)

« Envoie leur ton messager Mercure, dont la légèreté l'emporte sur celle du zéphir ou de la flèche aiguisée, afin qu'il leur indique le pays où ils pourront s'informer du chemin des Indes, et prendre un peu de repos. »

(Chant. I, Stan. XL.)

CANTO PRIMEIRO

I

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda alem da Taprobana (1);
E em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II

E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia; andaram devastando
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III

Cessem do sabio Grego, e do Troiano
As navegações grandes, que fizeram;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora hum som alto, e sublimado;
Hum estylo grandiloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V

Dai-me huma furia grande, e sonorosa,
E não de agreste avena, ou frauta ruda (2);
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo;
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI

E vós (3), ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande:

CHANT PREMIER

Vaillants héros, vous qui, les armes à la main, êtes partis des rives occidentales de la Lusitanie, pour aller franchir les limites de la Taprobane (1), en sillonnant des mers inconnues, et qui, après avoir bravé plus de périls, plus de combats que ne le faisait prévoir la force humaine, avez fondé chez des peuplades lointaines un royaume nouveau que vous avez à jamais illustré;

Et vous, mémorables souverains, qui avez agrandi vos domaines et propagé la foi, en ravageant les contrées infidèles de l'Afrique et de l'Asie; et vous aussi, hardis capitaines, qui par vos exploits vous êtes affranchis de la loi de la mort, je vais par mes chants répandre votre gloire de toutes parts, si l'art et le génie me viennent en aide pour accomplir une œuvre aussi grande.

Ne parlons plus des longues navigations du sage Ulysse ou d'Énée le Troyen, cessons d'admirer les victoires d'Alexandre et de Trajan. C'est le courage lusitanien qu'aujourd'hui je célèbre; c'est ce peuple à qui Neptune et Mars ont obéi. Cesse de chanter, ô Muse antique, les prouesses de tes guerriers! Une valeur plus illustre se lève aujourd'hui.

Et vous, nymphes du Tage, mes compagnes, vous qui m'avez enflammé d'une ardeur nouvelle, si jusqu'ici j'ai gaiement chanté votre fleuve en des vers sans prétention, prêtez-moi dès à présent un ton élevé et sublime, un style clair et grandiose, afin que le divin Phébus donne à vos flots la vertu des eaux d'Hippocrène.

Prêtez-moi des accords larges et sonores, non pas ceux de la flûte grossière et champêtre (2), mais plutôt ceux de la trompette guerrière et retentissante qui enflamme les cœurs et fait pâlir les visages: donnez-moi un génie digne des exploits de votre peuple, dont Mars s'enorgueillit, pour faire connaître à toutes les nations du monde des faits que les vers peuvent à peine exprimer.

Et vous (3) enfin, ferme appui de l'antique liberté lusitanienne, vous, espoir des chrétiens, terreur des armes africaines, merveille redoutable de notre siècle, vous que le Dieu puissant a donné au monde pour ramener à son culte une large part de l'univers;

VII

Vós, tenro e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesárea, ou Christianissima chamada:
Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada;
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou:

VIII

Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E, quando desce, o deixa derradeiro:
Vós, que esperâmos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio (4):

IX

Inclinai por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo;
Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo:
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno;
Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI

Ouvi, que não vereis com vãas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rhodamonte, e o vão Rugeiro,
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

XII

Por estes vos darei hum Nuno fero (5),
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço;
Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze Pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII

Pois se, a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
Escura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande e prospera victoria;
Outro Joanne, invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.

XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo (6); e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

Vous, tendre rejeton d'une famille préférée par Jésus-Christ à toutes celles qui règnent sur l'Occident, sans omettre les Césars et les rois Très-Chrétiens (ainsi que vous pouvez le voir sur votre écusson, témoin d'une victoire où il vous a donné pour armes celles qu'il prit pour lui sur la croix);

Vous, ô puissant monarque, vous, dont l'illustre empire est le premier éclairé par le soleil naissant, voit l'astre du jour en son midi, et reçoit à son déclin ses derniers rayons; vous, sur qui nous comptons pour dompter à jamais le vil Mauritanien, le Ture oriental et l'idolâtre qui boit encore les eaux du fleuve sacré (4):

Déposez pour un moment la majesté que j'admire sur votre jeune front, couronné déjà de la même auréole qui vous éclairera le jour où, parvenu à l'âge viril, vous monterez vers le ciel éternel; daignez abaisser jusqu'à mon œuvre vos regards indulgents; vous verrez divulguée en des vers sans nombre mon admiration pour les hauts faits de nos ancêtres.

Vous verrez inné en moi l'amour de la patrie, inspiré non par un vil intérêt, mais par l'espoir d'une récompense élevée et éternelle: celle d'être connu par les louanges de mon pays bien-aimé. Prêtez l'oreille: vous entendrez vanter ceux sur lesquels vous commandez en maître, et vous jugerez où il y a le plus d'honneur, si c'est à régir l'univers, ou à gouverner un tel peuple.

Écoutez: vous ne verrez pas des légendes fabuleuses et chimériques, telles que certaines Muses étrangères se plaisent à les raconter, dans le seul but d'accroître leur gloire; les exploits des vôtres sont si grands, qu'ils surpassent tous ceux que diverses fables ont prêtés à Rodomont, à Roger et au fantastique Roland.

Contre ceux-ci je vous donnerai le brave Nuno (5), qui rendit au royaume et au roi de si éclatants services; Egas Moniz, Dom Fuas, pour les louanges desquels j'ambitionne la lyre d'Homère. Aux douze pairs de France je comparerai les Douze d'Angleterre avec leur chef Magriço; sans compter l'illustre Gama, ce digne émule du fameux Énée.

Si vous voulez des héros comparables à Charles, roi de France, ou à César, voyez le premier Alphonse, dont la lance ternit la renommée de toute autre nation; voyez celui qui sauva son royaume par une grande victoire; voyez cet autre Jean, chevalier invincible; voyez le troisième, le quatrième et le cinquième Alphonse.

Mes vers ne vous oublieront pas, remarquables guerriers, qui avez parcouru les contrées où naît l'Aurore, tenant à la main vos étendards toujours victorieux; toi, courageux Pacheco (5), les deux Almeidas tant redoutés, que le Tage pleure encore, le terrible Albuquerque, le brave Castro et tant d'autres sur qui la mort n'a pas eu de pouvoir.

XV

E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Darcis materia a nunca ouvido canto.
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em que vê seu exicio affigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote apparelhado;
Que, affeiçoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro (7).

XVII

Em vós se vem da Olympica morada,
Dos dous Avós as almas cá famosas (8),
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas.
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria e obras valerosas:
E lá vos tem lugar, no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.

XVIII

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam,
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado (9).

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das náos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Protheo são cortadas.

XX

Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso
Sobre as cousas futuras do Oriente:
Pisando o crystallino céo formoso,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante
Pelo neto gentil do velho Atlante (10).

XXI

Deixam dos sete céos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado;
Alto poder, que só co'o pensamento
Governa o céo, a terra, e o mar irado:
Alli se acharam juntos n'hum momento
Os que habitam o Arcturo congelado,
E os que o Austro tem, e as partes onde
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII

Estava o Padre alli sublime e dino,
Que vibra os feros raios de Vulcano,
N'hum assento de estrellas crystallino,
Com gesto alto, severo e soberano:
Do rosto respirava hum ar divino,
Que divino tornára hum corpo humano;
Com huma corôa e sceptro rutilante,
De outra pedra mais clara que diamante.

Et pendant que je chante ces héros, ô vous, roi sublime, vous que je voudrais pouvoir célébrer, si mon génie n'était pas si faible pour une pareille entreprise, prenez en main les rênes de votre puissance, et vous donnerez sujet à des chants incomparables. Que les terres d'Afrique et les mers orientales ressentent le poids immense de vos hardis bataillons, afin que l'univers entier s'épouvante de vos hauts faits.

Déjà l'infatigable Maure, prévoyant sa ruine, vous regarde d'un œil terrifié, et, rien qu'à vous voir, le barbare Gentil courbe la tête devant votre terrible joug. Téthys vous réserve comme dot son domaine azuré, car, dans son admiration pour votre front majestueux, où la douceur éclate, elle souhaite d'avoir pour gendre un monarque aussi séduisant (7).

En vous se réfléchissent du haut de l'Olympe les âmes immortelles de vos deux aïeuls (8), l'une illustrée par la paix florissante, l'autre par les sanglantes batailles: en vous on espère voir revivre leur gloire et leurs œuvres sublimes, et quand la mort viendra vous frapper, au temple de l'éternité suprême une place vous est réservée.

Mais pendant que le temps s'écoule lentement, en attendant que vous gouverniez un peuple impatient de vous voir sur le trône, daignez favoriser mon travail audacieux, afin que ces modestes vers vous appartiennent, et vous pourrez voir sur les mers argentées ces nouveaux Argonautes, que vos regards soulageront de tant de maux: et dorénavant accoutumez-vous à être invoqué (9).

Déjà ils voguaient sur l'immense Océan, en se frayant un chemin à travers les vagues agitées; Zéphire, de son souffle léger, caressait doucement les voiles gonflées des navires; autour des proues, on voyait une écume blanchâtre couvrir l'onde amère, demeure profonde des troupeaux de Protée.

A ce moment, les dieux de l'Olympe étoilé, siége du gouvernement du monde, se réunissaient, et, dans leur céleste assemblée, discutaient sur l'avenir de l'Orient. Convoqués de la part de Jupiter par le petit-fils du vieil Atlas (10), ils accourent tous par la voie Lactée, route du ciel lumineux.

A cet ordre, ils abandonnent pour quelque temps le gouvernement des sept cieux, qu'ils ont reçu d'une puissance supérieure régissant par la seule pensée le ciel, la terre et la mer en courroux. En un moment, on put voir réunis les habitants de l'Arctique glacé et les possesseurs des pays de l'Auster, ceux qui voient l'Aurore naissante et ceux qui admirent le Soleil à son déclin.

Là siégeait le sublime père des dieux, qui lance la foudre de Vulcain; assis sur un trône de lumière, il présidait l'assemblée d'un geste digne et majestueux. Son visage respirait un air divin qui eût donné à un corps humain une forme divine: le front ceint d'une couronne, il tenait à la main un sceptre fait d'une substance plus éclatante que le diamant.

XXIII

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavam:
Precedem os antiguos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam:
Quando Jupiter alto assi dizendo
C'hum tom de voz começa grave e horrendo.

XXIV

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento;
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'hum poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano tão temido,
Sempre alcançou favor do Céo sereno:
Assi que sempre em fim, com fama e gloria,
Teve os trophéos pendentes da victoria.

XXVI

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão (11), que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.

XXVII

Agora vêdes bem que, commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não póde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas aguas tem passado o duro inverno,
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas e céos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa africana, como amigos;
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

XXX

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

Au-dessous, assis sur des siéges incrustés de perles et d'or, se tenaient les autres dieux, rangés par degré de dignité et de mérite; les plus antiques divinités occupaient les premières places; les moins puissantes ne venaient qu'un rang plus bas. Alors Jupiter, élevant sa voix grave et terrible, parla ainsi:

«Éternels habitants du radieux Empyrée, si votre mémoire ne s'est pas écartée du peuple courageux de Lusitanie, vous ne devez pas ignorer les arrêts du destin qui lui réservent le pouvoir de faire oublier les Assyriens, les Perses, les Grecs et les Romains.

«Déjà, vous l'avez vu, il a pu, malgré l'exiguïté de ses forces, reprendre au Maure vaillant tout le territoire que baignent les eaux limpides du Tage: le ciel l'a protégé sans cesse contre le redouté Castillan; toujours enfin il a rapporté dans ses foyers les trophées et l'honneur de la victoire.

«Je ne parlerai pas, ô dieux, de la gloire que les Lusitaniens acquirent dans leurs combats contre les enfants de Romulus, lorsque leur chef Viriathus remporta tant de triomphes sur ce peuple ennemi: laissons aussi de côté les victoires fameuses obtenues par ce capitaine étranger (11) qui feignait d'obéir aux conseils d'une biche sacrée.

«Voyez-les maintenant affronter les dangers de l'Océan sur des vaisseaux fragiles, à travers une route inconnue, et sans s'inquiéter du souffle de l'Africus ou du Notus courroucé; après avoir depuis de longues années parcouru les contrées où les jours sont interminables et celles où le soleil rayonne peu de temps, ils portent tous leur désirs à découvrir le berceau du jour.

«L'immuable et éternelle Destinée leur promet pendant bien des siècles le domaine de cette mer que le soleil naissant éclaire de ses rayons rougeâtres: maintenant qu'ils ont passé tout l'hiver dans des parages ignorés, brisés par des souffrances et des pertes sans nombre, n'est-il pas trop juste de leur faire connaître le nouveau pays qu'ils veulent atteindre?

«Et puisque dans leur trajet ils ont bravé tant de périls, puisqu'ils ont été éprouvés par tant de climats différents et tant de vents contraires, je décide que leur flotte soit bien reçue dans cette côte d'Afrique, pour qu'ils puissent prendre haleine et continuer ensuite leur longue route.»

Ainsi parla Jupiter. Mais les autres dieux, lui répondant à tour de rôle, émettaient tous des avis différents, en alléguant ou en écoutant des opinions contraires. Bacchus s'opposait aux desseins de Jupiter, prétendant que, si les Lusitaniens atteignaient l'Inde, on aurait bientôt oublié la gloire qu'il y avait acquise autrefois.

XXXI

Ouvido tinha aos fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha,
E com novas victorias venceria
A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha.
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Nysa celebra inda a memoria (12).

XXXII

Vê que já teve o Indo sobjugado,
E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
Por vencedor da India ser cantado
De quantos bebem a agua do Parnaso:
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
Da agua do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portuguezes, que navegam.

XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella,
Affeiçoada á gente Lusitana,
Por quantas qualidades via nella
Da antigua tão amada sua Romana:
Nos fortes corações, na grande estrella,
Que mostraram na terra Tingitana;
E na lingua, na qual quando imagina,
Com pouca corrupção crê que he a latina.

XXXIV

Estas causas moviam Cytherea;
E mais, porque das Parcas claro entende
Que ha de ser celebrada a clara dea,
Onde a gente belligera se estende.
Assi que, hum pela infamia, que arrecea,
E o outro pelas honras, que pretende,
Debatem, e na porfia permanecem:
A qualquer seus amigos favorecem.

XXXV

Qual Austro fero, ou Borcas na espessura,
De sylvestre arvoredo abastecida,
Rompendo os ramos vão da mata escura
Com impeto e braveza desmedida;
Brama toda a montanha, o som murmura,
Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
Tal andava o tumulto levantado
Entre os deoses no Olympo consagrado.

XXXVI

Mas Marte, que da deosa sustentava
Entre todas as partes em porfia;
Ou porque o amor antiguo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia;
De entre os deoses em pé se levantava:
Merencorio no gesto parecia;
O forte escudo ao collo pendurado
Deitando para traz, medonho e irado:

XXXVII

A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer, se poz diante
De Jupiter, armado, forte e duro:
E dando huma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no solio puro,
O céo tremeo; e Appollo de torvado
Hum pouco a luz perdeo como enfiado.

XXXVIII

E disse assi: Ó Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois es juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito.

Il avait, disait-il, entendu cet arrêt du Destin qui devait faire venir d'Espagne un peuple à qui obéirait bientôt tout le littoral indien: ce peuple, grâce à de nouvelles victoires, ternirait et sa propre renommée et celle de bien des héros: quel affront pour Bacchus de perdre cette gloire dont Nysa garde encore le souvenir (12)!

Lui, le vainqueur de l'Indus, lui le héros qu'à travers tous les événements les poëtes de tout temps ont chanté comme le conquérant de l'Inde! Faut-il maintenant que, pour favoriser le voyage des Portugais, son nom soit à jamais plongé dans le vase profond de l'oubli?

Vénus au contraire défendait le peuple de Lusus, envers lequel elle se sentait entraînée, trouvant en lui toutes les vertus de son antique nation romaine, sa préférée. Elle admirait ces braves cœurs, ces conquérants de la Mauritanie; il n'y avait pas jusqu'à la langue que, sauf quelques corruptions, elle ne prît pour latine.

Tels étaient les motifs pour lesquels la déesse de Cythère protégeait les Lusitaniens, persuadée qu'elle était, d'après les avertissements des Parques, que les guerriers célébreraient son culte partout où ils se trouveraient. Ainsi chacune de ces deux divinités, appuyée par ses amis respectifs, discutait de part et d'autre, Bacchus craignant de perdre sa gloire, Vénus prétendant à de nouveaux honneurs.

Lorsque le violent Auster ou le Borée soufflent avec rage sur les branches épaisses d'une forêt sombre, et qu'ils déracinent violemment les arbres touffus, la montagne voisine produit un son terrible, et, jonchée de feuilles sèches, elle frémit et bouillonne: ainsi soufflait la discorde au milieu des dieux immortels dans l'Olympe sacré.

Mais le brave Mars, défenseur constant de la déesse, soit qu'il y fût poussé par le souvenir de son ancien amour, soit qu'il jugeât ce valeureux peuple digne de son appui, se levant tout à coup au milieu de la foule des dieux, sans pouvoir dissimuler une expression de mélancolie, rejeta en arrière d'un air terrible et irrité le pesant bouclier qu'il portait suspendu à son cou.

Et, après avoir un peu relevé la visière de son casque étincelant de pierreries, il vint fièrement se placer devant Jupiter, décidé qu'il était à faire entendre son opinion. Alors, frappant fortement de sa lance le sol transparent, il fit trembler le ciel, au point qu'Apollon effrayé perdit pour un moment sa lumière éclatante.

«Père des dieux, s'écria-t-il, toi à qui obéit le monde que tu as créé, si, comme tu l'as autrefois résolu, tu ne consens pas à faire souffrir ce peuple dont tu aimes les œuvres et le courage, ce peuple vaillant qui cherche la route de l'autre hémisphère, n'écoute pas, ô vertueux arbitre, des arguments allégués par un esprit malveillant.

XXXIX

Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra, que aqui Bacchо os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem, que outrem merece, e o Céo deseja.

XL

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação, que tens tomada,
Não tornes por detraz; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.

XLII

Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro e do Oriente,
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São Lourenço (13); e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo
Co'o temor grande em peixes converteo (14).

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Céo tinha por amigo:
Sereno o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo.
O promontorio Prasso (15) já passavam
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cérca e lava.

XLIV

Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
De soberbo e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV

Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça, e de alegria,
Não sabe mais que olhar a causa della.
Que gente será esta? em si diziam:
Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI

As embarcações eram na maneira
Mui veloces, estreitas e compridas;
As velas, com que vem, eram de esteira
D'humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da côr era verdadeira,
Que Phaeton nas terras accendidas
Ao mundo deo, de ousado e não prudente:
O Pado o sabe, e Lampethusa o sente (16).

«Que si chez Bacchus la jalousie ne l'emportait pas sur la réflexion, ne serait-il pas trop juste de voir protégés par lui les fils de Lusus, son compagnon préféré? Mais ne nous arrêtons pas à cet acte d'un cœur pervers, car jamais l'envie d'un méchant n'empêchera de s'accomplir la juste récompense que le ciel réserve à ceux qui l'ont méritée.

«Quant à toi, Père tout-puissant, ne te dédis pas de la résolution que tu as prise; c'est le fait d'un esprit faible que de revenir sur une œuvre commencée. Envoie-leur ton messager Mercure, dont la légèreté l'emporte sur celle du zéphir ou de la flèche aiguisée, afin qu'il leur indique le pays où ils pourront s'informer du chemin des Indes et prendre un peu de repos.»

A ces mots, faisant un signe d'assentiment, comme pour confirmer l'opinion du valeureux Mars, le puissant Jupiter répandit sur tous les dieux son précieux nectar. Aussitôt tous les immortels se retirèrent respectueusement et se dirigèrent en suivant la voie Lactée vers leurs divines demeures.

Tandis que ces événements se passaient dans le royaume éthéré de l'Olympe, la gent guerrière sillonnait les mers de l'Orient et du Sud, entre la côte d'Ethiopie et la fameuse île de Saint-Laurent (13). Phébus dardait ses brûlants rayons sur le domaine de ces anciens dieux que l'aspect de Typhée convertit en poissons (14).

Les vents poussaient doucement les nautoniers sur les flots, n'ignorant pas que la haute faveur du ciel veillait sur eux; l'air était pur de tout nuage et la clarté de l'horizon enlevait aux navigateurs toute idée de péril. Déjà ils franchissaient le promontoire de Prassum (15), situé sur la célèbre côte éthiopienne, en découvrant de nouvelles îles à mesure qu'ils avançaient.

Vasco de Gama, ce brave capitaine dont le noble cœur ne reculait pas devant de semblables entreprises, et à qui la fortune souriait constamment, croyant inhabités ces pays sauvages, ne jugea pas à propos d'y aborder. Il s'apprêtait à continuer sa route, quand le sort vint changer ses projets.

Voilà que tout-à-coup se montrent à ses yeux une foule de petites barques venant de l'île la plus voisine du continent, et fendant l'eau à l'aide de larges voiles. Transportés de joie, les Portugais n'en croient pas leurs yeux: «Quel peut être ce peuple? disent-ils; quelles mœurs, quelles lois peut-il avoir? à quel roi peut-il bien obéir?»

Ces barques, longues et étroites, avançaient rapidement sur les flots, grâce à leurs voiles tissées de feuilles de palmier, à la manière des nattes: ceux qui les menaient appartenaient à la race que l'audacieux et imprudent Phaéton donna au monde en incendiant les terres désséchées: l'Éridan le sait et Lampéthuse en gémit (16).

XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos
De varias côres brancos e listrados;
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos;
Por armas tem adargas e terçados;
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
Ás gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomam velas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido em cima salta.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia;
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor, que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro; e do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, donde vinham;
Quem eram; de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antarctico e Callisto,
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos céos e terras temos visto:
D'hum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e benquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII

E por mandado seu buscando andâmos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegâmos,
Que só dos feos phocas se navega.
Mas já razão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois; que terra he esta, que habitais;
Ou se tendes da India alguns sinais.

LIII

Somos (hum dos das ilhas lhe tornou),
Estrangeiros na terra, lei e nação;
Que os proprios, são aquelles, que criou
A natura sem lei e sem razão:
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abralião (17),
Que agora tem do mundo o senhorio,
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV

Esta ilha pequena, que habitâmos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegâmos
De Quiloa, de Mombaça e de Sofala (18):
E, por ser necessaria, procurâmos,
Como proprios da terra, de habital-a:
E, porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

Vêtus d'étoffes de coton blanches ou rayées qui entouraient leur ceinture ou qu'ils portaient élégamment sous le bras, ils laissent leur buste à nu, et avaient pour armes des dagues ou des coutcaux; coiffés d'une sorte de bonnet, ils soufflaient harmonieusement dans leurs trompettes retentissantes.

Ils agitaient leurs bras et leurs vêtements, en faisant signe aux Lusitaniens d'attendre, mais déjà les proues rapides s'inclinaient du côté des îles. Les marins travaillent avec ardeur; comme si leurs souffrances devaient se terminer là. On fit voile, on amena la haute vergue, et l'eau, traversée par l'enere, rejaillit avec fracas.

A peine avait-on mouillé, que déjà les inconnus grimpaient à bord par les cordages; leurs transports de joie furent humainement accueillis par l'illustre capitaine, qui fit immédiatement dresser des tables. Les nègres remplissaient de la liqueur de Lyée des verres qu'ils vidaient jusqu'à la dernière goutte.

Tout en mangeant gaiement, ils demandaient en langue arabe aux navigateurs d'où ils venaient? qu'ils étaient? quel pays ils cherchaient? quelles étaient les mers qu'ils avaient traversées? Les braves Lusitaniens leur répondaient diserètement: «Nous sommes les Portugais de l'Occident, et nous cherchons les pays de l'Aurore.

«Nous avons parcouru l'Océan du Nord au Midi, et fait tout le tour de la côte d'Afrique. Que de terres, que de climats différents n'avons-nous pas dépassés! Nous obéissons à un puissant monarque, si chéri de son peuple, que pour lui nous franchirions de bon cœur, non seulement l'immensité des mers, mais encore le redoutable Achéron.

«C'est par son ordre que nous cherchons les contrées orientales arrosées par l'Indus; c'est pour lui que nous fendons ces vagues lointaines où ne pénètrent que les phoques hideux. Maintenant, si vous êtes des gens dignes de confiance, il est temps que vous nous fassiez connaître qui vous êtes, quelle est cette terre que vous habitez et quelles notions vous avez du pays des Indes.»

«—Nous sommes, leur répondit un des habitants de ces îles, nous sommes étrangers à cette terre par nos lois et par notre nation; ceux qui la possèdent n'ont ni culte ni lumières. Quant à nous, nous suivons la doctrine du fameux descendant d'Abraham (17), dont les dogmes se sont répandus dans le monde entier, et qui eut pour mère une Juive et pour père un Gentil.

«Cette petite île que nous habitons nous sert de station à nous tous, navigateurs qui venons de Quiloa, de Mombaça ou de Sofala (18); c'est à cause de son utilité que nous cherchons peu à peu à nous en rendre maîtres; et enfin, pour tout vous dire, on la nomme l'île de Mozambique.

LV

E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito que tenhais
Da terra algum refreseo; e que o Regente,
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.

LVI

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia:
Do Capitão, e gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou,
Co'o carro de crystal, o claro dia;
Dando cargo á irmãa, que allumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria e não enidada,
Por acharem da terra tão remota,
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então comsigo cuida e nota
Na gente, e na maneira desusada;
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.

XVIII

Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As estrellas os céos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas:
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

LIX

Mas, assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No céo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que accordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O regedor das ilhas, que partia.

LX

Partia alegremente navegando,
A ver as náos ligeiras Lusitanas,
Com refreseo da terra, em si enidando
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino
O imperio tomaram a Constantino (19).

LXI

Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia;
Dá-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia;
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.

LXII

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão barbara e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo e a forte armada;
E perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinham de Turquia.

«Mais puisque vous venez de pays aussi éloignés à la recherche des contrées brûlantes que baigne l'Hydaspe, vous trouverez parmi nous un pilote qui vous mènera à bon port. Il sera convenable aussi que vous receviez de terre quelques vivres nouveaux et que vous voyiez le souverain de cette île, qui vous fournira volontiers les provisions nécessaires.»

Ayant ainsi parlé, le Maure, accompagné de toute sa suite, regagna sa barque en prenant courtoisement congé du capitaine. Aussitôt Phébus plongea dans l'eau son char de cristal, et fit cesser le jour, en laissant à Diane le soin d'éclairer l'univers pendant son repos.

L'équipage, malgré sa fatigue, passa la nuit dans la joie, ne pouvant croire à tant de bonheur, et se félicitant d'avoir enfin des nouvelles de ce pays si longtemps recherché. Chacun de son côté réfléchit aux mœurs étranges de ce peuple, dont les croyances erronées se sont répandues dans le monde entier.

Les brillants rayons de la lune lançaient leur reflet sur les ondes argentées de l'Océan. Les étoiles, comme les pâquerettes dans les champs, s'épanouissaient au ciel radieux; les vents en repos étaient cachés dans leurs caves profondes. Cependant les sentinelles veillaient, selon l'usage.

Mais dès que l'Aurore répandit sur le ciel pur sa chevelure lumineuse, en ouvrant à Phébus réveillé les portes du firmament, tout l'équipage se mit à pavoiser les vaisseaux et à les orner de tentes, afin de recevoir joyeusement le cheik de l'île, qui s'embarquait en ce moment.

Muni de provisions, il se dirigeait vers les embarcations lusitaniennes, croyant qu'elles appartenaient à cette nation barbare, qui, partie des rives de la mer Caspienne, alla conquérir l'Asie, et, grâce à un arrêt du sort, renversa l'empire de Constantin (19).

Le capitaine reçut avec enthousiasme le Maure et toute sa suite; il lui fit présent de riches étoffes qu'il avait apportées dans ce but; il lui donna également des sucreries et des vins généreux. Le Maure est dans la joie; il accepte avec plaisir tout ce qu'on lui offre à manger ou à boire.

Les Lusitaniens, montés sur les agrès, sont au comble de l'étonnement à la vue de ces mœurs étranges et en entendant cette langue barbare et compliquée. De son côté le Musulman confus regarde avec admiration la couleur, les costumes de ces étrangers, ainsi que leur redoutable flotte, et, curieux de tout apprendre, il demande aux navigateurs si par hasard ils viennent de la Turquie.

LXIII

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
Para vêr se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê.
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas, de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

LXIV

Responde o valeroso Capitão
Por hum, que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas, que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa:
Busco as terras da India tão famosa.

LXV

A Lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil e o invisibil;
Aquelle, que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil:
Que padeceo deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injusta e insoffribil:
E que do céo á terra emfim desceo,
Por subir os mortaes da terra ao céo.

LXVI

Deste Deos-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes e peitos reluzentes,
Malhas finas e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente,
Que dem fogo ás bombardas temerosas:
Porque o generoso animo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto póde: e com razão;
Que lhe fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX

Porém disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras e no gesto o não mostrou;
Mas com risonho e ledo fingimento,
Tratal-os brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado;
Diz-lhe, que largo premio levarão
Do trabalho, que nisso for tomado.
Prometle-lhes o Mouro com tenção
De peito venenoso e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

Il désire aussi connaître les livres de leurs lois et de leur culte, pour savoir s'ils sont de sa secte, ou si, comme il le suppose, ils suivent la doctrine du Christ. Enfin, pour tout voir et tout examiner, il prie le capitaine de lui montrer les armes dont ils se servent contre leurs ennemis.

Au moyen d'un interprète qui connaissait bien cette langue obscure, le capitaine lui répondit en ces termes: «Illustre prince, je vais t'apprendre qui je suis, à quelles lois j'obéis et quelles armes je possède. Je n'appartiens ni à la terre ni à la race des peuples méprisables de la Turquie; je viens de la belliqueuse Europe, et suis à la recherche de l'Inde.

«La loi que je professe, c'est la loi de celui qui règne en maître sur le visible et l'invisible, qui créa le monde, tout ce qui sent et tout ce qui est insensible; de celui qui endura le déshonneur et mourut d'une mort injuste et barbare; j'obéis à celui qui descendit du ciel sur la terre, pour faire monter au ciel les mortels délivrés.

«Tu me demandes les livres où sont inscrits les préceptes de cet Homme-Dieu puissant et infini: à quoi bon les porter écrits sur le papier, lorsque je les conserve toujours gravés dans mon cœur? Si tu tiens à connaître les armes dont nous nous servons, il est facile d'accomplir tes vœux; mais vois-les comme ami, car je m'engage à ce que tu ne désires point les voir comme adversaire.»

Il dit, et aussitôt il envoie chercher les armures par des serviteurs empressés, qui apportent des plastrons étincelants, des cottes de maille et des lames solides; des boucliers de divers dessins, des boulets, des fusils d'un pur acier, des arcs et des carquois remplis de flèches, des pertuisanes aiguës et des piques redoutables.

Ils portent aussi des bombes et les terribles marmites qui vomissent le feu. Mais on ne permet pas aux ministres de Vulcain d'allumer les inflammables mèches; un cœur généreux et vaillant ne montre pas tout ce qu'il peut, lorsqu'il a affaire à des gens peureux et faibles; c'est le fait d'un lâche que d'être lion parmi les brebis.

Cependant, après avoir attentivement examiné toutes ces richesses, le Maure ne manqua pas de garder rancune à ceux qui les possédaient. La rage au fond de l'âme, il affecte extérieurement la douceur et la bienveillance, et se décide à traiter ses hôtes en amis, jusqu'à ce qu'il puisse mettre ses noirs projets à exécution.

Comme le capitaine lui demandait des pilotes capables de lui indiquer le chemin de l'Inde, en leur laissant entrevoir une récompense en rapport avec les services qu'ils lui rendraient, le Maure s'empressa de les lui promettre; mais telle était sa perfidie, que s'il l'avait pu, au lieu de pilotes, il lui aurait bien plus volontiers donné la mort.

LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o filho de David nos ensinou.
Oh segredos daquella Eternidade,
A quem juizo algum não alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo
Áquelles de quem foste tanto amigo!

LXXII

Partio-se nisto em fim co'a companhia,
Das náos o falso Mouro, despedido
Com enganosa e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido.
Cortaram os bateis a curta via
Das aguas de Neptuno; e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII

Do claro assento ethereo o grão Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido (20),
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto e aborrecido,
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido:
E em quanto isto só na alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV

Está do fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tão famosas,
Hajam os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas:
E eu só, filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas,
Hei de soffrer, que o fado favoreça,
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV

Já quizeram os deoses que tivesse
O filho de Philippo nesta parte
Tanto poder, que tudo sobmettesse
Debaixo do seu jugo o fero Marte;
Mas ha-se de soffrer que o fado desse
A tão poucos tamanho esforço e arte,
Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano (21),
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI

Não será assi; porque antes que chegado
Seja este Capitão, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente;
Porque sempre por via irá direita,
Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII

Isto dizendo, irado e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a forma e gesto humano,
Para o Prasso sabido se moveo:
E, por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
D'hum Mouro em Moçambique conhecido,
Velho, sabio, e co'o Xeque mui valido.

LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe a tempo e horas
Á sua falsidade accommodadas,
Lhe diz como eram gentes roubadoras
Estas, que ora de novo são chegadas:
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens, que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam.

Telle fut la haine implacable que les étrangers inspirèrent au Mahométan, dès qu'il eut appris qu'ils suivaient la vérité enseignée par le fils de David. Impénétrables secrets de la Providence! Faut-il donc que ceux-là mêmes qu'elle protége soient toujours menacés par quelque infâme ennemi?

Cependant le vil Musulman et sa suite prirent poliment congé des navigateurs, en faisant à tous des saluts hypocrites et prenant une gaieté d'emprunt. Les barques sillonnèrent le court espace de mer qui les séparait de la côte. A peine débarqué, le Maure suivi de la foule qui l'attendait à terre, gagna sa demeure habituelle.

Mais le dieu Thébain qui sortit de la cuisse de Jupiter (20), ayant remarqué de son céleste séjour que le voyage des Lusitaniens était funeste aux Mahométans, imaginait un moyen adroit de détruire complètement la flotte, et tout en roulant ces pensées au fond de l'âme, il se tenait à lui-même le discours suivant:

«Le Destin a décidé que les Portugais remporteront sur les belliqueux Indiens des victoires éclatantes. Et moi, fils du sublime père des dieux, moi qui possède tant de pouvoirs et de priviléges, je souffrirais que le sort favorisât des étrangers dont la gloire obscurcira mon nom?

«Déjà les dieux ont voulu que le fils de Philippe fût assez puissant pour conquérir par les armes ce pays illustre: faut-il encore que le petit peuple lusitanien vienne m'enlever la renommée que j'y ai acquise avec le grand Alexandre et les Romains (21)?

«Non, il n'en sera pas ainsi; car avant que ce capitaine atteigne le but qu'il s'est proposé, il lui sera tendu tant de piéges, qu'il ne pourra jamais voir les contrées de l'Orient. Je descendrai sur la terre, pour exciter la haine des Maures: jamais on ne se trompe de route, quand on sait profiter de l'occasion.»

Il dit, et furieux et comme un insensé il descend sur les terres d'Afrique; puis, après avoir revêtu la forme humaine, il se rend au promontoire de Prassum. Là, pour mieux ourdir son malicieux projet, il prend la figure d'un vieux Maure très-connu à Mozambique, savant et favori du cheik.

Déguisé de la sorte, et après avoir choisi le moment le plus favorable à son infamie, il dit au Musulman que ces nouveaux venus n'étaient autres que des forbans: «Oui, s'écrie-t-il, d'après les bruits qui courent sur les côtes avoisinantes, ils ont toujours abusé de leurs protestations de paix, pour porter le ravage dans les pays où ils ont abordé.

LXXIX

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano ordido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LXXX

E tambem sei que tem determinado
De vir por agua a terra, muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado
Esperal-o em cilada, occulto e quedo;
Porque, sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI

E se inda não ficarem deste feito
Destruidos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero apparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua, que buscasse.

LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á náo lhe mande,
Sagaz, astuto e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande:
Diz-lhe, que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas e mares co'elle ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cahir, donde nunca se levante.

LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos (22) accendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por agua á terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pôde suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes pelo piloto necessario,
E foi-lhe respondido em som de guerra;
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia:
Outros muitos já postos em cilada;
E, porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

«Je sais en outre, continue-t-il, d'après ce que j'ai vaguement entendu dire sur ces chrétiens sanguinaires, qu'ils ont pillé et incendié toutes les côtes, et qu'ils viennent de loin avec l'intention de nous voler, de nous tuer et de captiver nos femmes et nos enfants.

«Je sais que, voulant faire provision d'eau, le capitaine a décidé de débarquer ici avant le jour, en compagnie de ses troupes, car les intentions criminelles font naître la peur. C'est à toi d'aller à ton tour, armé et suivi des tiens, les attendre dans une embuscade: comme ils ne se doutent de rien, ils tomberont facilement dans le piége.

«Et si par ce moyen nous ne parvenons pas à les exterminer jusqu'au dernier, j'ai imaginé un autre stratagème, que tu approuveras, je pense. Fais-leur donner un pilote assez astucieux, assez habile pour les mener dans un port où ils soient pris, assassinés, anéantis.»

Après que Bacchus eut prononcé ces paroles, le Musulman, vieillard rompu à ces sortes d'affaires, échangea avec lui une tendre accolade, en le remerciant infiniment de ses conseils. Aussitôt il commence à préparer son appareil de guerre, afin que, pour les Portugais, l'eau qu'ils doivent venir prendre se convertisse en sang.

Puis, afin d'exécuter le projet infâme qu'il a conçu, il se met à la recherche d'un pilote qui soit doué d'une sagacité sans bornes et qu'il puisse envoyer au capitaine. Enfin il trouve l'homme dont il avait besoin; c'était un Maure rusé et digne de confiance pour une entreprise aussi sérieuse. Il lui recommande de conduire le Lusitanien vers des côtes et des mers inhospitalières, vers des parages dont il ne puisse jamais revenir.

Déjà les rayons de Phébus caressaient les cimes des monts Nabathéens (22), lorsque Gama et les siens, préparés à tout, se disposaient à descendre à terre pour prendre de l'eau. Comme s'ils eussent connu d'avance la fourberie des Maures, les marins se concertaient entre eux sur les bateaux. C'est qu'un pressentiment avait éveillé leurs soupçons; c'est que les prévisions du cœur sont toujours vraies.

D'ailleurs comme ils avaient envoyé querir à terre le pilote dont ils avaient besoin, on leur avait répondu, à leur grand étonnement, par des paroles menaçantes. Pour ce motif, et parce qu'il n'ignore pas combien l'on a tort d'avoir confiance en un perfide ennemi, Gama part aussi bien équipé que possible avec les trois chaloupes qui forment son escorte.

Cependant les Maures s'étaient répandus sur la plage pour empêcher les marins de prendre l'eau qu'ils désiraient. Munis les uns de boucliers et de lances, les autres d'arcs recourbés et de flèches empoisonnées, s'étant mis pour la plupart en embuscade, ils attendaient tous l'arrivée de la gent guerrière, et, afin de rendre la tâche moins rude, ils avaient placé comme appât un petit nombre de soldats à découvert.

LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

LXXXVIII

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada;
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e põe por terra:

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa: e dura artilheria
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta;
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventuroso.

XC

Não se contenta a gente Portugueza;
Mas seguindo a victoria estrue e mata:
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza;
Que bem cuidou compral-a mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a mãi que o filho cria.

XCI

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o páo, e o canto arremessando:
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
Á terra firme foge amedrontado:
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII

Huns vão nas almadias (23) carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII

Tornam victoriosos para a armada,
Co'o despojo da guerra e rica presa;
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente, magoada,
No odio antiguo, mais que nunca accesa:
E, vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

XCIV

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra;
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes, que tratava.

Le rivage blanc et sablonneux est parsemé de soldats mauresques. Tournés vers les braves Portugais, ils les excitent de loin de leurs lances et de leurs boucliers. Mais les courageux guerriers ne souffrent pas que ces chiens leur montrent les dents; légers et rapides, ils sautent si vite à terre, qu'aucun d'entre eux ne peut se vanter d'être arrivé premier.

De même que dans l'arène ensanglantée, le joyeux galant, en apercevant sa maîtresse adorée, court après le taureau, et, dès qu'il se trouve face à face avec lui, saute, court, siffle, hurle et le menace; tandis que le terrible animal, inclinant son front cornu, s'élance en mugissant, et, fermant les yeux, blesse, tue et jette à bas tous ceux qui se trouvent sur son passage;

Ainsi s'allume sur les barques le feu tonnant de l'artillerie. Les balles et les cris des marins frappent les airs avec fracas, et sifflent aux oreilles des Maures; ceux-ci, glacés de terreur, quittent leur cachette pour fuir à toutes jambes. Quant aux téméraires qui gardaient la plage, ils tombent jusqu'au dernier.

Non contents de ce succès, les Portugais, poursuivant la victoire, renversent et tuent tous ceux qu'ils rencontrent. La ville sans défense est bientôt livrée aux flammes et au canon. Déjà le Maure regrette son excursion, qui lui est revenue plus cher qu'il n'avait cru. Les vieillards infirmes et les malheureuses mères qui allaitent leurs fils maudissent le fléau de Bellone.

En fuyant, les vaincus lâches et empressés lancent sans force des flèches et des pierres, car la fureur leur fournit des armes. Terrifiés, ils abandonnent l'île et tout ce qu'ils possèdent, pour gagner la terre ferme. Le bras de mer qui les en sépare est bientôt traversé.

Les uns montent sur des almadies (23), insuffisantes pour les contenir; les autres coupent les flots à la nage; l'un se noie dans les vagues agitées, l'autre boit l'eau de mer et la rejette aussitôt. La mitraille achève de détruire les frêles canots de ces peuples grossiers. C'est ainsi que les Portugais ont puni la perfidie de ces traîtres.

Fiers de leur victoire, ils regagnent la flotte, munis des dépouilles de la guerre et d'un riche butin, et, sans trouver aucune résistance, ils font à leur aise provision d'eau. Quant aux Maures, sentant redoubler contre les vainqueurs leur vieille haine, et voyant tant de pertes restées sans représailles, ils ne comptent plus que sur la seconde ruse qu'ils ont méditée.

Le souverain de cette terre maudite, simulant le repentir, fait demander la paix aux Lusitaniens, qui ne comprennent pas que, sous les apparences de la concorde, on leur envoie la guerre; en effet, comme pour consacrer la paix qu'il venait de signer, le roi leur expédia, comme il l'avait promis, un pilote, lequel, ne respirant que perfidie et cruauté, était chargé de les mener à leur perte.

XCV

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado;
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
(Foi delle alegremente agasalhado)
E, respondendo ao mensageiro, attento,
As vélas manda dar ao largo vento.

XCVI

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia:
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda, e costas que passava.

XCVII

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Bacco lhe ensinára,
De morte ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede, lhe declara:
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII

E diz-lhe mais, co'o falso pensamento
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antiguo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda e pede;
Que a ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quiloa, mui conhecida pela fama.

C

Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.

CI

Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as vélas, a ilha demandava:
Mas, não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

Le capitaine, désireux de reprendre sa route, à cause de l'époque des vents qui devenait favorable pour chercher le chemin de l'Indus, reçoit avec joie le nouveau pilote, et, après avoir répondu au messager, il fait aussitôt livrer les voiles au vent.

La flotte ainsi congédiée se remet à sillonner les flots d'Amphitrite, suivie des Néréïdes, ses fidèles et douces compagnes. Quant au capitaine, il s'informe innocemment auprès du pilote et du pays des Indes et des côtes qu'il dépasse, sans se douter de l'infâme piége que le Maure lui prépare.

Celui-ci, qui est bien au courant des trahisons ourdies par Bacchus, ne cherche qu'à lui procurer de nouveaux dangers de mort ou de captivité, avant qu'il arrive au pays des Indes. Il lui dépeint cette contrée et ses différents ports, et répond à toutes ses questions avec tant de bonté, que les braves marins, croyant à ses paroles trompeuses, sont loin de se douter du sort qui les attend.

En outre, avec autant de fausseté que Sinon en déploya contre les Phrygiens, il leur raconte que près de là est une île habitée depuis des siècles par des chrétiens. Le capitaine, qui l'écoutait religieusement, est tellement réjoui de ces paroles favorables, qu'il le comble de présents, en le priant de le mener vers les rivages habités par cette nation amie.

Le Maure astucieux est bien résolu de faire de point en point ce que le loyal chrétien lui demande, car ce pays est habité par les adeptes malins du perfide Mahomet. C'est dans cette île, beaucoup plus forte et plus puissante que Mozambique, et bien connue sous le nom de Quiloa, qu'il espère amener les chrétiens pour les entraîner à leur ruine.

La flotte se dirigeait donc joyeusement vers cette côte. Mais la déesse de Cythère, la voyant abandonner le droit chemin pour courir aveuglement à sa perte, ne consent pas à ce que ses navigateurs bien-aimés aillent périr dans un pays aussi lointain, et, en faisant souffler les vents contraires, elle les détourne de la route que leur indiquait le faux pilote.

L'infâme Maure, ne pouvant parvenir à exécuter ses desseins, et ne voulant pourtant pas y renoncer complétement, invente de nouveaux mensonges, et dit aux Portugais que, puisque les vents les ont poussés trop avant, il les mènera dans une autre île, située près de là et habitée à la fois par des chrétiens et par des Maures.

Ces paroles qu'il avait reçu l'ordre de faire entendre étaient aussi trompeuses que les premières, car dans cette île il n'y avait pas de chrétiens, et l'on n'y célébrait que le culte de Mahomet. Croyant fermement aux propos du pilote, le capitaine virait les voiles pour aborder près de l'île; mais la déesse protectrice s'y opposa encore, et, en les empêchant d'entrer dans la rade, elles les força de jeter l'ancre au dehors.

CIII

Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia;
Huma cidade n'ella situada,
Que na fronte do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria;
Regida por hum Rei de antigua idade,
Mombaça he o nome da ilha e da cidade.

CIV

E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledo, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera;
Eis vem bateis da terra com recado
Do rei, que já sabia a gente que era:
Que Bacchо muito de antes o avisára
Na fórma d'outro Mouro, que tomára.

CV

O recado, que trazem, he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI

No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme e se indigne o Ceo sereno,
Contra hum bicho da terra tão pequeno?

L'île, très-rapprochée du continent, n'en était séparée que par un petit détroit: de la haute mer on pouvait apercevoir la ville, ornée d'édifices splendides. L'île et la ville, communément désignées sous le nom de Mombaça, obéissaient à un roi d'un âge très-avancé.

A peine arrivé, le capitaine est au comble de la joie, à l'idée de se trouver avec des chrétiens, que l'imagination du pilote avait seule inventés. Aussitôt il voit arriver de terre sur des barques les messagers du roi. Ce dernier n'ignorait pas à quels hommes il allait avoir affaire: depuis longtemps il en avait été prévenu par Bacchus, qui dans ce but avait encore emprunté la forme d'un autre Maure.

Leurs paroles, amicales en apparence, cachaient, ainsi que plus tard on le découvrit, le venin de la trahison. De quels grands et insurmontables dangers est parsemé le chemin de la vie! Que d'espoirs déçus! Que de périls ignorés!

Sur mer, que de tourmentes, que de pertes! que de fois la mort nous menace! Sur terre que de guerres et de fourberies, que de malheurs inévitables! Où donc pourrons-nous, faibles humains, trouver un refuge? Où mettrons-nous, vers de terre, notre courte existence à l'abri des sévères décrets du ciel indigné?

CANTO II

Põem no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte náo forçando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

Les nymphes font reculer le navire en appuyant contre les poutres leur faible poitrine; d'autres placées tout autour du vaisseau, le tirent avec force pour le dévier du port ennemi.

CANTO SEGUNDO

I

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
Ás náos, que pouco havia que ancoraram.

II

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via;
O Rei, que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada receoso,
Entres a barra tu, com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil e cansada,
Diz, que na terra podes reformal-a;
Que a natureza obriga a desejal-a.

IV

E se buscando vás mercadoria,
Que produze o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo:
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro, obedecendo:
Porem que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado;
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria,
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

CHANT DEUXIÈME

Déjà la planète lumineuse, qui règle les heures du jour, avait atteint le terme de sa carrière, et enlevait aux humains sa lumière céleste, pour franchir le seuil de la maison humide, dont le Dieu de la nuit lui ouvrait les portes; c'est à ce moment que les malicieux habitants de l'île arrivèrent près des vaisseaux qui venaient de jeter l'ancre.

L'un de ces infidèles, chargé de répandre leur infâme trahison, parla ainsi: Valeureux capitaine, toi qui as traversé tout le royaume azuré de Neptune et ses ondes salées, le roi de cette île est tellement réjoui de ton arrivée, qu'il brûle du désir de t'héberger et te pourvoir de tout qui te sera nécessaire.

Et comme il attend avec impatience le moment de voir ce peuple dont la renommée lui est déjà parvenue, il te prie de franchir sans crainte l'entrée du port avec tous tes navires. Tes gens fatigués, épuisés sans doute par un si pénible voyage, trouveront chez lui le repos que la nature exige.

Si par hasard tu recherches les marchandises que produit le riche Orient, comme la cannelle, le clou de girofle, ou toute autre épice ou médicament salutaires, si tu demandes d'éclatantes pierreries comme l'ardent rubi ou le dur diamant, tu les pourras emporter d'ici à profusion et tes désirs seront comblés.

Le capitaine, tout en remerciant le messager des paroles qu'il apporte, lui répond que, vu le déclin du jour, il ne peut franchir l'entrée du port en ce moment: «Mais, ajoute-il, aussitôt que la lumière du soleil m'indiquera clairement la route que je dois prendre, j'obéirai sans aucune crainte à l'invitation de ton roi, et c'est le moins que je doive à un prince aussi généreux».

Ensuite il lui demande, si comme lui a annoncé le pilote, il trouvera des chrétiens dans cette contrée. Le malicieux messager lui répond avec une audace imperturbable que la plupart des habitants y croyent en Jésus Christ. De cette manière il enlève au capitaine ses derniers soupçons, et l'oblige à se fier aveuglément à ce peuple infidèle et prevers.

VII

E de alguns, que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade, e poder, e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII

E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade, que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida, e nefanda,
Das náos se despedia, e o mar cortava:
Foram com gestos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E despois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes, que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquillo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam;
Que, onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis (1), que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava n'huma casa da cidade,
Com rosto humano, e habito fingido,
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso, que adorava.

XI

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura:
A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão torvados na figura,
Como os que, só das linguas, que cahiram
De fogo, varias linguas referiram.

XII

Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Põe em terra os giolhos, e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.

XIII

Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e n'hum momento
Appareceo no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV

Tornam da terra os Mouros co'o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous, que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo
E, sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.

Parmi les matelots de la flotte, il s'en trouvait qui avaient été condamnés pour des crimes ou des actes deshonorantes, et que l'on pouvait employer dans ces sortes d'aventures périlleuses; Gama en expédie deux des plus habiles, les chargeant de bien examiner la ville et les forces des Maures perfides, et surtout de visiter les chrétiens tant désirés.

Par leur entremise il envoie des présents au roi, pour le laisser dans les bons sentiments qu'il affecte; le traître! comme il dissimulait bien son atroce perfidie! Les Maures prirent congé des navigateurs, et traversèrent l'eau pour ramener à terre les deux marins. Ceux-ci y furent accueillis avec des transports mensongers.

Après avoir porté au roi les paroles et les présents de Gama, ils parcoururent la ville, sans pouvoir se rendre compte de tout ce qu'ils désiraient voir. Les Maures, qui étaient gens de précaution, se guardèrent bien de leur montrer tout ce qu'ils leur demandaient, car lorsqu'on use de trahison l'on croit partout voir des traîtres.

Mais le Dieu aux deux mères (1) qui toujours conserve gravée sur son visage une jeunesse éternelle ne cessant pas d'ourdir des complots pour voir périr le Lusitanien, s'était introduit dans une maison de la ville et, sous les traits et les vêtements d'un simple mortel, il feignait d'être chrétien et adorait un somptueux autel qu'il avait fabriqué.

Là ils avait dessiné la colombe sacrée représentant le Saint Esprit et planant au-dessus la Vierge pure. Un autre groupe était formé par les douze apôtres, aussi troublés qu'ils le furent jadis, lorsque les langues de feu tombées du ciel leur inspirèrent le don des langues.

Menés devant cet autel où Bacchus accomplissait sa fourberie les deux compagnons s'agenouillent pour adorer le Maître du monde. Pendant ce temps Thyonée brûlait le parfume délicieux que produit l'odorante Panchaïe. Étrange contraste, qu'une fausse divinité adore le vrai Dieu.

Sans s'apercevoir qu'ils étaient victimes d'une horrible tromperie, les deux chrétiens furent hébergés avec tous les égards possibles. Mais dès que le soleil eut répandu ses rayons sur l'univers et que la fille de Titan eut rougi le lointain horison, les Maures, chargés par le roi d'inviter les navigateurs à entrer dans le port, s'empressèrent de retourner à bord des navires en emmenant avec eux les deux messagers du capitaine, que le roi avait amicalement reçueillis.

Ne redoutant aucun danger, et sûrs de trouver des chrétiens en cette terre, les Portugais ne pensaient plus qu'à franchir l'embouchure du fleuve. Les deux émissaires leur racontèrent fidèlement tout ce que s'était passé.

XV

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Saeras aras, e sacerdote santo;
Que alli se agasalharam e dormiram,
Em quanto a luz eobrio o eseuro manto:
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão eontentamento, e gosto tanto,
Que não podia eerto haver suspeita
N'huma mostra tão elara e tão perfeita.

XVI

Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros, que subiam;
Que levemente hum animo se fia
De mostras, que tão eertas pareciam.
A náo da gente perfida se enchia,
Deixaudo a bordo os bareos, que traziam:
Alegres vinham todos, porque erem,
Que a presa desejada eerta tem.

XVII

Na terra eautamente apparelhavam
Armas, e munições, que eomo vissem,
Que no rio os navios aneoravam,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta traição determinavam, (2)
Que os de Luso de todo destruissem,
E que ineautos pagassem deste geito
O mal, que em Moçambique tinham feito.

XVIII

As aneoras tenaces vão levando
Com a nautiea grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inelinam para a barra abalizada.
Mas a linda Eryeina, que guardando
Andava sempre a gente assignalada,
Vendo a eilada grande, e tão seereta,
Voa do eeo ao mar eomo huma setta.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais eerulea eompanhia;
Que, porque no salgado mar naseeo,
Das aguas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a eausa a que deseeo,
Com todas juntamente se partia,
Para estorvar que a armada não ehegasse
Aonde para sempre se aeabasse.

XX

Já na agua erguendo vão com grande pressa,
Com as argenteas eaudas branca escuma;
Doto (3) eo'o peito eorta e atravessa
Com mais furor o mar do que eostuma:
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por eima da agua erespa em força summa:
Abrem eaminho as ondas eneurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.

XXI

Nos hombros de hum Tritão, eom gesto aeeeso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doee peso,
De soberbo eom carga tão formosa:
Já ehegam perto donde o vento teso
Enehe as velas da frota bellieosa:
Repartem-se, e rodeam nesse iustante
As náos ligeiras, que liam por diante.

XXII

Põe-se a deosa eom outras em direito
Da proa eapitaina, e alli feehando
O eaminho da barra estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inehando:
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte náo forçando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.

«Nous a vous vu, leur dirent-ils, un autel sacré et un prêtre chrétien. Là, pendant que le noir manteau de la nuit enveloppe la lumière céleste, nous nous sommes tranquillement reposés. Le roi et ses sujets ont montré tant de plaisir à nous voir, qu'on ne peut pas éprouver le moindre soupçon devant de pareils témoignages de bienveillance et de bonne foi.

En face de tant de preuves, auxquelles il était facile de se laisser prendre, le brave Gama reçut joyeusement les Maures à mesure qu'ils sautaient de leurs barques sur les vaisseaux: tous se réjonissaient d'avance, croyant déjà tenir la proie qu'ils convoitaient.

Cependant ceux qui étaient restés à terre préparaient prudemment des armes et des munitions, afin d'être prêts à escalader les navires aussitôt qu'ils auraient jeté l'ancre dans le fleuve. C'est par ce moyen frauduleux qu'ils se disposaient à détruire la gent lusitanienne, et à lui faire expier ainsi sans difficulté les pertes qu'elle avait causées à Mozambique.

Aussitôt l'ancre levée, et après avoir fait entendre leurs clameurs accoutumées, les marins, ne lâchant au vent que les voiles de la proue, dirigent les vaisseaux vers l'entrée du fleuve. Mais la belle Eryeine, qui n'abandonait pas les braves guerriers, voyant ce piège inextricable, s'envole, rapide comme la flèche, du ciel à l'Océan.

Là elle convoque les Néréïdes et toutes leurs compagnes azurées, car, née dans la mer profonde, elle règne aussi sur les eaux, et, après leur avoir exposé le motif qui l'amène, elle part suivie d'elles toutes, pour empêcher la flotte d'approcher des lieux où elle doit trouver sa destruction.

Nageant à la hâte, les nymphes, de leurs nageoires argentées, agitent les flots et les remplissent d'une blanche écume: Doto (3), plus diligente que jamais, fend les eaux de sa poitrine éclatante; Nise s'élance en sautant, et Nérine court avec rapidité sur l'onde inquiète: les vagues se recourbent et ouvrent une voie aux Néréïdes empressées.

Étincelante de fureur et de beauté, la superbe Dionée est entraînée par un Triton, qui sent à peine ce doux fardeau, fier de porter sur ses épaules une charge aussi belle. Déjà elles arrivent près de la belliqueuse flotte, dont le vent gonfle légèrement les voiles. Aussitôt elles se séparent de divers côtés et entourent les vaisseaux rapides qui viennent de se mettre en route.

La déesse, suivie de ses compagnes, obstrue à la proue de la capitane la route de l'entrée du fleuve, de telle sorte que les vents en furie ont beau lancer leur soufflé sur les voiles rebelles; les nymphes font reculer le navire en appuyant contre les poutres leur faible poitrine; d'autres placées tout autour du vaisseau, le tirent avec force pour le dévier du port ennemi.

XXIII

Quaes para a cova as providas formigas,
Levando o peso grande accommodado,
As forças exercitam, de inimigas
Do inimigo inverno congelado;
Alli são seus trabalhos e fadigas,
Alli mostram vigor nunca esperado:
Taes andavam as nymphas estorvando
Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a náo forçada,
A pezar dos que leva, que gritando
Maream velas; ferve a gente irada,
O leme a hum bordo e a outro atravessando.
O mestre astuto em vão da poppa brada,
Vendo como diante ameaçando
O estava hum maritimo penedo,
Que de quebrar-lhe a náo lhe mette medo.

XXV

A celeuma medonha se alevanta
No rudo marinheiro, que trabalha;
O grande estrondo a Maura gente espanta,
Como se vissem horrida batalha:
Não sabem a razão de furia tanta,
Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
Cuidam que seus enganos são sabidos,
E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI

Eil-os subitamente se lançavam
A seus bateis veloces, que traziam;
Outros em cima o mar alevantavam,
Saltando n'agua e a nado se acolhiam:
De hum bordo e d'outro subito saltavam,
Que o medo os compellia do que viam;
Que antes querem ao mar aventurar-se,
Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII

Assi como em selvatica alagoa
As rãas, no tempo antiguo Lycia gente (4),
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agua incautamente,
Daqui e dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo que se sente;
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as náos guiára,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo inmoto,
Onde percam a vida doce e chara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX

Vendo o Gama attentado a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a náo passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX

Oh caso grande, estranho e não cuidado!
Oh milagre clarissimo e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal apparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?

Semblables aux fourmis prévoyantes qui, pour se garantir de la froidure de l'hiver, exercent leurs forces à traîner vers leur demeure souterraine de pesants fardeaux, en déployant une vigeur et un courage inespérés, les nymphes détournent les Lusitaniens d'une perte infaillible.

Les marins voyant reculer la capitane, ont beau jeter des cris et manœuvrer les voiles. L'équipage furieux est dans l'impatience. On détache le gouvernail, on le tourne d'un bord à l'autre. En vain le maître d'équipage, de la poupe où il commande, jette des cris d'effroi en voyant le navire menacé par un rocher énorme qui va le briser.

Les matelots effrayés lancent des cris terribles. Les Maures, comme s'ils craignaient une bataille, s'étonnent d'un pareil fracas: ils ignorent le motif d'une confusion semblable. Croyant que leur trahison est découverte et qu'ils vont expier leur crime, ils se demandent qui va leur venir en aide au milieu de ce tumulte.

Tout-à-coup ils s'élancent sur les barques rapides qui les avaient amenés; d'autres sautent dans l'eau et cherchent leur salut dans la nage. De chaque bord on les voit tomber, saisis de frayeur, aimant mieux s'aventurer à la fureur des flots que se rendre à l'ennemi.

Lorsque dans un marais écarté les grenouilles, originaires de Lycie (4), sorties imprudemment de l'eau, entendent par hasard des pas humains, on les voit sauter de tous côtés en criant, pour échapper au péril qui les menace; et, revenues dans leur élément, elles ne laissent apercevoir hors de l'eau que leur tête pointue:

Tels les Maures prennent la fuite, et le pilote qui avait conduit les vaisseaux au lieu du danger, croyant sa trahison découverte, se hâte aussi de se précipiter dans l'onde amère. Pour éviter de frapper contre l'immobile rocher qui aurait pu enlever aux marins cette vie si chère à tous, le vaisseau amiral jette l'ancre; aussitôt les autres suivent son exemple.

A la vue de la conduite étrange et inattendue des Maures, et remarquant la fuite empressée du pilote, le prudent Gama se rend compte des projets qu'avaient formés les barbares; et voyant que, sans que la force des vents ou le courant des eaux en soit cause, son navire ne peut plus avancer, il s'écrie, en reconnaissant là un fait surnaturel:

«O bonheur inattendu! miracle évident qui nous a fait connaître la fourberie de ce peuple! qui donc peut échapper à la perversité des traîtres, si de là-haut un souverain appui ne vient pas au secours de la faiblesse de l'homme?

XXXI

Bem nos mostra a divina Providencia,
Destes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança;
Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não póde ser guardado.

XXXII

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas, perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina;
Ou nos amostra a terra, que buscâmos,
Pois só por teu serviço navegâmos.

XXXIII

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV

E como hia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o céo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava de fogo a esphera fria.

XXXV

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e chara,
Se lh'apresenta assi como ao Troiano,
Na selva Idea, já se apresentára.
Se a víra o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara (5),
Nunca os famintos galgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammas lhe sahiam,
Onde o Menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII

C'hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha lhe natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véo, dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no céo, por toda a parte,
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII

E mostrando no angelico semblante,
Co'o riso huma tristeza misturada:
Como dama, que foi do incanto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa, e se ri, n'hum mesmo instante,
E se torna entre alegre magoada:
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

«Déjà la divine Providence nous a montré le peu de sûreté de tous ces ports; nous avons clairement vu combien l'on a abusé de notre confiance. Mais puisqu'il n'y a pas d'homme assez fort ni assez habile pour découvrir de pareilles fraudes, ô toi, céleste gardien, exerce tes soins sur ceux qui ne peuvent pas s'en passer.

Et si tu es vraiment touché des malheurs qu'essuient ces navigateurs dans des contrées inconnues, toi qui par la seule puissance de ta divine bonté viens de les défendre contre la méchanceté de leurs ennemis, conduis-nous maintenant dans un port favorable et sûr, ou bien indique-nous les pays que nous cherchons, car c'est pour te servir que nous voguons sur les flots.»

Ayant entendu ces pieuses paroles, la belle Dionée toute émueq nitte aussitôt les Néréïdes que ce départ subit a vivement attristées. Bientôt elle atteint les astres radieux, et après avoir dépassé la troisième sphère, elle gagne le sixième ciel, où siége le père des dieux.

Pendant la route, son émotion la rendait si belle, que les étoiles, l'air pur, le ciel, tout ce qui la voyait en devenait amoureux. Ses yeux, domaine des amours, lançaient des éclats si vifs, qu'ils embrasaient les pôles glacés, et incendiaient la froide sphère.

Là, pour augmenter encore la flamme du monarque souverain, à qui toujours elle a été chère, elle se présente à lui sous la forme qu'autrefois elle prit dans la forêt du mont Ida, lorsqu'elle apparut au Troyen Pâris. Que ne la vit-il ainsi, le fameux chasseur qui perdit la forme humaine en regardant Diane se baigner dans l'onde pure (5)? Avant que les avides molosses l'eussent déchiré, il aurait péri, consumé par des désirs violents.

Les blonds cheveux d'or de la déesse tombaient épars sur son col plus pur que la neige. En observant sa démarche, on voyait palpiter une gorge blanche comme le lait, où Cupidon se jouait en riant, et d'où, sans être vu, il lançait sur les âmes humaines des feux inextinguibles. Les Désirs folâtraient sur ses jambes d'ivoire, en les entourant comme le lierre tenace.

Elle voilait coquettement d'une étroite ceinture ces charmes dont la pudeur est le rempart naturel; mais, peu avare de ces lis colorés, la gaze, sans tout cacher, ne découvrait pas tout; elle était placée de manière à enflammer et redoubler le désir. Bientôt se réveillent au ciel la passion de Mars et la jalousie de Vulcain.

Sur son angélique visage la joie se marie à la tristesse. Telle une jeune femme, victime des désirs d'un amant, entremêle ses plaintes d'un doux sourire; telle Vénus, plus habile que toutes dans l'art de séduire, s'adresse à Jupiter en prenant un ton plus voluptueux qu'attristé:

XXXIX

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil e amoroso,
Postoque a algum contrario lhe pezasse:
Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Faça-se como Baccho determina;
Assentarei em fim que fui mofina.

XL

Este povo, que he meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra o meu desejo:
Por elle a ti rogando choro e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois; porque o amo, he mal tratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui... E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
Callada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedíra a falla piedosa;
Torna a seguil-a; e iudo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante:

XLII

E destas brandas mostras commovido,
Que moveram de hum tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do céo subido
Torna sereno e claro o ar escuro (6);
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo que dalli, se só se achára,
Outro novo Cupido se gerára.

XLIII

E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta;
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o choro lhe accrescenta;
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta:
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV

Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem comigo possa mais.
Que esses chorosos olhos soberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos
Pelos illustres feitos, que esta geute
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV

Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia illa eterno escravo;
E se Antenor (7) os scios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos, móres cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI

Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados;
Os Turcos, bellacissimos e duros,
Delles sempre vereis desbaratados;
Os reis da India, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente sobjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores
Serão dadas na terra leis melhores.

«O puissant père des dieux, jusqu'ici j'avais toujours cru te trouver indulgent et prêt à exécuter au détriment d'autrui tout ce qui serait cher à ta Vénus bien-aimée. Mais puisque je te vois irrité contre moi, sans que je l'aie mérité par aucune faute, que les vœux de Bacchus soient accomplis: je pourrai dire enfin que j'ai été malheureuse.

«Ce peuple, qui est le mien, et pour lequel je verse en vain des larmes, ce peuple n'a qu'à perdre à mon affection, puisque tu t'opposes si énergiquement à mes volontés. Vois, je pleure à tes pieds, en te suppliant de lui venir en aide, et je ne fais qu'augmenter son malheur et le mien. Eh! bien, puisque mon amitié lui est funeste, peut-être en le détestant pourrai-je lui être utile.

«Oui, qu'il aille périr au millieu des barbares, car moi seule».... Et là-dessus, elle baigne de larmes brûlantes son visage charmant, semblable à une fleur humide encore de la rosée de la nuit. Puis, après être un instant restée sans mot dire, comme si la parole s'était arrêtée sur ses lèvres, elle reprend son discours suppliant, que le puissant Jupiter se hâte d'interrompre.

Ému par ces touchantes démonstrations, qui auraient attendri le cœur farouche d'un tigre, le dieu Tonnant laisse tomber sur la déese ce regard joyeux dont du haut du ciel il rend la lumière à l'air obscurci (6). Il essuie ses larmes, embrasse ses joues et son cou d'albâtre; s'ils eussent été seuls, un nouveau Cupidon était engendré!

Il presse son visage sur ce visage aimé et maintenant altéré par les sanglots et les pleurs. Mais elle, comme un enfant qu'a châtié la sévère nourrice, plus elle se sent caressée, plus elle redouble ses plaintes. Pour donner le calme à son cœur courroucé, le dieu lui expose les événements futurs, et, creusant jusqu'à la profondeur des destins, il lui adresse ces paroles:

«Ne craignez rien, ma fille chérie, pour ce qui est de vos Lusitaniens; rien ne pourra jamais avoir sur moi plus de pouvoir que vos beaux yeux remplis de larmes: d'ailleurs je vous promets que vous verrez cette nation accomplir en Orient des exploits assez fameux pour faire oublier ceux des Grecs et des Romains.

«Que si l'éloquent Ulysse à échappé à Ogygie au danger d'une servitude perpétuelle; si Anténor (7) pénétra en Illyrie et arriva jusqu'aux sources du Timave; si enfin le pieux Enée a navigué sur la mer redoutable de Charybde et de Scylla, vos protégés, auteurs de plus grandes entreprises, montreront au monde des mondes nouveaux.

«Vous les verrez, ma fille, bâtir des murailles, des villes et des citadelles. Les Tures belliqueux et inhumains seront toujours mis en déroute par leurs armées courageuses: les rois de l'Inde, maintenant libres et tranquilles, obéiront à leur monarque puissant; et bientôt maîtres de tout, les vainqueurs dicteront au pays de meilleures lois.

XLVII

Vereis este, que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando (8).
Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos,
Que tambem della hão medo os elementos!

XLVIII

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto mui decente (9),
Em que vão descançar da longa via
As náos, que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX

E vereis o mar Roxo tão famoso,
Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
Vereis de Ormuz o reino poderoso,
Duas vezes tomado e sobjugado:
Alli vereis o Mouro (10) furioso,
De suas mesmas settas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja.
Que se resiste, contra si peleja.

L

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo:
Alli se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero e horrendo.
Do Mouro alli verão, que a voz extrema
Do falso Mafamede ao céo blasphema.

LI

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Alli soberba, altiva e exalçada,
Ao Gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

LII

Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente;
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa e tão potente:
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo e insolente,
Que cithara jámais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome e gloria (11)

LIII

Nunca com Marte instructo e furioso
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civís Actias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
A victoria trazia, e presa rica,
Preso da Egypcia linda, e não pudica:

LIV

Como vereis o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos, pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
De nações differentes triumphando.
E, sujeita a rica Aurea-Chersoneso (12),
Até o longinquo China navegando,
E ás ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Occano obediente.

«Vous verrez celui qui maintenant cherche l'Indus à travers une route si périlleuse faire trembler d'épouvante le dieu des mers, qui vera grossir ses eaux sans l'aide du vent (8). Événement miraculeux et inconnu jusqu'alors! Comment l'Océan peut-il s'agiter pendant le calme? Courageuse et supérieure nation, il n'y a pas jusqu'aux élémeuts qui n'aient peur de toi!

«Vous pourrez voir ce port (9), où on leur refusait l'eau des fontaines, devenir un point très-utile, où pourront se reposer des fatigues de la route les vaisseaux qui viendront des rives occidentales. Toute cette côte, qui naguère imaginait pour eux des pièges inextricables, reconnaîtra la supériorité des guerriers de Lusitanie et leur payera en tremblant de honteux tributs.

«La célèbre mer Rouge pâlira devant leurs armes. Le puissant royaume d'Ormuz tombera deux fois entre leurs mains: là le Maure (10) furieux succombera frappé de ses propres flèches, afin que l'on voie clairement que celui qui résiste à votre peuple combat contre lui-même!

«L'inexpugnable Diu, deux fois assiégée par les barbares, sera pour vos héros le théâtre de sublimes faits d'armes; Mars deviendra jaloux du redoutable courage des Lusitaniens. Les Arabes moribonds y blasphémeront le culte odieux de Mahomet.

«Goa, enlevée aux Maures, deviendra plus tard la reine de tout l'Orient et sera illustrée par les triomphes de ce peuple victorieux. Superbe et fière de ses succès, elle subjuguera les peuplades idolâtres et dominera toute nation qui voudra se mesurer avec les Portugais.

«Vous verrez Cananor se défendre avec sa petite et faible garnison, et Calicut tomber, malgré ses forces et sa nombreuse population. Cochin sera témoin des hauts faits d'un héros si fameux, que jamais lyre n'a célébré une victoire digne d'une gloire aussi éclatante (11).

«Jadis on a vu le promontoire de Leucate frémir d'épouvante devant les ravages de Mars en courroux, lorsque Auguste, pendant les guerres civiles d'Actium, vainquit l'injuste capitaine romain qui, venu de la robuste Scythie et des pays de l'Aurore arrosés par le Nil et l'Oxus, en rapporta la victoire et un riche butin, esclave lui-même de la belle et impudique Égyptienne.

«Mais que furent ces exploits auprès de ceux dont vous verrez trembler la mer embrasée par les feux des Lusitaniens? Regardez-les triomphant sur toutes les nations, sur le Maure comme sur l'idolâtre, soumettant tout depuis la riche Chersonèse d'or (12) jusqu'à la Chine lointaine; tout l'Océan, jusqu'aux îles les plus éloignées de l'Orient, reconnaît leur supériorité.

LV

De modo, filha minha, que de geito
Anostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano;
Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
Que mostrou o aggravado Lusitano (13);
Postoque em todo o mundo, de affrontados,
Resuscitassem todos os passados.

LVI

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maia á terra, porque tenha
Hum pacifico porto e socegado,
Para onde sem receio a frota venha:
E, para que em Mombaça aventurado
O forte Capitão se não detenha,
Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII

Já pelo ar o Cyllenêo (14) voava;
Com as azas nos pés á terra desce;
Sua vara fatal na mão levava,
Com que os olhos cansados adormece:
Com esta as tristes almas revocava
Do inferno, e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galero costumado;
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII

Comsigo a Fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande e raro;
Que o nome illustre a hum certo amor obriga.
E faz a quem o tem, amado e charo.
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
Co'o rumor famosissimo e preclaro:
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto e modo.

LIX

Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as náos estavam temerosas,
Para que á gente mande, que se aparte
Da barra iniga e terras suspeitosas.
Porque mui pouco val esforço e arte
Contra infernaes vontades enganosas:
Pouco val coração, astucia e siso,
Se lá dos Céos não vem celeste aviso.

LX

Meio caminho a noite tinha andado;
E as estrellas no céo, co'a luz alhea,
Tinham o largo mundo allumiado;
E só co' o somno a gente se recrea.
O Capitão illustre, já cansado
De vigiar a noite, que arrecea,
Breve repouso então aos olhos dava;
A outra gente a quartos vigiava:

LXI

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano;
Fuge, que o vento e o céo te favorece,
Sereno o tempo tens e o Oceano,
E outro Rei mais amigo n'outra parte,
Onde pódes seguro agasalhar-te.

LXII

Não tens aqui senão apparelhado
O hospicio, que o cru Diomedes dava (15),
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente, que hospedava:
As aras de Busiris (16) infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas;
Fuge das gentes perfidas e feras.

«Ainsi donc, ma fille chérie, votre peuple, en déployant un courage surhumain, deviendra le plus redouté de tous ceux qui habitent entre les mers de l'Inde et celles de Cadix, ou entre les glaces boréales et le détroit découvert par un Lusitanien offensé (13), et leur bravoure éclipserait celle des héros antiques si, dans leur ressentiment, le monde les voyait ressusciter tous à la fois.»

Ayant ainsi parlé, Jupiter envoie sur la terre le fils de Maia, son messager, le chargeant de préparer à la flotte un port tranquille et sûr, où elle puisse aborder sans crainte; et, pour empêcher le capitaine de demeurer plus longtemps dans le port de Mombaça, où il s'était aventuré, il enjoint au dieu de lui montrer en un songe le pays où il pourra prendre un paisible repos.

Aidé par les ailes qui ornent ses pieds, Cyllénée (14) prend son vol dans la direction de la terre, tenant à la main la fatale baguette dont il se sert pour fermer les yeux assoupis, pour évoquer des enfers les âmes insensibles, et pour commander aux vents furieux. Coiffé de son casque ailé, il arrive bientôt à Mélinde.

Il emmène avec lui la Renommée, chargée de répandre le rare mérite des Lusitaniens; car un nom illustre oblige à une certaine amitié et rend cher à tous celui qui le possède. En inspirant ainsi d'avance aux habitants une grande sympathie pour les navigateurs, il remplit tout Mélinde du désir d'observer les manières et les usages de ce peuple courageux.

De là il se rend sans tarder à Mombaça, où se tiennent les navires indécis, afin d'ordonner aux marins de s'écarter de cette barre inhospitalière et de ces parages suspects. Que valent en effet le courage et la science devant les infernales perfidies de traîtres? à quoi servent le cœur, bon sens ou la ruse, si le ciel ne vous vient pas en aide par de miraculeux avis?

La nuit avait parcouru la moitié de sa carrière. Les étoiles de leurs feux empruntés éclairaient du haut de l'Olympe le vaste univers, et le sommeil prodiguait aux mortels ses agréables douceurs. L'illustre capitaine, déjà fatigué de veiller pendant cette nuit qu'il redoutait, donnait en ce moment à ses paupières un instant de repos; seuls les matelots de quart étaient éveillés.

Ce fut alors que Mercure apparut dans un songe à Gama, et lui dit: «Fuis, fuis, Lusitanien; évite le piége que te prépare le roi malveillant pour t'achever et te perdre. Fuis: le vent et le ciel te favorisent, le temps est doux et la mer est calme. Ailleurs est un prince plus humain chez qui tu pourras te réfugier en sûreté.

«Ici tu ne trouveras d'autre hospitalité que celle que donnait le cruel Diomède (15), lorsqu'il nourrissait ses chevaux des étrangers qu'il hébergeait. Si tu attends encore, tu es sûr de rencontrer ici l'autel sanglant où l'infâme Busiris (16) immolait ses hôtes. Fuis, éloigne-toi de ces peuples barbares et perfides.

LXIII

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade
Lá quasi junto donde o Sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade.
Alli, tua frota alegre recebendo,
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sabia guia.

LXIV

Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz e raio santo.
E, vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Como novo esprito ao mestre seu mandava,
Que as velas désse ao vento, que assoprava.

LXV

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Céo nos favorece, e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros, de huma e de outra banda;
Levam gritando as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estiua.

LXVI

Neste tempo que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruidos:
Mas com vista de linces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles, como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII

Mas já as agudas proas apartando
Hiam as vias humidas de argento:
Assopra-lhe galerno o vento e brando,
Com suave e seguro movimento.
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram:
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as velas viram:
Hum de temor do mal, que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX

Não he o outro que fica tão manhoso,
Mas nas mãos vai cahir do Luzitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano;
Que, como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia; e se a tivera
Mais damno resistindo recebera.

LXX

E, como o Gama muito desejasse
Piloto para a India, que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse,
Mas não lhe succedeo como cuidava;
Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse
A que parte dos céos a India estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.

«Fuis, et en longeant la côte tu aborderas dans une terre où la vérité est plus honorée, près du point où le soleil ardent partage en deux parts égales le jour et la nuit. Là ta flotte sera joyeusement reçue par un roi, chez lequel tu jouiras d'une tranquillité parfaite, et qui, après t'avoir offert un gîte paisible et sûr, te donnera un guide fidèle chargé de te montrer le chemin de l'Inde.»

Ainsi parla Mercure, et en parlant il enleva le sommeil au capitaine. Celui-ci, au moment de son réveil, est saisi d'étonnement en voyant les obscures ténèbres envahies par un jet de lumière céleste. Alors, bien convaincu qu'il ne lui convient pas de demeurer plus longtemps dans ces parages ennemis, il commande sagement à son contre-maître de lâcher les voiles au vent.

«Mettez hardiment à la voile, dit-il; le ciel nous favorise, et Dieu l'ordonne. Il m'est apparu un messager du séjour radieux, sous l'égide duquel nous marchons sans cesse.» Encouragés par ces paroles, les matelots se meuvent de toutes parts; aussitôt ils retirent de l'eau les ancres en criant et en déployant toutes leurs forces dans cette manœuvre.

A ce moment même les Maures, cachés dans l'ombre, leur coupaient en silence les amarres, dans l'espoir de les voir bientôt échouer contre la côte; mais les Portugais, toujours vigilants, remarquaient tout avec des yeux de lynx. Quand ils s'aperçurent que la flotte veillait, les Maures prirent la fuite, en volant plutôt qu'en ramant.

Déjà les tranchantes proues fendaient la route humide et argentée; un vent frais et doux agitait la flotte d'un mouvement suave et régulier. Les navigateurs s'entretenaient des dangers qu'ils avaient courus. Peut-on oublier ces grands événements, où, au milieu de tant de périls, le hasard seul nous sauve la vie?

Phébus avait fait une fois le tour du globe et recommençait sa carrière, lorsqu'ils aperçurent au loin deux embarcations que les vents apaisés emportaient doucement sur les flots. Reconnaissant bientôt que ces navires devaient appartenir aux Maures, les Portugais tournèrent les voiles et se dirigèrent de leur côté. L'un d'eux, pour éviter les dégâts et les pertes qu'il redoutait, se hâta de gagner la côte; c'était pour lui la seule voie de salut.

L'autre, moins adroit, tomba entre les mains des Lusitaniens, sans qu'ils eussent eu recours à la cruauté de Mars ni à la terrible furie de Vulcain. Son équipage, lâche et peu nombreux, se soumit sans résistance; et bien lui en prit, car s'il en avait déployé, il aurait payé cher sa témérité.

Gama, toujours désireux d'avoir un pilote qui le menât dans le pays qu'il recherchait, croyait le rencontrer parmi ces Maures; mais ces espérances ne furent point réalisées. Aucun d'entre eux ne put lui dire de quel côté l'Inde était située, mais tous lui annoncèrent que près de là était le royaume de Mélinde, où il pourrait trouver le pilote qui lui convenait.

LXXI

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande e lumanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O capitão o assella por verdade,
Porque já lho dissera deste geito
O Cyllenêo em sonhos, e partia
Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Phebea;
Quando hum e outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o céo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sêllo poz a quanto tinha feito (17):

LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia.
Treme a bandeira, voa o estandarte;
A côr purpurea ao longe apparecia;
Soam os tambores e pandeiros;
E assi entravam ledos e guerreiros.

LXXIV

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente, que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana;
Péga no fundo a ancora pezada:
Mandam fóra hum dos Mouros, que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV

O Rei, que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gênte fortissima merece:
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito que sahissem,
Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI

São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar, e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas, cevadas
Com as fructas que então na terra havia;
E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII

Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledo, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia apparelhado:
Escarlata purpurea, côr ardente;
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das aguas molle cresce,
E, como lhe fóra dellas, se endurece.

LXXVIII

Manda mais hum na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse;
E que de não sahir naquelle instante
De suas náos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:

Les Maures ne se lassaient pas de louer les qualités du roi de cette contrée, et c'est avec de grandes marques de respect qu'ils parlaient de sa libéralité, de sa magnificence et de son humanité. Le capitaine y crut facilement, averti qu'il était par l'apparition de Mercure: il se mit donc en route, dans la direction que le dieu et les Maures lui avaient indiquée.

C'était à l'époque riante où Phébus entrait dans la constellation du ravisseur d'Europe et lui réchauffait ces deux cornes, tandis que Flore vidait celle d'Amalthée sur la terre fleurie; le soleil diligent, qui fait le tour du ciel azuré, ramenait ce jour où le Créateur de toute chose mit le dernier sceau à son œuvre immense (17).

Arrivée au point d'où l'on pouvait apercevoir le royaume de Mélinde, la flotte toute en joie commença à s'orner de pavillons et de tentes, pour fêter cette sainte journée. On hisse les étendards, qui volent au gré des vents; la couleur de la pourpre brille au loin d'un vif éclat. Les Portugais, contents et fiers, franchissent l'entrée du port, au son des tambours résonnants.

Toute la plage de Mélinde est couverte de gens qui viennent voir la flotte joyeuse; mais ce peuple est tout autrement sincère et humain que tous ceux qu'elle a rencontrés jusqu'ici. Les vaisseaux portugais abordent devant le port; l'ancre pesante s'accroche au sable profond. Un des Maures qu'ils ont saisis est chargé d'aller annoncer au roi leur arrivée.

Celui-ci, connaissant la noblesse qui a tant illustré les Lusitaniens, éprouve, à voir les guerriers s'arrêter devant sa ville, une joie digne d'être inspirée par ce peuple si brave; et, avec cette affabilité qui est propre aux caractères généreux, il les supplie de débarquer et de descendre dans ses domaines.

Ces offres qu'il fait aux braves nautoniers si éprouvés par les périls, loin d'être mensongères, partent d'un cœur noble et loyal. En même temps il leur envoie des brebis, des poules grasses et les fruits qu'on récoltait alors dans ce pays; mais l'intention l'emporte encore sur la valeur des objets.

Le capitaine reçoit avec joie le messager, et il écoute avec bonheur ses paroles bienveillantes. A son tour il envoie au monarque d'autres présents qu'il apportait de loin: l'écarlate aux brillantes couleurs et les branches du corail si estimé, qui pousse flexible au dessous de la mer, et se durcit, à peine sorti des eaux.

Par la même occasion il expédie auprès du roi un de ses officiers, renommé pour sa parole élégante, en le chargeant de se concilier le puissant souverain et de l'excuser auprès de lui de ce qu'il n'était pas descendu immédiatement à terre. A peine débarqué, le digne ambassadeur se présente au roi, et, inspiré par Pallas, il s'exprime en ces termes:

LXXIX

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado que temido;
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

LXXX

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas (18);
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto e sublimado.

LXXXI

Que geração tão dura ha hi de gente?
Que barbaro costume, e usança fea (19),
Que não vedem os portos tansomente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arreceа,
Que com laços armados tão fingidos
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiâmos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperâmos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegâmos,
Conduzidos do Interprete divino:
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que es de peito sincero, humano e raro.

LXXXIII

E não cuides, ó Rei, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto ou praia.

LXXXIV

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu rei desobedeça:
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os seus poderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV

Assi dizia; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o estomago da gente,
Que tantos céos e mares vai passando.
E o rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI

E, com risonha vista e ledo aspeito,
Responde ao embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;
Que vosso preço, e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não póde ter subido pensamento.

«Sublime roi, que l'Olympe dans sa justice suprême a choisi pour réprimer ce peuple courageux qui vous aime autant qu'il vous redoute, nous venons à votre rencontre en ce paisible port, célèbre dans tout l'Orient, pour vous demander le rémède que nous cherchons à nos maux.

«Nous ne sommes point de ces brigands qui, lorsqu'ils passent devant des villes faibles et inoffensives, y portent le fer et le feu, afin d'en égorger les habitants et de leur ravir les biens qu'ils convoitaient (18). Partis de la superbe Europe, nous recherchons les terres lointaines de l'opulent Indus, par ordre de notre prince tout-puissant.

«Quelles sont ces gens, de mœurs assez cruelles et barbares (19) pour interdire, non seulement l'entrée de leus ports, mais encore l'hospitalité d'une plage déserte? Quels perfides projets, quel cœur nous suppose-t-on, puisque, malgré notre faible équipage, on nous craint assez pour nous tendre des pièges inextricables et ordonner notre perte?

«Mais vous, ô roi bienveillant, vous que nous estimons bien plus sincère, vous, chez qui nous espérons rencontrer le secours que le roi d'Ithaque trouva chez Alcinoüs, nous abordons à votre port en toute sûreté, conduits par le divin Interprète; et puisqu'il nous envoie vers vous, n'est-il pas clair que vous avez un cœur loyal et généreux?

«Ne croyez pas qu'un soupçon malveillant ait empêché notre illustre capitaine de venir à terre pour vous voir et vous servir. Sachez que, s'il est resté à bord, c'est pour se conformer en tout aux ordres de son maître que lui a enjoint de ne jamais débarquer, en abandonnant sa flotte aux dangers d'un port ou d'une plage.

Or, le devoir des sujets étant l'obéissance, car les membres doivent être dirigés par la tête, vous ne consentirez pas, vous qui exercez le pouvoir d'un souverain, à ce que quelqu'un désobéisse à son roi. Quant aux bienfaits et aux présents dont vous le comblez en ce jour, il vous promet de vous en garder une éternelle reconnaissance, toutes les fois que lui et les siens pourront vos être utiles, et tant que les fleuves rouleront leurs eaux vers l'Océan.»

Il dit, et les Indiens se livrent aussitôt à mille conversations bruyantes; ils ne se lassent point de louer ce peuple hardi qui a traversé tant de mers, tant de parages. Quant au roi, il réfléchit à l'admirable soumission des Portugais et à la grandeur de ce monarque, obéi de si loin.

Le sourrire aux lèvres et la joie au visage, il adresse ces paroles à l'éloquent ambassadeur: «Chassez tout soupçon; n'ayez aucune crainte cachée. Votre mérite et vos œuvres sont assez grands pour vous faire estimer de tout l'univers, et ceux qui vous ont mal accueillis ne peuvent pas avoir un cœur bien élevé.

LXXXVII

De não salhir em terra toda a gente,
Por observar a usada preemineneia,
Aindaque me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obedieneia.
Mas se lho o regimento não eonsente,
Nem eu consentirei, que a excelleneia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

Porém, eomo a luz erastina ehegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos,
Piloto, munições e mantimentos.

LXXXIX

Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota, no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Para aeharem a terra que buseavam;
E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam alli os raios de artifieio,
Os tremulos eometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O eéo, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyelopas o exereieio,
Nas bombas que de fogo estão queimando:
Outros eom vozes, eom que o eéo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.

XCI

Respondem-lhe da terra juntamente
Co'o raio volteando eom zonido;
Anda em gyros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulphureo eseondido.
A grita se alevanta ao eéo, da gente;
O mar se via em fogos aecendido,
E não menos a terra: e assi festeja
Hum ao outro, á maneira de peleja.

XCII

Mas já o eéo inquieto revolvendo,
As gentes ineitava a seu trabalho;
E ja a mãi de Memnon, a luz trazendo,
Ao somno longo punha eerto atalho:
Hiam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embareava
A ver a frota que no mar estava.

XCIII

Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só eoncorre leda;
Luzem da fina purpura as eabaias,
Lustram os pannos da teeida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias (20),
E do areo, que os eornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que veneem corôa verdadeira.

XCIV

Hum batel grande e largo que toldado
Vinha de sedas de diversas eôres,
Traz o Rei de Melinde, aeompanhado
De nobres de seu reino, e de senhores.
Vem de rieos vestidos adornado,
Segundo seus costumes e primores;
Na eabeça huma fota guarneeida
De ouro, e de seda, e de algodão teeida

«Pour ce qui est de ne pas vous voir tous descendre à terre, afin de vous conformer à vos usages habituels, quoique j'en sois réellement fâché, j'admire beaucoup une obéissance sans bornes; et, puisque les ordres de votre souverain s'y opposent, je ne consentirai jamais, pour satisfaire mes désirs, à ternir un seul instant votre admirable loyauté.

«Cependant, aussitôt que la lumière du soleil aura demain éclairé l'univers, j'irai, suivi de mes almadies, rendre visite à la belliqueuse flotte, que depuis tant de jours je désire voir. Et, en cas qu'elle ait subi des dégâts causés par le vent et la longueur de la route, elle trouvera ici sans avoir à craindre aucune arrière pensée, un pilote, des munitions et des vivres.»

Ainsi parla le roi. Le fils de Latona se cachait dans les eaux, lorsque le messager, suivi de ses joyeux compagnons, regagna la flotte sur sa barque rapide. Tous les marins sont ravis; ils ont enfin trouvé le véritable rémède à leurs maux. Maintenant, sûrs de rencontrer le pays qu'ils cherchaient, ils se livrent pendant la nuit à des transports de gaieté.

Là il ne manque ni les pièces d'artifice, imitant les comètes tremblantes, ni les coups de canon qui épouvantent le ciel, la terre et l'Océan. Nouveaux Cyclopes, les Lusitaniens mettent le feu aux bombes éclatantes, pendant que d'autres font retentir les airs de leurs chants mariés aux accents d'instruments sonores.

De terre on leur répond par le sifflement des foudres artificielles. La roue ardente tourbillone dans les airs; la poudre sulphurique éclate avec fracas. Les cris des hommes s'élèvent jusqu'au ciel; la terre et la mer sont couvertes de feux étincelants: c'est ainsi qu'ils se fêtent à l'envi dans cette lutte simulée.

Déjà le ciel éclairé invitait les mortels au travail, et la mère de Memnon, apportant la lumière, mettait des entraves au sommeil indolent. Les ombres lentes se déformaient peu à peu et tombaient en fraîche rosée sur les fleurs de la terre, lorsque le roi de Mélinde s'embarqua pour aller visiter la flotte étrangère.

Tout autour de la plage on aperçoit une foule entassée, curieuse de voir les nouveaux venus; les étoffes de soie et de pourpre éclatent aux rayons du soleil; et au lieu des belliqueuses zagaies (20) ou des arcs imitant le croissant de Diane, les Maures ne portent que des branches de palmier, insignes de la victoire.

Un grand et large canot recouvert d'une tente de soie de couleurs diverses porte le roi de Mélinde accompagné des nobles et seigneurs de son royaume. Vêtu des riches habits coupés à la mode de son pays, le monarque est coiffé d'un turban tissé de soie, de coton et d'or.

XCV

Cabaia de damasco rico e dino,
Da Tyria côr, entre elles estimada;
Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
Onde a materia da obra he superada;
C'hum resplandor reluze adamantino,
Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

XCVI

Com hum redondo amparo alto de seda,
Em huma alta e dourada hastea cuxerido,
Hum ministro á solar quentura veda,
Que não offenda e queime o Rei subido.
Musica traz na proa, estranha e leda,
De aspero som, horrisono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII

Não menos guarnecido o Lusitano
Nos seus bateis da frota se partia,
A receber no mar o Melindano,
Com lustrosa e honrada companhia.
Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
Mas Franceza era a roupa que vestia,
De setim da Adriatica Veneza
Carmesi, côr que a gente tanto preza.

XCVIII

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
Onde o Sol reluzindo a vista cega;
As calças soldadescas recamadas
Do metal, que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do mesmo delicadas
Os golpes do gibão ajunta e achega;
Ao Italico modo a aurea espada,
Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX

Nos de sua companhia se mostrava,
Da tinta que dá o murice excellente
A varia côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do traje differente.
Tal o formoso esmalte se notava,
Dos vestidos olhados, juntamente,
Qual apparece o arco rutilante
Da bella nympha, filha de Thaumante (21).

C

Sonorosas trombetas incitavam
Os animos alegres resoando;
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os tôldos pelas aguas arrojaudo.
As bombardas horrisonas bramavam,
Com as nuvens de fumo o Sol tomando:
Amiudam-se os brados accendidos,
Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI

Já no batel entrou do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava;
Elle co'a cortezia, que a razão
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
C'humas mostras de espanto e admiração
O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente que de tão longe á India vinha.

CII

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
E que se mantimento lhe fallece,
Como se proprio fosse, lho pedisse.
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a visse;
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

Son manteau est de riche damas teint de la pourpre tyrienne, nuance si estimée en ces contrées. Il porte au cou un collier d'or où l'art l'emporte sur la matière; sa dague, richement travaillée, reluit à sa ceinture de l'éclat du diamant, et, pour tout dire, ses sandales de velours sont brodées d'or et de perles fines.

Un des seigneurs, tenant un parasol en soie, rond et supporté par une tige dorée, garantit le superbe roi de l'ardeur importune du soleil. Sur la proue se tiennent des musiciens qui, de leur trompettes recourbées, lancent en signe de joie des sons désordonnés et bruyants.

Les Lusitaniens, non moins richement équipés, sautent des navires dans les canots; un brillant cortège se dirige au-devant du roi de Mélinde. Gama, habillé à la mode espagnole, porte des vêtements faits en France avec le précieux satin cramoisi que produit l'aquatique Vénise.

Ses manches, retenues par des boutons d'or, reluisent au soleil d'un éclat qui aveugle. Les hauts-de-chausses de son uniforme sont d'une étoffe brochée de ce métal que la fortune refuse à tant de mortels. De gracieux ferrets du même métal attachent les crevés de son pourpoint. Il porte une épée d'or à la manière italienne, et la plume de sa toque est légèrement inclinée.

Ses compagnons étaient pour la plupart vêtus d'étoffes de pourpre et de costumes variés qui réjouissaient la vue. L'effet de toutes ces couleurs réunies était comparable à celui que produit l'arc radieux de la belle nymphe Iris, la fille de Thaumas (21).

Les trompettes sonores excitaient de leurs accents les cœurs joyeux; les barques des Musulmans couvraient l'Océan, et leurs pavillons effleuraient les eaux. Les terribles bombardes vomissaient leurs bruyants éclats; un nuage de fumée obscurcissait la clarté du soleil. On entendait redoubler les cris perçants et les Maures effrayés portaient la main à leurs oreilles.

Mais bientôt le roi saute dans la barque du capitaine. Voyant le monarque lui donner une tendre accolade, Gama lui parle avec tout le respect dû à son rang élevé. Le Maure est rempli d'étonnement et d'admiration; il ne fait qu'examiner sa physionomie et ses gestes, tenant pour très-estimable un peuple qui est venu si loin chercher le chemin de l'Inde.

Il lui offre généreusement tout ce qui pourra lui convenir dans ses domaines; s'il a besoin de vivres, il peut lui en demander; comme s'il était le maître. Il lui dit aussi que, sans l'avoir vu il connaissait déjà la gens lusitanienne; il avait appris par la renommée qu'un autre peuple de sa secte lui avait jadis fait la guerre.

CIII

E como por toda Africa se soa
Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
Quando nella ganharam a corôa
Do reino, onde as Hesperidas viveram.
E com muitas palavras apregoa
O menos que os de Luso mereceram,
E o mais que pela fama o Rei sabia:
Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV

Ó tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria e adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana;
Aquella alta e divina Eternidade,
Que o céo revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nós outros não podemos.

CV

Tu só de todos quantos queima Apollo
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achâmos bom, fido e jucundo.
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
Vivirão teus louvores em memoria.

CVI

Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as náos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja.
Mas para o céo Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja;
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.

CVII

Mas despois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto e ancorado
N'agua o batel ligeiro que os levava,
Por fallar de vagar co'o forte Gama
Nas cousas de que tem noticia e fama.

CVIII

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes,
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora;
Agora pelos povos seus vizinhos;
Agora pelos humidos caminhos.

CIX

Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais, distinctamente
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente,
Co' os successos das guerras do começo;
Que sem sabe-las, sei que são de preço.

CX

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado;
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado.
Conta; que agora vem co' os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo Sol, da fria Aurora trazem:
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

Il raconte ce que connaît toute l'Afrique des triomphes que les Portugais y remportèrent, lorsqu'ils y gagnèrent la couronne de ce royaume qui fut jadis le séjour des Hespérides. Enfin il ne se lasse pas de vanter les moindres exploits des fils de Lusus, et d'autres encore dont la déesse aux cent voix lui a rapporté le récit. Gama lui répond:

« O vous, monarque bienveillant, vous, qui seul avez eu pitié des Lusitaniens éprouvés par tant d'adversités et de malheurs sur la mer irritée; que la haute puissance éternelle, qui meut le ciel et régit les humains, vous récompense pour nous des bienfaits dont vous nous comblez.

« Vous seul, parmi tous ceux que Phébus brûle de ses feux, vous nous recevez en paix, nous qui venons de la mer profonde. Chez vous nous trouvons un asile sûr et bienfaisant contre les vents furieux d'Eole. Tant que le ciel sera parsemé d'étoiles et que le soleil éclairera le monde, n'importe où je vivrai, vos louanges revivront glorieuses dans la mémoire des hommes! »

Il dit, et aussitôt les barques des Maures se dirigent vers la flotte, que le roi désire visiter. Elles font le tour de chaque vaisseau, pour que le monarque puisse tout observer. La flotte l'accueille avec une salve de coups de canon, et Vulcain renvoie vers le ciel ses éclats lumineux. Les sonores trompettes jouent des fanfares joyeuses: les Maures leur répondent avec leurs instruments barbares.

Après avoir tout examiné, le généreux Mahométan, tout étonné d'entendre cette machine inconnue qui inspirait la terreur, fit rester immobile grâce au secours de l'ancre le rapide bateau qui le portait, pour entretenir tranquillement le brave Gama des événements dont le bruit lui était parvenu.

Le Maure se plaisait à lui exposer divers sujets, faisant mille questions tantôt sur les fameuses guerres entreprises contre le peuple qui adore Mahomet, tantôt sur les différents habitants de toute l'Hespérie, patrie de Gama, puis sur les peuples qui l'avoisinent, et enfin sur les périls de sa navigation.

« Mais avant tout, lui disait-il, valeureux capitaine, hâte-toi de nous faire connaître le climat de la contrée que tu habites et la partie du monde où elle est située. Explique-nous l'antique origine de ta nation et la fondation de ce royaume si puissant, sans oublier les victoires que vous avez remportées dès le principe, et dont, sans les connaître, je n'ignore pas la valeur.

« Conte-nous aussi les longs détours que t'a fait accomplir l'Océan irrité, pendant que tu observais les mœurs barbares et inconnues de notre grossière Afrique. Commence ton récit, car voici venir de nouveau les chevaux du soleil traînant avec leurs freins dorés son char resplendissant depuis les domaines de la froide Aurore. Le vent est tombé, la mer et ses vagues sont couchées en silence.

CXI

E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras Portugnezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares,
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.

CXII

Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vãa o Olympo claro e puro:
Tentou Pirithoo e Thésco, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno e céo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII

Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato, por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razão ha que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.

«Tu le vois, le moment est propice; plus grand encore est le désir que nous avons d'écouter tes récits. Qui n'a jamais entendu parler des remarquables exploits des Portugais? L'ardent soleil ne brille pas assez loin de nous pour que tu juges les Mélindiens incapables d'estimer une action sublime.

«Dans une guerre insensée les orgueilleux géants eurent l'audace d'assaillir le radieux Olympe; Pirithoüs et Thésée osèrent, dans leur ignorance, affronter les périls du royaume obscur de Pluton. Si dans le monde se sont accomplis des faits si extraordinaires, il n'est pas moins méritoire ni moins difficile de braver la furie de Nérée que d'avoir attaqué le ciel et l'enfer.

«Pour se faire connaître et renommer dans l'univers, Érostrate brûla le temple sacré de Diane, construit par l'éminent Ctésiphon. Si le désir d'avoir un nom illustre sait nous aveugler au point de nous faire commettre de telles actions, n'y a-t-il pas plus de raison à ce qu'une gloire éternelle soit convoitée par ceux qui font des œuvres dignes de la mémoire des hommes?»

CANTO III

As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

(Canto III, Est. CXXXII.)

« Les cruels! ils souillèrent de sang
son teint de lis inondé par ses larmes,
ne réfléchissant pas au châtiment qui
les attendait. »

(Chant. III, Stan. CXXXII.)

CANTO TERCEIRO

I

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o Illustre Gama;
Inspira immortal canto, e voz divina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo n'agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orphcio.

III

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando, despois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus proprios, arreccio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

V

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Despois direi da sanguinosa guerra.

VI

Entre a zona, que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo, e do Occidente
Com suas salsas ondas o Occano,
E pela Austral, o mar Mediterrano.

CHANT TROISIÈME

Dicte-moi maintenant, ô Calliope, le discours que l'illustre Gama adressa au roi de Mélinde. Que ce faible cœur, ami des Muses, soit inspiré de ta voix immortelle et de tes divins accents! Que le savant Apollon, le père de ton Orphée, belle déesse, ne te préfère plus jamais, Daphné, Clytie ou Leucothoé, ni ne te refuse pour elles l'amour qu'il te doit.

Accomplis mes souhaits, ô belle nymphe; mets ton chant au niveau du mérite des Lusitaniens. L'univers entier doit savoir que le Tage roule les eaux d'Aganippe: quitte le Pinde fleuri, car je me sens déjà inondé de la liqueur sacrée d'Apollon; quitte-le, ou je dirai que tu crains de voir se ternir la renommée de ton fils bien-aimé, le chantre de la Thrace.

Tous attendaient en silence le discours du valeureux Gama, lorsque, après un moment de réflexion, il releva la tête et parla ainsi: «Vous m'ordonnez, ô roi, de narrer l'origine de ma nation; ce n'est pas une histoire étrangère que vous me demandez: ce sont les louanges et les gloires des miens.

«D'ordinaire, pour raconter les exploits d'un peuple, on choisit de préférence un étranger; j'ai peur que, si j'élève ceux du mien, on n'y soupçonne quelque intérêt. Enfin je crois que, pour tout dire, un espace de temps, qui vous paraîtrait long, ne me suffirait peut-être pas; mais puisque vous l'ordonnez, ô roi puissant, j'irai contre ce que je dois et ferai en sorte de raccourcir mon récit.

«Ce qui pourtant achève de me décider, c'est la certitude que j'ai de ne pouvoir mentir: les prouesses des miens sont si grandes que tout ce que je dirai sera moins long que ce qui me restera encore à dire. Cependant, afin de suivre un ordre d'idées dans cette série de hauts faits que vous désirez connaître, je commencerai par décrire le pays avant de parler de la guerre sanglante.

«Entre les feux de la zone dominée par le Cancer, limite septentrionale du soleil ardent, et celle où règne un froid éternel aussi terrible que les ardeurs de la zone torride, est située la superbe Europe, que bornent au Nord et à l'Occident les vagues salées de l'Océan, et au Midi la mer Méditerranée.

VII

Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avisinha: mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vae correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide: e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio;
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII

Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem;
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sopros se ennobrecem.
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios que no mundo resplandecem,
Que a neve está continо pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram sobre a humana antiguidade,
Co' os que tinham então a Egypcia terra (1);
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra)
Para que do mais certo se informára,
Ao campo Damasceno (2) o perguntára.

X

Agora nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Norocga;
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio e frio Dano.

XI

Entre este mar e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos são Polonios.
Sujeitos ao Imperio de Alemanha
São Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis e Albis rio.

XII

Entre o remoto Istro e o claro estreito,
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida;
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que sobmettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino!

XIII

Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia:
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o céo penetras,
E não menos por armas, que por letras.

XIV

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou (3),
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

« Du côté où le soleil se lève, elle touche à l'Asie, et en est seulement séparée par le fleuve tortueux et glacé qui coule des monts Riphées vers le lac Méotis et la mer terrible qui a obéi aux Grecs irrités, et d'où le navigateur n'emporte plus aujourd'hui que le souvenir de la fameuse Troie.

« Plus près du pôle, apparaissent les monts Hyperboréens, et ceux où toujours souffle Éole et auxquels les vents ont donné leur nom. Là les rayons d'Apollon faibles et décolorés laissent sur les montagnes, dans la mer et dans les fontaines des glaces perpétuelles.

« C'est ici que le peuple des Scythes a établi sa demeure; ceux-ci rivalisèrent jadis d'antiquité avec les habitants de l'ancienne Égypte (1). Les aveugles! Ils étaient également éloignés de la vérité! Pourquoi donc, s'ils tenaient tant à s'instruire, n'allèrent-ils pas chercher des renseignements plus véridiques dans les plaines de Damas (2)?

« Maintenant on cite dans ces régions la froide Lappie, l'inculte Norwége, cette île escandinave qui se vante des victoires que l'Italie ne peut lui refuser. Là il n'y a de navigable qu'un bras de l'Océan sarmatique, tant que la glace n'en obstrue pas l'entrée au Suédois, au Brusien ou à l'habitant du froid Danemark.

« Entre cette mer et le Tanaïs vivent d'étranges peuples, tels que les Russes, les Moscovites, les Livoniens, autrefois nommés Sarmates, et sur les monts Hercins les anciens Marcomans ont pris le nom de Polonais. Puis viennent les peuples tributaires de l'empire d'Allemagne, tels que les Saxons, les Bohémiens, les Pannoniens et plusieurs autres nations qui voient couler les eaux du Rhin, du Danube, de l'Ems et de l'Elbe.

« Entre le lointain Ister et le célèbre détroit où Hellé laissa son nom et sa vie, est la belliqueuse Thrace, dont Mars est orgueilleux d'être le fils, aujourd'hui soumise à l'Ottoman, qui, non content de l'Hémus et du Rhodope, domine injustement Byzance et outrage la mémoire de Constantin.

« Puis viennent les contrées de la Macédoine qu'arrosent les froides eaux de l'Axius, et vous aussi, ô peuples toujours renommés pour vos mœurs, votre talent, votre bravoure; vous d'où sont sortis tant d'hommes éloquents, tant d'esprits remarquables; illustre Grèce, c'est grâce à eux que tu t'es élevée à une hauteur immortelle, c'est grâce à leurs hauts faits militaires aussi bien qu'à leurs œuvres de génie!

« Près de là vivent les Dalmates, et du sein des eaux, non loin du terrain où Anténor jadis éleva des murailles (3), l'on voit sortir la superbe Venise, cette cité dont l'origine fut si obscure. Là s'avance sur la mer ce bras de terre, qui, plein de courage, soumit tant de nations diverses; ce bras valeureux d'un peuple aussi illustre par son génie que par son épée.

XV

Em torno o cerca o reino Neptunino,
Co' os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte.
Mas despois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
Pobre está já da antigua potestade;
Tanto Deos se contenta de humildade!

XVI

Gallia alli se verá, que nomeada
Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
Que do Sequaua e Rhodano he regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada
Pyrene se alevantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro, e de prata então correram.

XVII

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
Como cabeça alli da Europa toda;
Em cujo senhorio, e gloria estranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força ou manha
A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
Que lha não tire o esforço e ousadia
Dos bellicosos peitos que em si cria.

XVIII

Com Tingitania entesta, e alli parece
Que quer fechar o mar Mediterrano,
Onde o sabio Estreito se ennobrece
Co'o extremo trabalho do Thebano.
Com nações differentes se engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano;
Todas de tal nobreza e tal valor,
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX

Tem o Tarragonez, que se fez claro
Sujeitando Parthenope inquieta;
O Navarro, as Asturias, que reparo
Já foram contra a gente Mahometa,
Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
Castelhano, a quem fez o seu planeta
Restituidor de Hespanha, e senhor della,
Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
De Europa toda, o reino Lusitano;
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Occano.
Este quiz o Céo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

XXI

Esta he a ditosa patria minha amada;
Á qual se o Céo me dá, que eu sem perigo
Torne, com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli comigo.
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

XXII

Desta o pastor nasceo, que no seu nome
Se vê que de homem forte os feitos teve (4);
Cuja fama ninguem virá que dome,
Pois a grande de Roma não se atreve.
Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Céo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre; e foi desta arte.

« Entouré par le royaume de Neptune, ce pays est d'un côté borné par des murailles naturelles; il est coupé dans toute sa longeur par l'Apennin, que Bellone jadis ensanglanta; mais la paix y règne, depuis qu'il obéit au divin Père de l'Église; on y a oublié les guerres et l'immense éclat d'autrefois, tant il est vrai que Dieu se plaît dans l'humilité.

« Plus loin est situé ce pays, illustré par les triomphes de César, la Gaule, qu'arrosent la Seine, le Rhône, le Rhin profond et la froide Garonne; puis viennent ces montagnes qui servirent de tombeau à la nymphe Pyrène, d'où, si l'on en croit la tradition, les flammes firent couler des fleuves d'or et d'argent.

« Mais voici qu'on découvre la noble Espagne; c'est pour ainsi dire la tête de l'Europe; l'Espagne, dont la puissance et la gloire ont subi d'étranges révolutions. Jamais le sort ne pourra, ni par force ni par ruse, imprimer une souillure à sa grandeur, qui ne soit sur-le-champ effacée par le courage et l'audace des héros qu'elle produit.

« Elle confine à la Tingitanie et semble vouloir fermer la mer Méditerranée, là où est situé le détroit d'Alcide, dernier travail du héros thébain. Elle est composée de nations diverses, baignées par l'Océan, toutes si nobles et si courageuses, que chacune d'elles se préfère à toutes les autres.

« Elle renferme le Tarragonais, qui se rendit célèbre par la conquête de l'inquiète Parthénope; le Navarrais, l'Asturien, jadis un rempart terrible pour le peuple de Mahomet; le prudent Gallicien et le grand et brave Castillan, à qui son heureuse étoile accorda la conquête et le domaine de l'Espagne, composé de la Bétique, de Léon, de Grenade et de Castille.

« Voici enfin, pour ainsi dire, le sommet de la tête de toute l'Europe: c'est le royaume de Lusitanie; là finit la terre, et commence cette mer où se plonge le soleil couchant. Le ciel a voulu qu'il s'illustrât par les armes, en chassant le vil Mauritanien et allant le poursuivre jusque dans les déserts brûlants de l'Afrique.

« Celle-ci est ma patrie heureuse, ma patrie bien aimée! Si le ciel consent à m'y ramener sain et sauf, après que j'aurai mené à bonne fin mon entreprise, la lumière du jour peut bien s'y éteindre pour moi! C'était jadis la Lusitanie, qui avait pris son nom de Lusus ou de Lysas, fils, dit-on, ou compagnons de Bacchus, et premiers habitants de cette contrée.

« Là naquit ce berger dont le nom justifie bien ses exploits (4), et dont personne ne ternira jamais la gloire, puisque Rome elle-même n'a pas osé la rabaisser. Maintenant je vais vous dire comment, de ce pays, le vieillard parricide, en vertu d'un décret du ciel, fit un royaume des plus remarquables et des plus puissants dans le monde entier.

XXIII

Hum Rei, por nome Affonso (5), foi na Hespanha,
Que fez aos Serracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculano Calpe (6) á Caspia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle, e á morte offerecer-se.

XXIV

E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Despois que em feitos altos e subidos,
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso, que obras taes
Levassem premio digno e dons iguaes.

XXV

Destes Henrique, dizem, que segundo
Filho de hum Rei de Hungria exprimentado (7),
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre, nem prezado;
E para mais signal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhano, que casado
Com Tereza sua filha o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.

XXVI

Este despois que contra os deseendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve:
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
Hum filho que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a arêa tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Despois de ter Judea sobjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII

Quando, chegado ao fim de sua idade,
O forte e famoso Hungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O esp'rito deo a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado:
Que do mundo os mais fortes igualava;
Que de tal pai tal filho se esperava.

XXIX

Mas o velho rumor, não sei se errado,
Que em tanta antiguidade não ha certeza,
Conta que a mãi tomando todo o estado,
Do segundo hymeneo não se despreza.
O filho orpham deixava desherdado,
Dizendo, que nas terras a grandeza
Do senhorio todo só sua era,
Porque para casar seu pai lhas dera.

XXX

Mas o Principe Affonso, que desta arte
Se chamava, do avô tomando o nome,
Vendo-se em suas terras não ter parte,
Que a mãi com seu marido as manda e come,
Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
Imagina comsigo como as tome:
Revolvidas as causas no conceito,
Ao proposito firme segue o effeito.

« Il y eut en Espagne un roi nommé Alphonse (5), qui guerroya tant contre les Sarrasins, que, au moyen de mille ruses et stratagèmes, il en extermina et en chassa un bon nombre; et, comme sa renommée s'étendait depuis le promontoire de Galpé (6) jusqu'aux montagnes élevées du Caucase, il y eut bien des gentilshommes qui, pour se rendre fameux dans l'art militaire, vinrent s'offrir à lui et à la mort.

« Enflammés de l'ardeur de la foi plutôt qu'avides d'honneurs, il abandonnaient leurs pénates et leur patrie bien-aimée pour se rendre en Espagne. Or, comme ils se distinguèrent dans de terribles combats, le brave Alphonse voulut que de telles prouesses fussent dignement récompensées.

« Parmi eux se trouvait Henri, deuxième fils d'un illustre roi de Hongrie (7); ce fut à lui que le sort donna le Portugal, pays que les succès n'avaient point encore ennobli. Et, pour mieux encore lui prouver sa reconnaissance, le roi de Castille voulut marier sa fille Thérèse au comte hongrois, qui prit immédiatement possession de ses terres.

« Après bien des victoires obtenues sur les descendants de l'esclave Agar, après la conquête des pays adjacents, ce valeureux prince se vit bientôt décerner le prix de ses hauts faits: Dieu lui donna un fils qui devait illustrer le nom du peuple belliqueux de Lusitanie.

« Déjà le prince Henri était revenu de la conquête de Jérusalem, la ville sainte; il avait vu les bords du fleuve sacré du Jourdain, où Dieu baigna jadis son corps; car, après que Godefroy triomphant eut goûté du repos dans la Judée qu'il avait soumise, bien des seigneurs, ses alliés, rentrèrent dans leurs domaines;

« Lorsque, arrivé à l'extrémité de la vie, le brave et illustre Hongrois, obéissant aux exigences de la fatalité, rendit son âme à celui qui la lui avait donnée. Il laissait à son jeune enfant son héritage héroïque; cet enfant, qui marchait de pair avec les plus braves, était bien la vivante image de son père.

« Mais si l'on en croit une antique légende, car rien ne prouve la véracité de cette histoire si ancienne, sa mère, en contractant un second hymen, s'empara de tout le pays, ne craignant pas de déshériter son fils, le pauvre orphelin, et prétendant avoir des droits sur la dot qu'elle avait reçue de son père quand elle s'était mariée.

« Le prince Alphonse, qui avait reçu le nom de son aïeul, se voyant dépouillé de ses possessions tombées entre les mains de sa mère et du tyran qu'elle avait épousé, impatient de combattre, cherche le moyen de reprendre son héritage. Après avoir mûrement réfléchi, il met immédiatement ses projets à exécution.

XXXI

De Guimarães o campo se tingia
Co'o sangue proprio da intestina guerra,
Onde a mãi, que tão pouco o parecia,
A seu filho negava o amor e a terra.
Com elle posta em campo já se via;
E não vê a soberba ó muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o sensual era maior.

XXXII

Ó Progne crua! ó magica Medea!
Se em vossos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que ainda Teresa pecca mais.
Incontinencia má, cobiça fea,
São as causas deste erro principaes:
Scylla por huma mata o velho pai,
Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padrasto e da iniqua mãi levava;
Já lhe obedece a terra n'hum momento,
Que primeiro contra elle pelejava:
Porém, vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros asperos atava:
Mas de Deos foi vingada em tempo breve;
Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV

Eis se ajunta o soberbo Castelhano,
Para vingar a injuria de Teresa,
Contra o tão raro em gente Lusitano,
A quem nenhum trabalho aggrava, ou pesa.
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da angelica defesa,
Não só contra tal furia se sustenta,
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimarães está cercado
De infinito poder; que desta sorte
Foi refazer-se o imigo magoado:
Mas, com se offerecer á dura morte
O fiel Egas amo (8), foi livrado;
Que de outra arte pudera ser perdido,
Segundo estava mal apercebido.

XXXVI

Mas o leal vassallo, conhecendo
Que seu senhor não tinha resistencia,
Se vai ao Castelhano, promettendo
Que elle faria dar-lhe obediencia.
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promessa e consciencia
De Egas Moniz: mas não consente o peito
Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII

Chegado tinha o prazo promettido,
Em que o Rei Castelhano já aguardava,
Que o Principe, a seu mando submettido,
Lhe desse a obediencia, que esperava.
Vendo Egas que ficava fementido,
O que delle Castella não cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida:

XXXVIII

E com seus filhos e mulher se parte
A alevantar com elles a fiança;
Descalços e despidos, de tal arte
Que mais move a piedade que a vingança.
Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido
A te pagar co'a vida o promettido.

« Déjà les plaines de Guimaraens se rougissaient du sang de la guerre civile, par la faute de cette mère dénaturée refusant à son fils le sol qui lui revenait de droit. Elle assistait elle-même à la bataille, ne voyant pas combien elle péchait contre Dieu et contre l'amour maternel. Mais chez elle les sens étouffaient tout sentiment.

« O cruelle Progné, ô magicienne de Colchos! Si, dans le sang de vos enfants vous vous êtes vengées des fautes de leur père ou de crimes qu'ils ignoraient, Thérèse commet encore un plus grand péché, celui d'une incontinence barbare, d'une honteuse avidité! Scylla n'obéit qu'au premier de ces vices pour assassiner son vieux père; Thérèse se rendit coupable des deux, en tournant contre son fils ses armes parricides.

« Mais déjà le brave prince a triomphé de son beau-père et de sa mère criminelle; bientôt le peuple qui luttait contre lui tombe sous sa puissance; alors, aveuglé par la colère, Alphonse charge de fers les bras maternels. Mais Dieu devait bientôt l'en punir, tant nous devons de respect à nos parents!

« Pour venger Thérèse d'un tel affront, l'orgueilleux Castillan vole à son secours et vient attaquer l'armée lusitanienne, bien inférieure en nombre à la sienne, mais toujours audacieuse et prête à combattre. Dans une sanglante bataille, le courage portugais, secondé par le secours du ciel, non content de soutenir un tel choc, met en fuite le terrible ennemi.

« Celui-ci se hâte de réparer ses pertes, puis vient assiéger le brave Alphonse à Guimaraens avec ses forces toujours croissantes. Mais le fidèle Egas (8), en venant s'offrir à une mort cruelle, sauva son roi qui sans lui eût surement été perdu, dépourvu qu'il était de vivres et de munitions.

« Comprenant que son maître ne pouvait plus résister, le loyal serviteur se rend auprès du Castillan et lui promet qu'Alphonse se déclarera son vassal. A l'instant l'ennemi lève le siège, se fiant à la promesse du consciencieux Egas Moniz, et ne réfléchissant pas que le jeune héros ne consentira jamais à se soumettre.

« Le terme fixé pour la cérémonie était arrivé, et le roi de Castille attendait déjà que le prince vînt reconnaître la supériorité de l'Espagne, lorsqu'Egas, ne voulant point passer pour parjure aux yeux des Castillans, prit la résolution de donner sa propre vie en échange d'une promesse mal tenue.

« Il part, pour ne point manquer à sa foi, avec sa femme et ses enfants, en haillons et mis dans un tel état, qu'ils excitent plutôt la pitié que la colère: « Grand roi, dit-il, si tu désires te venger de ma téméraire confiance, me voici prêt à te donner ma vie pour un faux serment. »

XXXIX

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado e da consorte;
Se a peitos generosos e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte.
Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes,
Nellas sós exprimenta toda sorte
De tormentos, de mortes, pelo estylo
De Scinis, e do touro de Perillo (9).

XL

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Põe no cepo a garganta, e já entregado
Espera pelo golpe tão temido;
Tal diante do Principe indignado
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pôde em fim que a ira, a piedade.

XLI

Oh grão fidelidade Portugueza,
De vassallo que a tanto se obrigava!
Que mais o Persa fez naquella empreza,
Onde rosto e narizes se cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que, mil vezes dizendo, suspirava,
Que mais o seu Zopyro são prezára,
Que vinte Babylonias que tomára.

XLII

Mas já o Principe Affonso apparelhava
O Lusitano exercito ditoso
Contra o Mouro, que as terras habitava
D'além do claro Tejo deleitoso:
Já no campo de Ourique se assentava
O arraial soberbo e bellicoso,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Postoque em força e gente tão pequeno.

XLIII

Em nenhuma outra cousa confiado,
Senão no summo Deos, que o céo regia;
Que tão pouco era o povo bautizado,
Que para hum só cem Mouros haveria:
Julga qualquer juizo socegado
Por mais temeridade que ousadia,
Commetter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama;
Todos exprimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
Seguem guerreiras damas (10) seus amigos,
Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram (11),
E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV

A matutina luz serena e fria
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.
Elle, adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis!

XLVI

Com tal milagre (12) os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o céo tocavam,
Dizendo em alta voz: «Real, Real,
Por Affonso alto Rei de Portugal.»

« Et si un cœur généreux et magnanime peut se satisfaire du sang de pauvres êtres innocents, je viens te livrer ces âmes si pures de mes enfants et de la compagne de mes jours. Voici mes mains et ma langue parjure; tu peux exercer sur nous les tourments de Sinis ou de Périllus (9). »

« De même qu'un condamné, traîné devant le bourreau, semble avoir déjà perdu la vie au moment où il met sa tête sur le billot, en attendant le coup si redouté; tel Egas, préparé à tout, attend les ordres du monarque irrité. Mais à la vue d'un pareil trait de loyauté, celui-ci passe de la colère à la compassion.

« O fidélité portugaise d'un vassal qui s'offrait à un pareil sacrifice! Que fit de plus ce Perse en se mutilant le visage, ce fidèle sujet dont Darius regrettait le dévouement, en disant qu'il aurait cent fois mieux aimé voir son Zopyre en bonne santé que régner sur vingt Babylones?

« Mais déjà le prince Alphonse apprêtait de nouveau son heureuse armée contre les Maures, possesseurs des pays situés au delà du Tage aux bords riants. Déjà ses troupes aguerries, quoique peu nombreuses, campaient dans la plaine d'Ourique, devant les nombreuses cohortes des Sarrasins.

« Alphonse ne place sa confiance qu'en Dieu seul, car il voit bien que pour un de ses chrétiens, il y a cent Maures à l'ennemi. Un contre cent! c'est de la témérité plutôt que du courage, diront tous ceux qui réfléchiront froidement à cet acte inouï.

« Les Maures sont commandés par cinq rois, dont le plus puissant s'appelle Ismar; tous sont expérimentés dans les travaux de la guerre et y ont acquis un nom redouté. Sur leurs traces viennent des guerrières (10), dignes émules de la belle et brave alliée des Troiens (11) et des femmes intrépides du Thermodon.

« L'Aurore chassait les étoiles du firmament, lorsque le divin fils de Marie apparut sur sa croix au prince découragé; celui-ci, enflammé d'une religieuse ardeur, tombe à genoux devant le Dieu qui lui apparaît, et s'écrie; « Aux infidèles, seigneur, montrez-vous aux infidèles, plutôt qu'à moi qui crois à l'étendue de votre puissance. »

« Ce miracle (12) remplit les troupes d'une ardeur nouvelle; dans leur enthousiasme, elles proclament pour leur roi ce prince qu'elles chérissent. L'immense armée des Maures entend retentir leurs clameurs joyeuses: « Vive, s'écrient-elles, vive Alphonse, noble roi de Portugal! »

XLVII

Qual co'os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso,
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta;

XLVIII

Tal do Rei novo o estomago, accendido
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido,
Co'o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos; tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX

Bem como quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea:

L

Desta arte o Mouro attonito e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra;
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos e forçosos,
Por toda a parte andava accesa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

LII

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.

LIII

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os trophcos e presa rica:
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fora vendido;
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido;
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.

«Tel sur la montagne le terrible molosse, excité par les cris redoublés des chasseurs, s'élance contre un taureau qui place toute sa confiance dans ses cornes puissantes, et, le mordant tantôt à l'oreille, tantôt dans les flancs, aboyant et profitant de sa légèrcté plutôt que de sa force, finit par lui déchirer la gorge et l'obliger à céder:

«Tel le nouveau roi, encouragé par ce miracle et par les cris de ses troupes, tombe sur l'armée des barbares à la tête de ses hardis bataillons. A ce signal, ces chiens font entendre leurs aboiements et courent précipitamment aux armes. Ils saisissent leurs arcs et leurs lances; les trompettes retentissent; les instruments de guerre frappent l'air comme la foudre.

«Lorsque le feu prend dans un champ desséché, et qu'animé par le violent souffle de Borée il se répand instantanément dans la forêt voisine, la troupe des bergers, qui reposait plongée dans un doux sommeil, se réveille au bruit de l'incendie toujours croissant, et, après avoir mis le troupeau en lieu sûr, court se réfugier dans le plus proche village;

«De même les Maures décontenancés prennent aveuglement leurs armes; ils ne fuient pas, mais ils attendent avec confiance les événements, en stimulant leurs coursiers belliqueux. Les braves Lusitaniens leur enfoncent leurs lances dans la poitrine; les uns tombent demi-morts, les autres invoquent le secours du Coran.

Quels terribles chocs, capables d'ébranler des montagnes élevées! On voit courir de tous côtés les fougueux animaux que Neptune fit sortir de la terre; de toutes parts on se porte des coups redoutables; la fureur de la guerre est à son comble. L'intrépide Lusitanien rompt armures, cottes de mailles, cuirasses; il les enfonce, les perce, les coupe, les fend et les taille.

«Partout l'on voit voler des têtes que le glaive a tranchées; partout des bras, des jambes détachées de leur tronc; là des moribonds livides et défaillants aux entrailles encore palpitantes. Mais déjà le terrible ennemi a déserté la plaine, en voyant la verte campagne rougie par les flots de son sang.

«Les Portugais vainqueurs recueillent des trophées et un riche butin, et le grand roi triomphant reste trois jours encore sur le théâtre de la défaite des Maures d'Espagne. Sur son bouclier d'argent, témoin de sa victoire, il dessine cinq écussons d'azur, en mémoire des cinq rois vaincus

«Puis il y grave les trente deniers, infâme prix pour lequel le Christ fut vendu, et de cette manière il retrace avec des couleurs variées le souvenir de celui qui l'a favorisé de son assistance. Sur chacun des cinq écussons il dessine cinq deniers, afin de compléter le nombre nécessaire, en comptant deux fois celui du milieu, et il les dispose en forme de croix.

LV

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches sobjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Sealabicastro, cujo campo ameno,
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI

A estas nobres villas sobmettidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço:
E nas serras da Lua conhecidas,
Sobjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço,
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza,
Que edificada foste do facundo (13),
Por cujo engano foi Dardania accesa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção santa eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos céos,
Foi posto cerco aos muros Ulysseos.

LIX

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrára cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presupposto,
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX

Desta arte em fim tomada se rendeo
Aquella, que nos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Seythicos ousados,
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio e o Tejo amedrontados;
E em fim co'o Betis tanto alguns puderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das freseas aguas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

LXII

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa conheeidas,
E Aleacere-do-Sal, estão rendidas.

« Quelque temps après cette importante victoire, le grand roi va prendre pour la seconde fois Leiria, dont les Maures s'étaient emparés tout récemment. Par la même occasion, il soumet la forte Arronches et la superbe Santarem, dont les riantes campagnes voient couler les eaux tranquilles du Tage.

« Bientôt il ajoute Mafra à toutes ces conquêtes, et dans les fameuses montagnes de la Lune son bras puissant dompte la froide Cintra, où les Naïades cachées dans les sources veulent échapper au doux piège de l'Amour; mais lui, traversant de ses feux l'onde pure, les enveloppe doucement de ses liens.

« Et toi, ô noble Lisbonne, toi que je nommerai sans crainte la reine du monde, toi qui fus bâtie par l'éloquent Ulysse (13), dont la ruse fut cause de l'incendie de Troie, toi à qui l'Océan obéit, tu reconnus aussi la supériorité des Lusitaniens, secondés par la belliqueuse flotte venue des pays du Septentrion.

« Partis de ces contrées germaniques arrosées par l'Elbe et le Rhin, ainsi que de la froide Bretagne, plusieurs guerriers conçurent le saint projet de venir détruire le peuple sarrasin. A peine eurent-ils franchi l'embouchure du Tage, que, se réunissant aux troupes du grand Alphonse, dont la haute renommée s'élevait alors jusqu'aux cieux, ils assiégèrent la cité d'Ulysse.

« La lune avait cinq fois caché son disque, et cinq fois elle l'avait montré aux humains, lorsque la ville assaillie se rendit enfin, cédant à une attaque acharnée. La bataille fut sanglante et cruelle; et cela devait être, grâce au courage et à l'expérience des vainqueurs, et à la résistance désespérée des vaincus.

Ainsi succomba enfin cette ville qui n'avait jamais plié jadis sous le joug de ces intrépides barbares de la Scythie, dont la puissance s'accrut à un tel point, que l'Ebre et le Tage en tremblèrent et la Bétique subjuguée changea son nom contre celui de Vandalie.

« Mais, après Lisbonne, quelle ville pourra résister à ce peuple dont la gloire augmente de jour en jour? Déjà toute l'Estramadure lui obéit avec Obidos, Torres Vedras et la riante Alemquer, où les frais ruisseaux serpentent en murmurant au milieu des rochers.

« Et vous aussi, fertiles campagnes qui produisez au delà du Tage tous les fruits de la blonde Cérès, vous cédez vos cités et vos richesses à cette puissance surhumaine; et toi, ô laboureur maure, tu ne peux plus cultiver cette terre abondante: Elvas, Moura, Serpa et Alcacer, ces illustres villes, n'obéissent plus à ton nom.

LXIII

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente;
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longo a terra e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceo por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV

Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que não sabe soeegar,
Por estender eo' a fama a curta vida.
Não se lhe pôde muito sustentar
A cidade; mas, sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV

Com estas sobjugada foi Palmella
E a piseosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio-o a villa, e vio-o o Senhor della,
Que a soceorrel-a vinha diligente
Pela fralda da serra, deseuidado
Do temeroso encontro inopinado:

LXVI

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil eavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas e de ouro
Guarnecidos guerreiros e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
Co'os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante:

LXVII

Dest'arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura:
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de seguil-o o exercito procura;
Sendo estes, que fizeram tanto abalo,
No mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII

Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle que o mereee;
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece;
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece;
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldição da mãi que estava presa.

LXX

Que estando na cidade que cercára,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como aconteee muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
Á batalha, onde foi vencido e preso.

« Voici la noble Evora, ancienne résidence du rebelle Sertorius; Evora, où l'eau fraîche et argentée coule de loin pour nourrir la terre et les hommes, amenée par un long aqueduc dont les arches innombrables se dressent fièrement dans les airs; elle aussi fut soumise, grâce à la bravoure et à la ruse de Giralde que rien n'effrayait.

« La prise de Beja compense la destruction de Trancoso pour Alphonse, à qui le repos est inconnu, et qui veut, après sa courte vie, revivre par la gloire dans le cœur de la postérité. La résistance des assiégés ne fut pas longue; à peine se furent-ils rendus, que les soldats irrités tirèrent l'épée contre tout ce qui était vivant.

« Ensuite vint la conquête de Palmella et de la poissonneuse Cezimbra, où en même temps, aidé par son heureuse étoile, Alphonse taille en pièces une immense armée mauresque. La ville et les montagnes d'alentour purent apercevoir cette armée au moment où, accourant à leur secours par le bas de la vallée, elle fut victime de ce choc inattendu.

« C'était le roi de Badajoz, Maure puissant, qui amenait avec lui quatre mille cavaliers redoutables et d'innombrables fantassins aux armures éclatantes d'or et d'argent. Mais, tel qu'au mois de mai le taureau furieux, terriblement jaloux de sa compagne, court aveuglement, dès qu'il entend des pas, assaillir le voyageur surpris:

« Tel Alphonse se montrant tout-à-coup, fond sur les barbares qui se croyaient en sûreté, et plein d'ardeur, il renverse, blesse et tue tous ceux qu'il attaque. Le roi maure prend la fuite, et ne songe qu'à sauver sa vie; son armée, saisie d'une panique générale, ne cherche qu'à le suivre et s'enfuit devant un escadron de soixante cavaliers, seul auteur d'une telle secousse.

« Immédiatement après, l'infatigable roi, réunissant de toutes les parties du royaume des troupes aguerries par tant de conquêtes, va mettre le siége devant Badajoz. Ses vœux sont bientôt accomplis, et grâce à son courage et à son génie, il met encore cette ville au nombre de ses possessions.

« Mais le Très-Haut, qui d'ordinaire ajourne longtemps le châtiment réservé aux coupables, soit pour donner au pécheur le temps de se repentir, soit pour des motifs inconnus aux mortels, après avoir sans cesse garanti le grand roi des périls qu'il a bravés, l'abandonne à la malédiction d'une mère chargée de fers.

« En effet, pendant qu'il séjournait dans cette ville qu'il venait d'assiéger, il y fut assiégé lui-même par les Léonais qui lui réclamaient leur cité, en prétendant que Badajoz devait appartenir à Léon et non aux Portugais. Son obstination, comme il arrive souvent, lui fut fatale. Entraîné par sa fureur au combat, il se casse la jambe contre les ferrures d'une porte, et va se faire battre et prendre sur le champ de bataille.

LXXI

Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a rnina;
Nem ver que a justa Némesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria indina:
Postoque o frio Phasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente:

LXXII

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos e Colchos, cuja fama
O véo dourado estende, e os Cappadoces,
E Judéa, que um Deos adora e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto e sancto monte:

LXXIII

E posto em fim que desd'o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem; não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido:
Porque Affonso verás soberbo e ovante
Tudo render, e ser despois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto, celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado,
Do Sacro promontorio conhecido
Á cidade Ulyssea foi trazido:

LXXV

Porque levasse ávante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo
Com gente, e co'o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço e d'animo sobejo,
Ávante passa, e faz correr vermelho
O rio, que Sevilha vai regando,
Co'o sangue Mauro, barbaro e nefando

LXXVI

E com esta victoria cobiçoso,
Já não descansa o moço até que veja
Outro estrago, como este, temeroso,
No barbaro que tem cercado Beja:
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o eco:
Já vem do promontorio de Ampelusa (14),
E do Tinge, que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa;
Que tambem com suas armas se moveo
Ao som da Mauritana e ronca tuba
Todo o reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin (15) em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

« O grand Pompée, ne souffre point de l'injuste récompense de tes illustres exploits ni des justes décrets de Némésis qui a voulu que ton beau-père remportât sur toi une victoire éclatante: et, quoique les bords du Phasis ou les brûlantes campagnes de Syène, le froid Boos ou la Ligne ardente aient tous redouté ton nom célèbre;

« Quoique la riche Arabie, les féroces Sarmates ou les peuples de la Colchide, fameuse par sa toison d'or, les Cappadociens et les Juifs, adorateurs du vrai Dieu, les Sophènes efféminés, les barbares Ciliciens et l'Arménie qui voit couler deux grands fleuves dont les sources sont sur une montagne sacrée;

« Enfin, quoique depuis la mer d'Atlas jusqu'aux chaînes scythiques du Taurus, l'univers entier ait vu tes triomphes, ne t'étonne point si pour la première fois tu fus vaincu dans les plaines d'Emathie. Vois le grand Alphonse; il rend à l'ennemi toutes ses conquêtes, en attendant qu'il se rende lui-même. Ainsi l'a voulu le céleste conseil: toi, Pompée, tu es vaincu par ton beau-père; Alphonse se laisse surpasser son gendre.

« Après ce châtiment de la justice divine, le brave roi, de retour dans ses domaines, soutient à Santarem un siége héroïque contre les Sarrasins. C'est à cette occasion que fut transporté du promontoire sacré dans la ville d'Ullysse le corps si vénéré du martyr saint Vincent.

« Afin de combler tous ses désirs, le vieillard, déjà lassé par tant de batailles, envoie son fils dans les terres de l'Alemtejo, à la tête d'une vaillante armée. Le jeune et brave Dom Sanche ne tarde pas à gagner du terrain; il va jusqu'aux bords du fleuve qui baigne Séville, et en rougit les eaux du sang des barbares.

« Ce succès le rend avide de gloire; il ne repose pas qu'il ne voie les Arabes subissant un échec semblable devant les murs de Beja, qu'ils assiégent. Bientôt ses souhaits s'accomplissent à merveille, et les Maures défaits ne fondent plus leur espoir que sur la vengeance de toutes les pertes qu'ils ont essuyées.

« Déjà ils viennent en foule de l'Atlas, soutien du ciel, auquel Méduse retira la forme humaine; d'autres arrivent du promontoire d'Ampélusc (14) et de Tingis, où régna jadis Anthée; l'habitant d'Abyla prend également les armes, et la trompette mauresque soulève tout l'antique royaume du noble Juba.

« A la tête de toutes ces troupes, le Miramolin (15) entrait en Portugal, accompagné de treize puissants rois maures sur lesquels il avait le souverain pouvoir. Après avoir causé des dégâts et fait des ravages sans nombre, il va assiéger Dom Sanche à Santarem.

LXXIX

Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso não perdendo
Nada do esforço e acordo generoso,
Tudo provê com animo e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço e resistencia.

LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao soccgo;
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego;
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI

E co'a famosa gente á guerra usada
Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII

Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminin só não fugio,
Porque antes de fugir, lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittio
Dão louvores e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII

De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
De larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraqueeido;
E pagaram seus annos deste geito,
Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV

Os altos promontorios o choraram (16),
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas:
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão,
Affonso, Affonso, os eccos: mas em vão!

LXXXV

Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exprimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
E mais quando os que Beja em vão cercaram
Os golpes de seu braço em si provaram:

LXXXVI

Despois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judéa já perdida.

« Ce siége ne réussit pas au gré de ses vœux, car malgré les nombreuses attaques et les mille stratagèmes de guerre qu'ils emploient, les Maures, ne tirant plus parti des terribles balistes, des mines souterraines ni des redoutables béliers, trouvent un courage et une résistance toujours plus vive dans le fils d'Alphonse, dont la prévoyance est admirable.

« Cependant le vieillard, à qui ses années laborieuses imposaient le repos, se trouvant dans la ville dont les eaux du Mondego reverdissent les pâturages environnants, et apprenant que son fils est assiégé à Santarem par l'horrible peuple mauresque, oublie son âge avancé et quitte la ville avec l'activité d'un jeune homme.

« Suivi de ses troupes aguerries, il court au secours de son fils. Commandées par deux chefs aussi habiles, les courageuses légions portugaises ont bientôt détruit l'armée ennemie. La plaine, remplie de vêtements arabes, de capuchons, de chevaux, de harnais, se couvre bientôt aussi des cadavres de leurs maîtres.

« Aussitôt tout ce qui restait encore de barbares en Lusitanie prend la fuite, sauf le Miramolin, car la mort ne lui en donne pas le temps. Reconnaissants envers le véritable auteur de leur triomphe, les vainqueurs chantent des cantiques de louanges et d'actions de grâce; car dans des périls aussi imminents, c'est Dieu qui combat, et non les hommes.

« C'est ainsi que le vieil Alphonse, ce prince glorieux, courait de victoire en victoire; mais enfin, chargé d'années, il dut céder au grand âge, lui qui n'avait jamais cédé de sa vie. La pâle maladie toucha de sa main glacée son corps affaibli, et lui fit ainsi payer son tribut à la lugubre Libitine.

« Les promontoires élevés le pleurèrent (16), et les fleuves étendirent sur les champs labourés leurs eaux grossies par des larmes abondantes. Mais ses exploits acquirent dans le monde entier une telle gloire, que toujours on entendra les échos de son royaume répéter: « Alphonse! Alphonse! » mais hélas! toujours en vain.

« Sanche lui succédait. Guerrier valeureux et digne fils d'un tel père, déjà il s'était couvert de gloire du vivant d'Alphonse, en rougissant le Bétis du sang des infidèles; c'est lui qui avait mis en déroute le roi ismaélite d'Andalousie, et son bras s'était essayé contre ceux qui avaient vainement assiégé la cité de Béja.

« Il y avait peu d'années qu'il était monté sur le trône lorsqu'il courut mettre le siége devant la ville de Sylves, dont la campagne était sillonnée par les charrues africaines. Là il fut vivement secondé par une flotte puissante et bien équipée, qui, partie de la Germanie, franchissait les mers pour aller reconquérir la Judée, que les croisés avaient déjà perdue.

LXXXVII

Passavam a ajudar na santa empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da cidade onde Christo padeceo:
Quando Guido, co'a gente em sêde accesa,
Ao grande Saladino se rendeo
No lugar, onde aos Mouros sobejavam
As agnas, que os de Gnido desejavam.

LXXXVIII

Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sauto marte:
Assi como a seu pai acontecera
Quando tomou Lisboa, da mesma arte
Do Germano ajudado, Sylves toma,
E o bravo morador destroe e doma.

LXXXIX

E se tantos tropheos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonez não consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mavorte:
Até que na cerviz seu jugo metta
Da soberba Tui, que a mesma sorte
Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

XC

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso e Rei terceiro.
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcacere do Sal, por derradeiro;
Porque d'antes os Mouros o tomaram,
Mas agora estrnidos o pagaram.

XCI

Morto despois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manso e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, quem mandava, era mandado.
De governar o reino, que outro pede,
Por causa dos privados foi privado;
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

XCII

Não era Sancho, não, tão deshonesto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e despois horrendo incesto
Com a mãi Agrippina commettia;
Nem tão cruel ás gentes e molesto,
Que a cidade queimasse onde vivia;
Nem tão máo como foi Heliogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII

Nem era o povo seu tyrannizado,
Como Sicilia foi de seus tyrannos;
Nem tinha como Phalaris achado
Genero de tormentos inhumanos:
Mas o reino de altivo e costumado
A senhores em tudo soberanos,
A Rei não obedece, nem consente,
Que não for mais que todos excellente.

XCIV

Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, despois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso o bravo se chamou,
Despois de ter o Reino segurado,
Em dilatal-o cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito tão pequeno.

«Cette flotte allait aider dans sa sainte entreprise le célèbre Barberousse, qui leva une formidable armée pour la défense de la ville où Jésus-Christ a souffert, lorsque Guy de Lusignan se rendit au grand Saladin avec son armée consumée par la soif, au même endroit où les Arabes regorgeaient de cette eau dont manquaient les chrétiens.

«Cependant la puissante escadre, que le vent avait poussée sur ces côtes, voulut employer au service de Sanche des armes destinées à combattre des infidèles; déjà son père avait été semblablement secouru lorsqu'il s'était emparé de Lisbonne. Profitant donc de son exemple, Sanche, contenu par les Germains, s'empare de Sylves, dont il soumet les valeureux habitants.

«Non content d'avoir remporté tant de trophées sur les enfants de Mahomet, il dompte la fureur du peuple de Léon, ce peuple que Mars a formé, et finit par réduire sous sa puissance l'orgueilleuse Tuy; à l'exemple de celle-ci, mille autres villes voisines se courbent devant les armes de Don Sanche.

«Mais au milieu de tant de succès l'inévitable mort vint le surprendre. Il laissait pour héritier son fils Alphonse II, troisième roi de Portugal, prince estimé de tous ses sujets. Celui-ci reprit aux Maures Alcacer-do-Sal, se vengeant ainsi de leur conquête antérieure.

«A Alphonse succéda Sanche II, monarque débonnaire et insouciant; telle était sa négligence, qu'au lieu de commander il ne fit qu'obéir: aussi perdit-il son royaume, qui demandait un autre roi, par la faute de ses courtisans, dont il suivait aveuglément les conseils, ce qui l'entraînait à approuver tous leurs vices.

«Mais ne comparons pourtant pas Don Sanche à l'immonde Néron qui prenait pour femme un jeune homme, pour commettre ensuite un abominable inceste avec sa mère Agrippine, et qui poussa la cruauté jusqu'a mettre le feu à la ville qu'il habitait; ne le comparons ni au méchant Héliogabale ni au monarque efféminé d'Assyrie.

«Son peuple ne fut point tyrannisé comme celui de Sicile, et ne lui vit point inventer, comme Phalaris, un genre nouveau d'atroces tourments. Mais son royaume, habitué jusqu'alors, à des rois supérieurs en toutes choses, ne consentait pas à obéir à un souverain qui ne pût servir d'exemple à tous.

«A sa place gouverna donc le comte de Boulogne, proclamé roi plus tard, à la mort de son indolent frère Don Sanche. Le nouveau roi, Alphonse le Brave, n'a pas plutôt affermi son royaume, que déjà il songe à l'accroître; un terrain si peu étendu ne suffit point à son courage.

XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fóra
O Mouro mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania, com força e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

XCVI

Eis despois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina.
Com este o Reino prospero florece,
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá teeidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII

Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o Reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros.
Mas, despois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte e excellente.

XCIX

Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno;
Porque não he das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno.
Mas porém, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorrel-a.

C

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gotthica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI

E vendo o Rei sublime Castelhano
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII

Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:

« Le pays des Algarves, qui lui avait été donné en dot, est agrandi par son bras valeureux, et voit enfin s'enfuir les derniers Maures que Mars ne protégera plus. C'est ce prince vaillant et belliqueux qui rendit entièrement libre la Lusitanie, et acheva de détruire le redoutable peuple qui occupait le territoire accordé par le sort aux descendants de Lusus.

« Après lui vient Denys, noble et digne rejeton du brave Alphonse; Denys, qui fait oublier la générosité du grand Alexandre. Sous lui la paix bienheureuse et dorée fait fleurir dans le royaume les lois et les mœurs, et apporte des lumières aux habitants en repos.

« Coïmbre apprend à exercer les travaux glorieux de Minerve, et les Muses de l'Hélicon accourent fouler les fertiles bords du Mondego. Tout ce qu'on pourrait envier à l'antique Athènes, le sublime Apollon le réserve pour cette ville, où il distribue des guirlandes et des couronnes d'or, de baccharis et de laurier.

« Denys bâtit des villes imposantes, des forteresses et des remparts formidables; son royaume est réformé presque en entier, grâce aux majestueux édifices dont il le couvre. Mais bientôt la cruelle Atropos tranche le fil de ses jours avancés. Il est remplacé par son fils, le quatrième Alphonse, enfant ingrat, mais brave et audacieux guerrier.

« Méprisant sans cesse la superbe de la Castille, il résista toujours à ses attaques, car les Lusitaniens n'ont pas coutume de trembler devant des forces supérieures. Cependant quand les cohortes mauritaniennes franchirent les limites de la Castille pour s'emparer du territoire de l'Hespérie, Alphonse, malgré son orgueil, courut à son aide.

« Jamais Sémiramis n'avait rempli de tant de troupes les plaines de l'Hydaspe; jamais Attila, ce fléau de Dieu, n'avait amené dans l'Italie épouvantée autant de Goths réunis que les opulents possesseurs de Grénade n'accumulèrent de Sarrasins dans les vastes campagnes de Tariffa.

« A la vue d'une telle multitude de troupes, le grand roi de Castille redoute, bien plus que la mort, la chute du peuple espagnol, que les Maures avaient déjà détruit une fois. Forcé d'implorer le secours du brave Lusitanien, il lui envoie sa chère épouse, fille bien-aimée du roi qu'elle allait tenter de fléchir.

« Qu'elle était belle dans sa douleur la charmante Marie, lorsque, les yeux baignés de larmes et les cheveux répandus sur ses épaules d'ivoire, elle franchit le seuil de la royale demeure paternelle. Son père était déjà tout joyeux de la recevoir, lorsqu'il lui entendit prononcer ces paroles, entrecoupées de sanglots:

CIII

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não for comtigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do reino ser privada;
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, seu reino e sem ventura.

CV

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca (17) se congela;
Rompe toda a tardança; acude cedo
Á miseranda gente de Castella:
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude, e corre pai; que se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.

CVI

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia,
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

CVII

Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra co'o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaezados.
A canora trombeta embandeirada,
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado:
E sómente co'o gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão poteute,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça e claro veja,
Que co'o braço dos seus Christo peleja.

CX

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno;
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito agareno;
Que com titulo falso possuindo
Estão o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa couta e nua
Á nobre terra alheia chamam sua.

« Tous les peuples que l'Afrique a produits, tout ce que le Maroc contenait de barbares a suivi son souverain pour venir conquérir la noble Hespérie. Depuis que l'Océan entoure les continents de ses flots salés, jamais on ne vit pareille masse de troupes. Leur furie et leur férocité sont telles, que les vivants s'en épouvantent et les morts tremblent dans leurs tombeaux!

« Celui que tu m'as donné pour mari n'a qu'une petite armée pour défendre son faible royaume contre les terribles cimeterres des Maures; si tu ne lui prêtes pas assistance, tu me verras veuve, abandonnée, sans royaume, et destinée à mener une vie d'angoisses et de malheur.

« Pars donc au plus tôt, ô valeureux monarque, toi dont le seul nom glace d'épouvante le fleuve du Moluca (17); hâte-toi de venir en aide au malheureux peuple de Castille. Si cet air joyeux et tendre que respire ton visage atteste un véritable amour de père, viens, cours, hâte-toi; car si tu tardes encore, peut-être ne trouveras-tu plus à qui porter secours. »

« On pourrait comparer la timide Marie à la bloude Vénus demandant à son père Jupiter de l'indulgence pour Énée, son fils, qui voguait sur les mers; et telle fut la clémence de ce père attendri, que, laissant tomber de ses mains la foudre destructrice, il lui promit de lui accorder tout ce qu'elle désirait, trouvant sa prière trop facile à exaucer.

« Mais déjà les plaines d'Evora sont couvertes des escadrons portugais. Armures, lances, épées reluisent aux rayons du soleil; on entend retentir les hennissements des chevaux brillamment caparaçonnés, et le son aigu de trompettes ornées de drapeaux excite dans les âmes paisibles la fureur de la guerre, en produisant au loin des échos dans le creux des montagnes.

« Parmi tous les autres, et à côté de l'étendard royal, on remarque aisément le vaillant Alphonse, dont la tête superbe domine toutes les autres. Là, de son seul regard, il anime et encourage les cœurs effrayés. C'est ainsi qu'il entre dans les terres castillanes, accompagné de sa charmante fille, la reine de ces contrées.

« Les deux Alphonses se réunissent enfin dans les campagnes de Tariffa: ils ont en face d'eux une foule immense de guerriers que la plaine et les montagnes voisines ont de la peine à contenir. Il n'y a point de cœur humain, si brave et si grand qu'il puisse être, qui n'éprouve un moment d'anxiété, avant d'avoir vu clairement que Jésus-Christ combat avec ses compagnons d'armes.

« Les descendants d'Agar sont là, riant pour ainsi dire de la faible armée des chrétiens, et se partageant d'avance entre eux le terrain qu'ils ambitionnent: de même qu'ils ont usurpé le nom fameux de Sarrasins, ils se proclament les maîtres d'une contrée qui ne leur appartient pas.

CXI

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com causa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido;
Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda, o desengana
Quanto mais póde a fé, que a força humana:

CXII

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos; e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano e com destreza
De Marrocos o Rei commette e offende;
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII

Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam, segundo as leis que alli seguiam,
Huns Mafamede, e os outros Sanct-Iago,
Os feridos com grita o céo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV

Com esforço tamanho estrue e mata,
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está co'o Mauritano.

CXV

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Tethys, e inclinado
Para o Ponente, o Vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento;
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII

E se tu tantas almas só pudeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antiguo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito,
Que assi dos Vates foi prophetizado,
E despois por JESU certificado.

CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e digno da memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera e mesquinha
Que despois de ser morta foi Rainha (18).

«Tel le monstrueux géant, si justement redouté par le roi Saül, en voyant devant lui ce berger qui n'a pour se défendre que des pierres et du courage, commence à critiquer la pauvreté de ses vêtements, et lui lance des paroles outrageantes, mais finit par succomber sous les coups de la redoutable fronde (tant la confiance en Dieu l'emporte sur la force des hommes!);

«Ainsi les Maures perfides méprisent la puissance des chrétiens, ne comprenant pas que ces derniers sont appuyés par une force supérieure, à qui le terrible enfer obéit. Guidé par elle et par son propre génie, le Castillan attaque le roi du Maroc; le Portugais, qu'aucun danger n'épouvante, se fait redouter de l'armée grénadienne.

«Les lances et les épées se heurtent contre le fer des cuirasses: terrible carnage! là chacun, selon ses croyances, invoque le nom de Saint Jacques ou celui de Mahomet. Les blessés frappent l'air de leurs cris lamentables et se voient entourés d'une mare de sang, où viennent périr ceux que le glaive n'a point achevés.

«Le Lusitanien porte aux Musulmans des coups si terribles, qu'en peu de temps, malgré leur résistance et leur poitrine d'acier, il anéantit l'armée grénadienne; et, non content d'un triomphe si aisément obtenu, le peuple au bras courageux vole au secours du brave Castillan qui a les Mauritaniens pour adversaires.

«Le soleil allait bientôt se plonger dans le domaine de Thétis, et Vesper apparaissant à l'Occident marquait la fin de cette journée mémorable, quand les innombrables bataillons des Maures furent mis en déroute par les deux valeureux rois chrétiens, après un carnage tel, qu'on n'en connut jamais de semblable dans l'univers.

«Le brave Marius ne tua pas le quart de ceux qui périrent dans cette fameuse bataille, lorsqu'il fit boire à ses soldats altérés l'eau rougie par le sang de l'ennemi. Il en fut de même de ce Carthaginois, qui dès sa naissance avait voué à Rome une haine éternelle, lorsque des mains des cadavres romains il retira trois boisseaux pleins d'anneaux d'or.

«Quant à toi, ô noble Titus, si tu as pu envoyer autant d'âmes dans le royaume obscur du Cocyte, lorsque tu détruisis la sainte ville qui s'obstinait à garder ses anciennes coutumes, ce fut grâce à un ordre du Dieu vengeur, et non point par la force de tes armes: car ainsi l'avaient annoncé les prophéties, que le Christ confirma.

«Après cette éclatante victoire, Alphonse retourna dans le pays de Lusus, pour y goûter les douceurs de la paix avec autant de gloire qu'il en avait acquis sur les champs de bataille. Alors eut lieu cet événement triste, mais à jamais célèbre, qui ébranle les morts dans leurs tombes: la misérable fin de cette infortunée qui fut reine après sa mort (18).

CXIX

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Déste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sêde tua
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em soccgo,
De teus annos colhendo doce fruito,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI

Do teu Principe alli te respondiam
As lembranças que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;
De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas senhoras, e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sisudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que casar-se não queria:

CXXIII

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceeso.
Que furor consentio que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas, e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa, e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava;

CXXV

Para o céo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos;
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphandade como mãi temia,
Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãi de Nino já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

Toi seul, cruel Amour, toi qui sais si bien envelopper de tes liens le cœur des mortels, tu fus cause de sa mort déplorable, et l'immolas comme si elle eût été une perfide ennemie. Que si l'ont dit, terrible Amour, que les pleurs mêmes ne suffisent point à étancher ta soif dévorante, c'est que, dans ton implacable tyrannie, tu aimes à baigner tes autels dans le sang humain.

«Livrée à un paisible repos, tu profitais, belle Inez, des doux moments de tes jeunes années pour jouir de cette erreur joyeuse et aveugle de l'âme, que l'inflexible destinée ne tarde pas à détruire. Rêvant dans les plaines riantes du Mondégo, que tes larmes ont à jamais grossi, tu apprenais sans cesse aux coteaux et aux prés verdoyants ce nom que tu portais gravé dans ton cœur.

«Là tu entendais l'écho des douces pensées qui poursuivaient ton prince chéri et amenaient ta belle image devant ses yeux, quand il ne les avait point fixés sur les tiens, qu'il ne cessait d'admirer. La nuit il te voyait dans des doux rêves mensongers; le jour dans des visions qui voltigeaient sans cesse autour de lui; en un mot il ne pensait à rien, il ne voyait rien qui ne fût pour lui un sujet de bonheur et de joie.

«Pour elle, il a refusé la main de bien des dames, de bien des princesses, à qui ne manquaient ni la beauté ni les partis: ô amour, tu méprises tout, quand tu te sens assujetti par une force enchanteresse! Mais son père, le sévère vieillard, qui redoute les murmures du peuple, voyant que cette passion insensée éloigne Pierre des liens de l'hyménée, prend la résolution d'arracher Inez à ce monde.

«C'était pour lui la seule manière de reconquérir son fils. Il croyait, le malheureux! éteindre dans le sang d'une innocente l'ardent amour qu'elle avait su inspirer! De quelle étrange folie fut-il pris, lorsqu'il se servit contre une femme faible et sans défense de cette vaillante épée qui avait pu soutenir le poids immense de la fureur des Maures?

«Déjà les horribles bourreaux l'amènent devant le monarque, dont le cœur commence à s'émouvoir de pitié; mais le peuple, alléguant des raisons aussi fausses que barbares, le détermine à ordonner cette mort cruelle. Inez, que le chagrin et le regret de laisser le prince et ses enfants font plus trembler que la mort elle-même, Inez fait entendre des plaintes et des cris qui excitent la compassion.

«Levant vers le ciel pur ses beaux yeux remplis de larmes, ses yeux, dis-je, car un des rigoureux conseillers attachait fortement ses mains délicates, et se prenant à regarder ses charmants enfants, qu'elle aime tant et qu'elle craint de laisser orphelins, elle adresse ces paroles à leur inexorable aïeul:

«Si l'on a déjà vu des bêtes féroces, à qui la nature a donné la cruauté en partage, si l'on a vu des oiseaux vivant de rapine prodiguer des soins de tout genre à de petits innocents, comme on le raconte de la mère de Ninus et des deux frères qui ont fondé Rome;

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

CXXVII

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não teus á morte escura della:
Mova-te a piedade sua e minha,
Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdel-a não fez erro.
Mas se to assi merece esta innocencia,
Põe-me em perpetuo e misero desterro,
Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Põe-me onde se use toda a feridade,
Entre leões e tigres; e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos não achei:
Alli co'o amor intrinseco e vontade
Naquelle por quem mouro, criarei.
Estas reliquias suas que aqui viste,
Que refrigerio sejam da mãi triste.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras que o magoam;
Mas o pertinaz povo, e seu destino
(Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
Arrancam das espadas de aço fino,
Os que por bom tal feito alli pregoam.
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Feros vos amostrais e cavalleiros?

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,
Consolação extrema da mãi velha,
Porque a sombra de Achilles a condena,
Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar serena,
(Bem como paciente e mansa ovelha)
Na misera mãi postos, que endoudece,
Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores
No collo de alabastro, que sostiuha
As obras com que amor matou de amores
Aquelle que despois a fez Rainha,
As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tiuha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidosos.

CXXXIII

Bem puderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva mesa de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que pudestes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr co'a doce vida.

« Ó vous, dont le visage et le cœur expriment l'humanité, si pourtant on est digne de ce nom d'humain en tuant une faible femme, qui n'a commis d'autre crime que d'avoir inspiré de l'amour à celui qui a su s'en faire aimer; respectez au moins ces petites créatures, puisque vous ne craignez pas d'assassiner leur mère. Laissez-vous attendrir par leurs larmes et les miennes, puisque mon innocence ne vous suffit point.

« Et si, pour dompter la résistance des Maures, vous savez infliger le trépas à l'aide du fer et de la flamme, sachez aussi être clément et laisser la vie à ceux qui n'ont commis aucun forfait pour mériter de la perdre. Enfin, si vous croyez devoir punir mon innocence, bannissez-moi, renvoyez-moi pour toujours dans la froide Scythie ou bien dans les ardents déserts de Lybie, où je pourrai vivre éternellement dans les pleurs.

« Reléguez-moi au milieu des tigres et des lions affamés; peut-être y trouverai-je la pitié que des cœurs humains me refusent. Là, ne vivant que des souvenirs et de l'amour de celui pour qui je meurs, j'aurai au moins, pour amoindrir mon infortune, la consolation d'élever ces gages précieux de notre bonheur passé! »

« Ému par ces touchantes paroles, le roi était décidé à user de clémence. Mais le peuple féroce et son impitoyable destin refusent de lui pardonner. Ils tirent leurs épées du fourreau, ces odieux ministres qui l'accusent; les lâches, ils n'ont pas honte de s'en servir contre une femme!

« De même qu'autrefois le farouche Pyrrhus, pour venger l'ombre d'Achille, ne craignit pas d'immoler Polyxène, le seul trésor qui restât à la vieille Hécube; pendant qu'elle, fixant sur sa mère déjà folle ses yeux qui rassérénaient le ciel, s'offrait au cruel sacrifice, comme la tendre brebis qu'on va égorger:

« Ainsi ces bourreaux inhumains plongèrent le fer dans ce sein d'albâtre, qui renfermait les trésors dont l'amour s'était servi pour frapper mortellement celui qui depuis la fit reine. Les cruels! ils souillèrent de sang son teint de lis inondé par ses larmes, ne réfléchissant pas au châtiment qui les attendait.

« Soleil! tu aurais bien pu écarter ce jour là tes rayons de cette scène barbare, comme tu le fis jadis, lorsque dans son immonde festin Atrée servit à Thyeste ses propres enfants. Et vous, ô profondes vallées qui avez entendu le dernier mot sorti de sa bouche glacée, que de fois vos échos ont répété le nom adoré de Don Pierre!

« Comme l'on voit une belle fleur champêtre se faner et perdre tout son parfum, lorsqu'elle a été arrachée de sa tige avant le moment propice et maltraitée par les mains lascives d'une jeune fille qui l'a placée dans sa guirlande; ainsi sont flétris les traits de la malheureuse Inez; les roses de son visage se sont séchées; elle a perdu avec sa douce vie ses couleurs blanches et vives.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram (19).
Vêde que fresca fonte rega as flores;
Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI

Não correo muito tempo que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro (20) cruissimo os alcança;
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

CXXXVII

Este, castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes e adulterios:
Fazer nos máos cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando justiçoso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII

Do justo e duro Pedro nasce o brando,
(Vêde da natureza o desconcerto!)
Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
Que todo o reino poz em muito aperto;
Que, vindo o Castelhano devastando
As terras sem defeza, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor (21) a seu marido,
E casar-se com ella, de enlevado
N'hum falso parecer mal entendido,
Ou foi que o coração, sujeito e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez e fraco; e bem parece,
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL

Do peccado tiveram sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz e permittio;
Os que foram roubar a bella Helena;
E com Apio tambem Tarquino o vio.
Pois por quem David sancto se condena?
Ou quem o Tribu illustre destruio
De Benjamin? Bem claro nol-o ensina
Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alemena se parece,
Quando em Omphale andava transformado:
De Marco Antonio a fama se escurece
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado.
Tu tambem Pœno prospero (22), o sentiste,
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII

Mas quem póde livrar-se por ventura
Dos laços, que Amor arma brandamente
Entre as rosas e a neve humana pura,
O ouro e o alabastro transparente?
Quem de huma peregrina formosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coração converte, que tem preso,
Em pedra não, mas em desejo aceeso?

« Les nymphes du Mondégo ont longtemps pleuré sa mort tragique, et, pour garder éternellement son souvenir, elles convertirent les larmes qu'elles avaient répandues en une fontaine cristalline qui reçut et porte encore le nom des amours d'Inez, dont elle fut témoin (19). Voyez quelle délicieuse fontaine arrose les fleurs parfumées! ses eaux sont des larmes, son nom les *Amours!*

« Cependant Pierre ne vit pas s'écouler un long espace de temps avant qu'il pût venger ses mortelles blessures: à peine eut-il entre ses mains le sceptre de son père, qu'il songea à punir les assassins, que la frayeur avait mis en fuite. Ils lui furent livrés par cet autre Pierre (20), que ses sujets nommèrent le Cruel; au moyen d'un traité terrible, les deux rois inhumains recommencèrent les cruautés qu'exercèrent jadis Lépide, Antoine et Auguste.

« Ce prince se plaisait à punir sévèremet le brigandage, le meurtre et l'adultère, et à tourmenter les coupables par des supplices affreux. Il exerça sa justice sur les cités, et, à l'exemple d'Aleide et de Thésée, il délivra son royaume d'un nombre infini de brigands.

« Mais voyez une bizarre inconstance du Destin: le juste et sévère Dom Pierre eut pour fils Ferdinand, prince indolent et débile, qui faillit compromettre son royaume, le jour où le roi de Castille, profitant de l'apathie de ses voisins, tomba sur le Portugal, qu'il fut sur le point de détruire: tant il est vrai qu'un roi faible amollit le peuple le plus vaillant.

« Ou le ciel voulut le punir sévèrement d'avoir enlevé Éléonore (21) à son mari et de l'avoir ensuite épousée, entraîné qu'il était par une fatale passion; ou bien ce cœur, en s'adonnant au vice, se rendit faible et lâche. Les hommes forts eux-mêmes ne se laissent ils pas dominer par de viles amours?

« Dieu l'a toujours voulu ainsi: les coupables ont toujours subi leur châtiment; n'en avons-nous pas assez d'exemples dans les ravisseurs de la superbe Hélène, dans Tarquin, dans Appius? Quel motif a condamné le saint roi David? Qui détruisit l'illustre tribu de Benjamin? Bien clairement nous l'apprennent Pharaon par Sara, Sichem par Dina.

« Si l'on veut savoir jusqu'à quel point une passion déréglée affaiblit les cœurs vaillants, on peut bien le voir dans le fils d'Alemène, qui alla jusqu'à prendre les vêtements d'Omphale; Marc-Antoine vit sa renommée à jamais ternie par son attachement pour Cléopâtre; et toi aussi, heureux Carthaginois (22), tu en fus victime, lorsque tu t'épris de la jeune esclave de Capoue.

« Mais hélas! qui peut échapper aux pièges que nous tend doucement Cupidon, lorsqu'il nous montre un teint de lis et de roses, un cou d'albâtre et une chevelure blonde comme l'or? Qui peut résister aux charmes d'une beauté enchanteresse, qui, semblable à la tête de Méduse, enchaîne notre cœur et le transforme, non en une froide pierre, mais en un volcan de désirs?

CXLIII

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

« Qui peut se défendre contre un regard charmant, un doux maintien ou une angélique beauté qui attire sans cesse les âmes? Ferdinand sera sans doute excusable pour celui qui aura déjà éprouvé les doux feux de l'amour! Mais, si son cœur eût été libre, il serait doublement coupable. »

CANTO IV

A voz pesada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

(Canto IV, Est. XCIV.)

«Éleva un peu sa voix grave que nous entendîmes distinctement sur la mer, et, avec une sagesse que l'expérience seule lui avait donnée, il prononça ces paroles mémorables:

(Chant. IV, Stan. XCIV.)

CANTO QUARTO

I

Despois de procellosa tempestade,
Noeturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceo,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

II

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os daumos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do descuido remisso de Fernando;
Despois de poneo tempo o aleançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, eomo de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III

Ser isto ordenação dos Céos divina,
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou;
E eomo eousa em fim, que o Céo destina,
No berço o eorpo e a voz alevanton:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

IV

Alteradas então do Reino as gentes
Co'o odio, que oceupado os peitos tinha,
Absolutas eruezas, e evidentes,
Faz do povo o furor, por oude vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adultero Conde (1) e da Rainha,
Com quem sua ineontinencia deshonesta
Mais, despois de vinva, manifesta.

V

Mas elle em fim, eom eausa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo ergnido queima e eorre:
Quem, eomo Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens (2)) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI

Podem-se pôr em longo esqueeimento
As eruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do eruento
Sylla, quando o eontrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo deseobrio,
Faz eontra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

CHANT QUATRIÈME

« Après un violent orage, pendant lequel le vent en courroux siffle à travers la nuit sombre, le matin ramène une clarté bienfaisante, espoir des navigateurs égarés; le soleil, en rassurant les cœurs effrayés, chasse devant lui les noires ténèbres. Il en fut de même dans le vaillant royaume de Lusus, après la mort du roi Ferdinand.

« Les Portugais, après avoir longtemps appelé un homme qui les vengeât des crimes et des outrages de ceux qui surent profiter de l'indolente négligence de Ferdinand, trouvèrent bientôt ce sauveur dans la personne de l'illustre Jean, en proclamant roi ce véritable héritier de Pierre, bâtard il est vrai, mais seul survivant.

« Des preuves évidentes ont démontré que ce choix était désigné par la Providence: à Evora on entendit une petite fille prononcer le nom du nouveau prince avant d'avoir acquis l'usage de la parole, et, comme pour obéir aux ordres du ciel, elle se releva sur son berceau et s'écria en levant la main: « Portugal, Portugal, reconnais ton nouveau roi Dom Jean! »

« Ayant soif de vengeance, à force d'avoir respiré la haine, le peuple en fureur ne commet que des cruautés indignes; il massacre tous les amis et parents du comte (1) et de la reine adultère, dont l'incontinence n'a fait qu'augmenter depuis son veuvage.

« Son favori, justement deshonoré aux yeux du peuple, est égorgé devant elle, ainsi que plusieurs de ses partisans, que le feu n'épargne pas. L'un (2), malgré son caractère sacré, est, comme Astyanax, précipité du haut d'une tour; quelques-uns, que ni leur rang ni le secours des autels ne peuvent sauver, sont traînés sans vêtements par les rues et mis en pièces.

« On pourrait oublier à jamais le carnage dont Rome fut victime sous le féroce Marius, et sous le sanguinaire Sylla, lorsqu'il vit son adversaire lui échapper. Aussi, Éléonore, inconsolable de la mort du comte, ne craignit pas d'appeler les Castillans dans le royaume de Lusitanie, dont elle revendiquait l'héritage pour sa fille.

VII

Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhano está, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta, para as guerras,
De varias regiões e varias terras.

VIII

Vem de toda a provincia, que de hum Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado (3);
Das terras que Fernando e que Rodrigo (4)
Ganharam do tyranno e Mouro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.

IX

Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquibir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam (5),
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Hereuleas columnas nas bandeiras.

X

Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledo,
Que das serras de Conca vem manando.
A vós outros tambem não tolhe o medo,
Ó sordidos Gallegos, duro bando,
Que, para resistirdes, vos armastes,
Áquelles cujos golpes já provastes.

XI

Tambem movem da guerra as negras furias
A gente Biscainha, que carece
De polidas razões, e que as injurias
Muito mal dos estranhos compadece.
A terra de Guipúscua e das Asturias,
Que com minas de ferro se ennobrece,
Armou delle os soberbos moradores,
Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samsão Hebrëo da guedelha,
Postoque tudo pouco lhe parece,
Co'os poucos de seu reino se apparelha:
E, não porque conselho lhe fallece,
Co'os principaes senhores se aconselha;
Mas só por ver das gentes as sentenças,
Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII

Não falta com razões quem desconcerte
Da opinião de todos, na vontade,
Em quem o esforço antiguo se converte
Em desusada e má deslealdade;
Podendo o temor mais, gelado, inerte,
Que a propria e natural fidelidade:
Negam o Rei e a patria, e, se convem,
Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV

Mas nunca foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvares (6): mas antes,
Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes,
Áquellas duvidosas gentes disse,
Com palavras mais duras que elegantes,
A mão na espada, irado e não facundo,
Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

« Cette fille, c'était Béatrix, l'épouse du roi castillan, qui réclamait ce nouveau royaume. Elle passait pour la fille de Ferdinand; mais la médisance générale affirmait le contraire. Obéissant aux ordres de son roi, la Castille se soulève, et, prétendant que cette fille doit succéder à son père, elle assemble pour la guerre toutes ses troupes, accourues de ses différentes provinces.

« Déjà elles arrivent de toute la contrée à laquelle, si l'on en croit la légende, Brigus donna son nom (3), et des terres que Ferdinand et Rodrigue (4) enlevèrent à la tyrannie des Maures. Les intrépides Léonais, jadis redoutables adversaires des Arabes, ne reculent pas devant les dangers de la guerre.

« Les Vandales, se fiant encore à leur ancienne bravoure, partent de la capitale de toute Andalousie, qu'arrosent les eaux du Guadalquivir; elle se préparait aussi à la guerre, cette île célèbre qu'habitaient jadis les Tyriens (5), portant pour insignes les colonnes d'Hercule peintes sur leurs étendards.

« Ils accourent aussi, les habitants du royaume de Tolède, noble et ancienne ville que baigne le Tage calme et doux, ramenant ses limpides eaux des montagnes de Conca. Et vous, sordides Galliciens, infatigable troupeau, vous n'avez pas craint de reprendre les armes contre un peuple dont vous aviez déjà essuyé les coups.

« Les grossiers enfants de la Biscaye, qui supportent peu les injures d'un étranger, préparent également leur terrible appareil de guerre; à ceux-ci viennent encore s'ajouter les superbes guerriers de Guipuscoa et des Asturies, armés du fer que produisent leurs mines et dont ils défendent leurs souverains dans les combats.

« Sentant augmenter son courage, comme Samson retrouvait sa force dans sa chevelure, Jean, bien que toutes ses troupes lui semblent peu redoutables, se prépare néanmoins à la guerre avec sa petite armée. Il commence par prendre conseil des principaux seigneurs de son royaume, non qu'il ait besoin des avis des autres, mais pour se rendre compte de toutes les opinions, car il n'ignore pas qu'on est rarement d'accord dans une nombreuse assemblée.

« Il ne manque pas d'orateurs qui contredisent toutes les volontés, toutes les appréciations; chez ceux-là l'intrépidité de leurs ancêtres fait place à la mauvaise foi; se laissant dominer plutôt par une crainte basse et vile, que par la fidélité que tout sujet doit à son maître, ils renient le roi et la patrie, et s'il leur convient, ils peuvent, comme Pierre, renier leur Dieu!

« Jamais on n'eût pu accuser de ce défaut le brave Dom Nuno Alvares (6), et, quoiqu'il l'eût clairement remarqué chez ses frères, ne pouvant approuver une pareille inconstance d'opinions, il s'adressa à ces hommes irrésolus en des termes plus durs que choisis, et menaçant de son glaive la terre, la mer et l'univers entier, il s'écria dans son rude langage:

XV

Como? da gente illustre Portugueza
Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
Como? desta provincia, que princeza
Foi das gentes na guerra em toda a parte
Ha de sahir quem negue ter defeza?
Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio reino queira ver sujeito?

XVI

Como? não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques (7), feros e valentes,
Venceram esta gente tão guerreira?
Quando tantas baudeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres Condes lhe trouxeram
Presos, afora a presa que tiveram?

XVII

Com quem foram coutino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz, e seu filho, sublimados,
Senão co'os vossos fortes pais e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes,
Do penetrante medo que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei, da força dura e infesta,
A terra minha de outrem sobjugada:
Em virtude do Rei, da Patria mesta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
Á fortuna das gentes Africanas;
Cornelio (8) moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida:

XXI

Desta arte a gente fórça e esforça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões
Removem o temor frio, importuno
Que gelados lhe tinha os corações:
Nos animaes cavalgam de Neptuno,
Brandindo, e voltcando arremessões,
Vão correndo e gritando á boca aberta:
«Viva o famoso Rei que nos liberta.»

XXII

Das gentes populares, huns approvam
A guerra com que a patria se sostinha;
Huns as armas alimpam e renovam,
Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
Capacetes estofam, peitos provam,
Arma-se cada hum como convinha;
Outros fazem vestidos de mil cores,
Com lettras e tenções de seus amores.

«Eh quoi! au sein de l'illustre gent lusitanienne il se trouverait des hommes capables de refuser une guerre nationale? quoi! cette contrée, qui jusqu'ici a toujours été supérieure à toutes les autres dans les combats, aurait engendré des hommes qui renient leur courage traditionnel, qui renient la foi, l'amour, la bravoure et l'adresse des Portugais, et qui, ne respectant même pas ce qu'il y a de plus sacré, désirent voir leur patrie dans l'esclavage?»

«Eh quoi! n'êtes-vous plus déjà les descendants de ces braves qui ont vaincu sous le drapeau du grand Henriques (7) cette nation si guerrière, lorsqu'ils mirent en fuite son immense armée aux étendards éclatants, et que, sans compter le riche butin qu'ils rapportèrent, ils firent prisonniers sept illustres comtes?»

«Qui, sinon vos pères et vos aieux, a aidé le grand Denys et son digne fils à dompter ceux qui maintenant veulent vous soumettre? Si c'est Ferdinand qui par sa faiblesse et ses crimes vous a réduits à une telle pusillanimité, que votre prince actuel vous rende vos forces, s'il est vrai que tout peuple change avec un nouveau roi.»

«Vous avez maintenant un monarque tel, que, si votre valeur est comparable à la sienne, vous détruirez tout ce qu'il vous plaira de détruire, et à plus forte raison ceux que vous avez déjà mis en déroute. Enfin, si ces raisons ne suffisent pas pour vous enlever la peur qui vous engourdit, croisez-vous lâchement les bras: moi seul je résisterai au joug des étrangers!»

«Moi seul, aidé de mes vassaux et de cette épée (et en prononçant ces mots, il la sort à moitié du fourreau), moi seul je défendrai contre une puissance injuste et cruelle cette terre que jamais un étranger n'a subjuguée! Au nom du roi, de la patrie en deuil et de la loyauté que vous me refusez, je vaincrai, non-seulement ces ennemis, mais tous ceux qui oseront attaquer mon souverain.»

«De même qu'autrefois à Cannsium, alors que les jeunes guerriers, uniques débris de Cannes, étaient presque résolus à se rendre aux Africains victorieux, le jeune Cornélius (8) les obligea à jurer sur leurs épées qu'ils n'abandonneraient jamais les armes romaines, tant que la vie ne les abandonnerait pas, ou que ces armes ne les perceraient:

«Ainsi Nuno encourage les Lusitaniens, qui, entendant ses dernières paroles, chassent loin d'eux la lâche crainte qui glaçait leurs cœurs. Montés sur les animaux consacrés à Neptune, ils agitent et brandissent des javelines, en courant et criant à haute voix: Vive l'illustre roi qui nous délivre!

«Dans le peuple, les uns approuvent la guerre qui sauve la patrie; d'autres polissent et fourbissent leurs armes que la rouille de la paix avait détériorées; ils emboutrent des casques, essaient des cuirasses et s'arment tous, chacun comme il peut. D'autres enfin fabriquent des vêtements de toutes couleurs et les ornent des chiffres et des devises de leurs amours.

XXIII

Com toda esta lustrosa companhia
Joanne forte sahe da fresca Abrantes.
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as aguas abundantes.
Os primeiros armigeros regia,
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Cou que passava Xerxes o Hellespouto:

XXIV

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Hunno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos.
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandal-os, e regel-os,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antão Vasques de Almada he capitão,
Que despois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra mão.
Logo na retaguarda não se esconde
Das quinas e castellos o pendão,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI

Estavam pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as mãis, irmãs, damas e esposas,
Promettendo jejuns e romarias.
Já chegam as esquadras bellicosas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandissima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes e atambores;
Alferezes volteam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no seeco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astréa o Sol, no mez de Agosto;
Baceho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII

Deo signal a trombeta Castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso;
Ouvi-o o monte Artabro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvi-o o Douro, e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso:
E as mãis, que o som terribil escutaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram (9).

XXIX

Quantos rostos alli se vêm sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes que o perigo:
E se o não he, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir que he perda grande e rara
Dos membros corporaes, da vida chara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganhal-a:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala:
Derriba e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

« Suivi de toute cette brillante armée, le brave Jean sort de la riante Abrantes; Abrantes, qui jouit aussi des abondantes eaux du Tage fleuri. L'avant-garde est commandée par un héros qui aurait pu conduire les innombrables armées orientales auxquelles Xerxès fit traverser l'Hellespont:

« Je viens de nommer Dom Nuno Alvares, ce véritable fléau des orgueilleux Castillans, comme le fut jadis le roi des Huns pour les Francs et les Romains. Un autre illustre chevalier commande l'aile droite des Lusitaniens: c'est Mem Rodrigues de Vasconcellos, digne général d'une telle armée.

« L'aile gauche a pour capitaine Antão Vasques d'Almada, devenu plus tard le noble comte d'Avranches. Puis dans l'arrière-garde se dresse l'étendard orné des écussons du Portugal; c'est là que se tient le brave roi Jean, héros qui ternit la gloire de Mars.

« Autour des murailles de la ville, on pouvait voir les mères, les sœurs et les épouses des guerriers tremblantes et joyeuses à la fois, priant, et promettant à Dieu des jeûnes et des pèlerinages. Déjà les belliqueuses cohortes sont arrivées devant les légions ennemies; à leur aspect, un cri général s'élève dans les airs, et tous éprouvent une grande anxiété.

« Bientôt on entend les sons de la trompette et du fifre aigu, ainsi que le roulement du tambour; les enseignes agitent leurs drapeaux de diverses couleurs. C'était au mois d'août, à l'époque où Cérès laisse sur les airs son fruit bienfaisant aux laboureurs; le soleil entre dans la constellation d'Astrée, et Bacchus extrait du raisin le moût délicieux.

« La trompette castillane donna bientôt son effrayant et redoutable signal; le mont Artabre l'entendit, et les flots du Guadiana reculèrent épouvantés: le Douro l'entendit de même, ainsi que la contrée située au delà du Tage; celui-ci roula vers l'Océan ses eaux effrayés, et les mères qui écoutèrent ce son terrible pressèrent contre leur sein leurs petits enfants (9).

« On voit pâlir les visages des soldats; tout leur sang s'est porté vers le cœur; c'est que dans les grands périls la crainte est souvent plus grande que le danger lui-même, ou si elle ne l'est pas, elle paraît l'être; le désir effréné de blesser ou de vaincre un féroce ennemi nous empêche de réfléchir à la douleur de perdre un membre ou la vie, si chère à tous.

« Le combat, dont l'issue est difficile à prévoir, commence à s'engager; les deux avant-gardes s'ébranlent à la fois, l'une dans l'intention de défendre son propre pays, l'autre dans l'espoir de conquérir un royaume. Bientôt se distingue avant tous les autres le grand Pereira, en qui se réunit tout le courage. Il heurte et renverse ceux qui lui résistent, et couvre la terre des ennemis, qui la convoitaient injustement.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles soam;
Espedaçam-se as lanças e as frequentes
Quedas eo'as duras armas tudo atroam;
Recreseem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

XXXII

Eis alli seus irmãos contra elle vão:
(Caso feo e eruel!) mas não se espanta;
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

XXXIII

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-no eo'as lanças, e elle iroso,
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com torva vista os vê; mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recrecem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge eo'o sangue alheio. Alli perecem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentio Joanne a affrouta que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, coração.
Qual parida leoa, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto pasto lhe buscara,
O pastor de Massylia lhos furtara:

XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos (10) atroa e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

«On entend siffler les dards et les flèches qui volent dans les airs; sous les lourds sabots des coursiers, la terre tremble et les vallées retentissent. On brise les lances; les chutes fréquentes des combattants lourdement armés augmentent encore ce bruit étourdissant; à mesure que le nombre des ennemis s'accroît, la petite armée de l'intrépide Nuno les amoindrit.

«Là (fait honteux et cruel!), on voit ses propres frères prendre les armes contre lui; mais rien n'étonne plus le héros: n'est-il pas moins criminel de vouloir tuer son frère, que de se soulever contre son roi et sa patrie? Le premier escadron contient beaucoup de ces renégats qui ne craignent pas de marcher contre leurs frères et leurs parents. Étrange événement, digne des guerres civiles de Julius et de Pompée!

«Sertorius, Coriolan, Catilina, et vous tous parmi les anciens qui vous êtes profanés en devenant les ennemis de votre patrie; si dans le profond royaume de Summanus vous essuyez des châtiments terribles, dites-lui que, parmi les Portugais, il y a eu aussi quelques traîtres.

«Le premier rang de notre armée, harcelé par ses innombrables adversaires, se laisse enfoncer: c'est ici que se tient Nuno, brave comme le lion qui, monté sur les collines de Ceuta, se voit entouré par des cavaliers qui parcourent les plaines de Tétuan; en se sentant poursuivi par leurs lances, l'animal se laisse un peu troubler, mais il ne perd pas courage;

«Il les regarde d'abord d'un œil indécis, mais bientôt, excité par la colère et par sa nature féroce, avant de tourner le dos, il s'élance dans l'épaisseur de leurs piques, dont le nombre à chaque instant redouble. Tel le fameux chevalier rougit la plaine du sang castillan; près de lui périssent quelques-uns des siens, découragés par le nombre toujours croissant des ennemis.

«Jean comprend le danger où se trouve Nuno; car, en sage capitaine, il court partout, voit tout, et, par sa présence et ses paroles, donne du cœur à tous. Lorsqu'une redoutable lionne, récemment devenue mère, s'est aperçue que, pendant qu'elle laissait ses petits dans son antre pour aller leur chercher leur pâture, le berger de Massylie les lui a volés;

«Elle court furieuse, et de ses rugissements aigus elle ébranle les sept monts de Dara (10). Tel le roi Jean, suivi de quelques-uns des plus braves parmi ses guerriers, vole au secours de l'avant-garde: «Vaillants camarades, leur dit-il, intrépides cavaliers, que nulle autre nation n'égale en courage, défendez vos terres: l'espoir de la liberté est dans la pointe de vos lances.»

«Vous me voyez ici, moi qui suis votre roi et votre compagnon, courant le premier au milieu des piques, des flèches et des armures de l'ennemi. A votre tour de combattre aussi en véritables Portugais!» Ainsi parla le guerrier magnanime, et brandissant quatre fois sa redoutable lance, il l'enfonça avec force, et de ce seul coup plusieurs rendirent le dernier soupir.

XXXIX

Porque eis os seus accesos novamente
D'huma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem juntos, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O Mestre morre alli de Sanct-Iago,
Que fortissimamente pelejava:
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Céo e os fados.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo,
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas que passam deste mundo:
E porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castelhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII

Aqui a fera batalha se encruece,
Com mortes, gritos, sangue e entiladas;
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas (11):
Já as costas dão, e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficaram, e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra, e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cobiçoso, e sitibundo;
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do Profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas,
Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo em grande gloria:
Com offertas despois e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores, n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

« Bientôt aussi, animés d'une nouvelle ardeur et d'une noble honte, ses frères d'armes se disputent l'honneur de braver les plus grands périls de Mars; ils font étinceler leurs épées, percent les cottes de maille et les cuirasses, et, ne s'inquiétant plus de perdre la vie, ils reçoivent et portent des blessures sanglantes.

« Plusieurs Castillans auxquels le fer a donné la mort s'en vont boire les eaux du Styx: là meurt cet intrépide héros, le grand-maître de Saint-Jacques; meurt aussi, en se défendant comme un lion, le cruel grand-maître de Calatrava. On n'épargne pas non plus les traîtres Pereiras, qui périssent en reniant le ciel et les destins.

« Plusieurs, dont le vulgaire nom est ignoré, ainsi que ceux qui sont nobles par la naissance, vont rejoindre aux enfers le chien à trois gueules qui n'est jamais rassasié des âmes des mortels; et, pour mieux dompter l'orgueil de l'ennemi furieux, le sublime étendard de Castille est renversé aux pieds du drapeau de Lusitanie.

« Le carnage de la bataille devient atroce; on ne voit que des blessés, des cadavres; on n'entend que les cris des mourants, dont le sang a rougi les fleurs de la prairie (11). Les uns fuient, les autres meurent. L'ardeur est apaisée et les coups de lance sont superflus. Le roi de Castille vaincu voit ses projets avortés.

« Il abandonne la plaine au vainqueur, content de ne pas lui abandonner la vie; les débris de son armée le suivent, et la crainte leur donne pour fuir des ailes au lieu de pieds. Ils refoulent au plus profond de leur cœur la douleur d'avoir perdu leurs compagnons et dépensé tant de biens, affligés surtout du déshonneur et du chagrin de voir les autres profiter de leurs dépouilles.

« Les uns maudissent en blasphémant le premier homme qui fit la guerre; d'autres accusent la soif ardente de ce cœur ambitieux qui, pour s'emparer du bien d'autrui, risque la vie du malheureux peuple, en laissant tant de mères et d'épouses sans enfants, sans époux, et à jamais malheureuses.

« Le vainqueur Jean demeura triomphant sur le champ de bataille le temps consacré, puis, au moyen d'offrandes et de pèlerinages, il rendit les grâces de sa victoire au Dieu qui la lui avait donnée. Mais Nuno, qui ne veut laisser de lui un souvenir autre que celui de ses armes toujours puissantes, passe dans les terres situées au delà du Tage.

« Le sort l'aide de telle façon que le résultat égale ses desseins; le pays des Vandales, qui touche à la frontière du royaume, lui cède encore la victoire et un riche butin. Le bétique drapeau de Séville, ainsi que les pavillons de divers seigneurs sont foulés aux pieds, sans que les Portugais rencontrent une résistance sérieuse.

XLVII

Destas e outras victorias longamente
Eram os Castellhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Despois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis ininigos por maridos
Ás duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas (12).

XLVIII

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter inigo já a quem faça dano;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este he o primeiro Rei que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furiosa Thetis inquieta
Abrindo as pandas azas vão ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta.
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra, e segura toda Hespanha
Da Juliana, má e desleal manha (13).

L

Não consentio a morte tantos annos
Que de Heroe tão ditoso se lograsse
Portugal; mas os coros soberanos
Do Céo supremo quiz que povoasse:
Mas para defensão dos Lusitanos
Deixou, quem o levou, quem governasse,
E augmentasse a terra mais que d'antes,
Inclyta geração, altos Infantes.

LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
O tempo que ficou na summa alteza;
Que assi vai alternando o tempo iroso
O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
Quem vio sempre hum estado deleitoso?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neste reino, e neste Rei,
Não usou ella tanto desta lei.

LII

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
Que a tão altas emprezas aspirava,
Que, por salvar o povo miserando,
Cercado (14), ao Sarraceno s'entregava:
Só por amor da patria está passando
A vida de senhora feita escrava,
Por não se dar por elle a forte Ceita:
Mais o publico bem que o seu respeita.

LIII

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes vencer da morte a vida:
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quiz mais a liberdade ver perdida.
Este, porque se Hespanha não temesse,
A captiveiro eterno se convida:
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV

Mas Affonso, do Reino unico herdeiro,
Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
Que a soberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa e humillima miseria,
Fôra por certo invicto cavalleiro,
Senão quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.

« Ces victoires et d'autres encore avaient à la longue épuisé les forces des Castillans, lorsque la paix, tant désirée de tous, fut accordée aux vaincus par les vainqueurs, après que le Père Tout-Puissant eut résolu de marier les deux rois ennemis avec les deux belles et illustres princesses d'Angleterre (12).

« Mais le brave cœur, habitué aux combats, ne peut plus rester longtemps privé d'un ennemi contre qui guerroyer. N'ayant personne à vaincre sur terre, il s'en va braver les vagues de l'Océan. C'est le premier roi qui s'exile de sa patrie, pour aller les armes à la main obliger l'Africain à reconnaître combien la loi du Christ l'emporte sur celle de Mahomet.

« Déjà mille oiseaux nageants traversent les ondes argentées de Thétis en fureur, et déployant leurs ailes au vent, ils se dirigent vers le point où Alcide mit sa dernière limite. Jean s'empare du mont Abyla et de la forte Ceuta, et en chasse le vil Mahométan: dès lors l'Espagne n'a plus à redouter la ruse infâme de Julien (13).

« La mort ne consentit pas que le Portugal jouît plus longtemps d'un héros si fortuné; elle voulut qu'il allât peupler les souverains chœurs dans le ciel suprême. Mais Dieu, qui l'emporta, laissa pour défendre les Lusitaniens une génération illustre, des Infants valeureux chargés de gouverner et d'agrandir encore le pays.

« Moins heureuses furent les années pendant lesquelles le roi Duarte demeura chargé du souverain pouvoir: ainsi le Temps irrité alterne le bien et le mal, le bonheur et le chagrin. Qui vit jamais un état toujours heureux? Qui vit la fortune toujours constante? Et encore ne fut-elle pas trop sévère pour ce prince ni pour son royaume dans l'application de cette loi.

« Duarte vit la captivité de Ferdinand, son pieux frère, qui aspirait à de si hautes entreprises, et qui, pour sauver la malheureuse ville assiégée (14), se livra de lui-même aux Sarrasins. Seul l'amour de la patrie a rendu esclave cette vie souveraine; pour ne point voir donner comme rançon la ville de Ceuta, il consent à demeurer prisonnier, respectant plus l'intérêt public que son propre intérêt.

« Codrus, pour empêcher l'ennemi de vaincre, abandonna plutôt la vie: Régulus, pour ne point ruiner sa patrie, préféra perdre sa liberté: celui-ci, pour que l'Espagne n'ait rien à redouter, se voue à une captivité éternelle. Ni Codrus ni Curtius, si justement admirés, ni les braves Décius n'ont tant fait pour leur pays.

« Alphonse, unique héritier du royaume, bienheureux nom que les armes ont illustré dans notre Hespérie, Alphonse, qui rabaissa la superbe du barbare voisin, aurait été un cavalier invincible s'il ne s'était attaqué au royaume d'Ibérie; mais l'Afrique dira toujours qu'il était impossible de vaincre le terrible roi.

LV

Este pôde colher as maçãas de ouro,
Que somente o Tirynthio (15) colher pode:
Do jugo que lhe poz o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso e a dura Arzilla.

LVI

Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Ás Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escriptura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII

Porém despois tocado de ambição,
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Cadix ao alto Pyreneo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII

Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sahio-se em fim do trance perigoso,
Com fronte não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento:

LIX

Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro (16).
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesar mataram,
Nos Philippicos campos se vingaram.

LX

Porém despois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no Céo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
Este por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pode homem terreno,
Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI

Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthenope enterrada;
Napoles, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes sobjugada,
Pela illustrar no fim de tantos annos,
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII

Pelo mar alto Siculo navegam;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
E dalli ás ribeiras altas chegam,
Que co'a morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis, e ás terras, que se regam
Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o sancto rito.

«Il cueillit les pommes d'or que le Tirynthien (15) avait seul pu atteindre, et le Maure intrépide n'a point encore secoué le joug dont il l'a opprimé. Son front triomphant est couronné de la palme et des lauriers remportés sur le barbare, qui a volé au secours de la forte Alcacer, de Tanger la populeuse, et d'Arzilla la cruelle.

«A la fin, cédant aux forces portugaises, ces forteresses ouvrent leurs murailles de diamant aux Lusitaniens, habitués à détruire tout ce qui ose leur résister. Dans ces combats quelques guerriers opèrent des miracles dignes d'être racontés en des livres fameux, et par leurs prouesses ils augmentent encore la renommée du Portugal.

«Cependant Alphonse, rongé par l'ambition et la soif de commander, va s'attaquer à Ferdinand d'Aragon, au sujet de l'empire puissant de Castille: à cette nation s'ajoute la foule ennemie des diverses contrés qui obéissent toutes au roi Ferdinand, depuis Cadix jusqu'aux cimes des Pyrénées.

«Le jeune Jean ne voulut point demeurer oisif dans le royaume; aussitôt il prépare de nouvelles forces pour porter secours à son père ambitieux. Ce secours ne fut pas de peu d'importance pour ce dernier qui put enfin, le front calme et tranquille, sortir saint et sauf de ce périlleux conflit.

«Sans doute il avait été battu, mais le résultat de la lutte était incertain, grâce au courage de son illustre et brave fils, l'intrépide Jean, lequel avait causé un grand dommage à l'ennemi et s'était maintenu un jour entier sur le champ de bataille (16). Ainsi fut vaincu Octave, tandis que son compagnon Antoine remportait de son côté la victoire, lorsqu'ils se vengèrent des meurtriers de César dans les plaines de Philippes.

«Après que l'eternelle nuit eut transporté Alphonse dans le ciel serein, ce fut Jean II, treizième roi de Portugal, qui s'empara du gouvernement. Ce roi, pour acquérir une renommée éternelle, tenta plus que ne peut faire un être humain: il alla chercher les limites de la rougeâtre Aurore, limites que je cherche encore aujourd'hui.

«Il envoya ses messagers qui dépassèrent l'Espagne, la France et la célèbre Italie, et allèrent s'embarquer dans le fameux port près duquel Parthénope fut enterrée; Naples, que les destins ont soumise à diverses nations, pour l'illustrer, après tant d'années, en la plaçant sous la domination de la puissante Espagne.

«Ils naviguent sur la mer de Sicile et abordent aux côtes sablonneuses de l'île de Rhodes; de là ils atteignent les rives que la mort de Pompée a rendues célèbres, gagnent Memphis et les terres arrosées par les débordements du Nil, et traversent l'Egypte pour remonter jusqu'en Ethiopie, où l'on observe encore le pieux rite de Jésus.

LXIII

Passam tambem as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem náo passou;
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
As costas odoriferas Sabeas,
Que a mãi do bello Adonis (17) tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Petrea e a Deserta.

LXIV

Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria (18).
Dalli vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV

Viram gentes incognitas e estranhas
Da India, da Carmania e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produze e cria.
Mas de vias tão asperas, tamanhas,
Tornar-se facilmente não podia:
Lá morreram em fim, e lá ficaram,
Que á desejada patria não tornaram.

LXVI

Parece que guardava o claro céo
A Manoel, e seus merecimentos,
Esta empreza tão ardua, que o moveo
A subidos e illustres movimentos:
Manoel, que a Joanne succedeo
No reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do reino cargo,
Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação, que lhe ficara
De seus antepassados, (cujo intento
Foi sempre acrescentar a terra chara)
Não deixasse de ser hum só momento
Conquistado: No tempo que a luz clara
Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
A repouso convidam quando cahem;

LXVIII

Estando já deitado no aureo leito,
Onde imaginações mais certas são;
Revolvendo contino no conceito,
De seu officio e sangue a obrigação;
Os olhos lhe occupou o somno acceito,
Sem lhe desoccupar o coração;
Porque, tanto que lasso se adormece,
Morpheo em varias formas lhe apparece.

LXIX

Aqui se lhe apresenta que subia
Tão alto, que tocava a prima esphera,
Donde diante varios mundos via,
Nações de muita gente estranha e fera:
E lá bem junto donde nasce o dia,
Despois que os olhos longos estendera,
Vio de antiguos, longinquos e altos montes,
Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX

Aves agrestes, feras e alimarias
Pelo monte selvatico habitavam:
Mil arvores sylvestres, e hervas varias,
O passo e o trato ás gentes atalhavam.
Estas duras montanhas, adversarias
De mais conversação, por si mostravam,
Que, desque Adão peccou aos nossos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.

«Ils passent aussi la mer Erythrée, que le peuple d'Israël franchit sans navire; derrière eux ils laissent les monts Nabathéens, décorés du nom du fils d'Ismaël. Ils parcourent les côtes odoriférantes de Saba, honorées par la mère du bel Adonis (17), ainsi que toute l'Arabie-Heureuse, laissant de côté l'Arabie-Pétrée et l'Arabie-Déserte.

«Ils entrent dans le Persique détroit où se conserve encore la mémoire de la confuse Babel; là se joignent l'Euphrate et le Tigre, qui font gloire de leurs sources sacrées (18). De là ils s'en vont à la recherche des eaux pures de l'Indus, fleuve qui sera un jour le sujet d'une belle histoire, en affrontant les vagues de cette mer que Trajan n'a pas osé parcourir.

«Ils virent les peuplades inconnues et étranges de l'Inde, de la Carmanie et de la Gédrosie, ainsi que les mœurs et les ruses particulières à chaque région. Mais ces routes étaient si longues et si ardues, qu'il était difficile d'en revenir; aussi ils y restèrent et y périrent, sans avoir pu retourner dans leur patrie bien-aimée.

«Il semble que le ciel réservait au sage Emmanuel cette rude entreprise qui fut cause de grands événements. Héritier non-seulement du trône, mais encore des projets grandioses de Jean, Emmanuel, à peine chargé du souverain pouvoir, se chargea aussi de conquérir l'incommensurable Océan.

«Occupé à tout moment par cette noble pensée, il songeait sans cesse à l'exemple que lui avaient légué ses ancêtres, de toujours accroître le pays si aimé. Au moment où fuit la lumière éclatante pour laisser la place aux brillantes étoiles, dont la lueur invite les mortels au repos;

«Emmanuel, étendu sur sa couche dorée, propice aux méditations, réfléchissait aux obligations que lui imposaient son rang et sa naissance; et tandis que le sommeil bienfaisant fermait ses paupières, son cœur restait éveillé; car à peine avait-il cédé à la fatigue, que déjà Morphée lui apparaissait sous diverses formes.

«En premier lieu, il se vit lui-même monter si haut, qu'il touchait à la sphère céleste; ce qui lui permettait d'apercevoir devant lui des mondes inconnus et des nations peuplées par des hommes étranges et barbares: près du point où naît le jour, il vit, en portant au loin ses regards étendus, couler du haut de deux antiques et superbes montagnes deux sources claires et limpides.

«Des oiseaux sauvages vivant de rapine habitaient sur ces monts déserts; mille arbres, mille plantes inconnues en obstruaient le passage aux humains; en un mot, ces horribles montagnes solitaires semblaient n'avoir jamais été, depuis le péché d'Adam jusqu'à nos jours, foulées par le pied d'un homme.

LXXI

Das aguas se lhe antolha que sahiam,
Par'elle os largos passos inelinando,
Dous homens, que mui velhos pareciam,
De aspeito, inda que agreste, venerando:
Das pontas dos cabellos lhe eahiam
Gottas, que o eorpo todo vão banhando;
A eôr da pelle, baça e denegrida;
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII

D'ambos de dous a fronte eoroada,
Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
Hum delles a presença traz cansada,
Como quem de mais longe alli caminha:
E assi a agua, eom impeto alterada,
Parecia que d'outra parte vinha:
Bem eomo Alpheo de Arcadia em Syracusa
Vai busear os abraços de Arethusa.

LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,
Desta arte para o Rei de longe brada:
Ó tu, a eujos reinos e eoroa
Grande parte do mundo está guardada;
Nós outros, euja fama tanto voa,
Cuja cerviz bem nunea foi domada,
Te avisâmos que he tempo que já mandes
A receber de nós tributos grandes.

LXXIV

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
Celeste tenho o berço verdadeiro:
Est'outro he o Indo, Rei, que nesta serra
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te-hemos eom tudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro
Com não vistas victorias, sem reccio,
A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV

Não disse mais o rio illustre e santo,
Mas ambos desparecem n'hum momento:
Acorda Manoel c'hum novo espanto,
E grande alteração de pensamento.
Estendeo nisto Phebo o claro manto
Pelo escuro Hemispherio somnolento;
Veio a manhã no eeo pintando as eores
De pudibunda rosa e roxas flores.

LXXVI

Chama o Rei os senhores a conselho,
E propõe-lhe as figuras da visão;
As palavras lhe diz do sancto velho,
Que a todos foram grande admiração.
Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime eoração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A busear novos elimas, novos ares.

LXXVII

Eu que bem mal euidava que em effeito
Se puzesse o que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o eoração me promettia;
Não sei por que razão, por que respeito,
Ou por que bom signal que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande e grave.

LXXVIII

E com rogo e palavras amorosas,
Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas,
A vida que se perde, e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.

«Tout-à-coup il croit voir sortir des eaux et se diriger vers lui à grands pas deux hommes qui paraissaient très-âgés, à l'aspect vénérable, quoique rude: de leurs cheveux s'écoulaient des gouttes d'eau qui mouillaient tout leur corps; leur peau était d'une couleur terne et basanée, leur barbe longue et inculte.

«Tous deux étaient couronnés de branches et d'herbes inconnues. L'un d'eux semblait fatigué, comme s'il venait de plus loin que l'autre, et l'onde agitée qui tombait de sa chevelure paraissait couler d'une source plus éloignée: tel Alphée vient d'Arcadie en Sicile pour chercher les embrassements d'Aréthuse.

«Ce dernier, plus majestueux que l'autre, adresse de loin ces paroles au monarque: «Grand roi, puisqu'à ta couronne une grande partie du monde est réservée, nous autres, dont la renommée s'étend de toutes parts, nous, dont le front n'a jamais complétement cédé au joug d'aucun peuple, nous t'avisons qu'il est temps pour toi d'envoyer vers nous des guerriers qui reçoivent nos précieux tributs.

«Je suis l'illustre Gange, qui ai dans la terre céleste mon véritable berceau; cet autre est le roi Indus, qui prend sa source sur cette montagne que tu vois. Nous te coûterons cependant une guerre sanglante; mais avec de la persévérance et de l'audace, tu finiras, à la suite d'éclatantes victoires, par asservir tous ces peuples que tu as devant toi.»

«Le fleuve sacré n'en dit point davantage, et en un moment tous les deux disparurent. Emmanuel se réveille en sursaut; dans son cerveau, mille pensées nouvelles s'agitent. En ce moment Phébus étendait son manteau lumineux sur l'obscur hémisphère endormi: le matin peignait sur le ciel les couleurs de la rose et des fleurs de carmin.

«Le roi convoque tous ses seigneurs et leur raconte sa vision; il leur répète les paroles du saint vieillard, qui les remplissent tous d'étonnement. Ils décident qu'on armera une flotte; un équipage d'élite, choisi à cet effet, ira braver les ondes de l'Océan, à la recherche de nouveaux climats et de nouvelles contrées.

«Moi, qui étais loin de me douter que ce que mon cœur désirait allait se réaliser (malgré le pressentiment que j'avais toujours eu d'exécuter un jour de grandes œuvres), pour une raison que j'ignore, peut-être à cause de quelque bon signe qu'on découvrait en moi, je vis le magnanime roi remettre entre mes mains la clef de cette grave et importante mission.

«Et avec des prières et des paroles d'ami, commandement plus efficace qu'un ordre dans la bouche d'un prince, il me dit: «Dans les grandes et pénibles entreprises le succès s'obtient avec le travail et la fatigue. La vie que nous risquons ou que nous perdons nous rend grands et illustres, et, lorsqu'elle ne cède point à la peur ignoble, moins elle dure, plus elle s'étend.

LXXIX

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empreza, qual a vós se deve;
Trabalho illustre, duro e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais, mas logo: Ó Rei subido
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.

LXXX

Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava,
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava:
Descer em fim ás sombras vãas e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mór affronta,
Por vós, ó Rei, o esprito e carne he pronta.

LXXXI

Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e cresce,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor e d'amizade,
Não menos cobiçoso de honra e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia e de conselho,
D'experiencia em armas e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII

Foram de Emanoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos sucedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica náo, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino (19) aventureira.

LXXXIV

E já no porto da inclyta Ulyssea,
C'hum alvoroço nobre e c'hum desejo
(Onde o licor mistura e branca area
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As náos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima, e a de Marte,
Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados,
De varias cores vem, e varias artes;
E não menos de esforço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes náos os ventos soccgados
Ondeam os aerios estandartes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI

Despois de apparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
Para o summo Poder, que a etherea côrte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.

«Je vous ai choisi entre tous pour une œuvre qui est à la hauteur de votre mérite: c'est un labeur rude, mais éclatant; or je sais qu'en le faisant pour moi, il vous semblera léger et facile.» Mais moi, l'interrompant: «O noble roi, lui dis-je, m'aventurer au fer, au feu, au froid des pôles me semble pour vous si peu de chose, que ce que je regrette le plus c'est que cette vie soit un bien aussi mince.

«Imaginez des aventures aussi grandes que celles qu'Eurysthée inventait pour Alcide: le lion de Cléone, les cruelles Harpies, le sanglier d'Erymanthe et l'Hydre redoutable, le danger de descendre au royaume obscur des ombres, où le Styx arrose les plaines de Pluton; ces périls, ces travaux ne sont rien, ô roi, près de ceux que l'esprit et le corps oseraient affronter pour vous!»

«Le monarque me remercie par des bienfaits somptueux et me loue de ma bonne volonté, n'ignorant pas que les louanges vivifient la vertu et la poussent à de grandes actions. Par amitié pour moi, aussi bien que par avidité d'honneurs et de gloire, Paul de Gama, mon frère bien-aimé, s'offre aussitôt pour mon compagnon de route.

«Bientôt se réunit à nous Nicolas Coelho, guerrier dur au travail et à la fatigue: tous deux sont hommes de valeur, de bon conseil, braves et expérimentés dans la science des armes. Ensuite je me pourvois de jeunes gens, chez lesquels toujours grandit le désir de briller. Tous ont un courage à toute épreuve: n'en faut-il pas pour se hasarder dans de telles expeditions?

«Emmanuel les récompensa, afin qu'ils missent plus d'intérêt à s'apprêter, et il les encouragea par des propos bienveillants pour toutes les souffrances qu'ils auraient à endurer. Tels autrefois les Myniens, chargés d'aller conquérir la toison d'or, furent assemblées sur le fatidique navire qui le premier osa s'aventurer dans le Pont-Euxin (19).

«Déjà dans le port de la célèbre Olysippo, où Neptune confond son sable et son onde amère avec les eaux pures du Tage, les vaisseaux sont prêts à partir, aux cris d'enthousiasme et d'impatience des futurs navigateurs. Leur audace juvénile n'est atténuée par aucune crainte: marins et guerriers sont tous décidés à me suivre partout.

«Sur la plage on voit venir les soldats habillés de diverses couleurs et de différents uniformes; le courage qui les anime les entraîne à la recherche de nouvelles régions. Les vents apaisés font ondoyer les drapeaux aériens sur les solides navires: ceux-ci, en apercevant le vaste Océan, promettent de devenir, comme Argo, des étoiles dans l'Olympe lumineux.

«Après nous être pourvus de tout ce qu'exige un tel voyage, nous commençâmes à préparer notre âme à la mort, qui toujours voltige devant les yeux des marins. Nous tournant alors vers ce souverain Pouvoir qui, de son seul regard vénérable, soutient la cour céleste, nous l'implorâmes pour qu'il nous servît de guide et nous protégeât dès le début de notre œuvre.

LXXXVII

Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deos foi em carne ao mundo dado (20).
Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
Cómo fui destas praias apartado,
Cheio dentro de duvida e receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII

A gente da cidade aquelle dia,
Huns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver sómente, concorria,
Saudosos na vista, e descontentes:
E nós co'a virtuosa companhia
De mil Religiosos diligentes,
Em procissão solemne a Deos orando,
Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam;
As mulheres c'hum choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam:
Mãis, esposas, irmãas, que o temeroso
Amor mais desconfia, accrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
Só para refrigerio e doce amparo
Desta cansada já velhice minha,
Que em choro acabará penoso e amaro;
Porque me deixas misera e mesquinha?
Porque de mi te vás, ó filho charo,
A fazer o funereo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento?

XCI

Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,
Sem quem não quiz amor que viver possa;
Porque is aventurar ao mar iroso
Essa vida, que he minha, e não he vossa?
Como por hum caminho duvidoso
Vos esquece a affeição tão doce nossa?
Nosso amor, nosso vão contentamento
Quereis que com as velas leve o vento?

XCII

Nestas e outras palavras que diziam
De amor, e de piedosa humanidade,
Os velhos, e os meninos os seguiam,
Em quem menos esforço poem a idade.
Os montes de mais perto respondiam,
Quasi movidos de alta piedade:
A branca area as lagrimas banhavam,
Que em multidão com ellas se ignalavam.

XCIII

Nós outros sem a vista alevantarmos,
Nem a mãi, nem a esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do proposito firme começado:
Determinei de assi nos embarcarmos
Sem o despedimento costumado;
Que, postoque he de amor usança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV

Mas hum velho (21) d'aspeito venerando
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça, descontente;
A voz pezada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito:

«Nous partîmes ainsi du temple sacré, construit sur les rives de la mer, de ce temple qui porte le nom de la ville où Dieu devenu homme fut donné au monde (20). Je vous assure, ô roi, qu'en réfléchissant à la manière dont je quittai cette plage, c'est à peine, dans mon trouble, si je puis retenir mes larmes.

«Ce jour-là les gens de la ville, soit à cause de leur parenté, soit par amitié, soit par curiosité seulement, accouraient tous, mécontents et peinés de notre départ. Quant à nous, en la sainte compagnie de mille religieux, nous fîmes une solennelle procession et nous dirigeâmes vers nos barques en priant Dieu.

«Une route si longue et si douteuse effrayait ces gens à tel point, qu'ils nous considéraient déjà comme perdus. Les femmes versaient des larmes pieuses; les hommes poussaient de longs soupirs. Les mères, les épouses, les sœurs, que leur tendresse rendait encore plus méfiantes, sentaient redoubler leur désespoir et la crainte de ne pas nous revoir de sitôt.

«L'une s'écrie: «O mon fils, toi qui étais l'unique consolation et le doux soutien de ma vieillesse brisée, qui va se convertir en un éternel regret, pourquoi abandonnes-tu ta malheureuse mère? pourquoi te sépares-tu de moi, cher enfant, pour aller t'ensevelir dans la mer, où tu deviendras la proie des poissons?»

«Une autre, les cheveux épars: «Époux bien-aimé, dit-elle, sans lequel l'amour ne me permet pas de vivre, pourquoi vas-tu exposer à la fureur des mers cette vie qui ne t'appartient pas, mais qui est mon bien? Comment, pour une téméraire entreprise, oublies-tu notre affection si douce? Veux-tu donc que notre amour, notre bonheur soient emportés sur les ailes du vent?»

«Tout en répétant ces plaintes, inspirées par la compassion et la tendresse, les vieillards et les enfants, à qui l'âge donne moins de bravoure, suivaient tristement la foule. Les monts d'alentour leur répondaient, comme émus d'une pitié sublime; les pleurs coulaient sur le sable aussi innombrables que ses innombrables grains.

«Nous autres, sans lever les yeux ni sur nos mères ni sur nos femmes, de peur de nous affliger encore, ou de revenir sur nos projets, nous nous embarquâmes, d'après mes ordres, sans prendre d'elles le congé accoutumé; car, bien que ce soit un pieux usage entre ceux qui s'aiment, il augmente encore le chagrin et de celui qui part et de celui qui reste.

«Cependant un vieillard (21) à l'aspect vénérable, qui était resté sur la plage au milieu de la foule, ayant fixé les yeux sur nous et agité trois fois la tête d'un air mécontent, éleva un peu sa voix grave que nous entendîmes distinctement sur la mer, et, avec une sagesse que l'expérience seule lui avait donnée, il prononça ces paroles mémorables:

XCV

Oh gloria de mandar! Oh vãa eobiça
Desta vaidade, a quem chamâmos fama!
Oh fraudulento gosto, que se atiça
C'huma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI

Dura inquietação d'alma, e da vida,
Fontes de desamparos e adulterios,
Sagaz consumidora conheeida
De fazendas, de reinos, e de imperios!
Chamam-te illustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vituperios;
Chamam-te fama, e gloria soberana,
Nomes com quem se o povo neseio engana!

XCVII

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos, e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo d'algum nome preeminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometterás? Que historias?
Que triunphos, que palmas, que victorias?

XCVIII

Mas ó tu, geração d'aquelle insano,
Cujo peecado e desobediencia
Não sómente do reino soberano
Te poz neste desterro e triste ausencia,
Mas inda d'outro estado mais que humano
Da quieta, e da simples innoeeneia
Da idade d'ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e d'armas te deitou:

XCIX

Já que nesta gostosa vaidade
Tanto eulevas a leve phantasia;
Já que á bruta erueza e feridade
Puzeste nome, esforço e valentia;
Já que prezas em tanta quantidade
O desprezo da vida, que devia
De ser sempre estimada, pois que já
Temeo tanto perdel-a quem a dá:

C

Não tens junto eomtigo o Ismaelita,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não segue elle do Arabio a lei maldita,
Se tu pela de Christo só pelejas?
Não tem cidades mil, terra infinita,
Se terras e riqueza mais desejas?
Não he elle por armas esforçado,
Se queres por victorias ser louvado?

CI

Deixas crear ás portas o inimigo
Por ires busear outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça, e se vá deitando a longe?
Buscas o incerto e ineognito perigo,
Porque a fama te exalte, e te lisonge,
Chamando-te senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia e de Ethiopia?

CII

Oh maldito o primeiro que no mundo
Nas ondas velas poz em seeco lenho!
Digno da eterna pena do Profundo,
Se he justa a justa lei que sigo e tenho.
Nunca juizo algum alto e faeundo,
Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
Te dê por isso fama, nem memoria,
Mas eomtigo se acabe o nome, e a gloria!

« Gloire de commander! vain désir de cet orgueil que nous appelons Renommée! Goût frauduleux qu'attise un vent populaire nommé Honneur! Quels châtiments ta justice n'exerce-t-elle pas sur les cœurs frivoles qui t'apprécient? Que de morts, que de périls, que de tourments, que de cruautés tu essaies sur eux!

« Affreuse torture de notre âme et de notre vie, source d'abandons et d'adultères, adroite destructrice de richesses, de royaumes et d'empires, toi qu'on appelle illustre et élevée, lorsque tu es digne d'un infâme mépris; toi qu'on appelle Renommée, toi qu'on appelle la souveraine Gloire, titres avec lesquels on trompe le peuple ignorant;

« A quels nouveaux désastres prétends-tu mener ce royaume et ces hommes? Quels dangers, quelles morts leur destines-tu, sous le couvert de quelque nom prééminent? Quels royaumes, quelles mines d'or leur promets-tu, de ta facile duperie? Quelle réputation? quelles histoires? quels triomphes? quelles palmes? quelles victoires?

« Et toi, génération de cet insensé, qui par ses fautes et sa désobéissance t'a non-seulement chassée du céleste royaume pour te condamner à ce terrible exil, mais encore t'a privée de la tranquille et douce innocence, bienfait plus enviable que tout ce qui est humain, et t'a retirée de l'âge d'or pour te plonger dans l'âge du fer et des armes;

« Puisque tu mets toute ton affection dans cet orgueil attrayant, puisque de la cruauté brutale et de la féroeité tu as fait le courage et la bravoure, puisque tu prises autant le mépris de la vie, qui devrait toujours être estimée, lorsque celui même qui nous la donne redoutait tant de la perdre;

« N'as tu pas près de toi l'Ismaélite, avec lequel tu auras toujours plus de guerres qu'il ne t'en faut? Ne suit-il pas la maudite loi d'Arabie, si tu ne combats que pour la foi chrétienne? Ne posséde-t-il pas mille cités et une terre infinie, si tu désires plus de terres et de richesses? N'est-il pas exercé dans la science des armes, si tu veux qu'on te loue pour tes victoires?

« Tu laisses l'ennemi croître à tes portes, pour aller en chercher un autre si loin, et dépeupler ton antique royaume, que ces exils volontaires affaibliront. Tu cherches le péril incertain et inconnu, pour que la renommée t'élève et te flatte, en t'appelant orgueilleusement le seigneur de l'Inde, de la Perse, de l'Arabie et de l'Ethiopie!

« Oh! maudit soit le premier homme qui dans le monde attacha la voile à l'arbre descendu sur les flots! Si la belle loi que je suis est une loi juste, celui-là est digne d'un châtiment éternel. Que jamais génie élevé, que jamais cithare harmonieuse ne t'en accorde ni gloire ni renommée, mais qu'avec toi finissent ton nom et ton éclat!

CIII

Trouxe o filho de Japeto do ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras (22): grande engano!
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV

Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector (23) co'o filho, dando
Huru, nome ao mar, e o outro, fama ao rio;
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição!

« Le fils de Japet apporta du ciel le feu qu'il adapta au cœur de l'homme, feu qui incendia le monde et fut cause de guerres, de morts, de crimes sans nombre (22). Erreur impardonnable! Combien il eût mieux valu pour nous, ô Prométhée, combien il y eût eu moins de dangers pour l'univers, si ta célèbre statue n'avait pas eu ce feu de désirs qui l'a animée?

« Le malheureux Phaéton n'aurait pas osé conduire le char de son père, et le grand architecte (23) ne se serait pas risqué avec son fils dans le vide des airs, pour que celui-ci vint donner son nom à une mer, comme le fils d'Apollon avait donné la renommée à un fleuve. Aucune entreprise, quelque élevée et ardue qu'elle soit, aucune menace du feu, du fer, de l'eau, du froid ou de la chaleur, rien n'a jamais effrayé la génération humaine. Malheureux sort! étrange destinée! »

CANTO V

Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida.

(Canto V, Est. XXXIII.)

« Une épaisse grêle de flèches et de pierres tombe sur nous sans mesure, et ce ne furent pas projectiles jetés au vent, car j'y ai moi-même gagné une blessure à cette jambe.

(Chant. V, Stan. XXXIII.)

CANTO QUINTO

I

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E como he já no mar costume usado,
A vella desfraldando, o céo ferimos,
Dizendo: Boa viagem. Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento;
E o mundo, que co'o tempo se consume
Na sexta idade (1) andava enfermo e lento.
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficavam:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já despois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e ceo.

IV

Assi fomos abrindo aquelles mares,
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique (2) descobrio,
De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

V

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama (3),
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem, por ser do mundo a derradeira,
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecêra
De Cypro, Gnido, Paphos e Cythera.

VI

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam (4);
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam;
A terra a nenhum fructo emfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

CHANT CINQUIÈME

«Telles étaient les sentences que prononçait le vertueux vieillard, lorsque nous ouvrîmes les ailes au doux et paisible zéphyr, et nous éloignâmes de ce port bien-aimé; puis, selon la coutume des marins, tout en déferlant les voiles, nous fîmes retentir les airs en nous écriant: «Bon voyage!» Aussitôt le vent agita les mâts de son impulsion accoutumée.

«En ce temps l'éternel flambeau entrait dans la constellation du féroce animal néméen; le monde, qui vieillit avec les siècles, avait vu, dans son sixième âge (1), le soleil exécuter quatorze cents fois son parcours uniforme, sans compter les quatre-vingt-dix-sept tours dont il accomplissait le dernier au moment où la flotte se répandit sur les mers.

«Peu à peu nous perdîmes de vue ces montagnes chéries que nous laissions derrière nous; nous quittions notre Tage bien-aimé et la riante chaîne de montagnes de Cintra, dont nos yeux ne pouvaient s'arracher; il restait aussi dans la patrie ce cœur que les regrets y attachaient! Après que cette terre aimée se fut dérobée à nos régards, nous n'aperçûmes plus que la mer et le ciel.

«C'est ainsi que nous allions ouvrant ces mers que nulle génération n'avait encore ouvertes; nous vîmes les nouvelles îles et les nouvelles contrées que découvrit le magnanime Henri (2); les monts et les villes de Mauritanie, ancien domaine d'Anthée, furent laissés à gauche; à droite il n'y avait rien de sûr, il n'y avait qu'un soupçon.

«Nous dépassâmes la grande île de Madère, ainsi nommée à cause de ses bois touffus (3). Cette île est la première que nous ayons peuplée; son nom est assez connu, mais elle jouit de peu de célébrité; et pourtant, quoiqu'elle soit située à l'une des extrémités du monde, elle ne le cède en rien à toutes celles que Vénus aime; c'est au point que si Madère lui appartenait, la déesse oublierait volontiers Chypre, Gnide, Paphos et Cythère.

«Nous longeâmes la côte stérile de Massylie, où les Azénègues (4) mènent paître leurs troupeaux; ces peuples, privés des douceurs de l'eau fraîche, voient leurs champs ravagés par la sécheresse. Cette contrée misérable, où les oiseaux digèrent le fer, et dont la terre se refuse à toute production, sépare la Mauritanie des Ethiopiens.

VII

Passámos o limite aonde chega,
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia.
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas (5),
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas:
Alli tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.

IX

Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct-Iago;
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano; e assi deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

X

Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente;
A provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga (6), por cuja arte
Logrâmos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambea as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe:

XI

As Dorcadas passámos (7), povoadas
Das irmãas, que outro tempo alli viviam,
Que, de vista total sendo privadas,
Todas tres d'hum só olho se serviam.
Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais feia,
De viboras encheste a ardente areia.

XII

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo golfão nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos.
O Grande rio (8), onde batendo soa
O mar nas praias notas, que alli temos,
Ficou, co'a illa illustre que tomou
O nome d'hum, que o lado a Deos tocou (9).

XIII

Alli o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antiguos nunca visto.
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido pólo de Callisto,
Tendo o término ardente já passado,
Onde o meio do mundo he limitado.

XIV

Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella (10),
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E, por falta d'estrellas menos bella,
Do pólo fixo, onde inda se não sabe,
Que outra terra comece, ou mar acabe.

« Nous franchîmes la limite du soleil, limite depuis laquelle il conduit ses chars vers le Septentrion; là habitent ces peuples à qui le fils de Clymène refuse la couleur du jour; les eaux froides du noir Sénégal désaltèrent des peuplades étranges, dans ces mêmes lieux où le cap Arsinarius perdit son nom pour recevoir des nôtres celui de cap Vert.

« Après avoir dépassé les îles Canaries, autrefois nommées îles Fortunées, nous naviguâmes à travers les Hespérides, filles du vieil Hespérus (5), ces îles où nos flottes avaient déjà découvert des merveilles inconnues; là, poussés par un vent favorable, nous mouillâmes pour prendre des vivres à terre.

« Nous abordâmes en cette île décorée du nom de Saint-Jacques, brave guerrier qui aida tant les Espagnols à ruiner les Maures. Aussitôt repartis, tant que Borée nous favorisa, nous recommençâmes à sillonner l'immense plaine salée de l'Océan, et nous quittâmes le pays où nous avions trouvé d'utiles provisions.

« Alors, après avoir doublé la grande contrée africaine que nous avions à l'Est, la province des Jalofs, que se partagent divers États nègres, le grand pays de Mandinga (6), dont l'industrie nous procura le riche et luisant métal que baignent les eaux du sinueux Gambie, avant de se lancer dans l'Atlantique;

« Nous passâmes les Dorcades (7), autrefois habitées par ces trois sœurs aveugles, qui se servaient toutes les trois d'un seul œil; toi seule, toi dont les tresses crêpées embrasaient dans les eaux le cœur du malheureux Neptune, enlaidie plus que tes sœurs, tu peuplas de vipères les sables ardents.

« Enfin tournant toujours nos proues vers l'Auster, nous entrâmes dans l'énorme golfe, laissant de côté la terrible Sierra Léone, ainsi que ce promontoire auquel nous donnâmes le nom de cap des Palmiers. Derrière nous, restait ce grand fleuve (8), dont les eaux vont se confondre avec la mer mugissante sur une plage que nous possédons; restait aussi cette île fameuse, portant le nom de celui qui toucha le flanc de Dieu (9).

« Là est situé l'immense royaume de Congo, déjà converti par nous à la foi chrétienne; le Zaire, fleuve totalement inconnu aux anciens, le traverse dans toute sa longueur de ses eaux limpides. Naviguant sur cette mer immense, je m'éloignai de plus en plus du pôle des Callisto, et franchis l'ardent borne qui établit le centre du monde.

« Nous découvrîmes bientôt devant nous, dans le nouvelle hémisphère, une nouvelle étoile (10) inconnue aux autre nations qui pendant longtemps ne soupçonnèrent même pas son existence. Nous vîmes ce ciel terne et à peine semé de rares étoiles; là on ne sait pas encore où finit la mer et où commence un autre continent.

XV

Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'hum ao outro pólo;
Por calmas, por tormentas e oppressões,
Que sempre faz no mar o irado Eolo,
Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
Banharem-se nas aguas de Neptuno (11).

XVI

Contar-te longamente as perigosas
Cousas do mar, que os homens não entendem,
Subitas trovoadas, temerosas,
Relampagos, que o ar em fogo accendem;
Negros chuveiros, noites tenebrosas,
Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
Não menos he trabalho, que grande erro,
Ainda que tivesse a voz de ferro.

XVII

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contam por certos sempre e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia;
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia,
Vêm do mundo os segredos escondidos,
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII

Vi, claramente visto, o lume vivo,
Que a maritima gente tem por sancto (12),
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas aguas do Oceano (13).

XIX

Eu o vi certamente (e não presumo,
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporzinho e subtil fumo,
E do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado hum cano ao pólo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da materia das nuvens parecia.

XX

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que hum largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava:
Estava-se co'as ondas ondeando,
Em cima delle hũa nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolheo na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Alli se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si, e a nuvem negra, que sustenta.

XXII

Mas, despois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe;
E pelo céo chovendo em fim voou,
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
Ás ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura.

« Dans ces parages, que Phébus éclaire deux fois, et où il forme deux hivers et deux étés pendant qu'il court d'un pôle à l'autre, au milieu des calmes, des tourmentes et des souffrances que cause toujours sur l'Océan le terrible Eole, nous vîmes les ourses se baigner, malgré Junon, dans les eaux de Neptune (11).

« Ma voix, fût-elle une voix d'airain, ne suffirait pas pour te raconter en détail les phénomènes de la mer, dont la cause est inconnue aux mortels, tels que les orages soudains et terribles, les éclairs qui remplissent l'air de feu, les pluies noires et torrentielles, les nuits ténébreuses et le rugissement du tonnerre qui déchire l'univers.

« J'ai vu les merveilles que les nautonniers endurcis et renseignés par une longue expérience, racontent comme véritables et toujours certaines, en ne jugeant les choses que d'après les apparences; quant à ceux qui, plus instruits et plus raisonnables, ne voient que par le génie et la science les secrets du monde, ils les traitent d'inventions ou de malentendus.

« J'ai vu, de mes yeux vu, ce feu que les mariniers appellent saint (12), et qui brille pendant que l'orage obscurcit le ciel et que le vent souffle avec violence. Il ne nous parut pas moins étonnant ni moins miraculeux de voir les nuages, au moyen d'un large tube, aspirer les eaux du profond Océan (13).

« Je l'ai vu clairement, et je ne crois pas que mes yeux m'aient trompé: d'abord une fumée subtile, une vapeur légère se leva dans l'air, et, poussée par le vent, elle s'arrondit depuis la mer jusqu'au ciel élevé en un tube si mince d'abord, que c'est à peine si on pouvait le distinguer.

« Formé d'une substance semblable à celle des nuages, il grossissait peu à peu et prenait le volume d'un large mât: étroit par places et gonflé plus loin, selon qu'il absorbait tout au long ses grands traits d'eau, il ondoyait avec les vagues et nourrissait un gros nuage situé au-dessus de lui, qui, à mesure qu'il recevait l'eau, s'étendait et s'épaississait de plus en plus.

« Comme on verrait, attachée aux lèvres de l'animal imprudent qui est allé s'abreuver dans une fontaine rafraîchissante, la sangsue rougie du sang dont elle calme sa soif, à force de le sucer, se grossir et se remplir outre mesure; ainsi cette immense colonne se gonfle elle-même et agrandit l'épais nuage qu'elle soutient.

« Enfin, rassasiée de liquide, elle relève le pied qu'elle a placé sur la mer, et, changée en pluie fine, elle vole à travers les airs, pour venir mouiller de son eau l'eau qui s'étend au-dessous d'elle; de plus, tout en faisant retourner à l'onde l'onde qu'elle a aspirée, elle la rend pure et dépouillée de la saveur du sel. Savants! examinez donc dans vos livres quels sont ces secrets de la nature.

XXIII

Se os antiguos philosophos, que andaram
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas:
Que grandes escripturas que deixaram!
Que influição de signos e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV

Mas já o planeta, que no céo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horisonte do Oriente.

XXV

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergâmos;
As ancoras pezadas se adereçam,
As velas, já chegados, amainâmos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio (14),
Invenção de subtil juizo e sabio:

XXVI

Desembarcámos logo na espaçosa (15),
Parte por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra, que outro povo não pizou:
Porém eu co'os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo,
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.

XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX

Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nús e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'outro leva:
Domesticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

«Si les anciens philosophes, qui parcoururent tant de pays pour en découvrir les mystères, eussent passé par les événements merveilleux dont je fus témoin, en livrant les voiles à tant de vents contraires, quels livres ne nous auraient-ils pas laissés! Quels traités sur l'influence des signes ou des étoiles! Quelles bizarreries, quels grands secrets ne nous auraient-ils pas appris, tout en restant fidèles à la vérité!

«Mais déjà la planète qui séjourne au premier ciel avait cinq fois montré son visage, tantôt à moitié, tantôt en pleine, depuis que la flotte sillonnait les mers; lorsque du haut de la hune un matelot perspicace s'écrie: «Terre! terre!» Aussitôt tous sautent pleins d'agitation sur le pont, les yeux fixés sur l'horizon oriental.

«Les montagnes commencent à se montrer à nous semblables à des nuages. On dresse les ancres pesantes et on amène les voiles à l'arrivée; et, pour mieux nous rendre compte des pays lointains où nous sommes au moyen du nouvel instrument de l'Astrolabe (14), invention d'un esprit distingué;

«Nous débarquons aussitôt sur cette plage spacieuse (15), où se dispersèrent mes compagnons, curieux de voir les étranges mystères de ce territoire qu'aucun autre peuple n'avait foulé. Quant à moi, resté avec les pilotes sur la rive sablonneuse, afin de voir en quelle contrée j'étais, je m'occupai de mesurer la distance du soleil et de compasser la carte du globe.

«Nos observations nous apprirent que nous avions déjà passé la grande limite du Capricorne, et que nous nous trouvions entre ce point, et les glaces du pôle austral, parages les plus inconnus de l'univers. Mais voici venir, entouré de mes compagnons, un étranger, à peaut noire, qu'ils ont pris de force pendant qu'il cueillait des rayons de miel sur la montagne.

«Troublé comme un homme qui ne s'est jamais vu dans une telle extrémité, et plus sauvage que le féroce Polyphème, il ne nous comprend pas plus que nous ne le comprenons: je me mets à lui montrer le précieux métal de la riche Colchos, le brillant argent ou les ardentes épices: rien n'émouvait le barbare.

«Je lui fis voir d'autres objets de moins de valeur, comme des chapelets de cristallin, quelques petits grelots sonnants et un bonnet rouge, d'une nuance éclatante. D'après ses signes et ses gestes, je remarquai qu'il s'en égayait extrêmement; mis en liberté par mon ordre, il se dirigea, heureux de ces présents, vers le bourg qu'il habitait, situé dans le voisinage.

«Le lendemain, ses compagnons, complétement nus et noirs comme les ténèbres, descendant à travers les collines boisées, viennent chercher des objets semblables à ceux que l'autre a emportés; ils sont déjà si apprivoisés et si familiers envers nous, qu'ils décident Fernand Velloso à partir avec eux à travers l'épaisseur des forêts, dans le but d'étudier les mœurs de ce pays.

XXXI

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante erê que vai seguro;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece, e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra, vinha.

XXXII

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe saltem; ve-se em pressa
Velloso, sem que algum lhe alli ajudasse;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII

Da espessa nuvem settas e pedradas
Choveu sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida.
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão crescida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a côr vermelha levam desta feita.

XXXIV

E, sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV

Disse então a Velloso hum companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para eá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaveis eá sem mim.

XXXVI

Contou então que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, alli matal-o:
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque sahindo nós para tomal-o,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII

Porém já cinco soes eram passados
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando huma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações hum grande medo:
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se désse em vão n'algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?

«Velloso, qui se fie à la valeur de son bras, part hardiment, se croyant en toute sûreté; mais après un long espace de temps pendant lequel je cherchais à distinguer un signal favorable, comme j'avais les yeux anxieusement tournés dans la direction qu'avait prise notre aventurier, je le vois apparaître sur la montagne inculte, se dirigeant du côté de la mer plus vite qu'il n'était parti.

«Soudain le bateau de Coelho s'élance pour aller le prendre; mais avant qu'il soit arrivé, un audacieux nègre fond sur lui, de peur qu'il ne lui échappe: un autre accourt, puis un autre encore; privé de tout espèce de secours, Velloso se trouve dans une situation effrayante. Aussitôt je cours à son aide, et pendant que je tire l'aviron, une foule de nègres apparaît à nos yeux.

«Une épaisse grêle de flèches et de pierres tombe sur nous sans mesure, et ce ne furent pas projectiles jetés au vent, car j'y ai moi-même gagné une blessure à cette jambe. Mais, dans notre ressentiment, nous leur donnâmes une réponse si méritée, que, amateurs de la couleur vermeille, ils purent la voir cette fois mieux que sur des bonnets rouges.

«Après avoir mis Velloso hors de danger, nous nous retirâmes dans la flotte, indignés de la ruse infâme et lâche de ce peuple sauvage et bestial. Cette aventure ne nous apprit qu'une chose sur l'Inde: c'est que nous étions encore très-loin de ce pays si recherché. Aussi fis-je aussitôt remettre à la voile.

«Alors, aux rires de tous les mariniers, l'un d'entre eux dit à Velloso: «Eh! bien, ami Velloso, sur cette colline il est plus facile de descendre que de monter».—«Oui, répond l'audacieux aventurier, mais lorsque j'ai vu tous ces chiens se diriger vers vous, je me suis hâté de venir, me rappelant que vous étiez ici sans moi».

«Puis il raconta qu'après avoir dépassé la colline, les nègres ne le laissèrent pas aller plus loin, menaçant de le tuer s'il ne s'en retournait pas; et, aussitôt qu'il fut parti, il se mirent tout-à-coup en embuscade, comptant que, lorsque nous viendrions le chercher, ils pourraient nous envoyer dans le royaume ténébreux, pour nous voler plus à leur aise.

«Cependant, il y avait cinq jours que nous étions partis de là, en parcourant les mers où personne ne s'était jamais aventuré; un vent favorable soufflait sur nos voiles, lorsqu'une nuit, pendant que nous veillions sur la proue aiguisée, un nuage obscurcissant les airs apparaît tout-à-coup au-dessus de nos têtes.

«Il était si effrayant et si épais, que nos cœurs en tremblèrent d'épouvante; au loin la mer irritée mugit avec fracas, comme si elle frappait vainement quelque roche immobile. «Souveraine puissance! m'écriai-je, quelle menace divine ou quel secret merveilleux, quel phénomène plus terrible qu'une tempête cette mer et ces climats vont-ils nous montrer?»

XXXIX

Não acabava, quando huma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida (16),
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
Cheios de terra e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

XL

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo.
C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

XLI

E disse: O gente ousada mais que quantas
No mundo commetteram grandes cousas:
Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vãos nunca repousas;
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho:

XLII

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento:
Ouve os damnos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de sobjugar com dura guerra.

XLIII

Sabe que quantas náos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio summa vingança (17);
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas náos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ecos,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura (18)
Os soberbos e prosperos tropheos;
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama
Liberal, cavalleiro e namorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado (19):
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno mon, que duro e irado
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

«J'avais à peine prononcé ces mots, que nous apercevons dans les aires un fantôme imposant, d'une taille robuste et gigantesque, au visage abattu, à la barbe inculte (16). Les yeux de ce géant étaient creux et enfoncés, son maintien terrible et menaçant, son teint pâle et terreux; ses cheveux crêpus étaient couverts de poussière, et sa bouche toute noire laissait entrevoir des dents jaunes.

«Ses membres étaient si puissants, qu'on pouvait facilement le prendre pour le second colosse de Rhodes, l'une des sept merveilles du monde: à le voir et à entendre sa grosse voix, qui semblait sortir du profond Océan, mes compagnons et moi nous sentîmes un frisson parcourir nos veines et nos cheveux se hérrisser.

Téméraires, s'écria le géant, peuple le plus hardi de tous ceux qui ont illustré l'univers; vous à qui les guerres sanglantes et les travaux héroïques n'accordent ni repos ni trêve; vous qui franchissez sans crainte les bornes prescrites et osez naviguer sur mers immenses, que moi, de ma vigilance perpétuelle, j'ai toujours préservées contre l'arrivée de tout navire venu de l'étranger ou même de ces parages;

«Puisque vous venez voir les occultes secrets de la nature et de l'élément humide, secrets qu'aucun homme, quelque illustre ou immortel qu'il fût, n'a pu découvrir, écoutez le récit des châtiments réservés à votre audace excessive sur l'Océan immense et dans les pays que plus tard vous subjuguerez par la force de vos armes.

«Apprenez que tous les vaisseaux qui oseront faire ce voyage et vous imiter, trouveront dans ces parages ennemis des vents contraires et des tempêtes effrayantes; à la première flotte qui traversera ces vagues indomptables je préparerai soudain une punition si terrible, qu'après avoir été en butte à un grand danger, elle subira un désastre plus grand encore.

«Ici même, si mes pressentiments ne me trompent, j'espère tirer de mon révélateur une vengeance éclatante (17); et là ne s'arrêtera point le châtiment de votre confiance obstinée; chaque année, si mes présages sont véridiques, vos flottes seront victimes de naufrages et de maux de toute espèce, dont le moindre sera la mort.

«Et tout d'abord un illustre héros, dont la gloire s'élévera jusqu'aux cieux, condamné par les décrets de la Providence, trouvera dans mes flots une éternelle sépulture, et, y laissera les superbes trophées remportés sur la flotte turque (18). Quiloa détruite et Mombaça se joindront à moi pour le menacer de nouveaux malheurs.

«Un autre aussi viendra, noble et libéral chevalier, qui amenera la belle épouse dont l'Amour lui aura généreusement fait dot (19). Une triste destinée, un sort affreux les appèlent sur mon territoire; victimes de mon ressentiment, ils auront échappé à un cruel naufrage pour subir d'atroces souffrances.

XLVII

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros e preclaros
Á cabna, ao frio, ao ar verão despidos;
Despois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

XLIX

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravilhado.
A boca e os olhos negros retorcendo,
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

L

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio;
Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o pólo Antartico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor; e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Occano.
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII

Amores da alta esposa de Peleo (20)
Me fizeram tomar tamanha empreza;
Todas as deosas desprezei do ceo,
Só por amar das aguas a princeza:
Hum dia a vi, co'as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti, de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII

Como fosse impossibil alcançal-a
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomal-a,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a deosa então por mi lhe falla;
Mas ella, c'hum formoso riso honesto,
Respondeo: Qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'hum gigante?

LIV

Com tudo por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que, com minha honra, escuse o dano (21).
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abondanças
O peito de desejos e esperanças.

«Ils verront mourir de faim leurs enfants bien aimés, nés et élevés au milieu de tant d'amour; ils verront les Cafres féroces et avides dépouiller la belle dame de ses vêtements, et laisser exposés à la chaleur ou au froid ses membres blancs comme l'albâtre, ses pieds délicats qui auront foulé pendant de longues heures les sables brûlants.

«Ceux qui échapperont à tant de malheurs verront aussi les deux amants infortunés rester dans l'épaisseur ardente et implacable de ces forêts; là, après avoir attendri les rochers par leurs larmes et leurs peines, dans les bras l'un de l'autre, ils délivreront leurs âmes de cette prison tout à la fois si belle et si misérable.

«Ainsi s'exprimait le monstre horrible, en nous présageant notre avenir, lorsque je me levais et lui dis: «Qui es-tu donc, toi, dont le corps surprenant me remplit d'admiration?» A ces mots, tordant sa bouche et ses yeux noirs, et poussant un épouvantable cri, il me répondit, d'une voix lente et amère, comme si ma question l'avait affligé:

«Je suis ce grand et occulte cap à qui vous donnez le nom de cap des Tourmentes, et que jamais Ptolémée, Pomponius, Strabon, Pline ni aucun mortel n'ont aperçu. Ici, dans ce promontoire inconnu aux humains, et que votre audace a tant irrité, je finis toute la côte africaine, en m'étendant jusque vers le pôle antarctique.

«Je fus un des terribles enfants de la Terre, comme Encelade, Égéon et Briarée aux cents mains; on me nommait Adamastor, et je pris part à la guerre organisée contre celui qui lance la foudre de Vulcain. Je ne mis point montagne sur montagne, mais après avoir conquis les ondes de l'Océan, je fus le capitaine de la mer, où voguait la flotte de Neptune, que je cherchais.

«Ce fut mon amour pour l'illustre épouse de Pélée (20) qui me fit entreprendre une pareille œuvre; pour la reine des eaux j'ai méprisé toutes les déesses du ciel. Un jour je la vis, suivie des filles de Nérée, sauter sans vêtements sur la plage: aussitôt je sentis mille désirs m'embraser à tel point, que jamais encore jusqu'à ce jour je n'ai rien convoité de la sorte.

«Comme il m'était impossible de l'obtenir, à cause de ma taille et de ma forme hideuse, je résolus de la prendre par la force des armes, et je racontai à Doris mes intentions. La déesse, craignant de m'irriter, lui parla pour moi; mais elle, avec un sourire charmant et pudique: «Quelle est la nymphe, dit-elle, dont l'amour suffirait pour répondre à celui d'un géant?

«Cependant, afin de délivrer l'Océan d'une guerre si funeste, je ferai en sorte que mon honneur ne soit pas la cause de grandes calamités (21).» Telle fut la réponse que m'apporta la messagère. Moi, qui ne sus pas en pénétrer l'artifice (tant est grand l'aveuglement des cœurs qui aiment), je sentis ma poitrine se gonfler de désirs et d'espérance.

LV

Já ueseio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, para aquella que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.

LVI

Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte
De aspero mato e de espessura brava:
Estando c'hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'hum penedo outro penedo.

LVII

O nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
Daqui me parto irado e quasi insano
Da mágoa e da deshonra alli passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII

Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E, como contra o céo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas aguas se estenderam:
Em fim, minha grandissima estatura
N'este remoto cabo converteram
Os deoses; e por mais dobradas mágoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.

LX

Assi contava, e c'hum medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro
Bramido, muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI

Já Phlegon e Pyrois (22) vinham tirando
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante.
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegámos,
Onde segunda vez terra tomámos (23).

LXII

A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiopes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam.
Com bailes e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado.

«Victime de mon erreur, déjà j'avais renoncé à la guerre; une nuit, comme Doris me l'avait promis, je vois apparaître au loin la blanche Thétis, seule et sans vêtements; comme un fou, je m'élançai, en ouvrant de loin les bras, vers celle qui était la vie de ce corps, et je commençai à baiser ses yeux charmants, ses cheveux et ses joues.

«Ah! la rage et le dégoût m'empêchent presque de le raconter: croyant avoir entre mes bras celle que j'aimais, je me trouvai accolé à une montagne pierreuse, couverte d'âpres broussailles et d'une épaisse verdure: me trouvant face à face avec un dur rocher que je serrais contre mon sein, le prenant pour un visage angélique, je n'étais plus un homme, non, mais, muet et immobile, je devins une roche réunie à l'autre roche.

«O nymphe! la plus belle de tout l'Océan, puisque ma présence ne te plaisait pas, que te coûtait de me laisser dans mon erreur, eût-elle été un mont, un nuage, un songe ou un rien? Aussitôt, furieux et insensé de tant de douleur et de la honte que j'avais subie en ce lieu, je m'éloignai de là pour aller chercher un autre monde, où je ne verrais personne qui pût rire de mes pleurs et de mes souffrances.

«En ce temps mes frères, déjà vaincus, se trouvaient dans une extrême situation; quelques-uns d'entre eux, pour plus de sûreté, avaient été enterrés sous diverses montagnes par les orgueilleux immortels. Et comme nulle force ne peut atteindre le ciel, moi qui ne cessais de pleurer sur mes malheurs, je commençai à éprouver la punition que l'impitoyable destin imposait à mon audace.

«Je sentis ma chair se convertir en une terre dure et mes os devenir des rochers: ces gigantesques membres que tu vois s'étendirent le long de ces eaux; enfin mon corps immense fut changé par les dieux en un promontoire éloigné, et, pour redoubler mes chagrins, Thétis m'entoure toujours de ses eaux.

«Ainsi parlait-il, et, en poussant un terrible gémissement, il disparut subitement: aussitôt l'obscur nuage se défit, et au loin on entendit mugir la mer en courroux. Alors, levant les mains vers le chœur sacré des anges qui nous avaient menés si loin, je priai Dieu d'éloigner de nous les événements qu'Adamastor avait présagés.

«Déjà Phlégon et Pyroïs (22) traînaient avec leurs deux autres compagnons le char radieux de Phébus, lorsque apparut à nos yeux la terre élevée en laquelle fut converti l'immense géant. Le long de cette côte nous commençâmes à sillonner les vagues du Levant, et, après l'avoir bordée pendant quelques temps, nous y prîmes terre pour la seconde fois (23).

«Les peuples qui possédaient cette terre, quoique nègres tous sans exception, paraissaient être de mœurs plus humaines que les autres dont nous avions été si mal accueillis. Ils vinrent à nous le long de la plage sablonneuse, en dansant et en se livrant à des transports de joie, amenant avec eux leurs femmes et le riche bétail qui paissait l'herbe tendre.

LXIII

As mulheres queimadas vem em ciuna
Dos vagarosos bois, alli sentadas,
Animaes que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, on rima,
Na sua lingua cantam, concertadas
Co'o doce som das rusticas avenas,
Imitando do Tityro as Camenas.

LXIV

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas e carneiros,
A troco d'outras peças que levaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que désse algum signal do que buscamos,
As velas dando, as ancoras levamos.

LXV

Já aqui tinhamos dado hum grão rodeio
Á costa negra de Africa, e tornava
A prôa a demandar o ardente meio
Do céo, e o polo Antarctico ficava:
Aquelle ilheo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo; e, descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo (24).

LXVI

D'aqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co'o mar hum tempo andámos em porfias,
Que, como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento que assoprava:
Injuriado Noto da porfia
Em que co'o mar, parece, tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que fez vencer a grão corrente.

LXVIII

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós, da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos (25).

LXIX

Desta gente refresco algum tomámos,
E do rio fresca agua; mas com tudo
Nenhum signal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quasi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sahir nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem signal
Da desejada parte Oriental.

LXX

Ora imagina agora quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas, e por mares não sabidos:
E do esperar comprido tão cansados,
Quanto a desesperar já compellidos,
Por céos não naturaes, de qualidade
Inimiga de nossa humanidade.

« Les femmes, brûlées par le soleil, viennent assises sur les bœufs indolents, animaux que ces peuples préfèrent à tous ceux de leurs troupeaux; elles chantent dans leur langue des chansons pastorales rimées ou en prose, en se faisant accompagner du doux son des rustiques chalumeaux, à la façon des Muses de Tityre.

« Comme l'annonçait leur extérieur bienveillant, ils nous traitèrent humainement et nous apportèrent des poules et des moutons, en échange d'autres présents qu'ils reçurent de nous; mais comme mes compagnons ne pouvaient en tirer un mot qui nous donnât quelque lumière sur ce que nous cherchions, nous relevâmes l'ancre pour mettre à la voile.

« Déjà nous avions fait un grand détour le long de la côte noire d'Afrique, et les proues recommençaient à se diriger vers le centre ardent du ciel, en s'éloignant du pôle antarctique. Nous dépassâmes cet îlot où aborda la première flotte qui cherchait le cap des Tourmentes, et, dont, après l'avoir découvert, elle fit sa limite certaine (24).

« De là nous repartîmes pour fendre de nouveau la mer immense, surpris par les calmes et les bourrasques, cherchant à nous frayer de nouvelles voies, et conduits seulement par un espoir incertain. Après avoir lutté opiniâtrement contre la mer irritée et inconstante, nous rencontrâmes un courant si fort, qu'il nous était impossible de le franchir.

« La force des vagues, qui nous obligeait à reculer, l'emportait de beaucoup sur celle du vent soufflant dans notre direction. Enfin Notus, indigné de la lutte qu'il semblait soutenir contre l'Océan, par un redoublement de colère, nous envoya un souffle énergique qui nous aida à vaincre le grand courant.

« Le soleil ramenait la mémorable journée où trois rois venus de l'Orient allèrent chercher un Roi d'une modeste naissance, lequel contient à son tour trois autres rois réunis. En ce jour nous abordâmes en un port de ces mêmes peuples dont j'ai parlé, situé à l'embouchure d'un large fleuve, auquel nous donnâmes le nom du jour où nous y entrâmes (25).

« Ces gens nous apportèrent quelques provisions, et le fleuve nous fournit de l'eau fraîche; cependant nous ne découvrîmes aucune trace de l'Inde chez ce peuple, presque incompris de nous. Voyez donc, ô roi, combien de terres nous avons côtoyées sans pouvoir nous éloigner de ces nations grossières, sans trouver jamais ni indices, ni trace aucune des contrées de l'Orient si recherché!

« Figurez-vous combien nous avons dû être malheureux et dignes de pitié, poursuivis par la faim, les tempêtes, dans des climats et des mers inconnus! Las d'attendre, aussi bien que réduits à désespérer, nous parcourions des parages ennemis et contraires à notre nature.

LXXI

Corrupto já e damnado o mantimento,
Damnoso e máo ao fraco corpo humano,
E além disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crês tu que se este nosso ajuntamento
De soldados não fôra Lusitano,
Que durára elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII

Crês tu que já não foram levantados
Contra seu capitão, se os resistira,
Fazendo-se piratas, obrigados
De desesperação, de fome, de ira?
Grandemente por certo estão provados;
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
De lealdade firme e obediencia.

LXXIII

Deixando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agua salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda a armada:
Porque, ventando Noto manso e frio,
Não nos apanhasse a agua da enseada,
Que a costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV

Esta passada, logo o leve leme
Encommendado ao sacro Nicolao (26),
Para onde o mar na costa brada e geme,
A prôa inclina d'huma e d'outra náo:
Quando indo o coração que espera e teme,
E que tanto fiou d'hum fraco páo,
Do que esperava já desesperado,
Foi d'huma novidade alvoroçado.

LXXV

E foi, que estando já da costa perto,
Onde as praias, e valles bem se viam,
N'hum rio, que alli sahe ao mar aberto,
Bateis á vela entravam e sahiam.
Alegria mui grande foi por certo
Acharmos já pessoas que sabiam
Navegar; porque entr'ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI

Ethiopes são todos, mas parece
Que com gente melhor communicavam:
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua que fallavam:
E com pano delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

LXXVII

Pela Arabica lingua que mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por náos que em grandeza igualam
As nossas (27), o seu mar se corta e fende:
Mas que lá, donde sahe o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol; terra onde havia
Gente assi como nós da côr do dia.

LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais:
Pelos signaes que neste rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-Signais:
Hum padrão nesta terra alevantámos,
Que para assignalar lugares tais
Trazia alguns; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabelo (28).

« Nos vivres, déjà corrompus et gâtés, étaient nuisibles au faible corps de l'homme; en outre, nous n'éprouvions aucune joie, aucune illusion qui soutînt notre espérance. Croyez-vous donc que si tous ces soldats rénnis n'étaient point des Lusitaniens, ils auraient si longtemps gardé une semblable obéissance à leur roi et à leur chef?

« Croyez-vous qu'ils ne se seraient point déjà révoltés contre leur capitaine, s'il leur avait résisté, et que, forcés par le désespoir, la faim et la rage, ils ne se seraient pas livrés à la piraterie? Ils ont à coup sûr fait preuve d'une grande valeur, puisque aucune souffrance n'a pu leur enlever ces nobles qualités communes à tout Portugais: une loyauté ferme et une obéissance sans bornes.

« Après avoir quitté ce port et son fleuve bienfaisant, nous nous remîmes à fendre l'eau salée, et, en déviant un peu de cette côte, nous dirigeâmes toute la flotte sur la haute mer; nous voulions éviter le souffle glacé de Notus, ainsi que le courant produit par cette baie d'où la riche Sofala expédie son or dans le monde.

« A peine l'avions-nous dépassée, que le léger gouvernail placé sous le patronage de saint Nicolas (26), fit incliner les proues des vaisseaux vers le rivage, où la mer s'élançait avec fracas; le cœur tantôt confiant et tantôt anxieux, nous abandonnions notre vie aux caprices de quelques poutres, et nous voyions déjà nos espérances déçues, lorsque nous fûmes transportés de joie à la vue d'un spectacle inattendu.

« Arrivés près de la côte, dont on apercevait déjà les plages et les vallées, nous vîmes, à l'embouchure d'un fleuve dont les eaux viennent se mêler à l'onde salée, divers bateaux à voile qui entraient et sortaient. Notre joie fut grande à la vue des gens qui savaient naviguer, car nous avions l'espoir d'en tirer les connaissances qui nous manquaient; ce fut d'ailleurs ce qui arriva.

« Tous étaient nègres, mais ils semblaient avoir des rapports avec des peuples civilisés; dans leur langage on saisissait de temps en temps un mot arabe. La tête serrée avec d'étroites bandes tissées de coton, ils en portaient d'autres de couleur bleue pour cacher les parties naturelles.

« Au moyen de la langue arabe, que du reste ils parlent mal, et que Fernand Martins comprend très bien, ils nous dirent que leur mer était fendue par des vaisseaux aussi grands que les nôtres (27), mais qu'ils venaient depuis les pays où le soleil se lève jusqu'au point où la côte s'étend vers le pôle antarctique, ou bien depuis ce point jusqu'aux pays du soleil, contrée où habitaient des hommes comme nous, de la couleur du jour.

« Réjouis d'avoir rencontré ce peuple, et surtout des renseignements que nous en avions obtenus, nous profitâmes de ces indices favorables pour donner à ce fleuve le nom de fleuve des Bons Signes. Là, nous plantâmes une des colonnes que nous avions apportées dans le but de marquer nos découvertes, et nous donnâmes à cette terre le nom du beau guide qui mena Tobie auprès de Gabélus (28).

LXXIX

Aqui de limos, caseas e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpámos as náos, que dos caminhos
Longos do mar, vem sordidas e immundas.
Dos hospedes que tinhamos visinhos,
Com mostras apraziveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX

Mas não foi, da esperança grande e immensa
Que nesta terra houvemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia (29) com nova desventura.
Assi no Céo sereno se dispensa;
Com esta condição pezada e dura
Nascemos; o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI

E foi que de doença erua e feia (30),
A mais que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.
Quem haverá que, sem o ver, o creia?
Que tão disformemente alli lhe incharam
As gengivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII

Apodrecia e'hum fetido e bruto
Cheiro, que o ar visinho infecionava:
Não tinhamos alli medico astuto,
Cirurgião subtil menos se achava:
Mas qualquer neste officio pouco instructo
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fôra morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII

Em fim que nesta incognita espessura
Deixámos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta desventura
Foram sempre comnosco aventureiros,
Quão facil he ao corpo a sepultura!
Quasquer ondas do mar, quaesquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberam de todo o illustre os ossos.

LXXXIV

Assi que deste porto nos partimos
Com maior esperança e mór tristeza,
E pela costa abaixo o mar abrimos,
Buscando algum signal de mais firmeza:
Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor, e dos enganos
Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV

Até que aqui no teu seguro porto,
Cuja brandura e doce tratamento,
Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
Nos trouxe a piedade do alto assento:
Aqui reposso, aqui doce conforto,
Nova quietação do pensamento
Nos déste: e vês-aqui, se attento ouviste,
Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI

Julgas agora, Rei, que houve no mundo
Gentes, que taes caminhos commettessem?
Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
Ulysses pelo mundo se estendessem?
Ouson algum a ver do mar profundo,
Por mais versos que delle se escrevessem,
Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

«Nous y nettoyâmes les navires, qu'une longue course à travers les mers avait remplis d'immondes algues, de sordides écorces et de petites huîtres, infecte production des eaux profondes. Purs de toute mauvaise pensée, les nouveaux hôtes que nous avions devant nous, nous firent un accueil enjoué et affable et nous fournirent toujours les provisions nécessaires.

«Cependant la joie que nous fit éprouver en ce pays une espérance aussi grande ne fut pas complète: Rhamnusis (29) se chargea bientôt de la compenser par un nouveau malheur. Tels sont les décrets du ciel élevé; nous naissons avec cette cruelle condition: la douleur dure longtemps, mais le bonheur est bientôt altéré par la Providence.

«Une maladie terrible, affreuse (30), ravit l'existence à un grand nombre de mes compagnons; les infortunés, ils laissèrent leurs os dans un pays étranger et inconnu! Qui, sans l'avoir vu, le croira? Les gencives leur gonflèrent tellement dans la bouche, qu'à mesure que la chair poussait, elle tombait en putréfaction!

«En même temps une odeur fétide infectait l'air environnant: nous n'avions là aucun médecin habile, et moins encore un adroit chirurgien. Aussi le premier venu, malgré son ignorance en de telles matières, se mettait à couper la chair putréfiée, comme si c'était de la chair morte: et c'était juste, puisque l'on était sûr de mourir quand on l'avait dans cet état.

«Enfin, nous laissâmes à jamais dans ces contrées inconnues les cadavres de nos pauvres compagnons, qui avaient toujours pris part avec nous à toutes les souffrances de la route. Combien il est facile de trouver une sépulture à un corps! Quelles ondes, quelles collines étrangères n'ont pas, comme celles-ci, reçu les cendres de quelque héros?

«A peine étions-nous partis de cette rade, le cœur tout à la fois plein d'espérance et de tristesse, que nous recommençâmes à descendre le long de la côte, à la recherche de quelque indice plus certain. Enfin nous arrivâmes près de la cruelle Mozambique, dont la fausseté et la bassesse, ainsi que la fourberie des peuples inhumains de Mombaça, ne vous doivent pas être inconnues.

«A la fin la Providence, nous prenant en pitié, nous a amenés vers votre port béni; la tranquillité et les bons traitements que nous y avons enfin trouvés pourraient donner la santé aux vivants et la vie aux morts. Ici vous nous avez procuré le repos, les soulagements et le bien-être. Maintenant, si vous m'avez attentivement écouté, soyez satisfait, car vous connaissez le récit de toutes mes aventures.

«Vous pouvez juger, ô roi! s'il y a eu dans le monde des hommes qui aient affronté une pareille route. Croyez-vous qu'Énée ou l'éloquent Ulysse aient parcouru tant de contrées? Quelqu'un, malgré tous les chants qu'on a pu lui consacrer, a-t-il osé voir sur le profond Océan le huitième de ce que j'ai vu et de ce qui me reste encore à découvrir, lorsque je n'ai pour guides que mon adresse et mon courage?

LXXXVII

Esse que bebeo tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si, Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina (31):
Ess'outro que esclarece toda a Ausonia,
A cuja voz altisona e divina
Ouvindo, o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tybre co'o som se ensoberbece:

LXXXVIII

Cantem, louvem e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses, e encareçam,
Fingindo Magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas que co'o canto os adormeçam;
Dem-lhe mais navegar á vela e remos
Os Cicones, e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas:
Que por muito, e por muito que se affinem
Nestas fabulas vãas, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto nua e pura
Vence toda grandiloqua escriptura.

XC

Da boca do facundo capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade d'animo e nobreza.

XCI

Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descançar nos Thetios braços;
E el Rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII

Quão doce he o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita.

XCIII

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto, de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os trophéos de Milciades famosos
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz que seus feitos celebrava.

XCIV

Trabalha por mostrar Vasco da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama,
Como a sua, que o céo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima e ama
Com dons, mercês, favores e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe.

« O toi qui t'es tant abreuvé de l'eau aonienne, toi pour la naissance duquel se disputent Rhodes, Smyrne, Colophon, Athènes, Chio, Argos et Salamine (31); et toi aussi, noble chantre de l'Ausonie, dont la voix harmonieuse et divine endort le Mincio qui t'a vu naître, mais enorgueillit le Tibre superbe;

« Chantez, introduisez dans vos poëmes les histoires fabuleuses de vos demi-dieux; inventez des Sirènes qui les endorment de leurs chants; inventez des Magiciennes, des Circés, des Polyphèmes; faites-les naviguer par la voile ou les rames jusqu'au pays des Cicones, jusqu'à la terre où les compagnons oublient le passé, après avoir goûté le fruit du lotos; faites-leur perdre leur pilote dans les mers;

« Imaginez pour eux des vents furieux renfermés dans des outres; imaginez des Calypsos amoureuses, des Harpies qui corrompent leurs mets, et faites-les descendre au royaume des ombres. Vous aurez beau vous distinguer par l'invention de ces fables vaines, composées avec tant de génie; la vérité que je raconte, simple et pure, l'emporte sur tous ces immortels écrits. »

Tous étaient ravis, suspendus aux lèvres de l'éloquent capitaine, lorsqu'il mit fin à cette longue narration de sublimes actes d'héroïsme. Le roi ne se lasse pas de louer le courage de ces monarques, renommés par tant de batailles; il vante aussi l'antique fermeté, la grandeur d'âme et la noblesse de la nation.

Parmi le peuple chacun se raconte avec enthousiasme le trait qui l'a le plus frappé: aucun des Mélindiens n'écarte ses regards de ces héros qui ont parcouru une si longue route. En ce moment le jeune Délius tournait les rênes de son char, que le frère de Lampétie ne sut pas conduire; il allait reposer dans les bras de Thétis, lorsque le roi se rendit à terre dans son palais somptueux.

« Combien sont douces la louange et la juste gloire de nos exploits! Toujours un noble cœur s'évertue à égaler ou à surpasser les hauts faits des héros qui l'ont précédé. La lecture d'une belle histoire étrangère est souvent la cause de sublimes actions, et celui qui s'exerce à des œuvres de bravoure se laisse surtout encourager par les éloges qu'on lui accorde.

« Alexandre n'estimait pas autant les glorieux exploits d'Achille que les nombreux vers de son chantre; c'est cet éclat seul qu'il loue et qu'il ambitionne pour lui-même. Les superbes trophées de Miltiade réveillent la jalousie de Thémistocle: « Rien ne me comble de joie, disait-il, comme la voix qui exalte mes prouesses! »

« Vasco da Gama cherche à prouver que ces navigations, que l'univers célèbre, ne méritent pas autant de gloire et de renommée que la sienne, dont s'étonnent le ciel et la terre. Oui, mais ce héros qui aimait et admirait la lyre de Mantoue employait toute sorte de dons, de louanges et d'honneurs pour lui faire chanter Enée et la gloire de Rome.

XCV

Dá a terra Lusitana Seipiões,
Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
Mas não lhe dá com tudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos e venustos.
Não dirá Fulvia certo que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI

Vai Cesar sobjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'huma mão a penna, e n'outra a lança,
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Seipião se sabe e alcança,
He nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII

Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsomente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum ser por versos excellente,
He não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

XCVIII

Por isso, e não por falta de natura,
Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achilles feros:
Mas o peor de tudo he, que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão rudos, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá ponco, ou nada d'isso.

XCIX

Ás Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lyra nome e fama
De toda a illustre e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Calliope não tem por tão amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As tellas d'ouro fino, e que o cantassem.

C

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he sómente o presupposto
Das Tagides gentis, e seu respeito:
Porém não deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Não perderá seu preço, e sua valia.

« La terre lusitanienne produit des Scipions, des Césars, des Alexandres et des Augustes; mais elle ne leur donne pas ces qualités dont le défaut les endurcit. Octave, même dans les moments les plus terribles du triumvirat, composait des vers instructifs et gracieux; Fulvie ne pourrait nier qu'Antoine l'abandonnait souvent pour Glaphyra.

« César, tout en subjuguant la Gaule, ne sacrifiait pas entièrement les lettres aux armes; et tenant d'une main la plume et de l'autre la lance, il égalait en éloquence le grand Cicéron On sait avec quel talent Scipion composait des comédies, et Alexandre lisait si souvent Homère, qu'il l'avait continuellement à son chevet.

« Enfin, il n'y eut pas chez les Romains, chez les Grecs, ni même chez n'importe quel peuple barbare, un seul vaillant capitaine, qui ne fût en même temps instruit et lettré; excepté cependant dans la Lusitanie. Je ne le dis point sans honte, car le seul motif pour lequel aucun ne s'y distingue par les vers, c'est qu'on n'y estime point le vers ni la rime; et en effet, qui ne connaît point l'art ne peut pas l'apprécier.

« C'est pour cela, et non par la faute de la nature, que nous n'avons ni des Virgiles ni des Homères; et si cette coutume dure encore, il n'y aura bientôt plus de pieux Enées ni de féroces Achilles. Mais ce qu'il y a de plus regrettable, c'est que le sort a fait les nôtres si âpres et si austères, si rudes et si nonchalants, qu'il ne leur accorde généralement pas le goût de la poésie.

« Notre Gama peut remercier les Muses de ce que l'amour de la patrie les oblige à prendre la lyre pour accorder à leurs protégés la gloire qu'ils ont acquise dans des combats et des travaux de toute sorte; quant à lui, ou à ceux de sa race, ils n'ont pour amies ni Calliope ni les filles du Tage, qui, pour le chanter, n'abandonneraient pas les paillettes d'or que roule leur fleuve.

« C'est seulement un fraternel amour et le désir immense de donner une louange à chaque exploit des Lusitaniens qui anime les nymphes du Tage. Cependant que personne ne cesse jamais d'avoir le cœur disposé à accomplir de grandes œuvres: car, que ce soit par la voie des vers ou par tout autre moyen, il ne perdra rien de son prix ni de sa valeur.

CANTO VI

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme.
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça, e teme :

(Canto VI. Est. LXIV.)

« Les fers des coursiers font jaillir des étincelles ; sous leurs sabots, le sol semble trembler avec fracas ; à voir les combattants, on sent battre plus fort le cœur dans la poitrine.

(Chant VI, Stan. LXIV.)

CANTO SEXTO

I

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amisades alcançasse
Do Rei christão, das gentes tão possantes :
Peza-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
Donde Hercules ao mar abrio caminho.

II

Com jogos, danças, e outras alegrias,
E segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lagcia Antonio alegra, e engana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III

Mas vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra, e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento :
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade louga pede.

IV

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes Barões seu reino e estado :
E que em quanto seu corpo o esprito reja,
Estará de contino apparelhado
A pôr a vida, e reino totalmente,
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No piloto que leva, não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi caminha
Já mais seguro do que d' antes vinha.

VI

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o máo de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se apparelhavam
Á gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

CHANT SIXIÈME

Le roi païen ne sait comment fêter les braves nautoniers, pour obtenir l'amitié du roi chrétien et de ses puissants sujets. Il regrette que le sort l'ait placé si loin de la fertile Europe et ne l'ait pas fait voisin des lieux où Hercule ouvrit une route à l'Océan.

C'est avec des jeux, des danses et d'autres plaisirs conformes aux usages de Mélinde, c'est avec de joyeuses parties de pêche, semblables à celles dont la petite-fille de Lagus réjouissait et trompait Antoine, que cet illustre roi fête chaque jour la gent lusitanienne; il ne manque pas non plus d'offrir aux navigateurs des banquets composés de mets exquis, de fruits, de volailles, de viandes et de poissons des espèces les plus rares.

Cependant le capitaine, voyant qu'il s'était attardé plus qu'il ne l'aurait dû, et invité par un vent favorable à partir et à prendre immédiatement à terre des pilotes et des provisions, le capitaine se décide à ne pas s'arrêter plus longtemps, à cause du long trajet qu'il lui reste encore à parcourir. Bientôt il prend congé du bienveillant Maure, qui demande à tous les Portugais une éternelle amitié.

Il leur demande en outre que son port soit désormais visité par leurs flottes; il ne souhaite rien de plus honorable que de prêter à de semblables héros son royaume et ses états, et, tant que son esprit régira son corps, il sera toujours prêt à mettre sa vie et ses domaines à la disposition d'un prince si généreux et d'une nation si grande.

Le capitaine lui répond quelques mots sur un ton non moins amical, et, mettant sans tarder à la voile, il se dirige vers les pays de l'Aurore, dont depuis si longtemps il cherche la route. Son pilote, sans ruses ni fourberies, lui montrait le droit chemin et lui inspirait une tranquillité qu'il n'avait pas ressentie jusqu'alors.

Déjà ils voguaient sur les mers de l'Orient et de l'Inde; au loin ils apercevaient la couche ardente du soleil; bientôt leurs désirs allaient être accomplis. Mais le perfide Thyonée, pressentant le bonheur mérité qui se prépare pour les Lusitaniens, ne se tient plus de rage, d'envie et de colère.

VII

Via estar todo o Céo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Não no póde estorvar, que destinado
Está d'outro poder que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca, e toma;
Entra no humido reino, e vai-se á corte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
As areias alli de prata fina;
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Bacco a vista pace:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho chaos a tão confusa face;
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sostinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vazio.

XII

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara forma alli estava esculpida
Das aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII

N' outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deoses co' os gigantes;
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV

Pouca tardança fez Lyeo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando;
Ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando,
De ver que, commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

Il voit tout l'Olympe résolu à faire de Lisbonne une nouvelle Rome, et il ne peut s'opposer à cette transformation qui est le fait d'une puissance supérieure à la sienne. En proie au désespoir, il descend du ciel pour chercher sur la terre un nouveau remède à ses chagrins; il entre dans le royaume humide et se rend à la cour de celui qui eut la mer en partage.

Au fin fond des hautes cavernes où se cache la mer et d'où sortent les vagues impétueuses, lorsque l'Océan répond aux colères du vent, demeurent Neptune, les gracieuses Néréides et les autres divinités maritimes : là les eaux font place aux villes où séjournent les dieux humides.

Les sables profonds, inconnus aux mortels, y sont parsemés d'une poudre argentée; dans cette plaine immense on voit des hautes tours formées d'une substance transparente et cristalline. Plus les yeux s'en approchent, moins ils peuvent décider si ce qu'ils voient est du cristal ou du diamant, tant est vif l'éclat de toutes ces merveilles!

Les portes en or massif, incrustées de perles fines, produit des coquillages, sont couvertes de magnifiques sculptures; Bacchus, malgré sa colère, ne peut s'empêcher de les admirer. D'abord il voit, peint de différentes couleurs, l'aspect confus du vieux chaos; puis il aperçoit les quatre éléments ciselés chacun avec ses propriétés particulières.

Au-dessus de tout planait le feu, qu'aucune matière ne soutenait et qui animait tous les êtres vivants, depuis que Prométhée l'avait ravi aux cieux. Immédiatement après lui s'élevait légèrement l'air invisible, qui s'insinue plus vite encore, et qui, brûlant ou glacé, ne laisse aucun vide dans l'univers.

Venait ensuite la terre, couverte de montagnes et revêtue de verdure et d'arbres fleuris; elle donnait la pâture et la vie aux animaux qu'elle engendre. Enfin, répandue sur la surface de la terre, l'eau limpide produisait des poissons de toutes sortes et nourrissait tous les corps de son suc bienfaisant.

Plus loin on avait gravé la guerre que les dieux soutinrent contre les géants : Typhée est courbé sous le poids de la haute montagne de l'Etna, qui vomit des flammes pétillantes. On voit aussi Neptune frappant la terre et donnant le cheval aux nations ignorantes, ainsi que le premier olivier de Minerve, symbole de la paix.

Bacchus irrité ne s'arrête pas longtemps à contempler ces merveilles; il franchit le seuil du palais de Neptune, qui, prévenu de sa visite, l'attendait avec impatience. Accompagné de ses nymphes, ce dernier reçoit le Thyonée aux portes de sa demeure. Les filles de Nérée sont étonnées de voir que, affrontant une pareille route, le roi du vin entre dans le royaume des eaux.

XV

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque tambem co' os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes :
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos,
Onçam todos o mal que toca a todos.

XVI

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda;
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

XVII

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Hnns limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pente conheceram :
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar impedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar todo coberto, cento e cento
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento;
Ostras, e breguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

XIX

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava;
A vos grande canora foi ouvida
Por todo o mar que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses, para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos despois da Grega insania.

XX

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas que gerára;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoára :
O propheta Proteo deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cælo e Vesta filha (1),
Grave, e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amansava o mar de maravilha;
Vestida huma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se;
Que tanto bem não he para esconder-se :

XXII

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse;
O Delphim traz comsigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse;
Co' os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse :
Ambas vem pela mão; igual partido;
Pois ambas são esposas d'hum marido.

« Neptune, s'écrie le dieu, ne t'étonne point de recevoir Bacchus dans tes domaines, car la fortune injuste exerce ses pouvoirs même contre les grands et les puissants. Mais avant que j'en aie dit davantage, et si tu n'y vois pas d'obstacle, fais appeler toutes les divinités de la mer; elles apprendront le malheur qui me frappe et qui les atteint toutes. »

Neptune, voyant qu'il s'agit d'un événement funeste, ordonne aussitôt à Triton de convoquer les dieux qui habitent l'onde froide et peuplent toute l'étendue des mers. Triton, qui se glorifiait d'être le fils du roi et de l'illustre Salacia, était un jeune dieu de haute taille, noir et hideux; il était le trompette et le messager de son père.

Les poils de sa barbe et les cheveux qui tombaient sur ses épaules n'étaient autre chose que des algues gonflées d'eau, où le peigne n'avait jamais pénétré; à leur extrémité étaient attachés des coquillages noirâtres qui y prenaient naissance; pour coiffure il avait une grande carapace de langouste.

Le corps et les parties naturelles entièrement nus, pour faciliter la nage, étaient cependant couverts de mille petits animaux de la mer, tels que crabes, écrevisses et tous ceux qui croissent sous les rayons de la lune : huîtres et pétoncles souillées de mousse et limaçons chargés de leur coquille.

Il porta à ses lèvres la grande conque recourbée qu'il tenait à la main, et en tira un son puissant, dont la mer au loin retentit. Déjà toute la foule des immortels s'acheminait vers la cour du dieu qui bâtit les murailles de Dardanie, détruites plus tard par la furie des Grecs.

Le vieil Océan venait le premier, suivi des fils et des filles qu'il avait engendrés; puis Nérée, époux de Doris, qui peupla de nymphes toute la mer. Venait aussi le prophète Prothée, qui abandonna son troupeau pour le laisser paître sur l'onde amère; mais il savait déjà ce que Lyéus venait faire dans le royaume humide.

D'un autre côté, l'on voyait s'avancer la belle épouse de Neptune, fille de Cœlus et de Vesta (1). La joie animait à tel point sa beauté, que sur son passage la mer se calmait, comme par enchantement; vêtue d'une tunique de toile très fine, elle laissait voir ses formes transparentes, car tant de trésors n'ont pas été faits pour qu'on les cache.

Amphitrite, belle comme les fleurs, n'eut garde de manquer à cette brillante assemblée; elle était suivie du Dauphin, qui lui avait jadis conseillé d'obéir aux amours du roi; ses yeux, dominant toute chose, semblaient l'emporter en éclat sur le soleil. Les deux reines marchent ensemble, en se tenant par la main; elles ont une égale puissance, étant toutes deux les épouses d'un même mari.

XXIII

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado (2):
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e ás vezes pela area
No collo o toma a bella Panopea.

XXIV

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe (3), e deste dano
Lhe resultou deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feo engano
Que Circe tinha usado co' a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal;
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co' o Thebano tinha assento igual:
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa (4).

XXVI

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos:
Hum pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co' o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII

Principe, que de juro senhoreas
D'hum polo ao outro polo o mar irado:
Tu, que as gentes da terra toda enfreas
Que não passem o termo limitado:
E tu, padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes
Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra, e ande:
Que descuido foi este em que viveis?
Quem póde ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos, e atrevidos?

XXIX

Vistes que com grandissima ousadia
Foram já commetter o céo supremo;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela, e remo:
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas, e insolencias taes, que temo
Que do mar e do céo, em poucos annos,
Venham deoses a ser, e nós humanos.

XXX

Vedes agora a fraca geração
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altivo coração,
A vós, e a mi, e o mundo todo doma:
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

Celle qui, après avoir échappé à la furie d'Athamas, devint immortelle, est accompagnée de son fils, bel enfant mis aussi au nombre des dieux (2). Ce dernier marche devant sa mère, jouant sur le sable avec de jolis coquillages, produits par l'onde salée; de temps en temps la belle Panopée le prend joyeusement dans ses bras.

Le dieu qui fut jadis mortel et qui par la vertu d'une herbe sacrée fut converti en poisson (3), changement qui lui valut sa glorieuse divinité, accourait aussi, pleurant encore sur la fourberie infâme dont la jalouse Circé s'était servie envers la belle Scylla, sa maîtresse adorée. Où peut, en effet, nous entraîner un amour dédaigné?

Déjà tous étaient assis dans la grande salle noble et divine, les déesses sur de riches estrades, les dieux sur des siéges de cristal. Tous furent favorablement accueillis du monarque, qui occupait un trône pareil à celui du Thébain. Bientôt le palais se remplit des senteurs de ce précieux aromate que produit la mer, et qui l'emporte sur les parfums de l'Arabie (4).

A peine le tumulte causé par la foule des dieux fut-il calmé, que le fils de Thyonée se mit à dévoiler la cause inconnue de ses tourments. Le visage un peu assombri, il affectait une douleur profonde, et n'ayant d'autre but que de faire périr les Lusitaniens par l'intermédiaire d'un secours étranger, il s'exprima en ces termes :

« Roi puissant, que le sort a désigné pour gouverner d'un pôle à l'autre la mer irritée; toi qui empêches les habitants de toute la terre de dépasser les bornes prescrites; et toi aussi, vénérable Océan, qui entoures de tes flots le monde entier et ne permets pas aux mortels de franchir contre tes justes décrets les limites qui leur sont tracées;

« Et vous, divinités de la mer, qui ne souffrez aucun outrage dans votre royaume étendu, sans vous venger par un légitime châtiment des téméraires qui veulent le parcourir; quelle est cette nonchalance dans laquelle vous vivez? Qui donc a pu vous réconcilier, vous jadis si justement sévères, avec les faibles et audacieux humains?

« Vous les avez déjà vus, dans leur hardiesse inouïe, attaquer le ciel suprême; vous les avez vus, fous qu'ils étaient, oser s'aventurer dans les mers à l'aide de la voile et de la rame; vous leur avez vu et nous leur voyons encore tous les jours un tel orgueil et une insolence telle, que, dans peu d'années, je crains bien qu'ils ne deviennent dieux de la mer et du ciel, tandis que nous autres nous deviendrons hommes.

« Aujourd'hui cette faible génération, qui tire son nom d'un de mes vassaux, le cœur gonflé d'une superbe indicible, ose aspirer à nous dompter, vous, moi et l'univers entier. Voyez-les, ils sillonnent vos vagues; ils font plus que ne fit la grande nation romaine; voyez, ils découvrent votre royaume, ils méprisent vos ordonnances.

XXXI

Eu vi, que contra os Minyas (5), que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram :
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? Porque a pondes em tardança?

XXXII

E não consinto, deoses, que cuideis
Que por amor de vós do céo desci,
Nem da magoa da injuria que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi :
Que aquellas grandes honras, que sabeis
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII

Que o grão Senhor, e fados que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas móres que nunca, determinam
De dar a estes Barões no mar profundo :
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses; que, segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV

E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por ver o preço, que no eéo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer; e não passou daqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se acceudem as deidades d'agua em fogo.

XXXV

A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.
Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI

Bem quizera primeiro alli Proteo
Dizer neste negocio o que sentia;
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia :
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou :
« Neptuno sabe bem o que mandou. »

XXXVII

Já lá o soberbo Hippotades (6) soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces, e animosos.
Subito o céo sereno se obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuosos
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota;
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

« Jadis les Minyens (5), les premiers qui aient osé franchir vos domaines, eurent à lutter contre le violent Borée, contre l'Aquilon et tous les autres vents ligués contre eux ; or, si l'audace de cette troupe aventurière irrita les vents à ce point, qu'attendez-vous, vous qui avez encore plus de droits à cette vengeance ? Pourquoi donc tardez-vous à la mettre à exécution ?

« Ne croyez pas, ô dieux, que votre intérêt seul m'ait fait descendre du ciel ; j'y ai été poussé, non seulement par l'outrage que vous essuyez, mais encore par celui que je reçois moi-même : car la gloire immense que, vous ne l'ignorez pas, j'ai acquise dans l'univers, lorsque j'ai soumis les pays orientaux de l'Inde, je la vois entièrement rabaissée par les hauts faits de ce peuple.

« Le souverain des dieux et les destins, qui gouvernent le monde à leur gré, ont résolu d'accorder à ces héros une renommée plus grande qu'ils n'en ont jamais obtenu sur le profond Océan. Vous pouvez remarquer combien ils donnent aux autres dieux de mauvais exemples, puisque, d'après ce que nous voyons, personne n'a moins de pouvoir que ceux qui devraient être les plus puissants.

« Aussi me suis-je enfui de l'Olympe pour chercher un remède à mes chagrins et savoir si je pourrai par hasard trouver dans vos mers la valeur que j'ai perdue dans les cieux. » Il voulut continuer, mais il en fut empêché par deux torrents de larmes qui lui échappèrent des yeux et allèrent remplir de feu les divinités des eaux.

La colère qui enflamma subitement le cœur des dieux ne souffrit ni délibération, ni délai, ni concession aucune : sans tarder, ils envoyèrent à Éole un messager de la part de Neptune, pour qu'il déchaînât ses innombrables vents en furie, et chassât de la mer tous les navigateurs.

Protée aurait bien voulu dire son opinion et ses pressentiments, et, d'après l'avis de tous, cela devait être une importante prophétie ; mais un tel tumulte s'éleva tout à coup au milieu de la foule des immortels, que Téthys indignée lui cria : « Neptune sait bien ce qu'il a ordonné. »

Cependant l'orgueilleux Hippotadès (6) relâchait de leur solide prison les vents courroucés, qu'il excitait par ses paroles contre les braves et audacieux conquérants. Soudain le ciel pur s'obscurcit et les enfants d'Éole, plus impétueux que jamais, eurent bientôt retrouvé de nouvelles forces pour abattre les tours, les maisons et les montagnes.

Tandis que cette assemblée s'était tenue au fond des eaux, la flotte lasse, mais joyeuse, poursuivait, poussée par une douce brise, sa longue route sur la mer en repos. C'était au moment où la lumière du jour est éloignée du séjour de l'Aurore. Les matelots de la première veille allaient se reposer et réveillaient ceux de la seconde.

XXXIX

Veneidos vem do somno, e mal despertos
Bocejando a miudo se encostavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam.
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam :
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado;
Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

XLI

Não he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza :
Antes de guerra fervida, e robusta,
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo;
Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XLII

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
Contarei, disse, sem que me reprendam
De contar cousa fabulosa, ou nova :
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos naseidos direi na nossa terra;
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava;
Despois que socegado e livre o teve
Do visinho poder que o molestava;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinnys dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV

Entre as damas gentis da côrte Ingleza,
E nobres cortezãos, acaso hum dia
Se levantou discordia em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e famas
Em taes damas não ha, para ser damas.

XLV

E que se houver alguem com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe darão fea infamia, ou morte crua.
A feminil fraqueza poueo usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI

Mas como fossem grandes, e possantes,
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em soccorro os deoses levem
De todo o Céo, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro (7).

Engourdis encore et à peine éveillés, ils s'appuyaient en bâillant contre les antennes, ne trouvant pas assez de vêtements pour se garantir du souffle glacial du vent. Tout en étirant leurs membres et se frottant les yeux, qu'ils conservaient ouverts malgré eux, ils cherchaient des remèdes contre le sommeil, en contant des histoires et rapportant mille aventures.

« Comment, dit l'un d'eux, pouvons-nous mieux passer ce temps si plein d'ennui, qu'en racontant quelque récit joyeux qui chasse de nos yeux le sommeil pesant? » A ces mots, Léonard, qui rapportait des pensées amoureuses : « Quelles histoires, dit-il, pourront mieux nous faire passer le temps que des histoires d'amour? »

« Non, dit Velloso, il n'est pas juste que nous nous occupions de matières efféminées pendant un trajet aussi pénible; les durs travaux de la mer s'opposent à l'amour et à la mollesse. Choisissons plutôt un récit de guerre bouillant et rude, puisque notre vie, comme me l'annoncent mes pressentiments, ne sera que travail et souffrance. »

Tous y consentent et chargent Velloso de raconter une histoire du genre qu'il préfère : « Volontiers, reprend-il, mais on ne pourra pas m'accuser de rapporter un conte fabuleux ou inventé à plaisir; et, afin que mes auditeurs apprennent ici à accomplir des exploits grandioses, je vais rappeler une légende nationale, soit celle des Douze d'Angleterre.

« Au temps où Jean, fils de Pierre, tenait en main les rênes du royaume, et après qu'il l'eut apaisé et délivré de l'importune puissance de ses voisins, dans la lointaine Angleterre, que couvrent sans cesse les neiges boréales, la cruelle Erinnys semait une implacable zizanie, dont les Lusitaniens devaient tirer de la gloire.

« Un jour, entre les belles dames et les nobles courtisans de la cour anglaise, la discorde se soulève avec ardeur, causée, soit par une divergence d'opinions, soit par l'opiniâtreté des deux partis. Les courtisans, à qui il en coûte si peu pour lancer d'audacieuses paroles, s'écrient qu'ils prouveront que de telles dames n'ont pas l'honneur ni la renommée qui sied à des dames.

« Que si quelqu'un veut prendre leur défense la lance ou l'épée à la main, ils sauront soit en champ clos, soit en rase campagne, lui infliger un châtiment déshonorant ou une mort cruelle. Les faibles dames, peu ou point habituées à de telles offenses, et se voyant dépourvues des forces nécessaires, demandent du secours à leurs parents et à leurs amis.

« Mais comme leurs ennemis étaient grands et puissants dans le royaume, ni les parents ni les amants chaleureux n'osèrent, comme ils le devaient, prendre le parti des femmes. Le visage baigné de larmes charmantes, capables d'attendrir tous les dieux de l'Olympe, elles s'adressent au duc de Lancastre (7).

XLVII

Era este Inglez potente, e militára
Co' os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros, e benigna estrella :
Não menos nesta terra exprimentára
Namorados affeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria,
Por não causar discordias intestinas,
Lhe diz : Quando o direito pretendia
Do reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes tão divinas,
Que elles sós poderiam, se não erro,
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,
Por vós lhe mandarei embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas,
De vosso aggravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras d'affagos, e d'amores,
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

L

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhe nomea doze fortes;
E porque cada dama hum tenha certo,
Lhe manda que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze são : e descoberto
Qual a qual tem cahido das consortes,
Cada huma escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a côrte alvoroça a novidade :
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas não lho soffre a Regia magestade.
Qualquer dos cortezãos aventureiro
Deseja ser, com fervida vontade;
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal (8), armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo.
Apercebem-se os doze em tempo breve
D'armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII

Já do seu Rei tomado tem licença,
Para partir do Douro celebrado,
Aquelles que escolhidos por sentença
Foram do Duque Inglez exprimentado.
Não ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esforçado;
Mas hum só, que Magriço se dizia (9),
Desta arte falla á forte companhia :

LIV

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas.
Agora que apparelho certo vejo,
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra,
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

« Celui-ci était un Anglais puissant, qui avait déjà guerroyé en faveur des Portugais dans la Castille, où il avait éprouvé et l'immense courage et l'heureuse étoile de ses compagnons; il savait en outre combien l'on aimait en Lusitanie, depuis qu'il avait vu sa fille captiver à tel point le cœur du roi, qu'il la prit pour femme.

« Le duc, ne voulant pas porter secours aux suppliantes, de peur de causer des divisions intestines, leur dit : « Lorsque je réclamais mes droits au trône d'Ibérie, j'ai remarqué chez les « Lusitaniens tant de bravoure, tant de supériorité, tant de qualités remarquables, que, si je ne « me trompe, eux seuls pourraient défendre votre parti par le fer et le feu.

« Si même vous le désirez, dames outragées, je leur enverrai des ambassadeurs qui, au « moyen de lettres discrètes et polies, leur feront connaître l'insulte que vous avez reçue. Ajoutez « aussi à vos larmes des paroles tendres et amoureuses, et vous trouverez chez eux de l'assis- « tance et des bras de fer pour vous soutenir. »

« Tels sont les conseils que leur donne l'habile duc, en leur nommant douze guerriers intrépides; et afin que chaque dame en ait un d'assuré, il leur recommande de les tirer au sort. Sitôt que chacune des douze dames a appris le nom du chevalier que le sort lui a désigné, elle écrit de son côté à son défenseur et au roi, tandis que le duc se charge, lui, d'écrire à tous les champions.

« Bientôt le messager arrive en Portugal, et les nouvelles qu'il apporte jettent l'agitation dans toute la cour; le généreux monarque voudrait bien être choisi le premier, mais il en est empêché par la royale étiquette. Chacun des courtisans s'offre chaleureusement comme combattant et l'on ne traite de bienheureux que ceux que le duc a nommés.

« Dans la loyale cité où, dit-on, prit naissance le nom éternel de Portugal (8), on équipe un navire, d'après les ordres du souverain monarque. En un moment les douze champions se fournissent d'armes et de vêtements élégants, de boucliers, de casques, de chevaux, de chiffres, de devises et d'ornements de mille couleurs.

« Déjà ils ont obtenu de leur roi la permission de quitter le célèbre Douro, ceux que le décret du duc anglais a désignés. Dans le nombre, aucun ne le cède à un autre ni en courage ni en habileté. L'un d'eux, ayant pour nom Magriço (9), s'adresse ainsi à la troupe intrépide :

« Valeureux compagnons, depuis longtemps déjà je désire parcourir des pays étrangers, afin « de connaître d'autres eaux que celles du Douro et du Tage, et de visiter les différentes na- « tions de la terre, pour en observer les diverses lois, les diverses mœurs. Aujourd'hui que je « vois ces apprêts (puisque les merveilles du monde sont si grandes), je veux, si vous ne vous « y opposez pas, aller seul par la voie de terre; vous me verrez arriver en Angleterre en même « temps que vous.

LV

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Não for comvosco ao prazo institnido,
Pouca falta vos faz a falta minha.
Todos por mi farcis o que he devido;
Mas se a verdade o esprito me adivinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
Não farão que eu comvosco lá não seja.

LVI

Assi diz; e, abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte :
Passa Leão, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhára o patrio Marte;
Navarra, co' os altissimos perigos
Do Pyreneo, que Hespauha, e Gallia parte :
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortam do mar do Norte as ondas frias.
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias :
Do Duque são com festa agasalhados,
E das damas servidos, e animados.

LVIII

Chega-se o prazo, e dia assignalado,
De entrar em campo já co' os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinham segurado :
Armam-se d'elmos, grevas, e de arnezes :
Já as damas tem por si fulgente, e armado,
O Mavorte feroz dos Portugnezes :
Vestem-se ellas de cores, e de sedas
De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX

Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
Magriço, que não vinha, com tristeza
Se veste, por não ter quem nomeado
Seja seu cavalleiro, nesta empreza :
Bem que os onze apregoam, que acabado
Será o negocio assi na côrte Iugleza,
Que as damas vencedoras se conheçam,
Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LX

Já n' hum sublime, e publico theatro
Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte :
Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
Bem como a cada qual coubera em sorte.
Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
De força, esforço, e d' animo mais forte,
Outros doze sahir como os Inglezes
No campo contra os onze Portnguezes.

LXI

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante :
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal, ou rigido diamante.
Mas enxerga-se n' hum e n' outro bando
Partido desigual, e dissonante,
Dos onze contra os doze; quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII

Viram todos o rosto aonde havia
A causa principal do reboliço :
Eis entra hum cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo, ao bellico serviço :
Ao Rei, e ás damas falla, e logo se hia
Para os onze, que este era o grão Magriço,
Abraça os companheiros como amigos,
A quem não falta certo nos perigos.

« Si, empêché par cette cause inconnue qui sert de dernière limite à tout ce qui existe, « j'étais dans l'impossibilité de me trouver avec vous au terme fixé, c'est à peine si vous vous « apercevriez de mon absence, et vous feriez tous, j'en suis sûr, mon devoir à ma place : mais, « si le pressentiment que j'ai se réalise, ni les fleuves ni les montagnes ni le sort envieux ne « m'empêcheront d'être au rendez-vous. »

« Il dit, embrasse ses amis, demande son congé et part. Il traverse Léon, la Castille, où il voit d'antiques villes, conquises jadis par les armes de sa nation ; la Navarre, bornée par les hauteurs périlleuses des Pyrénées, limites de l'Espagne et de la Gaule ; et, après avoir admiré les merveilles de la France, il arrive dans le grand marché des Flamands.

« Là, soit hasard ou pur caprice, il séjourne quelque temps sans passer outre. Cependant la troupe illustre des onze chevaliers fend les froides eaux de la mer du Nord ; arrivés à la côte d'Angleterre, ils se dirigent vers Londres ; le duc les accueille au milieu de joyeuses fêtes, et les dames les comblent d'encouragements.

« Enfin arrive le terme fixé pour le combat. Les Portugais entrent avec les douze Anglais dans le champ clos dont le roi leur a assuré l'inviolabilité ; ils s'arment de boucliers, de grèves et de cuirasses : les dames, voyant armés pour elles les féroces guerriers portugais, s'habillent de soies éclatantes, d'étoffes brochées d'or, et se parent de précieux et éblouissants bijoux.

« Cependant celle à qui Magriço est tombé en partage, ne voyant pas venir son défenseur, revêt des habits de deuil, faute d'un chevalier nommé pour le remplacer ; les onze combattants la rassurent en lui disant que l'affaire se passera de telle façon dans la cour d'Angleterre, que lors même qu'il manquerait deux ou trois champions de leur côté, les dames seront proclamées victorieuses.

« Bientôt sur un magnifique amphithéâtre vient s'asseoir devant la foule le roi d'Angleterre avec toute sa cour. Les combattants sont divisés par rangs de trois ou de quatre, selon que le sort l'a décidé. Jamais, depuis le Tage jusqu'à l'Oxus, on n'avait vu sous le ciel des guerriers plus courageux et plus intrépides que les douze Anglais, adversaires des onze Portugais.

« Les coursiers écumants rongeaient leurs freins d'or avec rage : le soleil se réfléchissait sur les armures comme sur du cristal ou du diamant. Déjà on avait remarqué l'inégalité des deux partis et l'infériorité des Lusitaniens, lorsqu'une agitation générale se produit dans la foule.

« Tous les yeux se tournent vers le point d'où vient ce tumulte ; on voit entrer un chevalier armé de pied en cap et prêt à combattre sur son cheval impatient. Après avoir parlé au roi et aux dames, il rejoint ses onze camarades, car c'était Magriço, le grand Magriço en personne ; il embrasse ses compagnons, en ami qui ne manque pas au moment du danger.

LXIII

A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome, e fama,
Se alegra, e veste alli do animal de Helle (10),
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma :
Pieam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme.
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça, e teme :
Qual do cavallo voa, que não dece ;
Qual co' o cavallo em terra dando, geme ;
Qual vermelhas as armas faz de brancas ;
Qual co' os penachos do elmo açouta as aneas.

LXV

Algum dalli tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervallo :
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n' outra parte o dono sem cavallo :
Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
Que dous, ou tres, já fóra vão do vallo :
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo, e malha.

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Máos do tempo, com fabulas sonhadas :
Basta por fim do caso, que entendemos
Que com finezas altas e affamadas,
Co' os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria :
Cozinheiros occupa, e caçadores,
Das damas a formosa companhia ;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora, e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce, e chara terra (11).

LXVIII

Mas dizem, que com tudo o grão Magriço
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes :
E, como quem não era já noviço
Em todo trance, onde tu Marte mandes,
Hum Franeez mata em campo, que o destino
Lá teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX

Outro tambem dos doze (12) em Alemanha
Se lança, e teve hum fero desafio
C' hum Germano enganoso, que com manha
Não devida o quiz pôr no extremo fio.
Contando assi Velloso, já a companha
Lhe pede que não faça tal desvio
Do caso de Magriço, e vencimento ;
Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX

Mas neste passo assi promptos estando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
O apito toca ; acordam despertando
Os marinheiros d' huma e d' outra banda :
E porque o vento vinha refrescando,
Os traquetes das gaveas tomar manda :
Alerta, disse, estai, que o vento crece
Daquella nuvem negra que apparece.

« La dame, ayant appris que c'était ce héros qui venait défendre son nom et son honneur, ne se contient plus de joie, et se couvre de vêtements parés avec le métal d'Hellé (10), métal que le peuple grossier préfère à la vertu. On donne le signal, et le son de la trompette excite au combat les cœurs belliqueux; les guerriers piquent leurs chevaux de l'éperon, leur lâchent la bride et abaissent leurs lances.

« Les fers des coursiers font jaillir des étincelles; sous leurs sabots, le sol semble trembler avec fracas; à voir les combattants, on sent battre plus fort le cœur dans la poitrine. L'un ne descend pas mais vole du haut de son cheval; l'autre gémit en tombant avec le sien; celui-ci rougit de sang ses armes brillantes; celui-là fouette du panache de son casque la croupe de son destrier.

« Plus d'un y perd la vie et va rejoindre la demeure éternelle; ici l'on voit courir un cheval sans maître, et plus loin un cavalier sans sa monture. La fierté anglaise est humiliée, en voyant fuir hors du retranchement deux ou trois de ses défenseurs. Ceux qui viennent combattre à l'épée trouvent bientôt plus de difficultés à vaincre que des cuirasses, des cottes de mailles ou des boucliers.

« A quoi bon s'étendre vainement et raconter les ravages causés par des coups terribles et des estocades mortelles? Ceci est le propre de ces inutiles diseurs, inventeurs de rêves et de fables. Il suffit en un mot de dire qu'après des prouesses sans nombre les nôtres remportent la palme de la victoire, et les dames sont glorieusement vengées.

« Le duc reçoit les douze vainqueurs dans son palais, au milieu de fêtes et de transports de joie. Des cuisiniers et des chasseurs sont mis au service de la belle troupe des dames; elles veulent offrir à leurs libérateurs mille banquets, tous les jours et à toute heure, pendant tout le temps qu'ils resteront en Angleterre et jusqu'à ce qu'ils retournent dans leur chère patrie (11).

« Cependant le grand Magriço, désireux de voir de grandes choses, se maintint, dit-on, quelque temps encore dans ce pays, où il rendit un remarquable service à la comtesse de Flandre, et, comme il n'était pas novice aux dangers de Mars, il tua en champ clos un Français, qui eut le sort de Torquatus et de Messala.

« Un autre des douze champions (12) passa en Allemagne, où il eut à soutenir un duel terrible contre un perfide Germain qui voulut, par une ruse déloyale, lui arracher la vie. » Velloso avait ainsi parlé, lorsque toute la compagnie des matelots lui demanda de ne pas s'écarter de l'histoire de Magriço et de sa victoire, ni de l'aventure du héros d'Allemagne.

Ils étaient prêts à écouter encore, lorsque le maître d'équipage, après avoir consulté les airs, donne un coup de sifflet qui réveille en sursaut les matelots de l'un et l'autre bord. Sentant fraîchir la bise, il fait abaisser les misaines : « Attention! dit-il, le vent redouble et repousse ce nuage épais qui s'avance vers nous. »

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella :
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperam os ventos indignados,
Que amainassem : mas juntos dando nella
Em pedaços a fazem, c'hum ruido,
Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII

O céo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo,
Que no romper da vela, a náo pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo ;
Vão outros dar á bomba, não cessando :
Á bomba, que nos imos alagando.

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á náo, n'hum bordo os derribaram :
Tres marinheiros duros, e forçosos,
A manear o leme não bastaram ;
Talhas lhe punham d'huma e d'outra parte,
Sem aproveitar dos homens força, e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel :
Nos altissimos mares que cresceram,
A pequena grandura d'hun batel
Mostra a possante náo, que move espanto,
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV

A náo grande em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada : a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a náo de Coelho com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que désse o vento

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo :
Agora a ver parece que desciam
Ás intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo :
A noite negra, e fea, se allunia
Co' os raios em que o polo todo ardia.

LXXVII

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes :
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No grão diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

A peine avait-on cargué les voiles, que l'orage terrible éclata subitement : « Amenez, s'écrie le maître, amenez la grand'voile ! » Les vents furieux ne leur donnent pas le temps de la baisser; en soufflant tous dessus, ils la rompent en mille morceaux, avec un tel fracas, que l'on eût dit que le monde était bouleversé.

Les cris des navigateurs frappent les airs; le trouble et la frayeur règnent parmi eux, car, au moment où la voile se déchirait, le navire en se penchant a fait eau par l'un des bords. « Allégez sans tarder le vaisseau, commande le maître avec énergie; allégez-le; lancez tout à la mer. Allons, ne nous troublons pas. Vous autres, vite à la pompe; à la pompe, car nous coulons. »

Aussitôt les soldats courageux vont se mettre à la pompe, et, à peine arrivés, ils sont renversés sur le bord par les secousses que la mer en courroux imprime au navire. Trois matelots forts et robustes ne suffisent point à manier le gouvernail; ils ont beau l'attacher des deux côtés avec des palans, ni la force ni l'adresse naturelles à l'homme ne leur profitent en cette occasion.

Les vents étaient si furieux, qu'ils n'auraient pas montré plus de rage et d'impétuosité s'ils étaient venus pour détruire la puissante tour de Babel. Sur la mer de plus en plus élevée, l'immense navire a l'aspect d'une petite barque, et, phénomène étonnant, il se soutient continuellement sur les flots.

Le grand vaisseau commandé par Paul de Gama a le mât brisé par le milieu et se trouve presque inondé par les eaux croissantes; l'équipage tout entier invoque le Sauveur du monde. Celui de Coelho ne jetait pas moins de cris inutiles, quoique son chef eût été assez prudent pour amener les voiles avant le souffle du vent.

Tantôt les vagues de Neptune en furie les portaient par-dessus les nues, tantôt ils croyaient descendre jusqu'aux profondes entrailles de l'Océan. Notus, Auster, Borée et Aquilon voulaient détruire la machine du monde; la nuit noire et sinistre s'allumait à la clarté de la foudre qui embrasait tout le ciel.

Les alcyons faisaient entendre leurs chants plaintifs sur la côte agitée, se souvenant des pleurs que leur firent jadis verser les flots irrités. Les dauphins amoureux se réfugièrent dans leurs antres maritimes, pour échapper à la tempête et aux vents cruels qui, même au fond de la mer, ne les laissaient point en sûreté.

Jamais le grand forgeron, le sordide fabricant des brillantes armes d'Énée, n'avait forgé des foudres aussi terribles. Le grand Tonnant ne lança point sur le monde de si foudroyants éclairs, lors du grand déluge, pendant lequel vécurent seuls ces deux époux qui convertirent les pierres en hommes.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arraucaram
Do vento bravo as furias indiguadas!
As forçosas raizes não cuidaram
Que nunca para o céo fossem viradas;
Nem as fundas arcias que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova furia ao céo subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio sancto, e forte,
Que o impossibil póde, desta sorte :

LXXXI

Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os céos, o mar, e terra senhoreas;
Tu, que a todo Israel refugio déste,
Por metade das aguas Erythreas :
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das syrtes arenosas, e ondas feas,
E guardaste co' os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo :

LXXXII

Se tenho novos medos perigosos.
D' outra Scylla, e Charybdis já passados,
Outras syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII

Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé, nas terras Mauritanas :
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perde-la,
Doce fazendo a morte as honras della!

LXXXIV

Assi dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela miuda enxarcia assoviando :
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vem representando
Cahir o céo dos eixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro, no horizonte
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com leda fronte :
A deosa que nos céos a governava,
De quem foge o ensifero Orionte (13),
Tanto que o mar, e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

LXXXVI

Estas obras de Baccho são por certo,
Disse : mas não será que avante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve.
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

Que de montagnes furent terrassées par les vagues mugissantes! que de vieux arbres déracinés par la force des vents indignés! Jamais les puissantes racines n'avaient eu pouvoir se tourner vers le ciel; jamais les sables profonds n'avaient pensé que la force des ondes les aurait fait remonter jusqu'en haut.

Vasco de Gama, prévoyant sa perte au moment où il allait atteindre le but de son entreprise, à la vue de la mer tantôt entr'ouverte jusqu'aux profondeurs de l'enfer, tantôt montant plus terrible que jamais jusqu'au ciel élevé, effrayé et confus de voir son existence compromise là où rien ne pouvait venir à son aide, Vasco évoque en ces termes cette puissance forte et sainte qui peut tout, même l'impossible :

« Divin Gardien angélique et céleste, qui domines les cieux, la mer et la terre, toi qui délivras tout Israël au milieu des ondes de la mer Érythée; toi qui sauvas Paul et le défendis contre les sirtes sablonneuses et leurs vagues menaçantes, et qui préservas du déluge, avec ses enfants, le second homme qui peupla le monde désert et inondé;

« Si j'ai déjà évité des périls comparables à ceux de Charybde et de Scylla, des sirtes et autres écueils, et des terribles monts Acrocérauniens, pourquoi, lorsque nous touchons au terme de tant de maux et de souffrances, nous retires-tu ton appui, surtout lorsque notre entreprise, loin de t'offenser, n'est exécutée que pour ton service?

« Heureux ceux qui ont pu périr au milieu des lances africaines, en soutenant vaillamment la sainte foi dans les terres de la Mauritanie! Ceux-là ont laissé à la postérité la mémoire de leurs illustres exploits; en perdant la vie, ils n'ont fait que l'accroître, et les honneurs qu'ils ont acquis leur ont rendu la mort bien douce. »

Il dit, et les vents, luttant et mugissant comme des taureaux indomptés, augmentaient de plus en plus la tourmente, en sifflant à travers les minces cordages : les éclairs effrayants se succédaient sans relâche, et le tonnerre, en éclatant, semblait précipiter le ciel de son axe sur la terre, et irriter les uns contre les autres tous les éléments.

Mais, déjà l'amoureuse étoile du matin scintillait à l'horizon, devant le soleil radieux; avant-garde du jour, elle contemplait d'un air joyeux la terre et le vaste Océan. La déesse qui lui présidait au ciel, et que fuit le guerrier Orion (13), voyant d'en haut sa pauvre flotte bien-aimée en proie à la fureur de la mer et touchée tout à la fois par la crainte et la colère .

« Voilà sans doute l'ouvrage de Bacchus, dit-elle; mais il ne sera pas dit qu'il atteindra le but de ses projets maudits, car j'arriverai toujours à temps pour découvrir le mal qu'il ose commettre. » En disant ces mots, elle descend rapidement sur la mer étendue, et arrivée promptement à sa destination, elle ordonne aux nymphes amoureuses de ceindre leurs têtes de couronnes de roses.

LXXXVII

Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros á profia.
Quem não dirá, que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII

Assi foi, porque tanto que chegaram
A vista dellas, logo lhe fallecem
As forças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem :
Os pés, e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya :

LXXXIX

Não creas, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante
Que brandura he de amor mais certo arreio,
E não convem furor a firme amante :
Se já não poeus a tanta insania freio,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor comtigo em medo se converte.

XC

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vel-a se recrea,
E bem crê que com elle tudo acabe.
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

XCI

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras, e os furores :
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

XCII

Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa;
Disse alegre o piloto Melindano,
Terra he de Calecut, se não me engano.

XCIII

Esta he por certo a terra que buscais,
Da verdadeira India, que apparece;
E se do mundo mais não desejais
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pode o Gama mais
De ledo em ver que a terra se conhece;
Os giolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIV

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, fervido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Coiffées d'après son ordre de fleurs de nuances diverses, les nymphes aux cheveux d'or se parent toutes à qui mieux mieux : on dirait des roses vermeilles croissant sur des réseaux d'or que Cupidon a filés de sa main. C'est que Vénus veut prendre par l'amour la hideuse troupe des vents, en leur montrant leurs nymphes bien-aimées, plus belles que les étoiles du ciel.

Aussi à peine les aperçurent-ils, qu'ils perdirent aussitôt les forces qui naguère les animaient, et, comme rendus aux charmes de leurs maîtresses, ils obéirent à leurs ordres ; ces cheveux plus brillants que des rayons leur ont lié les pieds et les poings. Borée entendit ces mots de la bouche de la belle Orithye, sa bien-aimée :

« Ne crois pas, cruel Borée, que j'aie jamais ajouté foi à la constance de ton amour ; la douceur est le complément ordinaire de l'affection, et la fureur ne sied pas bien à un fidèle amant. Si tu ne mets pas un frein à tant de cruauté, n'espère plus désormais m'inspirer de l'amour, mais de la crainte, car l'attachement que l'on a pour toi se convertit en frayeur. »

La charmante Galathée tient le même langage au féroce Notus ; elle n'ignore pas que depuis quelque temps il se plaît à la voir, et qu'il espère bien obtenir ses faveurs. Le barbare a de la peine à croire à tant de bonheur ; son cœur bat trop fort dans sa poitrine. Il est si content de se voir commander par sa maîtresse, qu'il croit peu faire pour elle en se calmant sur-le-champ.

De cette manière les autres nymphes adoucissaient subitement leurs amants, et aussitôt la fureur et la colère des vents pliaient humblement devant la beauté de Vénus. La déesse, voyant qu'ils étaient épris, leur promit une protection éternelle pour leurs amours, en recevant d'eux dans ses belles mains le serment qu'ils lui seraient fidèles pendant la durée de ce voyage.

Déjà le matin radieux illuminait les collines d'où découle le Gange avec un doux murmure, lorsque, de la hune élevée, les matelots aperçurent la terre, dans le sens de la proue. Délivrés de la tempête et des mers inconnues, tous les marins chassent de leurs cœurs la vaine crainte. Le pilote de Mélinde s'écrie avec joie : « C'est, si je ne me trompe, la terre de Calicut.

« Celui-ci est sans doute le pays si désiré de l'Inde, que vous cherchez depuis longtemps ; si vous ne voulez plus rien voir d'autre dans le monde, vos longs travaux se terminent ici. » Gama ne put contenir plus longtemps la joie qu'il éprouvait à voir reconnaître cette contrée ; se mettant à genoux, et levant les mains au ciel, il rendit grâces à Dieu de cette grande faveur.

Il remerciait Dieu, et il avait raison ; il remerciait Dieu qui lui montrait enfin la terre qu'il avait cherchée au milieu de tant de terreurs et de tant de souffrances. En se voyant si promptement délivré de la mort que lui préparait sur l'Océan le vent irrité et fougueux, il croyait réellement se réveiller d'un cauchemar horrible.

XCV

Por meio destes horridos perigos,
Destes trabalhos graves, e temores,
Alcançam os que são de fama amigos,
As honras immortaes, e gráos maiores :
Não encostados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores;
Não nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moscovia zebellinos.

XCVI

Não co' os manjares novos e exquisitos,
Não co' os passeios molles e ociosos,
Não co' os varios deleites e infinitos,
Que affeminam os peitos generosos;
Não co' os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude :

XCVII

Mas com buscar co' o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas;
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades, e ondas cruas;
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas;
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c' hum arduo soffrimento :

XCVII

E com forçar o rosto, que se enfia,
A pareeer seguro, ledo, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte, o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras, e dinheiro;
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa, e dura.

XCIX

Desta arte, se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado :
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.

C'est au moyen de ces graves dangers, de ces travaux et de ces innombrables craintes, que les cœurs amis de la gloire atteignirent les honneurs immortels et les postes supérieurs; ce n'est pas en s'appuyant toujours sur les nobles souches de leurs ancêtres, ni en reposant dans des lits dorés, ni en se couvrant de la riche fourrure des zibelines moscovites.

Ce n'est pas avec des mets nouveaux et délicieux, ni avec des promenades oisives et efféminées, ni avec les délices variées et infinies, qui amollissent les cœurs magnanimes : ce n'est pas avec les appétits qui ne sont jamais assouvis, et que la fortune en les fournissant ne nous permet plus jamais d'échanger contre quelque œuvre héroïque de vertu.

C'est en cherchant de nos bras courageux des honneurs que nous puissions appeler les nôtres; c'est en veillant, c'est en revêtant l'acier forgé, en bravant les tempêtes et les vagues irritées; c'est en affrontant le froid rigoureux dans le sein du Pôle antarctique, dans des contrées privées de tout abri; c'est en se nourrissant de vivres corrompus, assaisonnés de souffrances terribles;

C'est en obligeant le visage qui pâlit à paraître joyeux et calme devant l'ardent boulet qui vole en sifflant et emporte une jambe ou un bras à un camarade. C'est ainsi que le cœur acquiert une honorable callosité, c'est ainsi qu'il apprend à mépriser les honneurs et l'argent; honneurs, argent, vains noms fabriqués par le hasard, et non par la vertu rigide et austère.

C'est ainsi que se développe l'intelligence, à qui l'expérience accorde le calme; des hauteurs où elle s'est élevée, elle peut voir à son aise, comme du haut d'un piédestal, la vile fréquentation des hommes! Celui qui suivra le droit chemin, sans jamais céder à de vaines affections, celui-là atteindra l'éminente position qu'il mérite, sans s'être abaissé au point de la mendier humblement.

CANTO VII

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'hnma camilha jaz, que não se ignála
De outra alguma no preço, e no lavor :

(Canto VII, Est. LVII.)

En s'entretenant ainsi, ils entrèrent aussitôt dans la salle où se tenait le puissant empereur, couché sur un lit de repos dont rien n'égalait le prix et la valeur artistique ;

(Chant VII, Stan. LVII.)

CANTO SEPTIMO

I

Já se viam chegados junta á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no céo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora;
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo;
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o céo rotundo:
Vós, a quem não sómente algun perigo
Estorva conquistar o povo inmundo;
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos céos está em essencia:

III

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do céo deitadas são as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV

Vêde-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vêde-lo em feas guerras occupado,
Que inda co' o cego error se não contenta;
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano (1).

V

Vêde-lo duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tão longe da verdade!)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova mancira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua (2).

VI

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terreste,
Eu quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno (3), que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

CHANT SEPTIÈME

Enfin, ils se voyaient rendus à cette terre tant désirée, renfermée entre les eaux de l'Indus et le Gange, qui découle du paradis terrestre. Vous voici donc arrivés, braves soldats, vous qui aspirez toujours à remporter à la guerre la palme de la victoire; vous avez devant vous ce pays qui regorge de tant de richesses.

Descendants de Lusus, c'est à vous que je m'adresse, à vous qui avez une si minime importance dans le monde, non pas même dans le monde, mais dans cette terre, bercail chéri du Dieu qui gouverne le ciel; à vous qui ne reculez devant aucun péril pour subjuguer les peuples infidèles, à vous, que n'arrêtent ni une vile ambition, ni l'exemple de la rébellion contre l'Église, cette mère, dont l'essence est dans les cieux;

A vous, Portugais, aussi peu nombreux que vous êtes vaillants, à vous qui ne réfléchissez pas à la faiblesse de vos armes; à vous qui, au prix d'une mort courageuse, différez le terme de la vie : ainsi l'ont décidé les destins du ciel, que vous, quelque peu nombreux que vous soyez, vous deveniez si utiles à la chrétienté sainte; tant il est vrai, ô Christ, que tu relèves l'humilité!

Voyez les Allemands, orgueilleux troupeau que nourrissent de si vastes campagnes, se révolter contre le successeur de saint Pierre, et créer un nouveau pasteur et une nouvelle secte. Occupés à des guerres infâmes, ils ne se contentent pas de l'erreur qui les aveugle; au lieu de combattre contre l'orgueilleux Ottoman, ils ne songent qu'à sortir du souverain joug du Père de l'Église (1).

Voyez le cruel Anglais s'intituler roi de l'antique et sainte ville, que domine le vil Ismaélite. Quel titre mensonger! Pendant qu'il se réjouit au milieu des glaces du Nord, il invente une chrétienté nouvelle : il se sert de son glaive contre les disciples du Christ, au lieu d'aller reconquérir cette terre qui lui appartenait (2).

Et pendant qu'il abandonne la sainte loi de la Jérusalem céleste, un roi impie occupe la terrestre Jérusalem. Et de toi, indigne Français (3), que dirai-je? Tu as demandé le nom de Très-Chrétien, non pour le défendre et le garder, mais pour le démentir et l'effacer à jamais.

VII

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
E não contra o Cinypho (4) e Nilo, rios
Inimigos do antiguo nome santo?
Alli se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luis, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VIII

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Comtigo Italia fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX

Oh miseros Christãos! pela ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vêdes a divina sepultura
Possüida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X

Vedes, que tem por uso, e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os povos que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes:
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós, sois vossos inimigos.

XI

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vêdes que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas areias?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes veias:
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a Casa santa.

XII

Aquellas invenções feras, e novas,
De instrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio, e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria,
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão: duro tributo!
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto;
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana.
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De Africa tem maritimos assentos;
He na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera, lá chegára.

Tu prétends avoir des droits sur les domaines des chrétiens, lorsque le tien est si vaste et si étendu, et que tu pourrais en conquérir d'autres sur les fleuves du Cinyphe (4) et du Nil, ennemis du saint nom de Jésus! C'est là qu'on doit essayer le fil de son épée contre ceux qui veulent réprouver les dogmes de l'Église. Héritier du titre et de la terre de Charlemagne et de saint Louis, n'as-tu pas hérité aussi des justes causes d'une guerre légitime?

Que dire de ces peuples, qui, plongés dans les délices, à la suite d'une vile oisiveté, gaspillent leur vie au milieu de leurs richesses, sans plus songer à leur antique valeur? De là naissent les luttes contre la tyrannie chez un peuple jadis si vaillant, aujourd'hui son propre ennemi. Italie, c'est à toi que je parle, à toi qui t'es déjà embourbée dans des vices sans nombre, à toi qui te rends ta propre adversaire.

Malheureux chrétiens! Êtes-vous par hasard les dents que sema Cadmus, lesquelles, produites par un même être, se portent les unes aux autres une mort funeste? Ne voyez-vous pas le divin sépulcre possédé par des infidèles, qui toujours viennent en masse vous prendre votre antique territoire, ou se rendant fameux dans les combats?

Voyez-les observer fidèlement les lois et les décrets qui leur ordonnent d'assembler leurs armées belliqueuses, pour attaquer les peuples qui adorent le Christ. Parmi vous, au contraire, jamais la féroce Alecton ne manque de semer la cruelle zizanie. Comment pouvez-vous être à l'abri des périls, lorsque vous avez pour ennemis et ces peuples et vous-mêmes?

Si c'est l'ambition de posséder de grands domaines qui vous pousse à aller conquérir des contrées étrangères, ne voyez-vous pas que le Pactole et l'Hermus roulent tous les deux des sables remplis d'or? La Lydie et l'Assyrie voient tisser les fils du précieux métal; l'Afrique recèle de luisantes veines. Laissez-vous entraîner au moins par tant de richesses, puisque le respect pour la demeure sainte ne peut vous émouvoir.

Les inventions barbares et récentes de ces mortels instruments d'artillerie doivent faire leurs preuves sur les murs de Byzance et sur la Turquie. Faites reculer jusqu'aux sauvages profondeurs des monts Caspiens et de la froide Scythie la race turque, qui se multiplie au milieu de la civilisation de votre opulente Europe.

Grecs, Thraces, Arméniens et Géorgiens se plaignent hautement de ce que ce peuple inhumain oblige leurs enfants bien-aimés à suivre (onéreux tribut!) les profanes préceptes du Coran! Ambitionnez la gloire de châtier ces cruels; employez contre eux votre bravoure et votre habileté, et ne désirez pas de flatteuses louanges pour des succès obtenus sur vos frères.

Mais tandis que vous, insensés, vous êtes aveugles et altérés de votre propre sang, la petite maison de Lusitanie ne cessera de produire des merveilles de courage pour la défense du Christ. Déjà elle possède en Afrique des siéges maritimes; en Asie elle est plus puissante que toute autre nation; elle laboure les champs de la quatrième et nouvelle partie du globe, et si le monde s'étendait plus loin encore, elle y pénétrerait.

XV

E vejamos em tanto que acontece
Áquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume, e novo Rei.

XVI

Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores.
Para lá logo as proas se inclinaram;
Porque esta era a cidade das melhores
Do Malabar melhor, onde vivia
O Rei, que a terra toda possuia.

XVII

Além do Indo jaz, e áquem do Gange,
Hum terreno mui grande, e assaz famoso,
Que pela parte Austral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoso (5);
Jugo de Reis diversos o constrange
A varias leis; alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII

Lá bem no grande monte, que cortando
Tão larga terra, toda Asia discorre,
Que nomes tão diversos vai tomando,
Segundo as regiões por onde corre;
As fontes sahem, donde vem manando
Os rios, cuja grão corrente morre
No mar Indico, e cercam todo o peso
De terreno, fazendo-o Chersoneso.

XIX

Entre hum e outro rio, em grande espaço,
Sahe da larga terra hua longa ponta,
Quasi pyramidal, que no regaço
Do mar, com Ceilão insula confronta:
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico, o rumor antiguo conta,
Que os visinhos, da terra moradores,
Do cheiro se mantem das finas flores.

XX

Mas agora de nomes, e de usança,
Novos e varios são os habitantes;
Os Delijs, os Patanes, que em possança
De terra, e gente, são mais abundantes:
Decanis, Oriás, que a esperança
Tem de sua salvação nas resonantes
Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI

O reino de Cambaio bellicoso,
(Dizem que foi de Poro, Rei potente;)
O Reino de Narsinga, poderoso
Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
Aqui se enxerga lá do mar undoso
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malabar de forte muro,
Com que do Canará vive seguro.

XXII

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende hua fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica, e bella:
Samorim se intitula o senhor della.

Voyons cependant ce que deviennent ces fameux navigateurs, depuis que l'aimable Vénus a adouci la vaine fureur des vents irrités, depuis qu'ils ont aperçu le vaste pays, terme de leurs luttes obstinées, où ils viennent répandre la loi du Christ et établir de nouvelles mœurs et un nouveau roi.

A peine arrivés à cette contrée inconnue, ils trouvèrent des barques rapides de pêcheurs qui leur indiquèrent le chemin de Calicut, où ils habitaient. Aussitôt les proues s'inclinèrent de ce côté; car cette ville, c'était la première des cités du riche Malabar et la résidence du roi, possesseur de tout le pays.

Au-delà de l'Indus et en-deçà du Gange est situé un grand et célèbre territoire, borné au Sud par la mer et au Nord par les montagnes caverneuses de l'Emode (5). Le joug de différents monarques le contraint à suivre diverses lois; les uns y adorent le vicieux Mahomet, les autres des idoles; d'autres enfin, les animaux qui vivent parmi eux.

Sur les monts élevés qui couvrent de si vastes contrées pour diviser toute l'Asie, et qui portent des noms si différents, selon les régions qu'ils traversent, prennent source les fleuves dont les eaux volumineuses tombent dans la mer Indienne et entourent tout le territoire, en lui donnant la forme de péninsule.

Entre l'un et l'autre fleuve s'élance de la terre une vaste et longue pointe presque pyramidale, qui va rejoindre au bord de la mer l'île de Ceylan. Près du lieu où prend naissance le large bras du Gange, si l'on en croit une antique légende, les habitants du pays se nourrissent du parfum des fleurs délicates.

Quant aux noms et aux mœurs de ces peuples, ils sont étranges et variés : il y a les Dhélis, les Patanes, les plus puissants par leurs domaines et leur grande population; les Décaniens, les Orias, qui fondent l'espoir de leur salut dans les eaux bruyantes du Gange, et la terre du Bengale, la province la plus fertile de l'Inde.

Puis vient le royaume belliqueux de Cambaye, ancienne possession du puissant roi Porus; le royaume de Narsingue, plus riche en or et en pierreries qu'en habitants courageux. Là on aperçoit, depuis la mer agitée, une haute montagne fuyant longuement sur les terres et servant de muraille au Malabar, pour le défendre contre les poursuites du Canara.

Les naturels du pays la nomment Gate. Au bas de ce rempart s'étend une étroite colline qui lutte contre l'impétuosité de la mer. Parmi toutes les villes, la belle et riche Calicut est sans contredit la première; elle est la métropole de l'empire et son souverain prend le titre de Samorin.

XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vel-o todo o povo.

XXIV

Entre a gente que a vel-o concorria,
Se chega hum Mahometa (6), que nascido
Fôra na região da Barbaria,
Lá onde fôra Anteo obedecido :
Ou pela visinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assignalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV

Em vendo o mensageiro, cum jucundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse : Quem te trouxe a est' outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Viemos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI

Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões que na passagem
Do mar, o Lusitano lhe contava.
Mas vendo em fim, que a força da menagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII

E que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria :
E despois que se hum pouco recreasse,
Com elle para a armada tornaria;
Que alegria não póde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII

O Portuguez acceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece;
Como se longa fôra já a amizade,
Com elle come e bebe, e lhe obedece :
Ambos se tornam logo da cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á capitaina; e toda a gente
Monçaide recebeo benignamente.

XXIX

O Capitão o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingua de Castella;
Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
Pela terra pergunta, e cousas della.
Qual se ajuntava em Rhódope o arvoredo,
Só por ouvir o amante da donzella
Eurydice, tocando a lyra de ouro,
Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX

Elle começa : Ó gente, que a natura
Visinha fez de meu paterno ninho;
Que destino tão grande, ou que ventura,
Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
Não he sem causa, não, occulta e escura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca d' outro lenho arados,
A reinos tão remotos e apartados.

A peine la flotte fut-elle parvenue à cette opulente cité, qu'un Portugais fut aussitôt envoyé auprès du prince indien, pour lui faire part de son arrivée dans un pays si éloigné. En voyant entrer le messager dans le fleuve qui prend son embouchure en cet endroit, tout le peuple accourt pour admirer ses manières inconnues, sa couleur, son air étranger et son habillement bizarre.

Parmi les gens qui viennent à sa rencontre, se trouve un Mahométan (6), né dans le pays de Barbarie, où régna jadis Anthée; il connaissait le royaume de Lusitanie, soit à cause de son voisinage avec sa patrie, soit qu'il eût goûté la dureté de son fer, et c'est le sort qui l'avait amené dans cet exil lointain.

A la vue du messager, il devint tout joyeux, et s'exprimant en langue hispanique, il lui dit : « Qui t'a conduit dans cet autre monde, si loin du Portugal, ta patrie? » Le messager lui répondit : « Après avoir sillonné la mer profonde, où jamais humains n'avaient pénétré, nous venons chercher le cours rapide de l'Indus et répandre la loi du vrai Dieu. »

Le Maure, qui se nommait Monçaïde, demeura étonné de ce grand voyage maritime et des rudes travaux dont le Lusitanien lui faisait le récit; mais, voyant que son message ne s'adressait qu'au roi du pays, il lui apprit qu'il était hors de la ville, mais à peu de distance.

« Si tu le veux, ajouta-t-il, en attendant que l'étrange nouvelle de ton arrivée parvienne jusqu'aux oreilles du roi, tu peux venir te reposer dans ma modeste demeure et goûter d'un mets du pays : puis, après ce léger repas, nous retournerons ensemble vers la flotte. Quelle joie peut se comparer à celle de deux voisins qui se retrouvent sur une terre étrangère? »

Le Portugais accepte avec empressement ce que lui propose Monçaïde; comme si leur amitié durait depuis longtemps, il mange, boit avec lui et se conforme à ses ordres. Bientôt ils partent de la ville pour gagner la flotte, déjà comme du Maure; ils montent sur la capitane et tout l'équipage reçoit Monçaïde avec bienveillance.

Le capitaine lui donne une tendre accolade, en l'entendant parler clairement la langue de Castille; il le fait asseoir auprès de lui et lui demande tranquillement des détails sur le pays. De même que les arbres touffus se rassemblaient sur le Rhodope pour entendre l'amant de la jeune Eurydice jouer de sa lyre d'or, ainsi s'amassaient les matelots pour écouter les propos du Maure :

« Courageux marins, disait-il, vous, que la nature a fait naître près de mon nid paternel, quel puissant destin, quel hasard vous ont poussés à faire un chemin pareil? Ce n'est pas sans une cause secrète, que l'on vient du Tage lointain ou du Minho inconnu, à travers des mers vierges de toute navigation, jusqu'à des royaumes si éloignés.

XXXI

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu, por vós obrado :
Por isso só vos guia, e vos defende
Dos imigos, do mar, do vento irado.
Sabei, que estais na India, onde se estende
Diverso povo, rico, e prosperado,
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII

Esta provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malabar se chama :
Do culto antiguo os idolos adora,
Que eá por estas partes se derrama :
De diversos Reis he, mas d'hum só fora
N'outro tempo, segundo a antigua fama :
Saramá Perimal foi derradeiro
Rei, que este reino teve unido, e inteiro.

XXXIII

Porém como a esta terra então viessem,
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes,
Succedeo, que prégando convertessem
O Perimal, de sabias e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV

Náos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica :
Antes que parta, o reino poderoso
Co' os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais acceitos,
Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV

A hum Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a illa de Pimenta,
A qual Coulão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Despois que tudo deo, se lhe apresenta :
Para este Calecut sómente fica,
Cidade já por trato nobre, e rica.

XXXVI

Esta lhe dá co' o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe, e ande.
E daqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço, e descendentes, donde vem
Este que agora o imperio manda e tem.

XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina :
Andam nus, e sómente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina :
Dous modos ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são; e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII

Porque os que usaram sempre hum mesmo officio
D'outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.
Para os Naires he certo grande vicio
Destes serem tocados, de tal sorte,
Que quando algum se toca, por ventura,
Com ceremonias mil se alimpa, e apura.

« Dieu, sans doute, vous amène. Peut-être désire-t-il de votre part un service quelconque, et c'est pour cela qu'il vous guide et vous protège contre vos ennemis, contre la mer et la furie des vents. Sachez que vous êtes dans l'Inde, où s'étendent diverses régions riches d'or brillant et de fines pierreries, de suaves aromates et d'épices ardentes.

« Cette province, où vous avez abordé, se nomme Malabar; on y adore d'antiques idoles, dont le culte est répandu dans toutes ces contrées. Divers rois la régissent, mais jadis elle n'appartenait, dit-on, qu'à un seul souverain : Sarama Périmal est le dernier roi qui ait possédé ce royaume en entier.

« Cependant, après que des navigateurs venus du sein de l'Arabie eurent importé dans ce pays le culte de Mahomet (culte dans lequel m'ont élevé mes parents), il arriva qu'à force de le prêcher, ils convertirent Périmal à leur foi. Dans leur sagesse et leur éloquence, ils lui firent suivre cette loi avec tant de ferveur, qu'il résolut d'y mourir saintement.

« Aussitôt il équipe des vaisseaux et les charge de riches marchandises, pour aller les porter en pélerinage jusqu'au tombeau de notre prophète. Avant de partir, comme il n'avait pas d'héritier naturel, il partagea son puissant royaume entre les siens; parmi ses sujets, il enrichit ceux qu'il en jugea le plus dignes, et d'esclaves qu'ils étaient, il en fit des hommes libres.

« A l'un, il donna Cochim, à l'autre Cananor, à celui-ci Chalé, à celui-là l'île de Pimenta; l'un eut pour apanage Cranganor, l'autre Coulan, et les autres furent récompensés suivant leurs services ou leur mérite. Un jeune homme très aimé du monarque, s'étant présenté à lui après qu'il avait déjà cédé tous ses domaines, ne put obtenir que la ville de Calicut, cité déjà célèbre et riche à cette époque.

« Périmal la lui donna avec le titre suprême d'Empereur et la faculté de commander à tous les autres rois. Ensuite il partit sans tarder, décidé à finir pieusement sa vie. De là est venu le nom de puissant Samorin, titre le plus illustre du Malabar, à ce jeune homme et à ses descendants, dont le dernier est celui qui gouverne maintenant cet empire.

« La religion des habitants, riches ou pauvres, n'est qu'un tissu de fables inventées à plaisir; ils vont tout nus, en couvrant seulement d'une bande d'étoffe les parties du corps que la nature apprend à cacher. Il y a deux sortes de gens; les nobles s'appellent Naïres et les gens moins illustres ont pour nom Poléas; la loi leur défend d'altérer leur ancienne race.

« Ceux qui ont toujours exercé le même métier ne peuvent s'unir à une famille qui en suive un autre : les enfants sont tenus aussi de se conformer jusqu'à la mort à la profession de leurs ancêtres. Pour les Naïres c'est une grande souillure que d'être touchés par ces derniers, à tel point que, si par hasard cela arrive à quelqu'un d'entre eux, il se nettoie et se purifie avec mille cérémonies.

XXXIX

Desta sorte o Judaico povo antigo
Não tocava na gente de Samaria :
Mais estranhezas inda das que digo
Nesta terra vereis de usança varia :
Os Naires sós são dados ao perigo
Das armas; sós defendem da contraria
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL

Brahmenes são os seus religiosos,
Nome antiguo, e de grande preeminencia :
Observam os preceitos tão famosos
D'hum, que primeiro poz nome á sciencia (7) :
Não matam cousa viva, e temerosos,
Das carnes tem grandissima abstinencia :
Sómente no venereo ajuntamento
Tem mais licença, e menos regimento.

XLI

Geraes são as mulheres; mas sómente
Para os da geração de seus maridos :
Ditosa condição, ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos!
Estes, e outros costumes variamente
São pelos Malabares admittidos :
A terra he grossa em trato, em tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII

Assi contava o Mouro : mas vagando
Andava a fama já pela cidade,
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade :
Já vinham pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandára
O capitão da armada que chegára.

XLIII

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado :
Das cores a formosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado :
O remo compassado fere frio
Agora o mar, despois o fresco rio.

XLIV

Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama :
Já na terra nos braços o levava,
E n' hum portatil leito hua rica cama
Lhe offerece em que vá, (costume usado)
Que nos hombros dos homens he levado.

XLV

Dest' arte o Malabar, dest' arte o Luso.
Caminham lá para onde o Rei o espera.
Os outros Portuguezes vão ao uso
Que infanteria segue, esquadra fera :
O povo que concorre vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar; mas no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI

O Gama, e o Catual hiam fallando
Nas cousas que lhe o tempo offerecia;
Monçaide entr' elles vai interpretando
As palavras que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde huma rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.

« Tel autrefois l'antique peuple juif craignait le contact du peuple samaritain. Vous verrez en ce pays plus de bizarreries encore que je ne vous en ai raconté. Les Naïres seuls peuvent braver le danger des armes; seuls ils défendent leur roi contre ses adversaires, et portent toujours le bouclier au bras gauche et l'épée dans la main droite.

« Leurs prêtres sont désignés sous le nom antique et vénéré de Brahmanes; ils observent les préceptes fameux de celui qui, le premier, donna un nom à la science (7). Ils ne détruisent aucun être vivant et observent une très-grande abstinence de viandes; seulement dans les accouplements amoureux ils accordent plus de licence et déploient moins de sévérité.

« Leurs femmes peuvent violer les lois de l'hymen, pourvu que ce soit avec des parents de leurs maris. Bienheureuse condition! bienheureuse nation que ne tourmentent pas les aiguillons de la jalousie! Telles sont les mœurs principales des habitants du Malabar. La terre, riche et fertile, produit tout ce que le commerce peut fournir depuis la Chine jusqu'au Nil. »

« Ainsi parlait le Maure. Mais déjà le bruit de l'arrivée de ces étrangers se répandait dans toute la ville, lorsque le roi envoya des messagers au port, pour savoir au juste ce qui se passait. On voyait parcourir les rues, entourés de curieux de tout sexe et de tout âge, les ministres que le roi avait chargés d'aller quérir le capitaine de la flotte récemment arrivée.

Après avoir reçu du roi la permission de débarquer, Gama, richement vêtu, part sans tarder, accompagné de quelques gentilshommes portugais; la variété des couleurs chatoyantes charme les yeux du peuple agité. La rame déchire régulièrement d'abord les eaux de la froide mer et ensuite celles du fleuve.

Sur la plage se tient un des ministres du Samorin, appelé Catual dans la langue de son pays; entouré de Naïres, il attend le noble Gama avec une pompe inusitée; à peine le voit-il descendre à terre, qu'il le reçoit dans ses bras et lui offre une place dans une riche litière, portée, d'après l'usage indien, par des esclaves.

C'est de cette façon que le Malabare et le Lusitanien se dirigent vers la ville, où les attend le monarque. Les autres Portugais marchent à la façon de l'infanterie, par escouades : le peuple qui accourt de toutes parts est tout étonné de voir ces troupes étrangères et brûle de faire des questions; mais la vieille loi de Babel l'empêche de comprendre leur langage.

Gama et le Catual s'entretenaient en route de choses et d'autres; Monçaïde, placé entre les deux, interprétait les paroles que chacun d'eux prononçait. Ils s'acheminaient ainsi à travers la ville, lorsqu'ils arrivèrent devant un temple somptueux et magnifique, dont ils franchirent ensemble le parvis.

XLVII

Alli estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo, e em pedra fria;
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demouio lhe fingia:
Vem-se as abominaveis esculpturas;
Qual a Chimera em membros se varia:
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em forma humana, estão maravilhados.

XLVIII

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Libya estava;
Outro n' hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antiguo Jano se pintava;
Outro com muitos braços divididos,
A Briarco parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fóra,
Qual Anubis Memphitico se adora (8).

XLIX

Aqui feita do barbaro Gentio
A superstitiosa adoração,
Direitos vão sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão:
Engrossando-se vai da gente o fio,
Co' os que vem ver o estranho Capitão:
Estão pelos telhados, e janellas,
Velhos e moços, donas e donzellas.

L

Já chegam perto, e não com passos lentos,
Dos jardins odoriferos, formosos,
Que em si escondem os regios aposentos,
Altos de torres não, mas sumptuosos:
Edificam-se os nobres seus assentos,
Por entre os arvoredos deleitosos:
Assi vivem os Reis daquella gente,
No campo, e na cidade juntamente.

LI

Pelos portaes da cêrca a subtileza
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras mostrando por nobreza,
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vão com tal viveza
As historias daquella antigua idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pela sombra conhece a verdadeira.

LII

Estava hum grande exercito que pisa
A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
Rege-o hum capitão de fronte lisa,
Que com frondentes thyrsos pelejava:
Por elle edificada estava Nysa
Nas ribeiras do rio, que manava;
Tão proprio, que se alli estiver Semele,
Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

LIII

Mais avante bebendo secca o rio
Mui grande multidão da Assyria gente,
Sujeita a femininuo senhorio,
De huma tão bella, como incontinente (9):
Alli tem junto ao lado nunca frio,
Esculpido o feroz gincte ardente,
Com quem teria o filho competencia:
Amor uefando, bruta incontinencia!

LIV

Daqui mais apartadas tremolavam
As bandeiras de Grecia gloriosas,
Terceira Monarchia; e sobjugavam
Até ás aguas Gangeticas undosas:
D' hum capitão mancebo se guiavam,
De palmas rodeado valerosas,
Que já não de Philippo, mas sem falta,
De progenio de Jupiter se exalta.

Là on voyait, sculptées dans le bois ou dans la pierre, les formes des divinités indiennes; leurs figures et leurs poses variaient beaucoup, selon la fiction que leur avait prêtée le démon. A la vue de ces hideuses statues, d'une diversité égale à celle des membres de la Chimère, les chrétiens étaient tout étonnés, car jamais ils n'avaient vu Dieu représenté autrement que sous une forme humaine.

L'une des idoles avait, ainsi que Jupiter Ammon était représenté en Lybie, deux cornes sur la tête; une autre, deux visages sur un seul corps, comme l'antique Janus; une troisième, ornée d'une grande quantité de bras, semblait imiter Briarée; une autre enfin avait la face d'un chien, comme le memphitique Anubis (8).

Après que le barbare eut fait sa superstitieuse prière, on se rendit tout droit à la demeure du roi qui commandait ce peuple grossier. A chaque instant des nouveaux venus grossissent la foule de ceux qui vont à la rencontre du capitaine étranger; vieillards, jeunes gens, femmes et filles se montrent sur les toits et aux fenêtres.

Après une marche assez rapide, ils arrivent enfin près des splendides jardins parfumés où sont cachées les royales demeures; elles ne sont pas ornées de hautes tours, mais rien n'égale leur magnificence. Chez ces peuples, l'usage est de bâtir les palais au milieu des bocages verdoyants, et c'est ainsi que les rois y vivent tout à la fois à la campagne et à la ville.

Sur les portes du jardin on voit des bas-reliefs dignes de l'habile Dédale; de nobles figures y représentent l'histoire la plus reculée de l'Inde; les faits de cette époque éloignée sont sculptés avec tant d'art et de vérité, que ceux qui en ont une notion entière croiraient assister eux-mêmes aux véritables événements qu'on a voulu reproduire.

On aperçoit d'abord une grande armée foulant le terrain oriental que baigne l'Hydaspe: cette armée est commandée par un capitaine à l'air martial qui, pour combattre, se sert de thyrses ornés de lierre. C'est lui qui a bâti Nysa sur les bords du fleuve qu'il voit couler à ses pieds. Il est si ressemblant que, si Sémélé se trouvait là, elle aurait peu de peine à reconnaître son fils.

Plus loin on voit un fleuve tari par l'immense multitude des Assyriens qui s'y désaltèrent; ceux-ci obéissent à la puissance féminine d'une reine aussi belle que débauchée (9) : près de ses flancs toujours consumés par des feux terribles est gravé l'ardent et fougueux cheval dont son fils serait devenu le concurrent. Infâme amour! brutale incontinence!

A quelque distance de là flottaient les glorieux étendards de la Grèce, les troisièmes qui subjuguaient l'Inde jusqu'aux eaux agitées du Gange. A leur tête marchait un jeune conquérant, entouré de palmes victorieuses, lequel, méprisant la parenté de Philippe, se vantait de descendre de Jupiter.

LV

Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão :
Tempo cedo virá, que outras victorias,
Estas que agora olhais, abaterão :
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estraugeiras que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram.
Quando o tempo futuro especularam.

LVI

E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia,
Que contra o Céo não val da gente manha :
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz, da gente estranha,
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

LVII

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N' huma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço, e no lavor :
No recostado gesto se assignala
Hum venerando e prospero senhor :
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.

LVIII

Bem junto delle hum velho reverente,
Co' os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente (10),
Que a seu costume estava ruminando.
Hum Bramene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais affastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo, e geito
Da gente, nunca de antes delle vista :
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei, e do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo :

LX

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O céo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar co' a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura noda;
Ouvindo do rumor que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer comtigo de amizade.

LXI

E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo;
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem donde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

LXII

E se queres com pactos, e lianças
De paz, e de amizade sacra e una,
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua, e tua;
Porque cresçam as rendas, e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos, será certamente
De ti proveito, e delle gloria ingente.

Pendant que les Portugais contemplaient ces mémorables exploits, le Catual disait au capitaine : « Le moment viendra bientôt où d'autres victoires effaceront celles que vous voyez maintenant. On pourra écrire ici une nouvelle histoire, après que des étrangers seront arrivés dans ce pays : ainsi l'ont présagé nos savants mages, en consultant l'avenir.

« En outre, ils nous ont annoncé que toute résistance serait inutile de la part des hommes pour éviter une pareille invasion : que peut en effet contre le ciel toute la ruse des humains? D'ailleurs les futurs envahisseurs posséderont une telle science des armes et sauront tellement faire fleurir la paix, que dans le monde entier on jugera le mérite du vainqueur par la gloire du vaincu. »

En s'entretenant ainsi, ils entrèrent aussitôt dans la salle où se tenait le puissant empereur, couché sur un lit de repos dont rien n'égalait le prix et la valeur artistique : appuyé nonchalamment sur un dossier, il avait un aspect vénérable et bienheureux. La taille entourée d'une écharpe d'or, il portait sur la tête une parure de pierres précieuses.

Agenouillé auprès de lui, un vieillard respectueux lui offrait de temps en temps une feuille de cette herbe ardente (10), que, selon l'usage indien, il mâchait sans cesse. Un Brahmane, personnage important, se dirige à pas lents vers Gama, afin de le présenter au grand prince, qui lui fait signe de se placer devant lui.

Assis tout près de la couche somptueuse, un peu au-devant de ses compagnons, Gama observait les regards que leur lançait le Samorin, peu habitué à voir les vêtements et les manières de ces étrangers. Alors, d'une voix grave qui acquit immédiatement une grande autorité auprès du roi et de tout le peuple, le prudent capitaine s'exprima en ces termes :

« De ces contrées où le ciel instable et perpétuellement en rotation dérobe à la terre la lumière du soleil qu'il porte à l'autre hémisphère, un grand monarque, averti par l'écho de la renommée qui vous a désigné à lui comme le possesseur et le souverain de toute l'Inde, désire contracter avec vous un pacte d'amitié.

« Il vous fait savoir, malgré le long et pénible trajet qui le sépare de vous, qu'il possède en grande quantité dans son royaume toutes les richesses que produisent la mer et la terre, depuis le Tage jusqu'au Nil, depuis les froides plages du Nord jusqu'aux climats de l'Éthiopie, où le soleil règle également les jours et les nuits.

« Si vous voulez consentir, au moyen de pactes et de traités de paix et d'amitié, à un commerce mutuel des riches productions de vos terres et des siennes, si vous désirez voir augmenter dans votre pays les revenus et les biens pour lesquels les hommes déploient tout leur travail et bravent toutes les fatigues, il en résultera pour vous un profit considérable, et pour lui une gloire immense.

LXIII

E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas, e náos; de qualidade
Que por irmão te tenha, e te conheça:
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente, e terra que dissera.

LXV

E que em tanto podia do trabalho
Passado ir reposar, e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados.
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI

Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas, e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova,
Dos estranhos quem são; que ouvido tinha
Que he gente de sua patria mui visinha.

LXVIII

Que particularmente alli lhe désse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna; Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Sómente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antignos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

LXX

Porque elles, com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis, e famosos:
E não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades, e altos muros.

« Que si les nœuds de votre affection sont vraiment durables, mon roi sera prêt à mettre à votre disposition ses soldats, ses armes et ses navires, à la première occasion où la guerre ou l'adversité menaceront votre royaume. Dès lors, il vous tiendra pour un frère et vous reconnaîtra comme tel. Acceptez-vous ces conditions? Mon roi m'a chargé de recueillir votre réponse décisive. »

Ainsi parla le capitaine. Le roi païen lui répondit que c'était pour lui un grand honneur de voir devant lui des ambassadeurs d'une nation si lointaine. Il allait, disait-il, prendre à ce sujet une résolution dernière avec les membres de son conseil et s'informer de ce qu'étaient au juste le roi et la nation dont il parlait.

« Pendant ce temps, ajouta-t-il, allez vous reposer de vos fatigues passées; bientôt je vous donnerai la réponse convenable que vous pourrez porter à votre roi. » En ce moment la nuit mettait fin aux lassitudes de l'homme et procurait les douceurs du sommeil aux membres fatigués, en fermant tous les yeux et leur donnant un agréable repos.

Gama et les Portugais furent tous hébergés dans le palais du noble souverain des Indes, au milieu des fêtes et de la joie des habitants. Le Catual, qui mettait du zèle à accomplir les ordres de son roi, s'empressa de s'informer des nouveaux venus, de leur nation, de leurs mœurs et de leurs lois.

Sitôt qu'il a aperçu le char embrasé du beau Délius ramenant la clarté du jour, il envoie chercher Monçaïde, désireux qu'il est de pouvoir prendre des informations sur ce peuple inconnu. Il lui demande avec curiosité s'il a une connaissance exacte et précise des étrangers; il croit avoir entendu dire qu'ils habitent un pays très-voisin du sien.

Il le prie de lui en donner en particulier des renseignements exacts; il rendra ainsi au roi un grand service et lui indiquera la voie qu'il devra suivre en cette affaire : « Malgré toute ma bonne volonté, reprend Monçaïde, je ne saurais t'affirmer qu'une chose : c'est qu'ils sont nés en Espagne, non loin de ma patrie et près des mers où se plonge le soleil.

« Ils suivent la loi d'un prophète qui a été engendré, sans que la virginité de sa mère ait été atteinte, par le souffle du Dieu qui gouverne le monde. Parmi les vieillards de mon pays, ils sont surtout renommés pour leur supériorité dans les combats, et mes ancêtres en ont subi la sanglante épreuve.

« Déployant un courage surhumain, ils ont chassé les Maures des fertiles campagnes qu'arrosent le Tage opulent et le riant Guadiana, après avoir accompli des exploits mémorables; et, non contents encore de ces succès, ils ne veulent pas nous laisser en sûreté dans notre Afrique, et, bravant les mers orageuses, ils viennent nous prendre nos villes et nos forteresses.

LXXI

Não menos tem mostrado esforço, e manha,
Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou là d'alguns que do Pyrene deçam :
Assi que nunca em fim com lança estranha
Se tem, que por vencidos se conheçam;
Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII

E se esta informação não for inteira,
Tanto quanto convem, delles pretende
Informar-te, que he gente verdadeira,
A quem mais falsidade enoja, e offende :
Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende;
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII

Já com desejos o Idolatra ardia
De ver isto que o Mouro lhe contava :
Manda esquipar bateis, que ir ver queria
Os lenhos em que o Gama navegava :
Ambos partem da praia, a quem seguia
A Naira geração, que o mar coalhava;
Á capitaina sobem forte e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
Do riço fio são, que o bicho gera;
Nellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera :
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios crueis, pintura fera,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apascenta.

LXXV

Pelo que vê pergunta : mas o Gama
Lhe pedia primeiro que se assente,
E que aquelle deleite que tanto ama
A seita Epicurea experimente.
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noé mostrára á gente :
Mas comer o Gentio não pretende,
Que a seita que seguia lho defende.

LXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz de guerra, rompe os ares :
Co'o fogo, o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
Tudo o Gentio nota; mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poesia alli descreve.

LXXVII

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
Coelho de outra parte : e o Mauritano
Os olhos poem no bellico trausunto
De hum velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não póde ser defunto
Em quanto houver no mundo trato humano :
No trajo a Grega usança está perfeita;
Hum ramo por insignia na direita.

LXXVIII

Hum ramo na mão tinha... Mas ó cego
Eu (11), que commetto insano, e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho tão ardno, longo, e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.

« Ils n'ont pas montré moins de valeur ni d'adresse dans toutes les autres guerres où ils ont figuré, soit contre les belliqueuses peuplades de l'Espagne, soit contre les armées venues des hauteurs pyrénéennes, en sorte qu'ils passent pour n'avoir jamais été vaincus par une lance étrangère. En un mot, je puis t'affirmer que jamais ces Annibals n'ont rencontré de Marcellus.

« Mais si ces renseignements ne te paraissent pas aussi complets que tu l'aurais désiré, va les interroger toi-même, ils sont loyaux et le mensonge leur répugne. Va visiter leur flotte et leurs armes; examine bien leurs indomptables foudres. Tu te réjouiras à la vue de leur civilisation; ils ne cultivent pas moins les arts de la paix que la science de la guerre. »

L'idolâtre brûle du désir de voir ce que le Maure lui a raconté; il fait équiper des barques pour aller visiter les navires commandés par Gama. Ils partent tous deux de la plage, suivis des Naïres, dont les embarcations couvrent la mer. Ils montent sur la superbe capitane, où Paul de Gama les reçoit.

Les vaisseaux sont ornés de pavillons de pourpre et de bannières tissées avec le fil précieux que produit un vermisseau. Là sont peintes les œuvres valeureuses des anciens Lusitaniens; on y voit des batailles rangées, des combats périlleux, des duels sanglants, des dessins épouvantables. A mesure que l'Indien les aperçoit, il y fixe ses regards attentifs et s'informe de ce qu'il a devant les yeux.

Gama l'invite d'abord à s'asseoir et à se livrer aux délices de la table, délices tant appréciées par la secte d'Épicure. Des vases de cristal coule l'écumante liqueur découverte par Noé. Le païen refuse de manger pour ne pas violer les règles de son culte.

L'air retentit des sons bruyants de la trompette, instrument qui, même en temps de paix, fait penser à la guerre; la diabolique machine vomit le feu et tonne jusqu'au fond des mers. Le barbare remarque tout; mais on voit bien que son esprit est surtout préoccupé des remarquables hauts faits des héros, que la poésie muette a su réunir dans un espace si étroit.

Aussitôt il se lève; Gama et Coelho l'imitent; le Maure arrête ses regards sur le portrait d'un vieillard tout blanc et à l'aspect vénérable, dont le nom ne périra point tant que les hommes peupleront le monde. Vêtu à la manière des Grecs, il porte pour insigne une branche dans la main droite.

Il tenait une branche à la main... Mais aveugle et insensé que je suis (11)! Dans ma témérité, j'ose entreprendre, sans vous, nymphes du Tage et du Mondégo, une route si périlleuse et si longue. J'invoque votre protection, ô nymphes, car je vogue sur la haute mer, poussé par un vent si défavorable que, si vous ne venez pas à mon aide, j'ai bien peur de voir bientôt submergée ma frêle embarcation.

LXXIX

Olhai, que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos danos :
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos;
Qual Canace, que á morte se condena (12),
N'huma mão sempre a espada, e n'outra a penna.

LXXX

Agora com pobreza aborrecida,
Por hospicios alheios degradado;
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado :
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tão delgado (13),
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se (14).

LXXXI

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles que eu cantando andava.
Tal premio de meus versos me tornassem :
A troco dos descansos que esperava,
Das capellas de louro que me honrassem.
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que eu tão duro estado me deitaram.

LXXXII

Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assi sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!
Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só vossa favor me não falleça,
Principalmente aqui, que sou chegado
Onde feitos diversos engrandeça :
Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,
Que não no empregue em quem o não mereça.
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV

Nem creais, Nymphas, não, que fama désse
A quem ao bem commum, e do seu Rei,
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina e humana lei :
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV

Nenhum que use de seu poder bastante,
Para servir a seu desejo feio;
E que por comprazer ao vulgo errante
Se muda em mais figuras que Proteio:
Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
Quem com habito honesto e grave, veio,
Por contentar ao Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI

Nem quem acha que he justo, e que he direito,
Guardar-se a lei do Rei severamente,
E não acha que he justo, e bom respeito,
Que se pague o suor da servil gente :
Nem quem sempre com pouco experto peito
Razões aprende, e cuida que he prudente,
Para taixar com mão rapace, e escassa,
Os trabalhos alheios, que não passa.

Jetez les yeux sur moi, et vous verrez que depuis longtemps je chante votre Tage et vos Lusitaniens, malgré les détours que le sort me fait accomplir, malgré les travaux et les peines qu'il me fait endurer. Tantôt je subis les dangers de la mer, tantôt ceux de Mars inhumain, et, semblable à Canacée mourante, je porte toujours d'une main la plume et de l'autre l'épée (12).

Tantôt je traîne ma pauvreté et ma misère dans les hospices où je m'exile; tantôt je deviens plus désabusé que jamais sur l'espoir que j'avais conçu; tantôt enfin je parviens à échapper à la férocité des flots (13), moi dont la vie a été tellement compromise que, pour la sauver, il a fallu un miracle aussi étrange que celui que Dieu ordonna pour un roi de Judée (14).

Il n'a pas suffi encore, ô mes nymphes, que tant de malheurs vinssent m'entourer; ceux-là mêmes que je chantais ont donné une singulière récompense à mes vers; au lieu du repos que j'espérais, au lieu des lauriers dont ils devaient me couronner, ils ont imaginé de me faire subir des souffrances inconnues, grâce auxquelles ils m'ont réduit à une telle extrémité.

Voyez, ô nymphes, les valeureux génies que produit votre Tage! C'est ainsi qu'ils savent apprécier celui qui les chante et les glorifie! Quel exemple pour les écrivains à venir, pour les poëtes inspirés! Quel encouragement pour ceux qui voudront rapporter des exploits dignes d'une éternelle gloire!

Au milieu de tant de maux, j'ai absolument besoin de ne pas me voir privé de votre assistance, maintenant surtout que je suis arrivé à un passage où je dois exalter tant de hauts faits. Secourez-moi vous seules, car j'ai déjà juré de ne pas gaspiller le génie que vous m'inspirerez à louer ceux qui ne le mériteront pas; non, je ne flatterai aucun personnage, sous peine de n'obtenir que de l'ingratitude.

Ne croyez pas, chères nymphes, que j'aille jamais accorder de la gloire à ceux qui préfèrent au bien public et à leur roi leur propre intérêt, en se révoltant contre les lois divines et humaines. Jamais je ne chanterai l'ambitieux, qui aspire à de hautes charges, pour pouvoir, au moyen de viles actions, user plus largement de ses vices;

Ni celui qui abuse de sa puissance pour assouvir ses honteuses passions, et qui, pour complaire au vulgaire ignorant, revêt plus de formes que Protée lui-même. Non, ô Muses, ne croyez pas que je chante celui qui, sous le couvert d'une sévère honnêteté, dépouille et vole le pauvre peuple, afin de satisfaire l'inexpérience de son roi.

Je ne célèbrerai point celui qui regarde comme très-juste la stricte inviolabilité d'un décret royal, et comme inutile et injuste la récompense dont on doit payer les sueurs du peuple; ni celui qui, toujours armé de nouveaux prétextes, croit qu'il est sage de taxer avec avarice et rapacité les durs travaux qu'il n'endure pas.

LXXXVII

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo, e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

Je chanterai seulement ceux qui exposèrent leur précieuse existence pour leur Dieu et pour leur roi; ceux qui, en la perdant, en étendirent justement la durée, au moyen de la renommée, fruit de leurs œuvres sublimes. Apollon et les Muses qui m'accompagnent redoubleront mon inspiration, tandis que je prends haleine, pour retourner plus tranquillement au travail.

CANTO VIII

Ve-lo cá vai co' os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettêra ao Castelhano :

(Canto VIII, Est. XIV.)

« Voyez-le plus loin allant se livrer à l'ennemi avec ses enfants, la corde au cou et sans vêtements, parce que son jeune maître a refusé de s'assujettir aux lois du Castillan,

(Chant VIII, Stan. XIV.)

VII

Com força não, com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram, que os espanta :
Que o grande aperto em gente, inda que honrosa
Ás vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degradado comnosco se alevanta :
Escolheo bem com quem se alevantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

VIII

Vês, comnoseo tambem vence as bandeiras
Dessas aves de Jupiter validas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas :
Olha tão subtis artes, e maneiras,
Para adquirir os povos, tão fingidas;
A fatidica Cerva que o avisa;
Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.

IX

Olha est' outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros :
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Creem ser em Lotharingia os estrangeiros :
Despois de ter co' os Mouros superado
Gallegos, e Leonezes cavalleiros,
A Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X

Quem he, me dize, est' outro que me espanta,
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?.
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandartes?

XI

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros touna,
Por quem, no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma :
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma;
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

XII

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente;
Não creas que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente :
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII

Este que vês olhar com gesto irado,
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido :
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido :
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV

Ve-lo cá vai co' os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettêra ao Castelhano :
Fez com siso, e promessas levantar-se
O cêrco, que já estava soberano :
Os filhos, e mulher obriga á pena;
Para que o senhor salve, a si condena.

« Ce n'est pas par la force mais par une ruse infâme, qu'ils lui ont retiré cette vie qui les épouvantait; que de fois une grande quantité d'hommes réunis se laisse passionner au point d'enfreindre les lois de la magnanimité! En voici un autre qui, exilé parmi nous, se soulève contre sa patrie irritée; il a bien choisi ses compagnons de révolte, pour se rendre éternellement célèbre.

« Voyez-le vaincre avec nous ces drapeaux ornés des aigles de Jupiter; déjà en ce temps-là les nations les plus guerrières ont appris à connaître le poids de nos armes! Remarquez toutes les ruses subtiles, tous les adroits stratagèmes qu'il employait pour s'emparer de l'esprit des peuples; voyez à ses côtés la fatidique biche qui lui prédit l'avenir. Ce guerrier c'est Sertorius, et la biche c'est son oracle.

« Portez vos regards sur cette autre bannière, où est représenté l'illustre père des premiers rois : nous autres le disons Hongrois, mais les étrangers l'ont fait naître en Lorraine. Après avoir battu les Maures, les Galiciens et les Léonais, le pieux Henri va visiter le tombeau du Christ, pour sanctifier la tige de nos rois.

— « Dites-moi, demanda le Malabare émerveillé, quel est cet autre guerrier dont l'audace me surprend? Que de soldats, que d'escadrons il détruit et renverse avec une armée si minime! Que de solides murailles il abat, que de batailles il livre à l'ennemi; que de couronnes et d'étendards jonchent de toutes parts le sol qu'il foule!

— « Celui-ci est le premier Alphonse, dit Gama; c'est lui qui prit aux Maures tout le Portugal; pour lui, la Renommée a juré dans la lagune du Styx de ne plus célébrer un Romain; celui-ci est ce brave prince, chéri de Dieu, qui se sert de son bras pour dompter les Maures ennemis; après avoir abaissé pour lui les murailles de leurs royaumes, le Très-Haut ne laisse pour ses descendants rien de plus à conquérir.

« Si César et Alexandre avaient disposé d'aussi peu d'hommes et de moyens contre autant d'ennemis que ceux que vainquit ce héros, ne croyez pas que leurs noms se fussent répandus dans le monde avec une gloire aussi universelle. Mais laissons de côté ses exploits inexplicables, pour admirer les prouesses de ses vassaux.

« Arrêtez-vous à celui qui regarde avec colère son disciple vaincu, mais peu patient; il l'engage à rassembler son armée dispersée et à retourner au camp. Le jeune homme part accompagné de son vieil ami, qui de vaincu le rend victorieux. Égas Moniz, c'est le nom du brave vieillard; c'est le plus pur miroir où puisse se réfléchir un fidèle vassal.

« Voyez-le plus loin allant se livrer à l'ennemi avec ses enfants, la corde au cou et sans vêtements, parce que son jeune maître a refusé de s'assujettir aux lois du Castillan, sans tenir compte des serments d'Égas. Grâce à son bon sens et à ses promesses, il avait fait lever le siége qui devenait terrible; maintenant il force ses enfants et sa femme à supporter une cruelle épreuve, et, pour sauver son seigneur, il se condamne lui-même.

XV

Não fez o consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Candinas de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumphante:
Este pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só, firme e constante;
Est' outro a si, e os filhos naturais,
E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI

Vês este que sahindo da cilada
Dá sobre o Rei, que cérca a villa forte?
Já o Rei tem preso, e a villa descercada:
Illustre feito, digno de Mavorte!
Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria:

XVII

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar resplandece juntamente,
Co' o fogo que accendeo junto da serra
De Abyla, nas galés da Maura gente.
Olha como em tão justa e sancta guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Céos, com justa palma.

XVIII

Não vés hu' ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma que lhe nasce junto á cova (1):
Por elles mostra Deos milagre visto,
Germanos são os martyres de Christo.

XIX

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches que toma, por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
He Theotonio, Prior (2). Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira:

XX

Ve-lo cá donde Sancho desbarata
Os mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra:
Mem Moniz he, que em si o valor retrata.
Que o sepulchro do pai co' os ossos cerra;
Digno destas baudeiras, pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI

Olha aquelle que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas, e ousadias.
Ella por armas toma a semelhança
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor he o forte peito (3).

XXII

Não vês hum Castelhano (4), que aggravado
De Afonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, co' os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?
Abrantes villa toma, acompanhado
Dos duros inficis que traz comsigo;
Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ousadamente:

« Autant ne fit point ce consul qui se laissa envelopper aux Fourches Caudines, lorsqu'il fut forcé de subir le joug triomphant des Samnites. Celui-là, injurié par son peuple, a donné sa vie pour sa patrie, de pied ferme et sans sourciller; mais il ne donnait que sa vie, tandis que cet autre se rend lui-même, et, sacrifice plus grand encore, il livre aussi ses propres enfants et sa femme innocente.

« Admirez cet autre héros : sorti d'une embuscade, il fond sur le roi qui assiégeait la forte ville; en un moment il a emprisonné le monarque et levé le siége qui pesait sur la cité. Sublime exploit, digne de Mars! En cet autre endroit on l'a représenté sur sa flotte, donnant, même sur mer, la mort aux Arabes, leur prenant leurs galères et remportant la gloire de la première bataille navale :

« C'est Dom Fuas Roupinho, qui s'est également illustré sur terre et sur mer, quand il incendia les galères des Mauritaniens près des montagnes d'Abyla. Remarquez la joie qu'il éprouve de périr en combattant dans une guerre aussi juste et aussi sainte; des mains des Maures, son âme bienheureuse s'envole triomphante vers les cieux, au milieu des palmes qu'elle a méritées.

« Ne voyez-vous pas un grand rassemblement de soldats vêtus de costumes étrangers et débarquant d'une immense flotte? Répondant à leurs intentions pieuses, ils aident le premier roi à attaquer Lisbonne. Regardez Henri, ce fameux guerrier, dont le tombeau est ombragé par un palmier (1). Braves Germains, martyrs du Christ, pour vous Dieu a opéré des miracles!

« Considérez ce prêtre qui brandit son glaive contre Arronches, prise à l'ennemi pour venger Leiria, dont naguère se sont emparés les disciples de Mahomet : c'est le prieur Theotonio (2). Mais portez vos regards sur Santarem, et vous verrez avec quelle sûreté un homme monte sur ses murailles pour y attacher le premier l'étendard orné des Quines.

« Le voici plus loin dans la sanglante bataille où Sanche taille en pièces les Maures de Vandalie. Voyez-le terrassant l'ennemi, tuant l'enseigne et renversant le drapeau barbare. C'est Mem Moniz, héritier de ce courage qui dort maintenant dans le tombeau avec les ossements de son père. Il mérite de figurer sur ces drapeaux, car, en jetant à terre l'étendard ennemi, il a porté le sien aux nues.

« Suivez des yeux celui qui descend appuyé sur sa lance, tenant à la main les têtes des deux sentinelles, et qui cache le piége audacieux par lequel il a su conquérir la ville : celle-ci prend pour armes le portrait de ce chevalier qui tenait à la main ces deux têtes inanimées. Action sublime! C'est Géralde-sans-Peur qui en est le héros (3)!

« Ne remarquez-vous pas ce Castillan (4), qu'une injure du roi Alphonse IX et sa haine contre les Laras font passer chez les Maures et devenir l'ennemi du Portugal? Le voilà qui prend la ville d'Abrantes, en compagnie des cruels infidèles qui le suivent; mais un Portugais, avec une mince armée, le bat facilement et le fait prisonnier :

XXIII

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
Que destes levar póde a palma, e o louro.
Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago de ouro :
Ve-lo entre os duvidosos tão inteiro,
Em não negar batalha ao bravo Mouro;
Olha o signal no céo que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço cresce.

XXIV

Vês, vão os Reis de Cordova, e Sevilha,
Rotos, co' os outros dous, e não de espaço;
Rotos? mas antes mortos. Maravilha
Feita de Deos, que não de humano braço!
Vês, já a villa de Alcacere se humilha,
Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
A Dom Mattheus (5), o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma alli coroa?

XXV

Olha hum Mestre que desce de Castella,
Portuguez de nação, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Não acha quem por armas lhe resista :
Com manha, esforço, e com benigna estrella,
Villas, castellos toma á escala vista.
Vês Tavila tomada aos moradores,
Em vingança dos sete caçadores (6) :

XXVI

Vês, com bellica astucia ao Mouro ganha
Sylves, que elle ganhou com força ingente :
He Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente.
Mas não passes os tres que em França, e Hespanha
Se fazem conhecer perpetuamente,
Em desafios, justas e torneos,
Nellas deixando publicos tropheos (7).

XXVII

Ve-los, co' o nome vem de aventureiros
A Castella, onde o preço sós levaram
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns se exercitaram.
Vê mortos os soberbos cavalleiros,
Que o principal dos tres desafiaram,
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
Que póde não temer a lei Lethea.

XXVIII

Attenta n' hum que a fama tanto estende,
Que de nenhum passado se contenta;
Que a patria que de hum fraco fio pende,
Sobre seus duros hombros a sustenta.
Não no vês tinto de ira, que reprende
A vil desconfiança inerte e lenta
Do povo, e faz que tome o doce freio
De Rei seu natural, e não de alheio?

XXIX

Olha : por seu conselho, e ousadia
De Deos guiada só, e de sancta estrella,
Só pôde, o que impossibil parecia,
Vencer o povo ingente de Castella.
Vês por industria, esforço, e valentia,
Outro estrago, e victoria clara e bella,
Na gente, assi feroz como infinita,
Que entre o Tartesso, e o Guadiana habita.

XXX

Mas não vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano, pela ausencia
De capitão devoto, que apartado
Orando invoca a summa e trina Essencia?
Ve-lo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fracos désse?

« Martin Lopes est le nom de ce dernier brave, qui peut remporter sur ceux-ci la palme et le laurier glorieux. Mais regardez bien ce belliqueux ecclésiastique qui change sa crosse d'or contre une lance de fer : au milieu de ses troupes indécises, lui seul est fièrement résolu à ne point refuser le combat au Maure intrépide; mais bientôt un signal qui apparaît au ciel rend le courage à sa faible armée.

« Voyez-vous? Déjà les rois de Cordoue et de Séville, ainsi que les deux autres rois maures, ont été mis en déroute et s'enfuient; que dis-je? ils s'enfuient? ils perdent la vie! Prodige opéré par Dieu, et non par un bras humain! Regardez bien; aussitôt la ville d'Alcacer, malgré sa garnison et ses murs d'acier, se courbe sous le joug de Dom Mathieu (5), évêque de Lisbonne, qui gagne ici la couronne de palmes!

« Voyez ce grand maître, cet enfant du Portugal, qui, venu de Castille, conquiert le pays des Algarves, et n'y trouve plus d'ennemis qui lui offrent de la résistance : rusé, courageux et fortuné, il prend d'assaut des villes et des châteaux forts. Voici Tavila enlevée à ses habitants, pour venger le lâche meurtre des sept chasseurs (6).

« Observez la belliqueuse astuce dont il se sert pour reprendre Sylves aux Maures, qui ne s'en sont emparés qu'à force de troupes. C'est Dom Paio Correa, dont l'adresse et le courage rendent jaloux les braves cœurs. Mais n'oubliez pas les trois guerriers qui se rendirent immortels en France et en Espagne, en remportant toujours les trophées dans les duels, les joutes et les tournois auxquels ils prirent part (7).

« Arrivés en Castille avec la réputation d'aventuriers, ils y obtiennent seuls le prix des véritables jeux de Bellone, au grand détriment de quelques-uns. Voyez couchés à terre les cadavres des orgueilleux chevaliers qui provoquèrent en duel le premier des trois Portugais. Son nom est Gonçalo Ribeiro, nom qui ne craint pas la loi du Léthé.

« Arrêtez vos regards sur cet autre héros; il accroît sa renommée à tel point, qu'il l'emporte sur tous ses prédécesseurs. Voyant sa patrie dans un péril imminent, il la porte sur ses épaules de fer. Avec quelle énergie il réprimande le peuple amolli par l'inertie, et l'engage à obéir à son roi naturel et non à un étranger!

« Grâce à son jugement et à son audace, que Dieu et sa sainte étoile lui ont inspirés, il parvient le premier à faire ce qui paraissait impossible avant lui, à vaincre les immenses armées de Castille. Admirez cette autre victoire éclatante, remportée, grâce à son bras vaillant, sur le peuple aussi féroce qu'infini, qui habite entre le Bétis et le Guadiana.

« Mais voici la puissance lusitanienne presque renversée, à cause de l'absence du dévot capitaine, qui était occupé à prier et à invoquer la Trinité sainte. Le voyez-vous, au moment où, trouvé à la hâte par ses camarades, il apprend qu'il manque des troupes pour résister à des forces aussi considérables, de telle sorte que ses amis le prient de les suivre pour donner du courage aux cœurs affaiblis?

XXXI

Mas olha com que sancta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

XXXII

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea.
Ditosa patria que tal filho teve!
Mas antes pai; que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres, e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII

Na mesma guerra vê que presas ganha
Est'outro capitão de pouca gente;
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co' amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV

Olha este desleal, oh como paga
O perjurio que fez e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co' o sangue de seus donos Castelhano.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV

Olha que dezasete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes, de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antiguo, e no moderno!

XXXVI

Sabe-se antiguamente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos por ser poucos não temamos;
O que despois mil vezes amostramos.

XXXVII

Olha çá dous Infantes Pedro, e Henrique (8),
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique,
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII

Vês o Conde Dom Pedro (9), que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Vês outro Conde está (10), que representa
Em terra Marte, em forças, e ousadia?
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

« Remarquez avec quelle sainte confiance il répond qu'il n'est pas encore temps, comme s'il avait la certitude de la victoire que Dieu va lui accorder. Ainsi Pompilius, comme on lui annonçait que l'ennemi puissant ravageait ses domaines, répondit au messager de cette pénible nouvelle : « Eh! bien, moi, je suis en train de sacrifier! »

« Voulez-vous savoir le nom de ce héros qui avait un tel espoir en Dieu; on devrait l'appeler le Scipion du Portugal; mais le nom de dom Nuno Alvares est encore plus précieux. Heureuse patrie qui as possédé un tel enfant! que dis-je? un tel père! et tant que le soleil éclairera le globe de Cérès et de Neptune, Lusitanie regrettera un pareil élève!

« Quel butin la même guerre fournit à cet autre capitaine, à qui peu de soldats obéissent! Le voici qui bat les chefs castillans et ressaisit les troupeaux qu'ils avaient audacieusement volés. Le voilà qui teint de nouveau sa lance du sang espagnol, pour délivrer son ami fidèle, qui, par un excès de loyauté, s'était rendu à l'ennemi : ce guerrier c'est Pero Rodrigues de Landroal.

« Là un traître expie son parjure et sa lâche fourberie : c'est Gil Fernandes d'Elvas qui le surprend et lui fait subir la dernière peine : celui-ci ravage la campagne de Xérès et la rougit du sang des Castillans, ses possesseurs. Mais n'oublions pas Rui Pereira, qui forme de sa poitrine un rempart aux galères qu'il commande.

« Regardez ces dix-sept Lusitaniens, qui, montés sur cette colline, se défendent bravement contre quatre cents Espagnols; ceux-ci se répandent d'abord autour d'eux pour tâcher de les envelopper, mais bientôt ils s'aperçoivent que, non-seulement les Portugais se défendent, mais encore qu'ils causent parmi eux du ravage. Sublime fait, digne de l'immortalité et de l'histoire de tous les temps!

« On sait que jadis trois cents Lusitaniens combattirent contre mille Romains, au temps où les prouesses hardies de Viriathus lui valurent tant de gloire; ce sont eux qui, en remportant de mémorables triomphes sur ce peuple redoutable, nous ont laissé pour héritage ce don que nous avons de braver en petit nombre les ennemis nombreux; mille fois depuis nous l'avons prouvé.

« Contemplez ici les deux Infants Pierre et Henri (8), magnanimes fils de Jean. Le premier laisse en Allemagne une immense renommée, que la mort n'enlève pas; le second l'acquiert sur l'Océan, qui le considère comme son révélateur, et il rabat l'orgueil insolent des Maures de Ceuta, en franchissant le premier les murs de leur ville.

« Voyez-vous le comte Dom Pierre (9) qui soutient deux siéges contre toute la Mauritanie? Plus loin est cet autre comte (10), portrait vivant de Mars, pour la bravoure et l'audace. Non content de pouvoir défendre Alcacer contre les nombreuses cohortes mauresques, il défend aussi la précieuse vie de son roi, en lui faisant un rempart de son corps inanimé.

XXXIX

Outros muitos verias que os pintores
Aqui tambem por certo pintariam;
Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
Honra, premio, favor, que as artes criam:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneram certo, e se desviam
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos e vaidades atolados.

XL

Aquelles pais illustres que já deram
Principio á geração que delles pende,
Pela virtude muito então fizeram,
E por deixar a casa que descende:
Cegos! Que dos trabalhos que tiveram,
Se alta fama, e rumor delles se estende,
Escuros deixam sempre seus menores,
Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI

Outros tambem ha grandes e abastados,
Sem nenhum tronco illustre donde venham;
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço, e saber tenham:
Estes os seus não querem ver pintados,
Crendo que côres vãas lhe não convenham;
E como a seu contrario natural,
Á pintura que falla querem mal.

XLII

Não nego que ha com tudo descendentes
Do generoso tronco, e casa rica,
Que com costumes altos e excellentes,
Sustentam a nobreza que lhe fica:
E se a luz dos antiguos seus parentes
Nelles mais o valor não clarifica,
Não falta ao menos, nem se faz escura;
Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII

Assi está declarando os grandes feitos
O Gama, que alli mostra a varia tinta,
Que a douta mão tão claros, tão perfeitos,
Do singular artifice alli pinta:
Os olhos tinha promptos e direitos
O Catual na historia bem distinta;
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As gostosas batalhas que alli via.

XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a alampada grande se escondia
Debaixo do horizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia;
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da náo forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes, na noite mansa.

XLV

Entretanto os harnspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevem sempre os casos duvidosos,
Por signaes diabolicos, e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente, e de valia.
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os signaes temerosos, que alcançára
Nas entranhas das victimas que olhára.

« Vous pourriez en voir beaucoup d'autres que les peintres n'auraient pas craint de représenter sur ces bannières; mais il leur manquerait des pinceaux et des couleurs assez vives, il leur manquerait les honneurs, les faveurs et les récompenses qui alimentent les arts. C'est la faute de ces fils dégénérés qui s'écartent de l'éclat et de la valeur de leurs aïeux, embourbés qu'ils sont dans les plaisirs et la vanité.

« Ces ancêtres, qui commencèrent une génération, ont accompli tous ces exploits non-seulement pour obéir à leur vertu, mais encore pour légner un beau nom à leurs descendants. Les aveugles! tout en laissant derrière eux une gloire éternelle et une célébrité qui se répand de toutes parts, ils ont légué à leurs successeurs un avenir obscur, en leur procurant un repos qui les corrompt.

« Il y en a aussi d'autres qui sont grands et opulents, sans appartenir à une souche illustre; c'est la faute des rois, qui souvent enrichissent plus leurs favoris que bien d'autres sujets plus instruits et plus courageux. Mais ceux-là ne se soucient pas de contempler leurs portraits de famille; ils apprécient peu cet art qu'ils traitent d'inutile, et détestent comme une ennemie cette peinture trop révélatrice.

« Cependant je ne nie pas qu'il y ait quelques rejetons d'une noble race, d'une maison illustre, qui par l'élévation de leurs sentiments, représentent dignement la noblesse qu'on leur a laissée; et si l'éclat de leurs ancêtres ne se réfléchit pas doublement sur leurs cœurs intrépides, du moins il ne fait point défaut, ni ne se ternit : mais ces exceptions sont rares, et la peinture ne les rencontre point. »

C'est ainsi que Paul de Gama racontait les faits mémorables que l'habile artiste avait si fidèlement rendus sur la toile. Le Catual ne détachait pas ses regards de ces tableaux si variés; mille fois il demandait et écoutait le récit de ces batailles fameuses dont l'image frappait ses yeux.

Mais déjà la lumière du jour brillait d'un éclat vacillant, et le flambeau du monde se cachait sous l'horizon pour emporter sa clarté chez les antipodes, lorsque l'Indien et la noble troupe des Naïres quittèrent le vaisseau, pour aller chercher à terre le repos qui délasse les êtres vivants pendant la nuit sereine.

Cependant les aruspices, personnages fort estimés parmi les idolâtres, toujours portés à tirer de leurs sacrifices des conclusions imaginaires au moyen de cérémonies et d'indices diaboliques, les aruspices, pour obéir aux ordres de leur souverain, s'exerçaient soigneusement dans leur art et leurs sortiléges, afin de savoir quels étaient les projets de ce peuple étranger, venu de la lointaine Espagne jusque vers ces rivages.

Le démon leur dit cette fois la vérité; il leur annonce que ces nouveaux venus seront pour eux la cause d'un joug perpétuel et d'une éternelle captivité, qu'ils détruiront les hommes et soumettront le pays. Étonné de ces présages, l'augure court porter au roi la réponse que, suivant lui, il a obtenue en lisant dans les entrailles des victimes.

XLVII

A isto mais se ajunta, que a hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto,
Contra a divina Fé, que tudo excede;
Em forma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Bacco odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas comsigo
Cuida que não he mais que sonho usado,
Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti rudo, velo; e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque quando o Sol sahe, facilmente
Se póde nelle pôr a aguda vista:
Porém despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe não tolheis.

LI

Isto dito, elle, e o somno se despede;
Tremendo fica o attonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrára rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII

Diversos pareceres, e contrarios
Alli se dão, segundo o que entendiam;
Astutas traïções, enganos varios,
Perfidias inventavam, e teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis, e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII

Com peitas, ouro, e dadivas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque como estê posto na superna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

Ajoutez à cela que pendant le sommeil d'un des plus fanatiques prêtres de Mahomet, qui haïssait la foi divine, maîtresse de toute chose, Bacchus, dont la haine n'est pas encore assouvie, lui apparaît dans un songe sous la forme de ce faux prophète, descendant du fils de l'esclave Agar.

« Mes disciples, s'écrie-t-il, prenez garde! Avant que le péril soit imminent, méfiez-vous du mal que prépare ce peuple ennemi, qui a traversé les flots humides. » A ces mots, le Maure se réveille en sursaut, quelque peu effrayé de ce songe; mais croyant que ce n'est qu'un rêve ordinaire, il se remet à dormir tranquillement.

Bacchus revient et lui dit : « Ne reconnais-tu pas le grand législateur qui a montré à tes ancêtres les préceptes que tu suis, et qui ont sauvé du baptême tant de tes frères? Eh! quoi, je veille pour toi, et tu dors? Sache donc que ces navigateurs récemment débarqués causeront de grands torts au culte dicté par moi à l'ignorante foule des mortels.

« Tandis que la force de ce peuple est encore insignifiante, oppose-lui partout de la résistance. Quand le soleil se lève, on peut facilement fixer les yeux sur lui; mais lorsqu'il s'élance ardent et radieux dans le ciel, les téméraires qui osent le regarder deviennent aveugles; aveugles aussi vous deviendrez si vous n'empêchez cet ennemi de prendre pied sur vos terres. »

Il dit et disparaît aussitôt. Le Maure réveillé saute en tremblant de son lit et demande à ses esclaves un flambeau; le venin de la haine rouge son cœur. A peine la clarté bienfaisante, avant-garde du soleil, a-t-elle montré son visage calme et angélique, qu'il convoque les principaux membres de sa vile secte et leur expose son rêve en peu de mots.

Là chacun délibère, chacun émet une opinion différente; mille trahisons indignes, mille piéges atroces sont proposés tour à tour. Mais bientôt ils négligent ces moyens téméraires : pour perdre les navigateurs ils imaginent des ruses et des stratagèmes plus subtils, et se décident à corrompre par des présents les ministres du roi.

A force d'or, à force de présents distribués en secret, ils se concilient les principaux chefs du pays, et, en alléguant des raisons adroites, ils leur prouvent que les étrangers deviendront un fléau pour les habitants : « Ce sont, des peuples turbulents, leur disent-ils, qui parcourent les mers occidentales et ne vivent que de piraterie et de vol, sans roi, sans lois divines ni humaines. »

Rois qui voulez bien gouverner vos sujets, combien ne devez-vous pas vous attacher à ce que vos conseillers et vos favoris soient dotés d'une conscience honnête, d'une vertu et d'un amour sincères! Du haut de votre trône élevé, jusqu'où ne parvient pas le bruit des affaires publiques, vous pouvez difficilement mieux apprendre la vérité que par la bouche de vos ministres.

LV

Nem tam pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso ande encoberta.
E quando hum bom em tudo he justo, e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

LVI

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei hum signal certo
Do mundo, que deixava descoberto :

LVII

Nisto trabalha só, quem bem sabia,
Que despois que levasse esta certeza,
Armas, e náos, e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei sobmetteria
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa e indina
Não era d' espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros :

LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito :
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito.
Hum desejo immortal lhe accende, e atiça :
Que bem vê que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça,
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava mui contrarios pareceres :
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava;
A quem chegado disse : Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de ten Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada;
Mas vagabundo vás passando a vida :
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei, ou senhor, de insania desmedida,
Ha de vir commetter com náos e frotas,
Tão incertas viagens, e remotas?

LXII

E se de grandes reinos poderosos
O ten Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças, e dons altos sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade :
Que signal nem penhor não são bastante,
As palavras d' hum vago navegante.

Je ne dirai pas que, dans votre désir de trouver une conscience pure, vous alliez la chercher sous un manteau humble et pauvre, où souvent se cache l'ambition. Or, quand un homme est complètement juste et saint, il est peu habile dans les affaires de ce monde; la paisible innocence, qui n'existe que pour Dieu seul, pourrait-elle s'occuper de pareilles frivolités?

Cependant les avides Catuals, qui gouvernaient le peuple indien, excités par ces hommes diaboliques, faisaient différer la réponse que le roi devait rendre aux Lusitaniens. Mais Gama, qui, malgré tout ce que machinaient les Maures, ne désirait rien de plus que porter à son roi un témoignage certain du monde qu'il venait de découvrir, Gama s'occupait uniquement d'obtenir ce témoignage.

Il n'ignorait pas qu'aussitôt qu'il aurait apporté cette nouvelle à Emmanuel, le chef suprême, celui-ci enverrait dans les Indes des armes, des soldats et des navires, pour soumettre à son joug et à ses lois toute l'étendue des terres et des mers: quant à lui, il n'était qu'un diligent capitaine, chargé de découvrir les pays de l'Orient.

Il se décide donc à parler au roi idolâtre, afin de pouvoir rapporter sa réponse à Emmanuel, car déjà il s'est aperçu des intentions malveillantes des Maures pervers. Effrayé à juste titre de cette nouvelle indignement forgée, le roi, qui croyait fermement aux présages, surtout lorsque les Maures les lui affirmaient, le roi sent la crainte lui refroidir le cœur.

D'un autre côté, son ambition naturelle, sa cupidité allument en sa poitrine un désir inextinguible: il voit bien l'avantage immense qu'il peut tirer de ce contrat durable que lui propose le roi des Lusitaniens, en supposant qu'il soit basé sur la vérité et la justice.

Les avis de ses ministres différaient beaucoup de ses intentions; c'est que l'argent accomplissait son œuvre auprès de ceux dont il demandait les conseils. Enfin, il fit appeler le grand capitaine, et aussitôt qu'il fut arrivé devant lui: « Si tu veux m'avouer la vérité entière, lui dit-il, tu obtiendras le pardon de tes fautes.

« J'ai la preuve certaine que l'ambassade de ton roi n'est qu'une fable, car tu n'as ni roi ni patrie, et tu mènes une vie de vagabondage. Quel est le prince ou le seigneur de la lointaine Hespérie qui serait assez insensé pour entreprendre avec une flotte des voyages aussi longs et aussi périlleux?

« S'il est vrai que ton souverain ait la possession suprême de grands et puissants royaumes, quels magnifiques présents m'apportes-tu, en signe de la vérité de tes propos? C'est avec des dons et des offres somptueuses que s'établit l'amitié des rois illustres: mais quelle garantie peut-on fonder sur les paroles d'un nautonier vagabond?

LXIII

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d' alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte;
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo que tão mal o Rei cuidava;
C' huma alta confiança, que convinha,
Com que seguro eredito alcançava,
Que Venus Acidalia lhe influïa,
Taes palavras do sabio peito abria:

LXV

Se os antiguos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causaram que o vaso da iniquicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão, eo' a falsidade;
Ó poderoso Rei, da torpe seita
Não concebêras tu tão má suspeita.

LXVI

Mas porque nenhum grande bem se alcança,
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito,
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade; sem respeito
Das razões em contrario, que acharias
Se não eresses a quem não crer devias.

LXVII

Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Porque esperanças, ou porque interesse,
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores
Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII

Se com grandes presentes d' alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo:
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que torne á minha patria, e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece que o nobre, e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior eredito, e fé de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

LXX

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propuzeram
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber que fim tinham, e onde estavam
As derradeiras praias que lavavam.

« Si par hasard vous êtes exilés, ainsi que cela est déjà arrivé à tant d'hommes remarquables, vous trouverez un abri dans mon royaume, car pour l'homme courageux tout pays devient une patrie : ou bien si vous êtes des pirates endurcis aux travaux de la mer, dites-le-moi sans redouter l'infamie ni la mort; les exigences de la vie peuvent toujours nous porter aux plus terribles extrémités. »

A ces mots, se doutant déjà des embûches que lui tendait la haine des Mahométans, source unique des soupçons du monarque, et, avec une profonde assurance qui lui obtenait un crédit assuré, et que Vénus Acidalie lui inspirait, Gama fit entendre ces paroles judicieuses :

« Roi puissant, si les crimes commis par les humains dès les premiers âges n'eussent point introduit dans la génération d'Adam, avec la perfidie, le vase de l'injustice, fléau si terrible de la chrétienté, vous n'auriez pas conçu ces méchants soupçons, inspirés par une secte aussi vile.

« Mais comme on n'obtient jamais un grand bienfait sans de grandes souffrances, comme dans toute action la crainte suit pas à pas l'espérance toujours inquiète, je m'explique que vous montriez aussi peu de confiance dans mes paroles, sans tenir compte des raisons que vous auriez sans doute trouvées vous-même, si vous n'aviez pas ajouté foi à l'imposture.

« Si, en effet, je ne vivais que de rapine, errant sur les ondes ou banni de ma patrie, comment croiriez-vous que je serais venu chercher si loin un séjour inconnu? Quel espoir ou quel intérêt m'aurait poussé à essuyer les intempéries de la mer, le froid de l'Antarctique et les ardeurs que supportent les peuples situés au-dessous du Bélier?

« Vous me demandez comme garantie de ce que j'avance des présents somptueux et magnifiques; mais songez que je ne suis venu que pour découvrir le territoire écarté où la nature a placé votre antique royaume. Si le sort consent à ce que je regagne ma patrie bien-aimée, vous pourrez alors admirer le don superbe avec lequel je célébrerai mon retour.

« S'il vous semble étrange qu'un roi de la lointaine Hespérie m'ait envoyé vers vous, sachez que le cœur élevé de mon souverain ne s'effraie d'aucun péril, quelque grand qu'il soit. En outre, je crois que le génie des Lusitaniens peut sans difficulté exiger qu'on ait en lui assez de confiance pour le juger capable d'une pareille entreprise.

« Apprenez que, depuis bien des années, nos anciens rois se sont fermement proposé de surmonter les travaux et les périls, obstacles inévitables des grandes œuvres; et, lorsqu'ils parcoururent les mers irritées, ils prétendirent en connaître la fin et découvrir les dernières plages qu'elles baignaient.

LXXI

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que aron primeiro
O mar, por ir deitar do minho charo
O morador de Abyla derradeiro :
Este, por sua industria, e engenho raro,
N' hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII

Crescendo co' os successos bous primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que huns succedendo aos outros proseguiram.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito venceinos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima columna :
Rompendo a força do liquido estanho
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV

Esta he a verdade Rei, e que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio :
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual he, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada :
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juizo póde ver-se,
Que facil he a verdade d' entender-se.

LXXVI

Attento estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia ;
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia :
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia ;
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co' o Capitão, e não co' o Mauro engano.
Em fim, ao Gama manda que direito
Ás náos se vá, e seguro d' algum dano
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, e venda.

LXXVIII

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gangeticos falleça ;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda,
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

« C'était une pensée digne de cet illustre prince, fils du bienheureux roi qui le premier osa sillonner les mers, pour aller chasser de son nid bien-aimé le dernier habitant d'Abyla; grâce à sa science et à son rare génie, il put, après avoir ajouté une poutre à une autre poutre, découvrir toute la partie du monde qu'éclairent les constellations d'Argos, de l'Hydre, du Lièvre et de l'Autel.

« Ces premiers succès redoublèrent notre audace; peu à peu des chemins nouveaux s'ouvrirent, les expéditions se succédèrent. Les derniers habitants de l'Afrique méridionale, qui jamais n'ont pu voir les sept étoiles du Septentrion, furent aperçus de nous, après que nous avions dépassé les contrées qu'embrasent les feux des tropiques.

« C'est ainsi que par notre fermeté et notre constance nous avons su dompter le sort, jusqu'au moment où nous avons marqué sur ces rives étrangères le terme de nos travaux. Après avoir bravé le courroux des flots et l'horreur des tempêtes, nous sommes arrivés près de vous, et maintenant nous n'exigeons de votre part qu'un témoignage de notre arrivée, que nous puissions porter à notre roi.

« Voilà seigneur, la vérité entière; aurais-je inventé dans l'espoir si incertain d'une récompense aussi insignifiante, un discours aussi long et aussi mensonger? Non, sans doute; je serais resté en repos dans le domaine agité de Thétis, et, en pirate cruel, je m'enrichirais des biens d'autrui.

« Aussi, ô roi, si vous croyez à la sincérité et à la véracité de mes paroles, ne tardez pas à me donner votre décision, ne m'empêchez point de regagner ma chère patrie. Si au contraire vous me croyez un fourbe, ne consultez que la raison même; je viens de vous prouver qu'elle est pour moi, et c'est facile de s'en rendre compte; la vérité sait toujours se faire entendre. »

Le roi écoutait avec attention les propos assurés de Gama. Sa hardiesse lui inspire une certaine confiance, et, après avoir médité sur tout le poids de son discours, il y découvre le caractère de l'autorité, et commence à croire que ses ministres ont été trompés : il les jugeait bien mal, car, on le sait, les Catuals étaient corrompus.

En même temps, une autre considération l'engage à croire plutôt aux paroles du capitaine qu'aux calomnies des Maures; son ambition lui a montré les avantages qu'il peut retirer de l'alliance lusitanienne. Enfin il ordonne à Gama de se rendre immédiatement à sa flotte et d'envoyer sans crainte à terre une marchandise quelconque, que l'on puisse vendre ou échanger contre des épices.

Il lui recommande aussi de choisir une denrée qui manque dans les royaumes du Gange, dans le cas où il en ait apporté des contrées où la terre finit et la mer commence. Le capitaine, après avoir quitté le vénérable roi, s'en va de sa part demander au Catual une chaloupe, car la sienne est restée en pleine mer.

LXXIX

Embarcação que o leve ás náos lhe pede :
Mas o máo regedor, que novos laços
Lhe machinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças e embaraços :
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos regios paços;
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

LXXX

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
Embarcação bastante, em que partisse;
Ou que para a luz crastina do dia
Futuro, sua partida differisse :
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio consentisse
Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
O que delle atelli não entendera.

LXXXI

Era este Catual hum dos que estavam
Corruptos pela Mahometana gente,
O principal por quem se governavam
As cidades do Samorim potente :
Delle sómente os Mouros esperavam
Effeito a seus enganos torpemente :
Elle, que no concerto vil conspira,
De suas esperanças não delira.

LXXXII

O Gama com instancia lhe requere
Que o mande pôr nas náos, e não lhe val;
E que assi lho mandára, lhe refere,
O nobre successor de Perimal.
Porque razão lhe impede, e lhe differe
A fazenda trazer de Portugal;
Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
Não póde ser por outrem derogado?

LXXXIII

Pouco obedece o Catual corrupto
A taes palavras, antes revolvendo
Na phantasia algum subtil, e astuto
Engano diabolico, e estupendo;
Ou como banhar possa o ferro bruto
No sangue aborreeido, estava vendo;
Ou como as náos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV

Que nenhum torne á patria só pretende
O conselho infernal dos Mahometanos,
Porque não saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
Não parte o Gama em fim, que lho defende
O regedor dos barbaros profanos;
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV

Aos brados e razões do Capitão.
Responde o Idolatra, que mandasse
Chegar á terra as náos, que longe estão,
Porque melhor dalli fosse, e tornasse :
Signal he de inimigo, e de ladrão,
Que lá tão longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo e fido amigo
He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama
Enxerga bem, que as náos deseja perto
O Catual, porque com ferro, e flamma
Lhas assalte, por odio descoberto.
Em varios pensamentos se derrama :
Phantasiando está remedio certo,
Que désse a quanto mal se lhe ordenava;
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Il lui demande une chaloupe, qui le mène à la flotte; mais, loin d'accéder à sa prière, le perfide ministre, qui médite de nouveaux piéges, lui refuse tout, en prétextant des retards et des difficultés. Il se rend avec lui sur le quai, afin de l'éloigner le plus possible des royales demeures, et d'y accomplir, à l'insu du roi, toutes les trahisons que sa malice pourra lui inspirer.

Quand ils sont bien loin du palais, il lui promet de lui donner une embarcation suffisante pour partir, sans quoi il pourra différer son voyage jusqu'au lever de l'aurore. Tous ces retards avertissaient Gama de l'accord qui régnait entre le ministre et le vil peuple mauritanien, accord dont, jusqu'ici, il ne s'était point douté.

Ce Catual était un de ceux qu'avait corrompus l'or des Mahométans, et le premier de ceux qui régissaient les villes du puissant Samorin; les Maures n'avaient qu'en lui seul l'espoir de voir réussir leurs machinations funestes. Quant à lui, intéressé dans cette lâche conspiration, il ne revenait pas de son espérance.

En vain Gama lui demandait instamment de le laisser rejoindre la flotte, ainsi que le lui avait ordonné le noble successeur de Périnal : « Pour quel motif, lui dit-il, n'empêchez-vous d'apporter au roi les marchandises portugaises? Il me semble que ce que les princes ordonnent ne peut être modifié par qui que ce soit. »

S'inquiétant peu de ces paroles, le Catual corrompu roulait sans doute en son esprit quelque subtile et adroite ruse, que le démon lui inspirait. Il réfléchissait certainement soit à la manière de tremper le fer dans ce sang qu'il détestait, soit au moyen d'incendier les vaisseaux, en sorte qu'aucun d'eux ne pût jamais regagner la patrie.

Tel est le principal souhait ourdi par l'infernal conseil des Mahométans; de cette façon, jamais le roi des Lusitaniens ne saura où les contrées de l'Orient sont situées. Gama est donc dans l'impossibilité de partir, empêché par le ministre de ces barbares, qui, pour le retenir, lui interdit toutes ses barques.

Aux cris d'indignation du capitaine, l'idolâtre répondit ces mots : « Faites approcher de terre vos navires qui sont restés au large, de façon à ce que vous puissiez plus facilement vous y rendre et en revenir. C'est, ajouta-t-il, une preuve d'inimitié ou de piraterie, que de laisser la flotte aussi loin du rivage. Un ami fidèle et sûr ne se méfie d'aucun danger. »

Par ces propos, le sage Gama voyait bien que, si le Catual désirait voir les vaisseaux près de terre, c'était afin de pouvoir assouvir sa haine, c'était pour les assaillir avec le fer et la flamme. Livré à des pensées diverses, il songeait au moyen d'éviter les piéges affreux qu'on lui ourdissait : il craignait tout, il pensait à tout.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso (11),
Que do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n' outra parte luminoso:
E sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e telhado,
Tremulo aqui e alli, e dessocegado :

LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrára
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co' os bateis, como ordenára :
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixára,
Não fosse salteado dos enganos,
Que esperava, dos feros Mahometanos.

LXXXIX

Tal ha de ser, quem quer co' o dom de Marte
Imitar os illustres, e iguala-los :
Voar co' o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos, e evita-los :
Com militar engenho, e subtil arte,
Entender os inigos, e engana-los :
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O capitão que diga : Não cuidei.

XC

Insiste o Malabar em te-lo preso,
Se não manda chegar á terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada :
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armada, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei : mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia; a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XCII

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer commercio busca guerra.
Postoque os máos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co' a fazenda a liberdade.

XCIII

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha;
Que os seus bateis não quer aventurar
Onde lhos tome o inigo, ou lhos detenha :
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha :
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual :
Com ella ficam Alvaro e Diogo (12),
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil, o premio póde e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama solton pela fazenda.

De même que le miroir poli ou le cristal transparent (11), frappé par les rayons du soleil, renvoie au loin sa lumière éblouissante, et, agité par une main oisive, jette sur le toit de la maison voisine son reflet tremblant et inquiet :

Ainsi flottaient les pensées incohérentes de Gama, lorsque, tout à coup, il se rappela les ordres qu'il avait donnés à Coelho pour qu'il l'attendît sur le rivage avec les barques. Aussitôt il lui fit dire en secret de retourner vers la flotte, et de ne pas se laisser influencer par les fourberies dont il supposait capables les féroces Mahométans.

Ainsi doit agir quiconque veut, en suivant les lois de Mars, imiter les personnages illustres et les égaler. Il faut que sa pensée atteigne tout, et qu'elle devine et évite les périls; il faut qu'avec le génie militaire et l'adresse subtile il comprenne ses ennemis et les trompe; il faut enfin qu'il croie à tout, car jamais je ne louerai le capitaine qui dira : « Je ne le croyais pas. »

Le Malabare s'acharnait à le retenir malgré lui, s'il ne faisait pas approcher la flotte du rivage. Gama, persévérant dans ses intentions, et animé par une noble colère, ne se laissait point intimider par les menaces du ministre. Il aimait mieux supporter à lui seul tout le poids des machinations que tramaient contre lui ses ennemis, que d'exposer la flotte de son roi, qu'il avait laissée en sûreté.

Il resta là cette nuit encore et une partie du jour suivant, lorsqu'enfin il demanda à retourner auprès du roi; mais il en fut empêché par les nombreux soldats qui le surveillaient. Alors l'idolâtre lui fit une autre proposition, craignant un châtiment de la part de son roi, si jamais il venait à découvrir cette trahison, et il ne tarderait pas à la découvrir, si le capitaine était plus longtemps retenu :

Il lui proposa de faire venir à terre toutes les marchandises qu'il apportait, afin qu'on eût le temps de les échanger ou de les vendre, car, disait-il, celui qui refuse le commerce cherche la guerre. Gama, quoique comprenant bien les perfides projets que renfermait ce cœur damné, consentit à ces conditions, n'ignorant pas qu'au prix des marchandises il achetait sa liberté.

On tomba d'accord que ce serait le nègre qui fournirait les embarcations nécessaires pour faire venir les marchandises, le capitaine ne voulant pas exposer ses barques aux caprices de l'ennemi. Aussitôt les almadies mettent à la voile pour aller chercher les marchandises d'Espagne qui pourront avoir quelque utilité. Vasco écrit à son frère de les lui envoyer comme prix de sa rançon.

A peine furent-elles arrivées à terre, que l'infâme Catual s'en empara; mais Alvaro et Diogo (12) restèrent là pour les surveiller et les vendre au prix qu'elles valaient. Combien auprès des cœurs avilis l'argent a plus de valeur que le devoir, l'obéissance ou la prière! L'Indien en donne la preuve à qui veut l'entendre, puisque, pour de simples marchandises, il délivra Gama.

(20) C'est un fait assez bizarre que deux princes du nom de Pierre aient régné à la même époque dans la Péninsule, l'un en Castille, l'autre en Portugal, et surtout qu'ils aient reçu tous les deux le surnom de *Cruel*, surnom qui aurait dû pour tous les deux se convertir en celui de *Justicier*.

(21) Ferdinand devenu amoureux d'Éléonore Telles, mariée à Jean Laurent da Cunha, fit casser son mariage et l'épousa.

(22) Annibal.

CHANT IV

(1) Jean Fernandez Andeiro, favori de la reine Eléonore, la veuve de Ferdinand, fut égorgé dans le palais royal par l'infant dom Jean et ses partisans.

(2) Allusion à l'évêque de Lisbonne, dom Martinho.

(3) Selon quelques auteurs espagnols, Brigus, premier roi de Castille, donna son nom à la province de Burgos.

(4) Le premier, c'est Ferdinand, roi de Castille, le second c'est le fameux Cid.

(5) Cadix

(6) Dom Nuno Alvares Pereira, connétable du royaume, est une des plus grandes figures de l'histoire portugaise.

(7) Nuno Alvares rappelle aux Portugais la bataille de Valdevès, où Alphonse Henriques, encore Infant, mit en déroute l'armée castillane, et lui tua tant d'hommes que le lieu du combat reçut le nom de *Campo da Matança*, *champ du Carnage*.

(8) Publius Cornelius Scipio, surnommé depuis *le premier Africain*.

(9) Contremuit nemus, et silvæ intonuere profundæ.
Audiit et Triviæ longe lacus, audiit amnis
Sulphurea Nar albus aqua, fontesque Velini;
Et trepidæ matres pressere ad pectora natos.
(*Énéide*, livre VII.)

(10) Ce sont sept collines situées en Massylie, vaste contrée de l'Afrique : les Portugais les appelaient les sept monts *frères*, à cause de leur semblable hauteur.

(11) Le poëte aimait à revenir sur ces détails; déjà dans la description de la bataille d'Ourique il avait dit :

. . . . . do campo a cor se perde
Tornado carmesi de branco e verde.

(12) C'étaient les deux filles du duc de Lancastre. La première épousa le roi de Portugal, la seconde le fils du roi de Castille.

(13) Le comte Julien, pour se venger du roi Rodrigue, avait le premier introduit les Maures en Espagne, en 714.

(14) Dom Fernando, fils de Jean Ier, fut donné en otage aux Maures, après le fatal événement de Tanger; il souffrit pendant six ans les plus affreux supplices, sans vouloir consentir à ce qu'on rendit comme rançon la ville de Ceuta. On l'a surnommé *le Saint*.

(15) Surnom d'Hercule, pris du séjour fréquent qu'il faisait à Tirynthe.

(16) Cette bataille fut livrée à Toro, dans le royaume de Léon.

(17) Myrrha, fille de Cinyre, et mère d'Adonis, fut convertie par les dieux en arbre; c'est de cet arbre que découle la myrrhe.

(18) D'après une tradition légendaire, le Gange, ainsi que le Tigre, l'Euphrate et l'Indus prenaient leur source dans le Paradis terrestre.

(19) C'est le navire *Argo*, sur lequel Jason et ses compagnons allèrent conquérir la Toison d'or.

(20) Cette ville, située à peu de distance de Lisbonne, s'appelle Belem, par corruption du mot Bethléem, à cause du couvent qu'y avait fait bâtir l'Infant dom Henri, en l'honneur de Notre-Dame de Bethléem.

(21) L'éloquent discours que Camoens fait prononcer à ce vieillard représente fidèlement ce que l'on pensait à cette époque de ces téméraires navigateurs, que l'on prenait souvent pour des fous, ainsi qu'il est arrivé à Christophe Colomb.

(22) Imitation d'Horace (lib. I, od. 3).

Audax Japeti genus
Ignem fraude mala gentibus intulit, etc.

(23) Dédale, constructeur du fameux labyrinthe. Icare, son fils, ayant volé trop près du soleil, vit la cire de ses ailes se fondre, et tomba dans cette mer qui depuis s'appela *mer Icarienne*

CHANT V

(1) Le sixième âge du monde commence, d'après les chronologistes, à l'époque de la naissance de Jésus-Christ.

(2) L'Infant dom Henri, fils de dom Jean Ier, était un marin habile et audacieux, et c'est à lui que le Portugal doit les progrès de cette navigation qui plus tard lui procura tant de conquêtes et de richesses.

(3) *Madeira*, en portugais, signifie bois.

(4) Les peuples d'Azénègues, habitaient la côte septentrionale de la Guinée supérieure, côte très-aride, comme le dit le poëte.

(5) Les Hespérides, habitaient, d'après la fable, ces îles qu'on a depuis appelées îles du Cap-Vert.

de Cabo Verde, bem que em alguns Escriptores antigos sejam tambem designadas pelo nome de Hesperides as ilhas Canarias.

(6) Mandinga, nas Costa d'Africa, era antigamente muito abundante em ouro.

(7) Dorcadas ou Gorgadas, querem alguns que sejam as ilhas de S. Thomé e Principe. Segundo os Mythologos residiam alli as trez filhas de Phorcus, sendo uma d'ellas Meduza.

(8) O grande rio, é o rio Grande que desemboca nas Costas de Guiné a 11° de Latitude do Norte, sessenta e tantas leguas alem do Cabo-Verde.

(9) Ilha de S. Thomé.

(10) A Constellação do Cruzeiro, que serve aos nauticos para marcarem o Polo do Sul.

(11) Juno tinha obtido de Téthys que a estrella do Norte ou Grande Ursa, nunca se banharia no mar.

(12) É o phenomeno igneo, que apparece aos maritimos em occasião de Tormenta, chama-se Santelmo, ou Corpo-Santo.

(13) São as Trombas-maritimas, phenomeno horroroso, frequente sôbre tudo no Mar das Indias.

(14) Astrolabio, instrumento para observar os Astros, inventado em Portugal em 1480.

(15) A Angra de Sta-Helena em 32° 40' de Latitude Meridional.

(16) Adamastor, fabula sublime phantasiada por Camões. M. Sané falando do episodio do Adamastor no poema de Camões diz o seguinte « Homère, Virgile, le Dante et Milton n'ont rien de plus grandiose, de plus original, et la poésie en est divine. »

(17) Bartholomeu Dias, o primeiro descobridor do Cabo das Tormentas, ou da Boa-Esperança, commandava uma das quatro embarcações da armada de Pedro Alvares Cabral, e foi victima da horrorosa tempestade que durou 22 dias.

(18) D. Francisco d'Almeida, 1° Vice-Rei da India, que no 1° de Março de 1510 foi morto em uma briga entre os indigenas e os da sua companhia, junto á Bahia do Saldanha. (Vid. Cant. X. est, 37, e 38.).

(19) Manuel de Souza de Sepulveda, e sua esposa D. Leonor de Sá, que com seus filhos acabaram desgraçadamente na Cafraria.

(20) É Thetis, esposa de Peléo, e mãe de Achilles :

(21) . . , ...

(22) Phlegon, e Pyrois nome de dois cavallos do sol.

> Interea volucres Pyrœis, Eoüs et Æthon,
> Solis equi, quartusque Phlegon....
> Ovidio (*Met.*, lib. II, 153.)

(23) Na bahia, denominada Agoada de S. Braz, sessenta leguas alem do Cabo da Boa-Esperança.

(24) Ilhéo situado a quarenta e tantas leguas do Cabo da Boa-Esperança, e termo da primeira viagem de Bartholomeu Dias, que lhe poz o nome de Santa Cruz.

(25) O rio dos Reis.

(26) Por ser grande advogado dos Navegantes.

(27) Navios que faziam o commercio da India a Sofala

(28) Archanjo S. Raphael.

(29) Rhamnusia, Deosa da vingança e da indignação, adorada em Rhamnas, aldeia da Attica; É a mesma que os Mythologos denominam Nemésis.

(30) Escorbuto.

(31) Estes versos dos Lusiadas são a versão litteral do antigo distico citado por Aulo-Gellio :

> Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri;
> Smyrna, Rhodes, Colophon, Salamin, Chios,
> Argos, Athenæ.

CANTO VI

(1) Camões segue aqui uma opinião contraria á dos Mythologos que dizem ser Tethys, filha de Cœlus e de Vesta, esposa do Oceano e não de Neptuno.

(2) Athamante foi conduzido por Juno a tanta furia que matou seu filho Learco; Ino sua mulher, atemorisada, se lançou ao mar com outro filho Melicerta, e foram convertidos em devindades maritimas com o nome de Leucóthea, e de Palemo.

(3) Glauco que de pescador fôra convertido em peixe por haver comido de certa herva. Namorára-se d'elle a maga Circe; mas vendo que Glauco lhe preferia a formosa Scylla: ciosa, teve artes para converter a sua rival em um monstro marinho.

(4) Ambar, substancia odorifera, que se encontra ás bordas do mar em certas paragens.

(5) Minyas são as mesmas que as Argonautas. Igual denominação lhes é dada por Ovidio.

> Jamque fretum Minyæ Pagaœa puppe
> Secabant. (*Met.* lib. VII, v. 1.)

(6) Hippotades, é Eolo rei dos ventos.

(7) João Duque de Alencastro, sogro de D. João 1er e irmão do rei Duarte de Inglaterra.

(8) No Porto, em Villa nova de Gaia.

(9) Magriço, alcunha de Alvaro Coutinho, irmão de D. Vasques Coutinho primeiro Conde de Marialva.

(10) Helle, filha de Athamante, fugio com seu irmão Phryxo do odio, e traições de sua madrasta Ino. Indo para passar a Ponte n'um carneiro de ouro, que seu pai lhe tinha dado, cahio no mar que por esta occasião se ficou chamando Hellesponto.

(11) Os nomes dos doze d'Inglaterra são : Alvaro Gonçalves (por alcunha Magriço). — Joam Fernandes Pacheco. — Alvaro Mendes Cerveira. — Alvaro Vaz de Almada. — Joam Pereira Agostinho. — Lopo Fernandes Pacheco. — Luiz Goncalves Malafaya. — Martim Lopes de Azevedo. — Pedro Homem da Costa. — Ruy Gomes da Silva. — Ruy Mendes Cerveira. — Sociro da Costa.

(12) Alvaro Vaz d'Almada, que aceitou o desafio proposto por um Alemão debaixo da condição, de que pelejariam com o lado direito descoberto : sabendo porem depois que o seu antagonista era canhôto, indignado desta perfidia, lançou-se sobre elle, e o suffocou entre seus braços. Nos commentarios de Manoel Corrêa é contado este mesmo facto com alguma variante.

(13) Oriente, Constellação junto ao signo Touro; Segundo o Poeta Venus que anuncia a bonança afasta Oriente que anuncia a tempestade.

(6) Ces contrées sont situées entre le Sénégal et la Gambie ; on y faisait autrefois un grand commerce d'or.

(7) Les Dorcades, ou plutôt Gorgades, que l'on prend pour les îles de Saint-Thomas et du Prince, étaient le séjour des trois Gorgones, filles de Phorcus, parmi lesquelles on cite principalement Méduse.

(8) Il est question ici du *Rio Grande*.

(9) L'île de Saint-Thomas.

(10) La constellation de la Croix, qui aide les marins à reconnaître le pôle Sud

(11) Les anciens, qui n'avaient jamais perdu de vue l'étoile du Nord ou Grande Ourse, avaient imaginé que Junon avait obtenu de Téthys que jamais cette étoile ne pourrait se plonger dans la mer.

(12) Phénomène produit par des vapeurs sulfureuses qui, longtemps comprimées par l'épaisseur des nuages, s'embrasent dans l'air lorsqu'elles s'en sont échappées, et annoncent la fin de la tempête. Les marins les nomment *feux de Saint-Elme*.

(13) Autre phénomène, vulgairement nommé trombe.

(14) L'astrolabe avait été inventé en Portugal, sous le règne de Jean II, en 1480.

(15) Les Portugais l'ont appelée Sainte-Hélène, en souvenir du jour où ils y étaient descendus.

(16) Ici commence cet épisode qui, avec celui d'Inez de Castro, est le plus sublime des *Lusiades*. La fable d'Adamastor, si ingénieusement inventée par le poëte, a fourni à son œuvre une série de strophes grandioses.

(17) La deuxième flotte, qu'Emmanuel envoya aux Indes, était commandée par Pedro Alvares Cabral, qui découvrit plus tard le Brésil ; arrivés au cap de Bonne-Espérance, les navigateurs eurent à essuyer une horrible tempête qui dura vingt-deux jours, et dont fut victime Barthélemy Dias, celui qui avait découvert ce terrible promontoire.

(18). C'est dom François d'Almeida, premier vice-roi des Indes. Il périt dans un combat contre les Cafres.

(19) Manoel de Sepulveda, revenant des Indes avec sa femme Éléonore, fit naufrage contre les écueils du cap de Bonne-Espérance.

(20) Thétis, femme de Pélée et mère d'Achille.

(21) Cette phrase paraîtra sans doute très-ambiguë au lecteur ; c'est que le vers portugais ne l'est pas moins, et nous avons tâché de traduire, non pas littéralement, ce qui était impossible, mais par un tour de phrase analogue, cette sorte de jeu de mots que contient le texte.

(22) Interea volucres Pyroeïs, Eoüs et Æthon,
Solis equi, quartusque Plegon....
(Ovide, *Métam.*, livre II.)

(23) Les Portugais donnèrent à cette contrée le nom de Saint-Blaise.

(24) L'île de Sainte-Croix, où s'était arrêté Barthélemy Dias.

(25) Le fleuve des Rois.

(26) Saint-Nicolas est le patron des marins.

(27) C'étaient les vaisseaux des marchands de la Mecque et des ports de l'Arabie, qui faisaient le commerce depuis les Indes jusqu'à Sofala.

(28) L'archange Saint-Raphaël.

(29) Surnom de Némésis, pris de Rhamnus, ville de l'Attique, où elle avait un temple célèbre.

(30) Le scorbut.

(31) Traduction littérale de ce distique, cité par Aulu-Gelle.

Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri :
Smyrna, Rhodos, Colophon, Salamin, Chios, Argos, Athenæ.

CHANT VI

(1) Camoens suit ici une opinion contraire à celle des mythologistes. Téthys, fille de Cœlus et de Vesta, était l'épouse de l'Océan, et non pas de Neptune.

(2) Ino, femme d'Athamas, ayant conçu une passion incestueuse pour Phryxus, son beau-fils, échappa à la fureur de son mari, avec son fils Mélicerte, pour aller se jeter dans l'Hellespont. Les dieux, touchés de leur sort, les changèrent en divinités marines.

(3) Glaucus, autre dieu marin, fut changé en poisson un jour que, après avoir goûté l'herbe du rivage, il s'était précipité dans la mer. Circé, jalouse de Scylla, sa maîtresse, empoisonna une fontaine dans laquelle celle-ci avait coutume de se baigner, pour la transformer en un monstre affreux.

(4) L'ambre.

(5) Surnom des Argonautes.

(6) Eole, petit-fils d'Hippolès.

(7) Jean, duc de Lancastre, fils d'Édouard III, roi d'Angleterre ; le même, dont le roi Jean Ier épousa la fille.

(8) La ville de Porto, d'où vient, dit-on, le nom de Portugal (*Portus cale*).

(9) Surnom de Alvaro Gonçalves Coutinho, de la famille des comtes de Marialva.

(10) Hellé, fille d'Athamas, montée avec son frère Phryxus sur un bélier à toison d'or, osa s'aventurer sur l'Océan ; mais bientôt, effrayée de la grandeur du péril, elle tomba dans la mer qui prit depuis le nom d'Hellespont.

(11) Cette aventure était digne de figurer dans ce poëme : tous les historiens en font mention, et le poëte ne pouvait pas manquer de la rappeler, ce qu'il a fait adroitement, en la mettant dans la bouche de Fernand Velloso. Voici la liste des douze champions d'Angleterre :

Alvaro Gonçalves, surnommé Magriço. — Joam Fernandes Pacheco. — Alvaro Mendes Cerveira. — Alvaro Vaz de Almada, créé comte d'Avranches par Charles VII, roi de France. — Joam Pereira Agostinho. — Lopo Fernandes Pacheco. — Luiz Goncalves Malafaya. — Martim Lopez de Azevedo. — Pedro Homem da Costa. — Ruy Gomes da Sylva. — Ruy Mendes Cerveira. — Soeiro da Costa.

(12) Alvaro Vaz d'Almada.

(13) D'après Camoens, l'étoile d'Orion s'enfuit devant Vénus parce que, tandis que celle-ci amène le calme, la première annonce la tempête.

CANTO VII

(1) No tempo de Carlos Quinto.

(2) Allude o Poeta a Henrique VIII, que intitulando-se, como outros Monarchas de Inglaterra, Rei de Jerusalem; fez uma igreja a seu modo, da qual se intitulou Supremo Cabeça, depois de haver-se separado da Communhão Romana.

(3) Esta apostrophe, contida nos ultimos quatro versos da est. 6, e em toda a estancia 7, é dirigida contra Francisco I, Rei de França, por haver dado soccôrro ao Grão-Turco Solimão no cêrco naval, posto por elle á cidade de Nice na Italia.

(4) Cinypho rio da Africa, que nasce no Biledulgerid, atravessa o territorio de Tripoli, e vem desaguar ao Mediterraneo com o nome de Macres. Actualmente dizem os Geographos que se chama Nadi-Quaham.

(5) Emodio a parte do monte touro que termina ao Norte a India.

(6) Monçaide, mouro natural de Tunes, estava em Calecut quando Vasco da Gama alli chegou, fez-se tão familiar dos Portuguezes que veio com elles para Portugal onde morreo na religião catholica.

(7) Pythagoras, dizem foi o primeiro, que assumio o nome de Philosopho, isto é, amante da Sabedoria, dizem tambem ter sido Pythagoras o que na sua viagem á India ensinára aos habitantes o dogma da melempsycose, ou transmigração das almas de uns para outros corpos.

(8) Anubis, em lingua Egypcia significa cão, em cuja forma honraram os Egypcios ao Deos Mercurio.

(9) Semiramis, Rainha dos Assyrios. infame por sua luxuria, ainda que bella, e valerosa.

(10) Bethel, planta originaria da India.

(11) Este canto e os seguintes demonstram claramente a melancholia invencivel que ia invadindo a grande alma do Poeta, e as amargas disilusões que o tinham abatido e desalentado.

(12) Canace namorou-se de seu irmão Macharêo, o que sabido por seu pai Eolo, mandou-lhe um punhal, com ordem de se punir a si mesma. Ovidio a representa escrevendo a Macharêo, proximamente ao acto de se ferir.

> Dextrâ tenet calamum, strictum tenet alterâ
> Ferrum. (Heroid. Epist. xi, v. 8.)

(13) Camões allude aqui ao seu naufragio. Já tinha passado as Terras de Cochinchina, ia entrar no Golfo de Siam, quando uma tremenda tempestade arremessou ás costa de Camboja o navio em que vinha e o despedaçou, salvando-se a custo o Poeta, salvando os *Lusiadas*. (no canto X. Est. cxxviii), descreve Camões com uma simplicidade admiravel este episodio da sua viagem, e o nome do rio Mecom (Mekong) está ligado para sempre ao nome do Poeta. Doudart de Lagrée descobrio o curso deste rio, e pagou com a vida a honra de ter terminado esta exploração; actualmente o Commandante de Villemereuil publica em Paris a carta do rio Mekông. (Nota devida ao Illustre Sabio Ferd. Denis).

(14) O Rei Judaico, é Ezechias, rei d'Israel. (Vid. Regum Lib. IV. cap. xx.)

CANTO VIII

(1) Henrique cavalleiro allemão, que morreo combatendo a favor dos Portuguezes na tomada de Lisboa; ao longo de sua sepultura se conta que nasceo uma Palmeira, com a qual se faziam milagres.

(2) D. Theotonio Prior de Santa Cruz em Coimbra.

(3) Giraldo por Alcunha o Sem pavor, Cavalleiro Portuguez no tempo de D. Affonso Henrique, foi quem facilitou aos Portuguezes a tomada de Evora.

(4) D. Pedro Fernandez de Castro.

(5) Em soccorro dos Mouros de Alcacer vieram quatro Reis tambem Mouros, a saber, o de Córdova, o de Sevilha, o de Badajoz, e o de Jaen. — D. Sueiro Viegas era o nome do Bisbo de Lisboa e não D. Matheus. (Vid. Monarch. Lusit. Part. IV, liv. III, cap. x.)

(6) Alguns cavalleiros portuguezes caçando durante um armisticio, foram mortos pelos Mouros, Paio Correa vingou tão torpe traição tomando Tavila.

(7) Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Anes, e Fernando Martins de Santarem cavalleiros errantes.

(8) D. Pedro e D. Henrique filhos de D. João Ire se tornaram celebres, o primeiro pelejando contra os Turcos no exercito do Imperador Sigismundo, o segundo pelo grande desinvolvimento que deo a navigação.

(9) D. Pedro de Menezes, primeiro Governador de Ceuta.

(10) D. Duarte de Menezes, filho do antecedente, que a custa da sua vida salvou a d'E Rei D. Affonso V em Africa.

(11) Comparação felizmente imitada da Eneida.

> Sicut aquæ tremulum labris ubi lumen ahenis
> Sole repercussum, aut radiantis imagine lunæ,
> Omnia pervolitat late loca, jamque sub auras
> Erigitur, summique ferit laquearia tecti.
> (*Enéide*, livre VIII. v. 22.)

(12) Alvaro de Braga ou Alvaro Dias, Diogo Dias ou Correa (Vid. Barros, e Goes).

CANTO IX

(1) Nas ilhas de Banda, que fazem parte do archipelago da Nolasia, ou da Oceania Occidental, ou da Malaisia, conforme a mais moderna denominação, cresce a arvore que produz a noz muscada; é a uma especie de fibra membranácea, que cobre esta noz, que o Poeta dá provavelmente a denominação de sêcca flor de Banda.

(2) Cupido, segundo a Fabula, converteo em pomba a nympha Peristéra.

(3) Acteon, filho de Aristeo, chegando a uma fonte para beber, vie Diana Deosa da Caça que se estava ban-

CHANT VII

(1) C'était à l'époque où l'Allemagne était déchirée par les guerres de religion que Charles-Quint eut à soutenir contre les Protestants

(2) Ce prince, c'est Henri VIII. Les rois d'Angleterre avaient pris le titre de Rois de Jérusalem.

(3) Le poète s'adresse ici à François Ier.

(4) Fleuve de Mauritanie.

(5) L'Émode est une branche du Taurus, qui sert de limites septentrionales à l'Hindoustan.

(6) Moncaïde, naturel de Tunis, se trouvait à Calicut, lors de l'arrivée de Vasco de Gama ; il fut très-utile aux Portugais, et revint avec eux en Portugal, où il se fit chrétien.

(7) Pythagore, qui voyagea longtemps dans les Indes, pour y étudier la doctrine des sages de ce pays ; ce fut lui le premier qui prit le nom de philosophe, *ami de la science*.

(8) Anubis, dieu égyptien, que l'on a souvent pris pour Mercure.

(9) Sémiramis, d'après quelques historiens, devint amoureuse de son propre fils ; d'autres prétendent qu'elle aimait un cheval, ce qui semble difficile à croire.

(10) Le hâtel.

(11) Avant d'écrire ces belles strophes qu'il va mettre dans la bouche de Paul de Gama, le poëte interrompt le cours de son œuvre pour invoquer le secours des nymphes du Tage et du Mondégo, les seules qui lui restent fidèles en ce monde.

(12) Dextra tenet calamum ; strictum tenet altera ferrum.
(Ovide, *Epist. Heroid.* XI, v. 3.)

(13) Camoëns rappelle ici le naufrage qu'il essuya lui-même : « Il avait dépassé les terres de la Cochinchine, il allait entrer dans le golfe de Siam, lorsqu'une effroyable tempête entraîna son navire à la côte et le brisa. Il se sauva cependant et sauva les *Lusiades*. » Le poëte revient (chant. X, stan. CXXVIII), avec une simplicité admirable, sur cet épisode de son voyage, et le nom du fleuve Mékong se lie d'une manière impérissable à l'œuvre du poëte. Celui qui en découvrit le cours, Doudart de Lagrée, a payé de sa vie l'honneur d'avoir accompli cette exploration. Le commandant de Villemereuil publie en ce moment la carte du Mékong.

(14) Ézéchias, roi de Juda.

CHANT VIII

(1) Henri était un chevalier allemand qui mourut à Lisbonne à l'occasion de ce siège : on raconte que, près de son tombeau, il poussa un palmier, avec les branches duquel on opéra de nombreux miracles.

(2) Dom Theotonio, prieur de Sainte-Croix, la cathédrale de Coïmbre.

(3) Géraldo, surnommé *Sans-peur*, était passé du côté des Maures ; mais il répara sa trahison en facilitant aux Portugais la prise d'Évora.

(4) C'est dom Pedro Fernandez de Castro, gentilhomme espagnol, Martin Lopes le battit, et le força à se rendre.

(5) Dom Mathieu, évêque de Lisbonne, prit Alcacer aux Maures, malgré les quatre rois de Cordoue, de Séville, de Badajoz et de Jaën.

(6) Quelques chevaliers portugais chassaient, pendant une trêve conclue avec les Maures : ceux-ci en profitèrent pour tomber sur eux en nombre et à l'improviste ; dom Paio Peres Correa vengea ces malheureux par la prise de Tavila.

(7) Rodrigues Ribeiro, Vasco Anes, et Fernand Martins de Santarem, chevaliers errants.

(8) Pierre et Henri, dont il est parlé en ce passage, et qui se rendirent célèbres, le premier par les actes de courage qu'il accomplit en Allemagne contre les Turcs, sous les drapeaux de l'empereur Sigismond, et le second par le grand développement qu'il donna à la navigation.

(9) Dom Pierre de Menezes, comte de Viana, qui s'empara de Ceuta et en fut le premier gouverneur.

(10) Dom Duarte, fils du précédent, qui au prix de sa vie sauva celle du roi Alphonse V, en Afrique.

(11) Imitation de Virgile :

Sicut aquæ tremulum labris ubi lumen aheuis
Sole repercussum, aut radiantis imagine lunæ.
(*Énéide*, livre VIII, v. 22.)

(12) D'après Jean de Barros, le premier historien du Portugal, ils s'appelaient Alvaro de Braga et Diogo Dias.

CHANT IX

(1) C'est la fleur du muscadier, arbre très-commun dans l'archipel de Banda.

(2) Cupidon changea la nymphe Péristère en colombe.

(3) Allusion au roi dom Sébastien.

hando, sentida a Deosa o converteo em Cervo, e o fez devorar pelos seus proprios cães.

(4) Philaucia, é o égoismo.

(5) *Bibli* foi uma môça de Mileto, perdida d'amores por seu irmão Cauno. — *Cinyrea* é a celebre Myrrha, que se namorou, et concebêo de sen pai Cinyras. — *Hum mancebo de Assyria* foi o filho do Rei Antiocho, apaixonado por sua madrasta; ou Nino, filho de Semiramis, que teve amores com sua mãe. — *Hum de judèa* foi Amon, filho de David, que violentou sua irmãa Thamar.

(6) Camões traduzio aqui quasi litteralmente os versos da Encida.

> Nate, meæ vires, mea magna potentia, solus,
> Nate, patris summi qui tela Typhoia temnis.

(7) . . . . . .

(8) Adonis.

(9) Verso de Petrarca. (Son. 43.)

CANTO X

(1) Temistilão, nome antigo do Mexico, derivado da sua Capital, assim antigamente chamada.

(2) Duarte Pacheco, um dos maiores vultos de Portugal, morreo no hospital, despois de ter soffrido muitas perseguições da parte de D. Manuel.

(3) D. Manuel.

(4) D. Francisco d'Almeida, 1º Vice-Rei da India em 1505 : o filho é D. Lourenço d'Almeida.

(5) Affonso de Albuquerque.

(6) O facto, a que o Poeta allude, é contado extensamente pelos nossos Escriptores. — Chamava-se Ruy Dias o cavalleiro Portuguez, que Affonso d'Albuquerque mandou enforcar, porque entrava de noute na sua camara do leme pela parte de fóra, e dormia com uma Moura das que forão tomadas em Goa e elle guardava para mandar a Rainha.

(7) Lôpo Soares de Albergaria, que succedeo a Affonso d'Albuquerque em 1515. Foi infructuosa, ou antes desgraçada a sua expedição ao Golfo Arabico, no seu governo porêm foi construida a primeira Fortaleza de Portugal na ilha de Ceylão.

(8) Vasco da Gama, Vice-Rei, successôr de Lopo Soares em 1524, falleceu em Cochim na vespera do Natal deste mesmo anno.

(9) Pedro Mascarenhas o primeiro que foi nomeado Capitão mór e Governador da India, mas, como estava capitão de Malaca, foi aberta outra successão, e por ella ficou governando Lopo Vaz de Sampaio.

(10) Cutiale, Mouro, commandava nesta batalha uma frota de cento e cincoenta embarcações.

(11) D. Estevão da Gama, filho do Conde Almirante, que entrou no governo da India em 1540.

(12) Martim Affonso de Sousa, já famoso pela sua expedição ás Costas do Brasil.

(13) D João de Castro Capitão-mór Governador, e depois 4º Vice-Rei da India.

(14) Ilydalcham, Principe poderoso da India.

(15) Doctrinas do tempo de Camões.

(16) P. Gonçalo da Silveira, Jesuita, morto pelos bárbaros Africanos em 1561.

(17) Pedro Nhaia com quarenta homens, ou poucos mais, todos doentes, repellio uma grande multidão de Cafres em Sofala.

(18) Christovão da Gama morreo pelejando.

(19) As aves, de que o Poeta falla, são as chamadas do Paraiso, de plumagem muito formosa, e da qual se fazem pennachos lindissimos. Destas aves se dizia erradamente, que não desciam á terra, por não terem pés : fabula que devêo a sua origem á pratica seguida pelos Malanesios (habiladores da Australia propria, e archipelagos adjacentes) de arrancar-lhos, antes de as venderem já mortas aos Europeos.

(20) Oleo de que se servem com vantagem nas doenças os habitantes de Sumatrá.

(21) Benjoin, especie de góma, ou de rezina aromatica.

(22) Magalhães, vulgarmente Magellan aggravado do Rei D. Manuel, passou a Castella, donde partio, e na sua primeira viagem descubrio a Terra de Fogo na America, e o estreito a que deo seu nome.

(23) Pedro Alvarez Cabral descobre o Brazil em 1500 e lhe põe o nome de Sancta-Cruz.

(24) Os Patagões.

(4) Philautia, c'est l'égoïsme.

(5) Cinyrée, c'est Myrrha, fille de Cinyre (voir chant IV). Biblis, fille de Milétus, fut convertie en fontaine à cause de sa passion incestueuse pour son frère Caunus.

(6) Imitation de l'*Énéide* :

> Nate, meæ vires, mea magna potentia, solus,
> Nate, patris summi qui tela Typhoia temnis.

(7) Allusion à la fable de Pyrame et Thisbé.

(8) Adonis, fils de Cinyre et de sa fille Myrrha; c'est pourquoi le poëte l'appelle *fils et petit-fils de Cinyre*.

(9) Camoens fait ici une citation de Pétrarque : le sens littéral de ce vers est :

Tu pourras savoir « quelle barrière est placée entre l'épi et la main. »

CHANT X

(1) Ancien nom du Mexico.

(2) Duarte Pacheco, un des plus grands capitaines portugais dans les Indes; après avoir accompli des hauts faits mémorables, il n'en reçut d'autre récompense qu'un abandon incompréhensible de la part du roi.

(3) Dom Emmanuel.

(4) Dom François d'Almeida fut le premier vice-roi des Indes; son fils Lourenço d'Almeida, après s'être immortalisé dans des combats contre les Indiens, vint périr à Chaul.

(5) Alphonse de Albuquerque est, avec Pacheco et Castro, le plus remarquable héros des Indes.

(6) Albuquerque possédait une fort belle esclave; un soldat portugais ayant osé pénétrer dans l'appartement du général, celui-ci, instruit de cette audace, fit pendre immédiatement le téméraire.

(7) Lopo Soares, gouverneur de l'Inde.

(8) Vasco de Gama, sixième vice-roi des Indes, ne jouit que peu de temps de cette dignité.

(9) Pierre de Mascarenhas, capitaine de Malacca, devait succéder à Menezes; mais à cause d'une absence, il se vit enlever cette dignité par Sampayo.

(10) Le Maure Cutiale, un des chefs les plus redoutables des Mahométans, commandait en cette occasion une flotte de cent trente navires.

(11) Dom Étienne de Gama, successeur de Noronha dans le gouvernement des Indes.

(12) Dom Martin Alphonse de Souza.

(13) Illustre général et sage administrateur. Sous son règne eut lieu le second siége de Diu, où se distingua Jean de Mascarenhas, dont le poëte fait mention plus bas.

(14) Prince indien qui, malgré ses puissantes armées, succomba sous les coups des Portugais commandés par Jean de Castro.

(15) Cette doctrine était suivie au temps de Camoens dans l'université de Coïmbre.

(16) Gonçalo da Silveira, jésuite portugais, fut martyrisé en ces contrées.

(17) Pierre de Nhaia, Castillan d'origine, bâtit la forteresse de Sofala, contre la volonté du roi de cette ville, qu'il tua depuis.

(18) Dom Christovam de Gama, autre fils de Vasco, détruisit deux fois les flottes turques.

(19) L'oiseau du Paradis.

(20) Cette huile est une liqueur sulfureuse, dont les habitants de Sumatra se servent avec succès dans plusieurs maladies.

(21) Le benjoin.

(22) C'est Fernand de Magalhaens, appelé vulgairement Magellan. Au service de l'Espagne, il fit, le premier, un voyage autour du monde, et découvrit la Terre de Feu et le détroit qui porte son nom.

(23) Le Brésil fut découvert, en 1500, par Alvares Cabral, qui lui donna le nom de Terre de Sainte-Croix.

(24) Les Patagons.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

L.
6244

DUARTE J. DOS SANCTOS
EDITORE

566. — Imprensa A. Lahure, 9, rua de Fleurus, Paris.